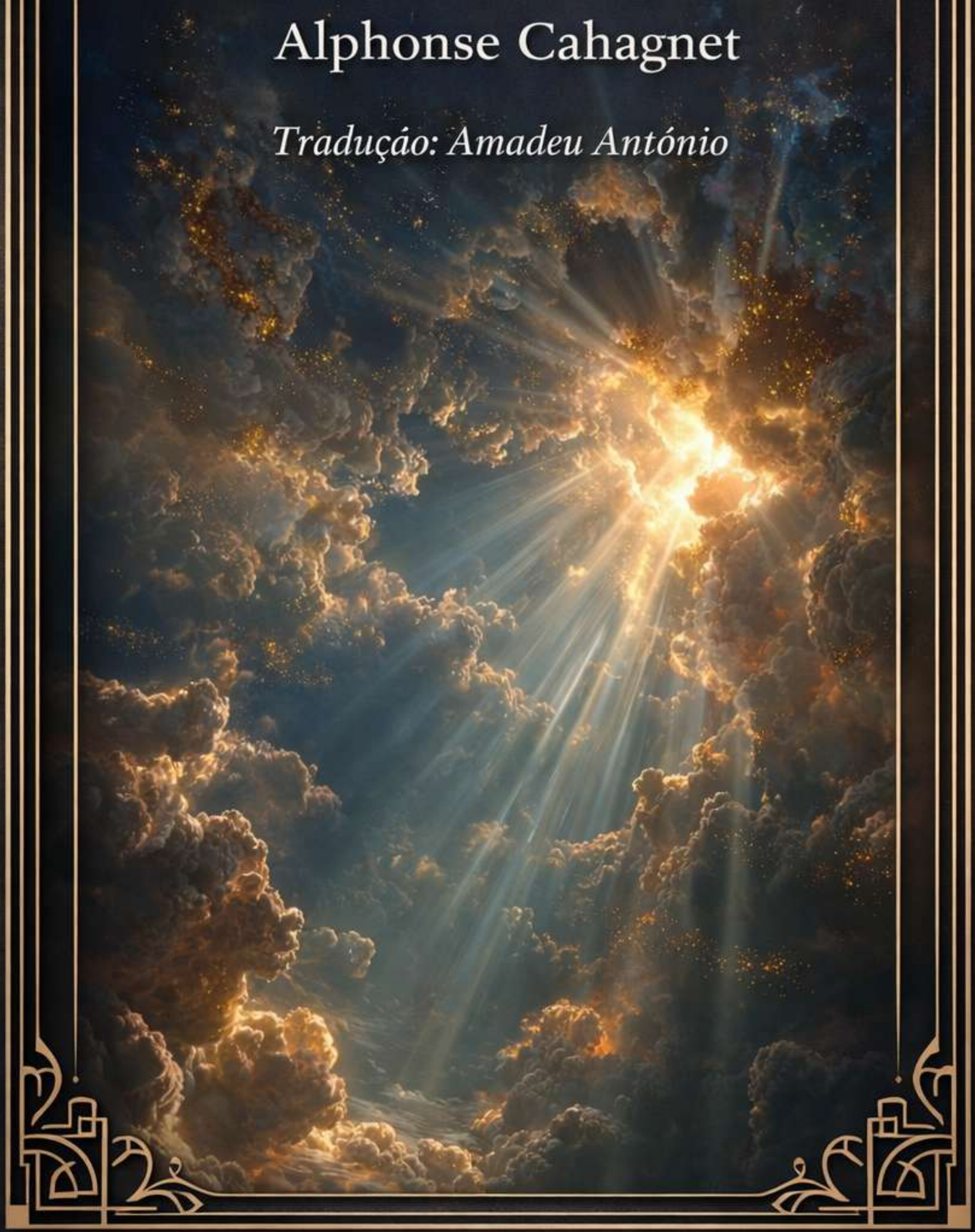
REVELAÇÔES DO ALÉM-TÚMULO

Alphonse Cahagnet

Tradução: Amadeu António



INTRODUÇÃO

Quando, no final de 1847, publiquei o primeiro volume de *Os Arcanos da Vida Futura Desvelados*, etc., acreditei que seria suficiente para a instrução dos meus irmãos e, em particular, para a minha própria. Entrava então no mundo dos estudos e das controvérsias, segurando numa mão uma revelação – revolucionária sem que eu o suspeitasse – e na outra o cepilho do operário ignorante. Bastante mal exposta, essa revelação não deixou, contudo, de fazer o seu caminho, minando de forma suficientemente profunda os velhos edifícios científico-religiosos, ao ponto de cada um dos habituais frequentadores desses santuários cruzar o seu limiar exclamando: «Socorro! Parem este louco, que não pretende menos do que perturbar os nossos estudos e fazer o povo recair na idolatria!»

Voltei-me para perguntar a esses homens o que os levava a clamar tão alto contra uma revelação tão consoladora. Responderam-me:
«É porque se baseia em factos insólitos que apenas são convincentes para vós e não para nós.»
«O que é necessário fazer para que se tornem convincentes para vós?»

«Produzi-los diante de nós e permitir-nos produzi-los como vós.»

«Nada mais fácil», repliquei eu; «vinde até à minha mansarda, onde, em vez de ratos, vereis errar as sombras imortais das vossas desleais negações; depois, MEDITAI, AJAIS e CONCLUI! Quanto a mim, agirei, e as minhas demonstrações valerão bem as vossas.»

O segundo volume dos *Arcanos* foi o fruto deste novo estudo, e o público viu ressuscitar, em 1849, uma questão que a revolução de Fevereiro parecia ter sepultado sob as suas barricadas... Nova comoção. A Corte de Roma, que ela própria corre o risco de já não poder proclamar do alto do Capitólio os seus piedosos ensinamentos, alarma-se, reúne o seu *congrega-tribunal* e pronuncia contra nós um julgamento muito sagrado, que nos expulsa caridosamente de todos os lugares que protege e abençoa (1).

Mas, como na nossa qualidade de agentes de Satanás, se não somos esse grande personagem, temos pelo menos a faculdade de, expulsos pela porta, entrar novamente pela janela, agimos em conformidade, ao ponto de que, neste dia, todas as janelas da cristandade nos estão abertas.

Os sábios puseram-se a imitar a Santa Igreja e, do alto dos seus assentos académicos ou burocráticos, começaram a bramir contra nós como verdadeiros asnos (1).

Os nossos colegas, furiosos por verem um pobre torneiro de cadeiras fazer girar tantas cabeças empoadas e receando que esta sacrílega revolução recaísse sobre eles, atacaram-nos com todas as baterias argumentativas ao seu dispor, ao ponto de que uma tal rajada, disparada à queima-roupa, quase nos reduziu a pó, antes mesmo da hora em que já não deveríamos ser mais do que isso.

«Oh!», exclamámos, «o que tendes vós, pobres homens, que tanto vos agita? Teremos nós vindo revelar-vos um inferno mais temível que o dos católicos? Ou uma imortalidade mais assustadora do que a verdadeira e digna mortalidade à qual consagrastes todo o vosso amor? Não, entramos simplesmente no santuário da literatura, sem nome, sem filiação escolar, sem instrução sequer, com a mão rude, o cérebro a funcionar mal, fazendo mais barulho do que se todas as vozes da...

(1) Nenhuma das nossas obras pode entrar em Itália. O nosso *Tratamento das Doenças*, etc., não pôde ser admitido nesses Estados religiosos, nem mesmo após cinco tentativas de introdução! *O Tratamento das Doenças* trata apenas de magnetismo e de plantas!

...Renome nos anunciassem ao mundo. Eis, senhores, o verdadeiro motivo da vossa cólera! Vamos, ó cérebro grosseiro, dilata-te um pouco mais e deixa passar através da tua espessa polpa algum contra-argumento e algumas novas experiências para esses homens. E tu, mão indócil e desajeitada, um pouco mais de agilidade e flexibilidade, repousa das fadigas do dia sobre esta bela e branca mão de papel, escurece-a o melhor que puderes e desfere golpes certeiros!»

O terceiro volume dos *Arcanos* foi o fruto dessa discussão.

O ano de 1854, em que este volume apareceu, foi marcado por manifestações espirituais de toda a espécie, resultantes das nossas revelações. Foi um ano fértil em escritores pró e contra os nossos estudos – uns aceitando tudo com demasiado entusiasmo, outros negando tudo por paixão; uns magos até à medula dos ossos, outros físicos até às papilas adiposas.

Os primeiros, convencidos de conhecerem a lei, diziam: «Nós detemo-la, está apenas no nosso livro!» Os últimos exclamavam: «Eis a verdadeira explicação dos factos que vos surpreendem; lede-nos, pois só nós somos capazes de vos explicar tudo!»

Depois, no meio deste tumulto, surgiram os homens ... das trevas, que sabem tão bem escrever com letras dobradas e salpicar o seu papel com pó de ouro, rir com um olho e chorar com o outro, mantendo sempre a boca escancarada para nela enterrar o produto da crédula tolice humana.

Esses homens vieram atacar-nos sorrateiramente, disfarçados sob as vestes de prelados, condes, barões e sábios de todas as ordens, que aprenderam a escrever bem e a pensar pouco, compondo um livro mais depressa do que nós um espigão de cadeira.

Os *in-octavo* apareceram então, com belas margens brancas e lombadas engrossadas pelo papel *jésus*. Todos esses temíveis pretendiam disputar-nos a prioridade da nossa obra, tratando-nos com ligeireza, a fim de fingirem ignorar que aquilo que anunciavam ao mundo já era do conhecimento do universo, e sabendo muito bem que as nossas mãos calejadas tocam facilmente no ramo de espinhos. Assim, o nosso nome caiu da sua pena rodeado pelos termos: franqueza, boa-fé, erro, loucura.

O estimável Sr. de Mirville chegou mesmo a requerer junto da Santa Inquisição alguns feixes de lenha seca contra os necromantes da nossa espécie, com o propósito de destruir para sempre esta gente diabólica, que se atreve, em todos os séculos, seja de uma maneira, seja de outra, a provar a existência, a grandeza e a imortalidade de Deus, bem como a imortalidade e a inalterabilidade da alma humana!...

Nenhum desses escritores nos apresentou ao público como um homem que tem o direito de ser refutado, em vez de ser insultado. Muitos tentaram evitar qualquer contacto nosso com os livres-pensadores, sabendo que penetramos inevitavelmente nas entranhas de quem nos aborda no campo da discussão. Por isso, chegaram mesmo a anunciar, por diversas vezes, o nosso encarceramento em Charenton e a nossa morte, morte, TRÊS VEZES MORTOS!

Outros escritores, mais rancorosos e argumentativos, chegaram ao ponto de afirmar que o que dizia assim o vidente não era mais do que um reflexo, um saber do magnetista e nada mais; e, portanto, que uma cozinheira não pode tratar senão de questões de pato com nabos. Se um magnetista um pouco físico, por exemplo, quiser virá-los na caçarola por meio de uma onda fluídica, o saber dos dois, então misturado, poderá dar esperança de soluções físico-culinárias, mas nunca de soluções teológicas. Consequentemente, todo o maravilhoso do espiritualismo reduz-se a uma segunda edição do seu conhecimento, depois publicada em nome de um ser de olhos supostamente fechados magneticamente!

Pobres homens! Ou sois de muito má-fé, ou muito estúpidos, a menos que eu próprio seja um idiota puro-sangue! Podereis duvidar um instante, pelo meu estilo, que tenha recebido instrução? E, no entanto, falo como se tivesse estudado todas as ciências sobre as quais discorro!

Podereis pensar, conhecendo a minha natureza – diria mesmo selvagem –, que sou apenas a correção de algum sábio que fala pela minha boca, a fim de fazer aceitar algum sistema que comprometeria o seu nome? Podereis duvidar, diante da minha boa-fé, que não sou um estudante fraternal e sincero?

Podereis duvidar, face aos meus desafios, que eu não honro a minha palavra, e que as atas e os estudos que passam diante dos vossos olhos são obra de cúmplices ou de algumas leituras filosóficas?

Podereis duvidar que sou um agente, ou mesmo o próprio Diabo, como os vossos professores religiosos querem fazer-vos acreditar, eu que tanto amo Deus, a justiça e a verdade?

Estou ou não estou nas condições necessárias para meditar, discutir e produzir? Estou desorganizado nas minhas propostas ou nos meus atos? Ainda vos concedo justiça suficiente para me responderdes que não; mas conheço-vos paixão suficiente para me dizerdes que vos incomodo – perdoai-me o termo –, visto que as minhas proposições minam as vossas.

Pois bem, caro senhor Gasparin, fazei-me a amizade de ler esta nova obra e dizei-me lealmente como eu, ou o vidente que vos vai instruir, pudemos reencontrar, no fundo da nossa memória, o que contém este volume.

Dizei-nos: quem falou dessas coisas? Quem as tratou desta maneira? Quem as demonstrou? Enfim, onde poderíamos ter adquirido esse conhecimento?

Não quis recomeçar a fatigar os olhos dos meus leitores com a exposição de novas atas de aparição. Os volumes II e III dos *Arcanos* contêm tantas quantas se possa desejar.

Não quis argumentar de novo, pois até hoje não encontrei nenhum adversário de boa-fé que aceitasse o desafio que lancei na arena dos metafísicos, dos físicos, dos religiosos, dos espiritualistas e dos magnetistas. (*Ver tomo III dos Arcanos.*)

Preferi oferecer-lhe um estudo variado e rico em tudo o que possa interessar conhecer sobre a questão que tratamos.

Desejei apenas levantar o véu que cobre, nos mistérios da criação, as afinidades materiais e espirituais, a fim de contar a todos o que pude saber.

É verdade que apenas levantei esse véu aos pedaços, o que me obriga a apresentar a minha colheita sob a forma de um mosaico, de uma desordem imperfeita; mas a ninguém se pode exigir o impossível.

Que cada um tome aquilo que lhe agradar e, no entanto, que cada um estude com paciência aquilo que estará pronto a rejeitar; talvez venha a compreender melhor e esteja menos disposto a chamar-me louco.

Tinha destinado esta obra a formar um quarto volume dos *Arcanos*; mas, segundo os conselhos que recebi, bem como após ter compreendido que dar esse título a este volume seria forçar o leitor a adquirir os três anteriores

– que hoje são muito difíceis de encontrar – e, consequentemente, induzi-lo a despesas desnecessárias, uma vez que a obra que lhe apresento hoje é completa em si mesma, julguei mais acertado dar a este volume um título que correspondesse perfeitamente ao seu conteúdo e, ainda mais, aos meios mais ou menos precários do leitor.

A fim de melhor identificar aqueles que julgam com mais ou menos justiça um homem que se tenta manchar e que, obstinadamente, fala ao público há quase dez anos, vou dar uma ligeira visão biográfica sobre a minha maneira de ser, de viver e de ver as coisas deste mundo, o que facilitará a cada um julgar se realmente sou um ser a ser lançado ao fogo, a Charenton, ou a ser escutado como um pensador mais ou menos no caminho da verdade.

O pai do meu pai era procurador no bailiado da cidade de Caen, vivendo nesta respeitável posição com grande conforto, graças a uma bela fortuna. Considerou justo, num impulso de bom coração, transferi-la para os bolsos de amigos ingratos, em vez de a reservar para os seus filhos. Não lhe faço disso um crime.

O pai da minha mãe chamava-se Pain; exercendo a profissão de padeiro, soube gastar com muita facilidade um bom fundo e um património honesto, deixando os seus filhos na necessidade de comprar pão noutro lado.

O meu pai tornou-se capitão de longo curso, terminou a sua carreira aos oitenta e dois anos, após meio século passado no mar e dez anos como síndico dos homens do mar na secretaria das classes do Havre.

Menos ambicioso de ser outra coisa que um simples operário, fiz-me torneiro em cadeiras após três anos de aprendizagem, possuindo apenas a instrução que me proporcionou a minha pobre mãe, que frequentemente tinha tão pouco para me alimentar bem como para me vestir condignamente ou pagar os meus meses de escola. Assim, aprendi apenas o necessário para fazer uma adição, regra indispensável a todos aqueles que querem contar, neste mundo, as suas dores e desilusões.

As pessoas que conhecem o estado da marinha mercante nos últimos trinta anos sabem o que os oficiais podem fazer pelas necessidades da sua família...

Deixámos a cidade de Caen, onde nasci a 18 de abril de 1809, para habitar no Havre, cidade com mais recursos para a profissão do meu pai; eu tinha apenas sete anos. Foi no Havre, na casa do Sr. Perrey, na rua de Paris, que aprendi o meu ofício, que exerci durante dezoito anos, tempo suficiente para já não o poder continuar devido à fraqueza dos meus pulmões.

De natureza muito ativa e apaixonado por melhorar as ferramentas do operário, tive a felicidade de encontrar meios para facilitar o meu próprio trabalho, graças a vários utensílios que criei – os quais, quando abandonei o meu ofício, preferi destruir, a fim de não os deixar nas mãos de camaradas negligentes que poderiam usá-los de forma destrutiva para a profissão.

Foi esse mesmo gosto por descobrir meios mais fáceis de trabalho que me levou a encontrar o método que utilizo hoje para cortar colarinhos de camisa e viver do produto desse trabalho.

Os meus fiéis leitores sabem como conheci o magnetismo, Adèle e os meus outros videntes. Sabem que vivi em Paris, cujos aluguéis e alimentação excessivamente caros me obrigaram a sair para o campo, onde vivo atualmente da seguinte forma...

Depois de pagar uma dívida diária de três horas de penosos sofrimentos à natureza – todas as manhãs, ao acordar –, sofrimentos causados há seis anos por uma caverna cicatrizada no pulmão esquerdo e uma má disposição da veia aorta, que interrompe a circulação durante a noite e a torna extremamente difícil ao despertar, encontro forças suficientes para empurrar o meu triste invólucro de carne para fora da cama, vesti-lo, penteá-lo, lavá-lo, fazê-lo rezar e, por fim, sentá-lo numa cadeira.

Recuperado um pouco, pergunto-lhe se quer pegar na pena para anotar algumas meditações que fiz enquanto ele sofria, ou algum estudo noturno que fui fazer ao mundo espiritual enquanto ele dormia. Dependendo das suas disposições, sirvo-me dele até às nove horas, altura em que o coloco diante de uma mesa, onde ele mastiga a sua ração; depois disso, parece estar um pouco mais seguro quanto à solidez dos seus músculos.

Então, damos uma ajuda no atelier de corte, se necessário, ou vamos para a oficina de fantasia, onde uma serra, um cepilho e um martelo esperam sempre por nós com impaciência.

Duas horas depois do jantar chegam, e com elas algum visitante importuno ou interessante de conhecer. Agora, a porta só se abre para aqueles que têm um rosto aberto ou sofredor, pois os homens de aparência jesuítica já me cansaram o suficiente com a sua presença para que sejam enxotados como merecem.

Sendo naturalmente bastante falador, fui absorvido, enquanto estive em Paris, até doze horas por dia por esses visitantes, interessados em desgastar o que resta do meu pulmão ou em fatigar o meu cérebro com argumentos tolos ou excessivamente subtis.

Suficientemente hábil para discutir com uns, rir com outros, operar com aqueles, concluir com estes, sempre consegui tocar as fibras sensíveis dos meus visitantes de tal forma que não soubessem se estavam a tratar dos seus próprios interesses ou dos meus nessas conversas.

Digo seus interesses ou os meus, porque, sem a força das suas argumentações, não sei se me sentiria tão firme como me sinto hoje na questão que trato.

Portanto, aquilo que para eles era cálculo e combate, para mim era estudo e conhecimento.

Tendo respondido durante vários anos *pro Deo* a todas as questões e a todos os pedidos de sessões que me faziam, encontrei-me exatamente na situação de já não poder pagar o aluguer do meu triste refúgio.

Chegara a um ponto em que Adèle já não queria ser a humilde serva de pessoas cujos luxuosos coches insultavam a nossa pobreza. Vi-me, portanto, forçado a cobrar pelas suas sonolências! Mas como impor tal condição, pensava eu, relativamente a estudos tão respeitáveis? Estaria eu a colocar as questões espirituais ao nível das matérias materiais! O que resultaria disto? Que eu já não poderia fazer nada neste domínio, pois os espíritos já não atenderiam ao nosso chamamento.

Por fim, Adèle recusava-se a continuar a dividir comigo as minhas generosidades, que a extenuavam ao ponto de a obrigar a trabalhar parte das noites para recuperar as horas perdidas e ver a mesa desprovida do indispensável *pot-au-feu* do proletário.

Num desses dias, uma nobre senhora veio, como os visitantes anteriores, pedir-nos uma sessão de aparição e foi servida a seu gosto. Mas, sentindo que pessoas pobres como nós não podiam ser assim desviadas do seu trabalho sem consequência, perguntou-me quanto nos devia.

Oh! Talvez nunca tenha corado na vida como naquele momento. O que responder? Vamos, espírito que acabas de aparecer, fala pela minha boca, pois eu não saberia fazê-lo.

«Deixo-lhe, senhora, a liberdade de expressar a sua satisfação à vidente», foi tudo o que consegui dizer.

Trinta francos foram imediatamente depositados sobre a cômoda. Não podia acreditar nos meus olhos, pois faltava-nos exatamente essa quantia para pagar o nosso aluguer naquele dia. Agradeci com efusão a essa senhora e nunca Adèle teve um despertar mais doce. A partir desse dia, dei a mesma resposta a todos os que solicitavam as suas visões. Fixei um preço para essas sessões e soube sempre redistribuir o excedente para aqueles que, em vez de me pagarem, precisavam, pelo contrário, de algum auxílio pecuniário.

Mantendo-me assim dentro de um justo equilíbrio, tornei-me menos dependente do meu trabalho e, ao mesmo tempo, continuei suficientemente pobre para não tirar proveito de uma situação que, posso afirmar, me teria enriquecido em muito pouco tempo, sobretudo se tivesse recorrido às chamadas "práticas honestas" dos nossos dias, o que eu chamo, sem rodeios, charlatanismo ou fraude... O orçamento dessas sessões está representado, neste momento, na minha caixa por um valor de zero. O das minhas publicações, por 3.600 francos, valor da venda que fiz a M. Germer-Baillière, quando, noutra condição de distribuição, poderia ter rendido 10.000!

Acrescentei ao modesto pecúlio acima referido as poucas economias feitas com o meu trabalho manual, assim como algumas ajudas que um amigo

generoso me trouxe, o que me permitiu construir uma pequena casa, para que eu já não precisasse de mudar de residência constantemente, como fiz até agora, e, por conseguinte, para deixar um abrigo àquela que me dedicou tanto carinho e tantos cuidados!...

Alojado na sua própria casa, eis o homem que escreve estas linhas e que, se quisermos voltar ao seu quotidiano, encontramo-lo às cinco horas da tarde ocupado a servir ao seu corpo de carne uma segunda refeição, que é mais um ato de presença à mesa do que uma satisfação gastronómica.

Uma leitura ou, no verão, um passeio pelo jardim não desagrada ao pensador rabugento!

Face a face com algumas flores tenras e delicadas, surpreende-se a contemplá-las com amor; dar um tutor a umas, uma gota de água a outras, aproximar o nariz desta, e por vezes até os lábios daquela! Por que não? O céu apenas o vê e os Anjos rejubilam-se com isso, pois o amor pelas flores é um amor celeste.

Após esse pequeno passeio, o nosso indivíduo regressa ao seu quarto de dormir, mobiliado apenas com uma pequena cama de ferro, uma secretária de carvalho, uma cadeira e um órgão melódium – nada mais. Mas um órgão melódium! Isso já é luxo a mais para um ex-torneiro! Quem é, então, este homem? Será músico? Sim, caro leitor, sou músico sem noções de música, tal como sou mecânico sem noções de mecânica.

Depois de ter esgotado, durante vinte anos, o meu fôlego numa flauta e num pífaro, vi-me privado de música por falta de fôlego, e sofria em dobro.

Adèle, que, durante a minha longa doença, me via esticar a cabeça para fora da cama para melhor ouvir algum realejo, e sobretudo ao ouvir-me dizer que, se possuísse um instrumento desse género, ele me curaria, tomou a peito procurar um órgão melódium.

Mas, ai de nós! Custava entre quinhentos e oitocentos francos! Onde encontrar tal quantia? O que incessantemente me foge quando o procuro, vem ter comigo muitas vezes quando menos espero.

Adèle encontrou um em segunda mão, um pouco cansado, é verdade, mas ainda suficientemente forte para me fatigar os dedos – e talvez os ouvidos.

Cem francos são contados ao vendedor e o instrumento é-me entregue junto à cama.

Foi então que comecei a acreditar que os meus antagonistas tinham razão e que eu era realmente louco!

Com quarenta e três anos, frente a frente com um instrumento desses, tendo os dedos tão rígidos como os barrotes de uma cadeira! Vamos, disse eu, Adèle é tão boa quanto eu sou tolo. Nunca saberei tocar este órgão. Se o Diabo monta guarda ao pé da cama de um doente, como se acredita entre os católicos, um bom Anjo monta guarda à sua cabeceira.

Foi este quem me foi de grande auxílio para me tirar deste embaraço, pensei eu.

Os primeiros sons que tirei do instrumento encantaram-me, pois, tão suaves quanto os da minha flauta, tinham o mérito de não me cansarem o peito e de serem emitidos com maior pureza...

Quanta força tem a música, ó meu Deus! sobre o sistema nervoso; ela é a única que sabe e pode falar aos delicados ramos dessa árvore da vida, acalmá-los, tonificá-los, rearmonizá-los, ouso dizer!

Sim, aquele que souber unir essa força à do magnetismo, e à das palavras e pensamentos consoladores, produzirá mais bem nos doentes nervosos do que todos os remédios do mundo.

Encontrei-me bastante embaraçado, um dia, quando o venerável abade Almignana me perguntou se tocava órgão.

À minha resposta negativa, este bom amigo passou os seus dedos, já com sessenta anos de idade, sobre as teclas do instrumento, para se certificar se estava afinado e se não estava demasiado gasto.

«Diante de quem estou eu?», exclamei.

«Porque não sei e não posso executar com tal destreza e tal prática?»

Que curta me pareceu essa noite e que bem me fez! Adèle, vendo isto, começou a marcar encontros com os melhores músicos ambulantes que conseguia encontrar, para que viessem tocar no pátio. Oh!, dizia eu, olhando desanimado para o meu órgão, estarei eu para sempre diante de uma despensa, empurrado pela fome, sem saber como a abrir para a saciar? Tocar uma melodia isolada, nota por nota, não basta; tocar com acompanhamento, não posso, pois não sei.

Oh, meu Deus, enviai-me algum espírito que tenha piedade da minha ignorância, da minha falta de jeito e da minha necessidade de aprender.

Permiti que eu possa executar de forma a satisfazer o melhor possível a delicadeza do meu ouvido.

A minha prece, sem ser atendida, não foi, no entanto, rejeitada; ocorreu-me então a ideia de compor uma tábua de harmonia da minha própria invenção, com a qual poderia tocar três notas com um único dedo – notas essas que estariam em harmonia entre si e com o canto. Tocando este último com outro dedo, obtenho, assim, com apenas dois dedos, uma harmonia tão perfeita quanto a minha perceção e o meu modesto instrumento me permitem.

Que ideia feliz! Na mesma noite em que a pus em prática, mal podia acreditar no que ouvia; parecia-me ser algo como um músico saboiano.

Apesar de ser bastante exigente neste género, contento-me com aquilo que consigo fazer; e à noite, como já disse, quando estou absolutamente só, entro em contacto, por meio deste órgão, com a Melancolia e a Melodia.

À primeira conto as minhas penas, à segunda conto as minhas alegrias – não para delas extrair vida, como David entre duas jovens, mas como um aspirante ao Céu que procura algumas fendas na sua prisão material por onde possa fazer passar a sua prece ao Deus dos desventurados.

Confio ao meu pobre instrumento as perturbações da minha alma e peço-lhe que as deposite aos pés do Senhor.

Outras vezes, os meus amigos mais próximos vêm passar a noite comigo; um deles é um certo Ravet, de quem já falei na *Enciclopédia Magnética*, etc.

Jovem de trinta anos, marceneiro de profissão, bom e leal por natureza, acredita, como muitos outros, que trouxe algum alívio à sua existência e ama-me como se ama quando se tem amor para dar.

Tendo-se submetido à minha ação magnética, não foi sem dificuldade que consegui fazer dele o vidente com quem o leitor vai entrar em contacto – e que lhe custará deixar.

Realizamos, ocasionalmente, alguns estudos que apresentamos hoje ao público, para que os aprecie e julgue a escola de onde provêm.

SIMPLICIDADE e FRANQUEZA são o lema do nosso grupo, que, esperamos, crescerá com o tempo.

Não queremos aparecer continuamente perante os nossos leitores com os mesmos videntes, que poderiam supor serem apenas mais interessados em defender um sistema do nosso gosto.

Não! Queremos buscar em todos os lugares e em todas as mentes, para extrair dessas diversas experiências frutos dignos de sinceros estudantes.

Dominados por essa convicção, apresentamos a nossa nova colheita aos leitores, crendo tê-los informado suficientemente sobre nós para os introduzir no domínio dos nossos trabalhos e da nossa existência!...

JULGUE QUEM PUDER, GOLPEIE QUEM QUISER.

ESTUDOS ESPIRITUAIS
POR ORDEM CRONOLÓGICA

2 DE AGOSTO DE 1854

ENTRADA

FENÓMENOS DO SONO DE RAVET EM RELAÇÃO COM O SEU GUIA

Após ter sido magnetizado cerca de quinze vezes por mim, Ravet apresenta os mesmos fenómenos da primeira vez: oclusão completa dos olhos, imobilidade do corpo; contudo, todos os outros sentidos permanecem despertos para a vida ordinária.

Apesar de ter os olhos nesse estado, acontece-lhe, por vezes, ver, através de impulsos acidentais de luz, imagens, seres e lugares que lhe são desconhecidos.

Afirma mesmo que pode, com frequência, abandonar o seu corpo para viajar à vontade – e não ao seu capricho – por essas criações, que estuda com toda a atenção e desconfiança de um homem cujo juízo são não está de forma alguma alterado pelo seu estado atual.

Por isso, é sempre o primeiro a duvidar dos factos que não compreende e que não consegue explicar, para então se dedicar ao estudo de outros fenómenos, os quais apenas conseguimos relacionar com as nossas investigações.

Até hoje, não conseguimos tornar essas visões e estados permanentes.

Também não registámos quaisquer notas, além das que guardamos na memória, sobre as visões mais curiosas que Ravet teve antes de 1 de agosto – data em que, pela primeira vez, teve uma perceção permanente da audição, através de uma conversa de um quarto de hora que manteve com o Espírito do nosso irmão em Deus, Blesson, que passara para o espírito há apenas alguns meses.

Ravet fez muitos esforços para ver esse mesmo Espírito, que reconheceu perfeitamente pelo som da sua voz, mas não conseguiu alcançá-lo com a

visão. O mesmo acontece com tudo o que ele deseja ver por si próprio – não consegue obter sucesso. Tudo o que atua à sua volta fá-lo através de uma força que lhe é completamente estranha.

Hoje, 2 de agosto, peço-lhe que chame o seu guia, como fazemos em todas as sessões, para que este o ilumine e o conduza numa via ou num estudo mais seguro.

Ravet afirma não conseguir ver o seu guia; no entanto, assegura ouvi-lo responder-lhe com total clareza. Damos então início ao seguinte diálogo. Apresento as perguntas que Ravet deve dirigir ao seu guia, e este responde-lhe da seguinte forma.

Transcrevo-as como se apenas estivessem os dois a conversar, de modo a tornar este género de estudos mais interessante.

Quem sois?

O teu amigo.

Qual é o vosso nome?

Chamavam-me TOMARIN.

E agora, como vos chamam?

Amigo da luz.

Os Amigos da Luz, dizem os cabalistas, estão no céu sob a direção do Espírito GABRIEL, a quem chamam o porta-tocha de Deus. Pertenceis à sociedade dos Gabriéis?

Sim.

Posso então, no futuro, chamar-vos meu bom guia Gabriel?

Chama-me teu amigo Gabriel.

Em que região do globo nascestes materialmente?

ESPANHA.

Há muito tempo que estais no espírito?

Há séculos.

Que idade tínheis quando vos espiritualizastes?

Cerca de vinte anos.

Quais eram as vossas ocupações e afeições?

Estudava muito e todos os dias me maravilhava com as obras do Criador.

Como soubestes da minha existência?

Soube que nasceste infeliz e desejei ser-te útil.

Onde soubestes que eu nascera infeliz?

Na minha sociedade, à qual também pertences.

Foi então essa sociedade que vos enviou até mim?

Foi pela vontade de Deus.

Sois então muito feliz?

Desejo-te a mesma felicidade.

Confio nas vossas palavras. Não sei a quem falo e poderia ser enganado; por isso, torno-vos responsável por tudo o que me disserdes.

Apenas cumpro a missão que me foi confiada.

Conheceis o meu magnetizador?

Sim, há muito tempo.

Então ele também pertence à vossa sociedade?

O seu lugar está entre nós há muito tempo.

Conheceis o Espírito Swedenborg?

Sim.

Ele pertence à vossa sociedade?

Ele conduz outra.

Será a nossa ou uma mais vasta?

É a sociedade universal.

O que quereis dizer com isso? É uma sociedade que nos é conhecida?

É a sociedade universal, da qual a vossa faz parte. Estais chamados a desempenhar um grande papel nessa sociedade. Neste momento, estais a lançar-lhe as bases; ela crescerá muito mais do que imaginais. Não suspeitais da posição que ocupais nela.

O que devemos fazer para permanecer dignos desse papel?

Ter CONFIANÇA e ORAR.

Quando poderei ver-vos?

Dentro de oito dias.

O que devo fazer para isso?

Ser magnetizado todos os dias e orar.

Verei também outros Espíritos?

Sim.

Qual será a minha especialidade?

Fazer o bem aos teus irmãos.

Não me tornarei mais isolado e o meu estado não se agravará?

O teu estado melhorará muito.

Até lá, podereis conversar comigo como hoje?

Farei o possível.

Já que não vos posso ver e tenho a particularidade de ver imagens, podeis, antes de terminarmos a nossa conversa, mostrar-me algo que me prove que não estou a iludir-me?

3 DE AGOSTO
NOÇÕES SOBRE A FORMA DE DEUS, SOBRE A ENTRADA DOS ESPÍRITOS NO MUNDO ESPIRITUAL E AS SUAS PRIMEIRAS OCUPAÇÕES

OBSERVAÇÃO:

Ravet, após quatro minutos de magnetização, entra em sono, e dez minutos depois escuta a leitura da ata da sessão anterior, a fim de a retificar, se considerar necessário. Ele chama o seu amigo Gabriel, que lhe responde de imediato que está presente. Formulo-lhe então as seguintes perguntas:

Desde que estais na condição de espírito, já vistes Deus?

Obtive essa graça várias vezes.

Sob que forma O vistes?

Essa forma não pode ser descrita em linguagem humana.

Aproxima-se de alguma forma que nos seja conhecida?

É uma manifestação de luz e uma sensação indescritível.

Na sociedade onde estais, as vossas aprendizagens são ensinadas por homens como vós, a quem na Terra chamamos mestres?

Esses ensinamentos são-nos transmitidos por seres superiores, mas não como na Terra, pois não recorremos à palavra. O conhecimento é-nos transmitido através do olhar; é uma expressão direta do pensamento.

É dessa forma, sem dúvida, que transmitis os vossos conselhos aos homens da Terra?

Sim, se os homens terrestres não tivessem guias, não seriam capazes de nada. O mesmo sucede entre nós; estamos separados por diferentes graus de elevação e temos guias, tal como vós; eles são mais instruídos do que nós e transmitem-nos o seu conhecimento.

Há quanto tempo entrastes no espírito?

Há três séculos.

Deveis ter aprendido bastante durante esse período. Teríeis a bondade de nos contar as experiências e sensações por que passastes desde que deixastes a Terra? Isso representaria a história de um espírito. Hoje, pela primeira vez, ocorreu-me a ideia de escrever tal história. Se este pedido não vos parecer indiscreto, estou pronto a escutar-vos.

Seria um relato um pouco longo, mas escuta... Quando deixei a Terra, não me apercebi imediatamente de que já não estava entre a minha família. Permaneci durante muito tempo num estado de afetos semelhantes aos que havia adquirido na vida terrena, pois não desejava outra coisa, estando, pelo pensamento, onde queria estar e vendo o que desejava ver.

O vosso guia ou algum dos vossos não veio ter convosco para vos fazer conhecer o vosso novo estado?

Não, não vieram de imediato.

Por que razão?

Eu já acreditava em Deus quando estava na Terra, mas não tinha qualquer noção do estado espiritual, o que fez com que permanecesse obstinadamente no estado da minha última lembrança.

Então, a vossa última lembrança não foi o vosso último suspiro, nem as lágrimas dos vossos familiares perante a vossa espiritualização?

Não, para mim foi um estado semelhante ao despertar pela manhã, após um sono mais ou menos profundo. Senti-me melhor; tive vontade de me levantar; as forças permitiram-me fazê-lo, pelo que me julguei curado. Encontrei-me, assim, no estado das minhas últimas lembranças, sem ir além. Retomei os meus hábitos e continuei a satisfazer os meus afetos.

Os vossos afetos e hábitos permaneceram tal como eram ou evoluíram para um outro estado de progresso?

Não consegui avançar para um novo estado de progresso até ao dia em que, através de uma oração íntima, os meus olhos se abriram para a verdadeira luz e compreendi de imediato a situação em que me encontrava.

Quanto tempo decorreu, aproximadamente, entre a vossa entrada no espírito e a tomada de consciência do vosso novo estado ou condição?

Um século.

Durante esse século, o que fizestes? Sendo jovem, tivestes o desejo de construir uma nova posição para vós?

O estado em que vivi foi, em tudo, a continuação do estado terreno, tanto nos hábitos como nas afeições.

Pergunto-vos isto porque quero saber se concebestes a ideia de aprender uma profissão, de amar uma mulher e de construir uma família?

Os estados de vida são muito semelhantes aos da Terra em termos de finalidade, mas não têm como base o interesse. É mais uma necessidade de troca recíproca dos frutos da inteligência do que um comércio... Esse estado é uma continuação do estado terrestre, mas é uma purificação muito lenta das afeições, dos pensamentos e do julgamento dos homens...

Fui obrigado a permanecer nesse estado por um período proporcional à minha maneira de pensar, pois no estado superior não se conhece o ódio nem a posse, como na Terra; apenas se sente a necessidade de perdoar e de amar. Não podes compreender completamente esse estado, nem os esforços necessários para alcançá-lo... Foi através da experiência desse mesmo estado que senti a necessidade de aconselhar os homens da Terra, e é por isso que

vim ter contigo, para te ajudar a evitar os obstáculos que encontrei na minha vida terrena.

Dizeis que se sente a necessidade de amar. Sentistes essa necessidade em relação a uma mulher? Casastes? Tivestes filhos?

Senti essa necessidade, mas não me casei. Deus permitiu que eu encontrasse a metade que me estava destinada, e vivo feliz ao lado dela.

Viveis felizes; habitais uma casa ou algum outro tipo de lugar? Sentis essa necessidade de carinho tal como na Terra?

Não habitamos casas; encontramo-nos em locais celestes, jardins, bosques, florestas, etc.

Se vos encontrais, significa que não estais sempre juntos?

Não, cada um de nós tem as suas afeições distintas, que por vezes nos separam devido à necessidade de as satisfazer.

Perguntei-vos, perdoai-me, se conheceis o carinho tal como na Terra?

O prazer que sentimos ao contacto de um simples beijo é indescritível; enche-nos de uma sensação geral de felicidade que vós, homens presos às sensações da carne, não conseguiríeis compreender.

Nada há de terreno nesse beijo, nem nas nossas carícias; são tão puras quanto as sensações inefáveis que nos proporcionam.

O estado de pensamento em que vivestes durante um século é o mesmo de que Swedenborg nos falou na revelação do globo atrativo – que, segundo ele, rodeia o homem na Terra e o segue até ao mundo espiritual após a sua separação do corpo terrestre. Esse globo representa-lhe as imagens vivas de todas as criações que conheceu nesse estado, e cuja influência afetiva é tão forte que pode paralisar o seu julgamento ao ponto de o fazer acreditar que a existência terrena continua. Quando, pelo contrário, com um simples esforço de inteligência desperta, ele perceberia imediatamente que está na condição de espírito?

O que disse o teu magnetizador é bastante verídico; seria desejável que todos os homens compreendessem esta questão.

Eu acreditava que, assim que um espírito entre no Espírito, Deus envia espíritos estranhos ou parentes para o levar a compreender o seu novo estado, de modo que ele possa usufruir dele conforme os seus méritos?

Com efeito, é assim que acontece. Mas o homem, que não está minimamente preparado para essa revelação e que, pelo contrário, se encontra enclausurado nos pensamentos que sempre o dominaram na Terra, não se separa deles tão rapidamente quanto imaginais. Interpreta as revelações que lhe são feitas como divagações do seu próprio espírito; deseja ser aquilo que lhe dizem que ele é, mas o seu amor pela Terra e por tudo o que nela amou trá-lo de volta à ordem de pensamentos que produziram esse amor. Por conseguinte, ele fecha-se sobre si próprio e acredita apenas nas sensações que os seus desejos lhe proporcionam.

Ravet receia interrogar demasiado o seu guia, pois este já lhe dissera: "Fazes-me perguntas demasiado avançadas; tens outros estudos a concluir antes de chegar a esses."

Assim, pede-lhe para adiar para o dia seguinte a continuação da sua história espiritual e solicita-lhe um conselho sobre o estado do seu ofício, bem como a visão de uma imagem antes de regressar ao seu estado normal.

Ravet afirma que o seu guia o aconselha a trabalhar e a ter esperança.

Em seguida, apresenta-lhe uma imagem de altas montanhas cobertas de neve, delimitando um país que Ravet acredita ser o local de nascimento do seu guia, pois vê ao longe um jovem de cabelos negros, de rosto belo e expressivo, vestido à espanhola.

Esse jovem faz-lhe um sinal com a mão, como que a dizer-lhe: "Observa estes lugares."

Ravet pede-lhe que se aproxime; ao que este responde: "Sabes o que te disse… daqui a oito dias."

Depois, tudo desaparece.

4 DE AGOSTO
CONTINUAÇÃO DAS NOÇÕES DO GUIA DE RAVET SOBRE A EXISTÊNCIA ESPIRITUAL

Dissestes-me ontem que, após um século passado na falsa crença de ainda habitar a Terra, os vossos olhos se abriram para a luz na sequência de uma oração fervorosa. Podeis dizer-nos o que vistes e soubestes quando os vossos olhos assim se abriram?

Vi a criação tal como ela é e comecei a estudá-la como devia fazê-lo.

Como foi que vistes essa criação?

Muito mais bela, mais iluminada e mais harmoniosa do que a que via anteriormente.

Quem vos fez vê-la tão bela?

A luz que a iluminava, assim como as sensações que ela me proporcionou; o efeito dessas sensações determinou o meu conhecimento e a minha convicção de uma existência diferente daquela que eu conhecia até então.

Por onde começaram as vossas perceções?

Pela visão retrospetiva de todo o meu passado.

O que entendeis por todo o vosso passado? É desde a vossa primeira criação ou apenas desde a vossa encarnação material?

Apenas desde a minha existência material.

De vos serviu essa visão retrospetiva do vosso passado?

Para me levar a conhecer e a compreender aquilo em que tinha agido bem ou mal, e para me certificar de que existia de uma forma diferente, possuindo uma nova perceção distinta daquela que tinha na Terra.

Em que consistiu essa nova existência e qual foi o fruto dessa perceção?

No desejo que senti de ser melhor e de me tornar mais útil à humanidade do que tinha sido.

Essa visão ou essa leitura do passado foi longa ou curta?

Foi curta no que respeita às boas ações que eu tinha realizado; mas foi muito longa no que dizia respeito às más.

O que é que aconteceu com relação às más ações?

O mesmo que acontece com todos aqueles que, no mesmo caso, são obrigados a preencher as lacunas da sua existência, ou seja, a reparar todo o mal que fizeram através de uma quantidade equivalente de bem.

Se essas reparações acontecem, então o homem é livre para fazer o bem e o mal?

Há liberdade e há escravidão. A escravidão encontra-se nas coisas de pouco valor, e a liberdade nos factos de ordem superior. É por isso que o homem deve restituir ao homem aquilo que lhe retirou, seja pelo transtorno que provocou às suas afeições ou à sua fortuna.

Como pudestes restituir aos homens (sendo ainda muito jovem quando deixastes a Terra) aquilo que lhes tirastes, uma vez que os vossos olhos apenas se abriram para o conhecimento do vosso passado um século após a vossa espiritualização? Esses seres também já não deveriam encontrar-se na condição de espírito, tal como vós, e não deveriam ter mais nada a esperar de vós, não?

Sim, foi assim para mim, visto que era demasiado jovem para ter cometido faltas graves; mas não é assim para os criminosos e para os homens de paixões perversas.

O que poderão esses homens fazer mais do que vós, se apenas conhecem as suas faltas depois do mesmo período de tempo, e se aqueles a quem prejudicaram já forem felizes nesse momento?

Não penseis que possam livrar-se tão facilmente. Não. Eles devem fazer tanto bem àqueles que ofenderam quanto o mal que lhes causaram.

Que bem poderá compensar uma violação, um roubo ou um assassinato, para aqueles que já não são sensíveis a essas coisas?

As vítimas dessas ações são consoladas no mundo espiritual pelo arrependimento sincero de quem as cometeu. Aquelas que sofreram as consequências através da morte ou de sofrimentos prolongados encontram-se muito mais elevadas, após a sua entrada no Espírito, do que os seus opressores – o que não é para estes uma pequena dor, nem uma fraca fonte de ciúme. Isso é um efeito da bondade divina, que deseja que haja compensação em todas as coisas. Pela sua elevação, o coração dessas vítimas da crueldade humana abre-se mais facilmente ao perdão. Basta-lhes conhecer o arrependimento dos seus algozes para lhes perdoarem. É por isso que a leitura ou a revisão de todos os atos terrenos é útil a todos os Espíritos, para que possam entrar no estado de graça e fraternidade.

Uma vez perdoada essa falta, permanecerá para sempre inscrita na consciência daquele que a cometeu? E ficará visível para todos os espíritos?

Embora perdoada, ela continua visível para os espíritos superiores.

Os espíritos da mesma esfera do perdoado podem conhecê-la também?

Sim, se assim o desejarem.

Então não se pode apagá-la?

Não, tudo isso é eterno.

Pedir perdão será mais fácil para quem precisa dele do que concedê-lo, para quem foi vítima dessas ações?

Por isso mesmo, aqueles que cometeram faltas graves sentem mais do que qualquer outro a necessidade de reparar essas faltas, não apenas pelo simples perdão daqueles que oprimiram, mas também pelo desejo de se tornarem guias de homens terrenos que se encontram no âmbito das mesmas afeições que eles nutriam, para os levar a afastar-se dessas inclinações e, assim, fazer tanto bem aos seus irmãos quanto o mal que lhes causaram.

Ao ser assim aconselhado por esses guias, tanto para o bem como para o mal, o homem não seria então livre de escolher entre um e outro?

Ele não é influenciado, apenas aconselhado; porquanto no âmbito das fases da liberdade humana, nenhum Espírito pode influenciar essas fases.

Voltemos àquela visão retrospetiva que tivestes do vosso passado, visão que vos levou a sentir a necessidade de resgatar as vossas faltas por quaisquer meios. Essa visão manteve-vos num estado de arrependimento até hoje? Já conduzistes algum homem terreno, ou serei eu o primeiro?

Tu és o primeiro. Não permaneci num estado de arrependimento até hoje; mas continuei a evoluir para um estado de amor para com os homens, estado esse que desenvolveu em mim a necessidade de os ajudar com os meus conselhos. Eis a razão pela qual vim até ti e por que todos os Espíritos que desejam purificar-se são obrigados a fazer o mesmo.

Dissestes-me que os Espíritos superiores podem compreender melhor do que outros; isso quer dizer que aqueles num nível inferior não podem, por sua vez, fazer ou saber o que os outros sabem e conhecem?

Cada círculo de Espíritos não possui os mesmos poderes nem os mesmos conhecimentos. Os Espíritos superiores podem ver tudo o que se passa entre os Espíritos inferiores; mas estes últimos não podem ver o que se passa nos círculos superiores. Assim ocorre, de grau em grau.

O desejo de conhecer só se desperta nos Espíritos conforme o seu ardente desejo de conhecer e de acordo com os momentos destinados para tal efeito. É dessa forma que o progresso se dá lentamente, assegurando ao homem uma eternidade de sucessão no seu conhecimento e nas suas alegrias.

Dada esta capacidade de conhecimento dos Espíritos superiores, os guias dos homens poderão então prever os perigos aos quais estes últimos estejam expostos e ajudá-los a evitá-los através dos seus conselhos?

Enganais-vos; não existem perigos para o homem.

Sei que, para vós, nem mesmo a morte é um perigo, pois ela liberta o homem das suas correntes terrenas; mas chamamos de perigo a uma queda, por exemplo, que pode privar o homem de um dos seus membros; a uma carruagem que pode atropelá-lo; a uma tentativa de assassinato e a cem outras coisas similares, que podem trazer consequências graves para a felicidade do homem.

O guia pode prever essas coisas, mas nem sempre pode evitá-las; não pode forçar um homem a seguir os seus conselhos, se esse homem não tiver fé neles ou se o afastar demasiadamente através de paixões vis ou crimes, de tal modo que o guia não pode sequer aproximar-se dele.

Além disso, nem todos os guias possuem o mesmo grau de iluminação. Um guia de amor não pode conduzir um homem que apenas destila ódio. Um guia honesto e de costumes angelicais não pode conduzir nem aproximar-se de um homem de coração desonesto e repleto de vícios. Os guias que assistem esses indivíduos são Espíritos que ainda se purificam a si próprios, e que, portanto, não atingiram os graus de perfeição dos guias superiores. É uma corrente onde todos os elos estão ligados, mas cada elo possui uma tonalidade própria.

Acreditais que o homem é livre para avaliar os vossos conselhos e segui-los em total liberdade?

Se o homem seguisse os nossos conselhos, seria melhor para ele; mas não podemos forçá-lo a segui-los, pois isso seria restringi-lo na sua liberdade... Além disso, existem atos da sua vida que são úteis para o grande quadro do universo, que fazem com que a beleza da criação sobressaiam.

Portanto, há ações nas quais ele é livre, e outras que ele não pode recusar fazer. O que o homem deve sempre desejar, e o que ele é sempre livre de fazer, É O BEM. O seu dever é trabalhar pela felicidade dos seus irmãos, e não lhes roubar aquilo que lhes pertence, pois chegará o tempo das restituições, em que será obrigado a devolver tudo aquilo que tomou deles.

O guia do homem será suscetível às suas sensações terrenas? Identificar-se-á com ele a ponto de sofrer com o sofrimento dele? Pois, se está tão cheio de

amor quanto dizeis, e se sente tanto interesse pelo homem, então deverá compadecer-se das suas misérias?

O guia que é bem recebido pelo homem identifica-se de tal forma com ele, que sofre com os seus sofrimentos e se alegra com a sua felicidade. Caso contrário, não haveria mérito nem redenção para os guias ao aconselharem os homens da Terra. O guia não pode ser ferido nem ser atormentado fisicamente como o homem que conduz; mas sente intensamente a sua dor e faz tudo o que pode para o consolar.

Essa identificação connosco travará a vossa existência, ao ponto de não desfrutardes dela enquanto nos acompanhais?

Não; essa identificação é um efeito da transmissão do pensamento da nossa parte; ocorre à distância e não interfere nas afeições que nutrimos nem nos nossos estudos. Estamos, pelo pensamento, no nosso próprio estado e nas nossas alegrias e ao mesmo tempo estamos convosco através desse mesmo pensamento.

Quais são as vossas ocupações atuais? São semelhantes às do século que passastes no estado terra-espiritual?

Estudo as obras de Deus.

Não existirão outras ocupações, como leitura, música, poesia, viagens a globos que vos são desconhecidos?

Cada um de nós faz e estuda de acordo com as suas inclinações; Uns leem, outros ensinam, outros compõem música, outros escrevem poesia, outros viajam, segundo o seu desejo. A música espiritual não é uma criação humana; ela já está inteiramente criada e chega até nós em ondulações, como uma brisa de ar, quando desejamos tocá-la ou ouvi-la. Quando nos encontramos nela, estamos na música sem saber como; ela penetra-nos e envolve-nos. Ela entra em nós por todo o nosso ser, de tal modo que a ouvimos estando dentro dela. Podemos também executar música, sozinhos ou em grupo, mas essa execução não se assemelha à da Terra.

Não sentimos essa espera após a afinação dos nossos instrumentos, nem essa ansiedade de executar bem; os nossos dedos tocam-nos sem os tocar, e a harmonia não se faz esperar; o instrumento subjuga-nos, e não somos nós que o subjugamos; o que faz com que, sendo executantes, sejamos ao mesmo tempo ouvintes; não conseguis compreender este efeito.

Quando desejamos conhecer os globos, só podemos entrar na sua essência espiritual e conversar com os espíritos que os habitaram; não poderíamos servir de guias para os seus habitantes, visto que cada globo tem as suas próprias criações e organização. Apenas podemos estudar os seus costumes e os seus conhecimentos.

Tendes templos, religiões, pastores?

Onde se adora um único Deus, há apenas uma religião e um templo. Os pastores são inúteis onde Deus está com os seus.

Tendes sociedades, tendes reuniões especiais? O que é que se faz nelas?

Temos reuniões em que o mais avançado entre nós ensina os mistérios da criação; depois, retiramo-nos para meditar sobre o que nos foi revelado. Os nossos primeiros estudos incidem sobre as leis da matéria e os seus constituintes: os FLUIDOS, a LUZ e as SENSAÇÕES...

~ ~ ~

O vidente permanece um momento sem responder às perguntas que lhe dirijo... depois diz que, para reforçar a revelação anterior, o seu guia o leva a ver uma imagem alegórica dessas reuniões.

Elas acontecem em locais agrestes, com horizontes imensos. Os homens acham-se agrupados em vinte, mais ou menos, conforme o nível de estudo em que se encontram. Aquele que os instrui é um deles, sem nenhum sinal distintivo. Segura um livro na mão, que o vidente supôs ser o livro das maravilhas da criação; esse professor faz-lhes sentir todas as suas belezas, comentando-as conforme a sua iluminação. Esse espírito encontra-se colocado diante deles, sobre uma leve elevação.

Todos estão vestidos da mesma maneira; os seus trajes possuem cores correspondentes às suas afeições, mas todos na mesma tonalidade; são uma espécie de mantos drapeados à romana, deixando os braços nus.

O guia de Ravet disse-lhe que essas não são vestes para eles, visto que não precisam delas; mas cobrem-se assim por necessidade de se reconhecerem e agruparem entre estudantes da mesma escola.

Quando o mestre terminou o seu discurso, Ravet viu todos os ouvintes retirarem-se, cada um para um canto, com a cabeça inclinada sobre o peito, em sinal de meditação.

O vidente quis agradecer ao seu guia por lhe ter ensinado e mostrado tais coisas, mas este respondeu-lhe, levando-o a ver, a seus pés uma cidade imensa, semelhante a Paris:

"Se me agradeces por tão pouco, o que não deverias agradecer àquele que criou o que vês a teus pés?"

Ravet, tomado pela humildade dessa resposta, ficou tão comovido que chorou. Fui obrigado a despertá-lo para o acalmar.

5 DE AGOSTO
NOÇÕES SOBRE OS CONSTITUINTES DA MATÉRIA E DA ANATOMIA ATIVA DO CORPO HUMANO
DÚVIDAS DO VIDENTE SOBRE O SEU ESTADO PRESENTE

Não tenho o hábito de questionar um Espírito nem um vidente sobre coisas que possam ignorar, ou que não estejam no seu poder tratar; mas como o guia de Ravet nos disse que estudou os constituintes da matéria, os fluidos, a luz e as sensações, desejei, na sessão seguinte, pôr o seu conhecimento à prova, a fim de julgar até que ponto poderia confiar nas perceções que tem sobre esse assunto; o leitor poderá avaliá-las tal como eu. Desejei começar pelo estudo da anatomia ativa do corpo humano. Que se julgue se as coisas que nos foram reveladas já foram alguma vez conhecidas pelos homens.

Dissestes-nos ontem que os vossos primeiros estudos incidiram sobre a matéria e os seus constituintes; podeis dar-nos hoje algumas noções sobre este assunto?

A matéria é apenas matéria aos olhos do homem material; mas, para o espírito, é uma criação muito diferente daquela que imaginais. A matéria é composta de corpúsculos vivos e atuantes, que existem no seu próprio género, assim como vós existis no vosso. É uma vida ativa, genérica e individual, que não conhece nenhum ponto de paragem, nem a morte, nem o nada.

Uma vez que estudastes as leis da matéria, sem dúvida também estudastes as que concorrem para a formação do invólucro material do homem?

Sim, formulai as vossas perguntas.

Podeis dizer-nos qual é o papel dos nervos no organismo humano?

Os nervos não passam de um composto de corpúsculos fluídicos, semelhantes, na sua extensão ou separação, a uma leve camada de névoa. A sua corporalidade é inapreciável. Os ramos mais grossos são menos sensíveis do que os mais finos. Quanto mais finos e delgados são os nervos, mais ativos são.

Onde se encontram em primeiro lugar?

No germe do homem, e depois evoluem entre si por meio da procriação, tal como fazem todos os seres microscópicos.

De que ou de onde é que se alimentam?

Extraem o seu alimento da criação.

Qual é o papel do sistema nervoso em relação ao espírito do homem?

O seu grande papel é o da sensibilidade, da simpatia e da antipatia; ele é o constituinte das sensações.

De onde é que os nervos extraem essas sensações opostas?

Da atmosfera.

Conhecerá, a alma, essa sensibilidade e a utilidade desses agentes nervosos? Poderá utilizá-los conforme a necessidade?

Ela conhece as suas propriedades, mas nem sempre pode dispor deles.

Será por meio deles que a alma vê, sente e conhece por todas as partes do corpo?

A visão, a sensação e o conhecimento da alma têm o seu centro na cabeça. É dessa parte do corpo que a alma, através da inteligência, penetra onde deseja.

Será, então, a cabeça a residência da alma?

A alma reside em todo o corpo; mas é na cabeça que reside o ponto de partida de todos os pensamentos e os nervos são os meios inteligentes que usa para perceber o estado material...

Qual será o papel que o SANGUE desempenha no corpo humano?

São os corpúsculos alimentares do corpo humano, pois realizam os trabalhos mais árduos, os mais grosseiros e os mais nutritivos.

*(Ravet insiste para que a palavra "alimentares" seja mencionada tal como lhe foi dita**.)***

Onde é que esses corpúsculos se alimentam a si mesmos?

Nos alimentos e com a ajuda dos nervos.

De onde são extraídos?

Do germe do homem, tal como os nervos, e na sua procriação.

O meu guia diz-me que, quando o sangue está demasiado quente, isso ocorre devido a descargas elétricas geradas dos nervos que o aquecem; e, quando está demasiado frio, é porque os nervos não têm vida nem riqueza

suficientes. Por isso, uma pessoa pode viver pelos nervos, mas não pode viver pelo sangue.

Esses corpúsculos sanguíneos e nervosos saberão que cada um deles contribui para formar um corpo, assim como nós sabemos que cada um de nós contribui para formar uma nação?

Eles apenas sabem que fazem parte de um todo qualquer e, quando esse todo não está bem, sofrem com isso.

Terão pelo menos consciência e conhecimento das diferentes formas que compõem?

Não, estão submetidos a leis. O seu conhecimento é muito restrito. No entanto, sofrem e também experimentam alegrias, que dependem do êxito que obtêm na agregação e no posicionamento dentro do corpo.

Sabem posicionar-se sozinhos nessas agregações?

Sim.

Com a destruição do corpo que compuseram, eles morrem?

Eles mudam de estado e permanecem ligados à Terra.

Recompõem corpos semelhantes?

Sim, pelas leis da alimentação.

E os que compõem os nervos, para onde vão?

Eles também mudam de estado ao se verem privados dos fluidos que constituíam a sua forma primitiva.

O que é que lhes acontece?

Alimentam igualmente a Terra com a sua substância, uma alimentação da qual ela necessita para transmiti-la a tudo o que produz.

Ravet diz que o seu guia frequentemente apoia as suas revelações com imagens vivas e ativas, que completam as respostas. Foi assim que lhe foi mostrado um homem a expirar. Ele viu a alma sair pelo topo da cabeça, com forma humana, mas composta de um fluido cristalino tão transparente que a forma parecia delineada apenas por traços impercetíveis.

Ela elevou-se lentamente, semelhante a um objeto retirado com dificuldade de um estojo. No entanto, nenhum dos órgãos do corpo, como o coração, o estômago, o fígado, os intestinos, etc., se mostrava em falta; mas, diz Ravet, tudo isso lhe pareceu tão subtil, tão efémero, que acredita que bastaria soprar sobre o pulmão para o desagregar e fazê-lo desaparecer.

Ao retornar ao seu estado normal, Ravet recorda o que disse e o que viu, assim como acontecia com o meu primeiro extático, Bruno-Binel, mencionado no primeiro tomo dos *Telégrafo Celestial*. Mas o que incomoda Ravet é que, muitas vezes, segundo confessa, ele faz uma pergunta ao seu guia sem lhe conhecer realmente o significado, e obtém uma resposta sem compreender inteiramente o sentido dessa resposta.

Ele afirma que isso acontece de forma estranha: mal a pergunta é formulada, às vezes nem chega a ser terminada, sente uma leve pressão no topo da cabeça, e a resposta surge-lhe na língua sem que ele saiba ou consiga compreender como esse fenómeno ocorre.

"Não é uma palavra audível como as nossas que eu ouço, é uma palavra que me envolve; é um pensamento, uma resposta que me subjuga, que anula todas as minhas outras ideias, que sai da minha boca e me encerra na sua esfera, de tal modo que, ao pronunciá-la, sou ela mesma e estou dentro dela."

Ravet segura a cabeça entre as mãos e exclama:

"Como posso falar sem me compreender, e como posso não compreender que não compreendo?"

Essas dúvidas agitam muito esse vidente no seu estado de vigília.

A lembrança que tem do seu estado de clarividência não é suficientemente detalhada nem potente para permitir-lhe avaliá-la com um valor igual. Por isso, hoje achei oportuno dizer-lhe:

"Vejamos, Ravet, no estado em que estais, tendes a certeza absoluta e sem qualquer restrição de que o que vedes e ouvis no vosso estado de clarividência é tão real para vós neste momento quanto tudo o que acontece diante dos vossos olhos no vosso estado normal?"

"Estou tão convencido disso," responde-me o vidente, "que ofereceria o meu peito a uma baioneta em defesa da sua realidade..."

"No entanto, no vosso estado de vigília, duvidais frequentemente do que vistes no vosso estado de sono?"

"Duvido, é verdade; mas quem não duvidaria de tais coisas? Quem jamais as compreenderá e quem conhecerá o seu último segredo?..."

"Sabeis que esses estudos são uma imensidão sem limites?"

Ravet é um homem de coração e honra, já o disse antes; afirmo a pureza da sua consciência, o que me leva a valorizar ainda mais os seus estados de sono.

Os estudos que acabamos de ler levam-nos a continuar a nossa investigação, para ver se o sistema corpuscular, base dos agregados da matéria, merece ser levado em consideração.

6 DE AGOSTO
CONTINUAÇÃO DAS NOÇÕES DO GUIA DE RAVET SOBRE A ANATOMIA VIVA DO CORPO HUMANO

Agradar-vos-ia continuarmos os nossos estudos sobre os principais constituintes da matéria do corpo humano?

Certamente.

De que natureza é o sistema linfático?

Da mesma natureza que o sistema nervoso; este sistema parte dos dois polos do corpo humano.

Por que fonte é nutrido?

Pelo cérebro.

Quais são as atribuições que lhe cabem na harmonia do corpo humano?

Regular o funcionamento dos outros sistemas.

De que natureza é o sistema dos tendões?

É uma substância gomo-elástica, produzida por todos os constituintes do corpo humano.

De que fonte se alimentam preferencialmente?

Do óleo do sangue.

Quais são as atribuições que lhe cabem?

Formar as cordas da estrutura óssea.

De que natureza são os gânglios?

R. De uma natureza mais suave do que os tendões.

De que fonte se alimentam?

Do sangue.

Quais são as atribuições que lhe cabem?

Serem centros de correspondência.

Centros de correspondência de quê? Por que motivo estão separados em grupos?

Para estabelecer a correspondência de que vos falo, correspondência necessária ao mecanismo da vida. É uma criação mais livre e menos rígida do que as outras; pelo contrário, serve-lhes de elo de ligação. Os gânglios são os primeiros condutores das sensações dos impactos que o corpo pode receber. São, diria eu, a telegrafia elétrica do corpo, pois cumprem essa missão de maneira mais direta. O seu movimento opera-se através de pequeníssimos nervos impercetíveis, que se enrolam em torno deles como uma mola em torno de um pivô. Esses nervos desenrolam-se com grande velocidade, um num sentido e outro no sentido contrário. É assim que produzem a correspondência entre todos os constituintes do corpo.

De que natureza são as válvulas?

São tecidos formados pelas mucosidades, pelo sangue e pelos nervos.

Em que fonte se nutrem?

Dos nervos e do sangue.

Quais são as atribuições que lhes cabem?

Abrir e fechar a passagem do sangue e do ar... O ar abre-as e o sangue fecha-as, visto que o ar circula antes do sangue... São válvulas de retenção.

Observação:

Ravet ouve falar destes nomes e destes detalhes pela primeira vez, pelo que exclama ingenuamente:

"O meu guia deve achar-me incrivelmente ignorante! Pergunto-lhe... o que é que lhe pergunto? O que são válvulas? Mas não será estúpido tratar de algo que não se conhece?" Posso exclamar juntamente com Ravet que possuo o mesmo nível de ignorância; pois tenho apenas um conhecimento muito imperfeito e puramente teórico das questões que abordo. O único desejo que tenho é de me instruir e provar aos praticantes que podem confiar na validade destes estudos, se nela houver mérito. Se estivermos errados, esperamos deles uma absolvição completa, em nome da sincera vontade que temos de demonstrar aos nossos antagonistas que é possível tratar, por

meio do sonambulismo, questões que estão fora do conhecimento do magnetizador e do vidente.

De que natureza são as vilosidades do estômago e dos intestinos?

De natureza nervosa e sanguínea. As do estômago encontram-se na sua base, semelhantes a milhões de pequenas raízes que, pelo seu entrelaçamento, garantem a solidez desse órgão.

Quais são as atribuições que lhe cabem?

Acelerar a passagem dos alimentos; são como pequenas molas, que desempenham o papel de agentes mecânicos.

De que fontes se alimentam?

Do suco mais puro dos alimentos, que armazenam nos seus pequenos tubos até que se esgote. É por isso que sentimos fome, e é por isso que elas sentem necessidade de movimento.

Ravet demorou bastante a realizar esta sessão, que o cansou muito, pois pede constantemente ao seu guia que lhe mostre, através de imagens, o que lhe pergunta, e sente um certo prazer em admirar o mecanismo invisível da vida destes microrganismos. Foi por meio dessa mesma visão que ele me afirmou que as válvulas dos intestinos estão continuamente irrigadas na sua base de adesão por uma secreção muito pura, que escorre através dos tecidos intestinais. Parecia-lhe que essa secreção estivesse destinada, ao mesmo tempo que os humedecia, a limpá-los das matérias que poderiam aderir-lhes. Este mecanismo hidráulico, podemos dizer, assemelha-se bastante, no nosso entendimento, aos pequenos jatos de água que se encontram nos urinóis públicos para manter a limpeza... Ficou claro que, até agora, Ravet não viu nada de inerte e que, de acordo com o seu guia, todos os constituintes do corpo humano são grupos de microrganismos de diferentes formas, espécies e funções.

7 DE AGOSTO
CONTINUAÇÃO DAS NOÇÕES ANATÓMICAS. MECANISMO E CURIOSA CONSTRUÇÃO DO OLHO HUMANO, ONDE SE IMPRIMEM E VIVEM AS IMAGENS DAS COISAS VISTAS POR ESTE ÓRGÃO

Estais disposto a continuar os vossos estudos sobre a constituição do corpo humano?

Sim, embora sejam pouco interessantes.

Elas são instrutivas para nós.

Continuemos.

De que natureza é o sistema ósseo?

De uma natureza cristalina, perfurada por milhares de pequenos canais que dão passagem a um óleo produzido pelo vapor do sangue.

De que fonte se alimenta?

Desse óleo de que vos falei.

Quais são as suas funções?

Sustentar o edifício humano.

A solidificação dos ossos impedirá, de alguma maneira, o movimento dos microrganismos que os compõem?

O movimento desses microrganismos responde às suas necessidades de alimentação.
Cada um deles alimenta-se nos seus próprios canais. Os ossos são de uma natureza muito preciosa, razão pela qual são revestidos por uma substância gomosa que os protege contra a destruição.

De que natureza é a medula que eles contêm?

A medula é o resíduo do sangue, filtrado através desses canais, assim como das substâncias que compõem os nervos e os tendões, pois, sem esse auxílio, os ossos seriam demasiado secos.

De que natureza é a substância do cérebro?

Embora seja compacta, a sua essência é fluídica.

Quais são as funções do cérebro?

É o GRANDE ESCRITÓRIO de todas as direções.

De que fonte se alimenta a substância do cérebro?

De tudo o que há de bom, puro e volátil no corpo.

A alma preferi-lo-á como morada em relação a outra parte do corpo?

Não, ela atua e estende-se por todo o corpo.

De que natureza é a substância do olho?

De uma natureza mucosa.

Quem é que lhe define as cores, como o branco da córnea, o azul ou o preto da íris, etc.?

A maior ou menor espessura das diferentes camadas que o compõem.

Quais são as suas atribuições?

As de um globo transparente, através do qual o cérebro e todas as partes do corpo estão em correspondência; é um dos primeiros comandantes do corpo.

Nesse caso existem comandantes no corpo?

Cada sentido é um, mas o olho não é um sentido conduzido como os outros; pelo contrário, é ele que conduz tudo o que aprecia.

Onde é que alimenta a sua potência?

No topo da cabeça, numa pequena cavidade, alimentada por um fluido luminoso produzido pelos resíduos ou decomposições das substâncias de todo o corpo. Esse fluido luminoso é por vezes visível aos nossos olhos, através dos jatos de luz que escapam do olhar do homem em cólera ou agitado por fortes paixões do corpo e da alma. O contrário acontece quando o homem é tomado pela inquietação, pelo sofrimento e pela tristeza; os nervos motores, que no primeiro caso tensionam o olho, recolhem-se sobre si mesmos no segundo caso. Essa flexão abre passagem às lágrimas, que são, por sua vez, compostas de minúsculas gotículas impercetíveis, que escapam através de infinitos pequenos canais que formam os nervos motores do olho.

(Ravet afirma ver, com os seus próprios olhos, todo o mecanismo em movimento desta descrição, graças às imagens animadas que já mencionámos.)

O que é que torna necessária a convulsão que o vosso olho sofre para ver de uma maneira diferente da nossa?

É para ver para dentro.

Para dentro de quê ou de quem?

Do meu corpo.

O que é que vedes dentro do vosso corpo?

Tudo o que vejo no estado espiritual.

Os microrganismos que compõem a substância do olho recolhem as imagens que refletem para a alma fora do corpo ou dentro do corpo?

Recolhem-nas fora do corpo para tudo o que é material.

Onde é que se imprimem essas imagens, para que a memória possa representá-las instantaneamente ao olho do espírito quando este as procura?

No cérebro; o corpo apenas recebe a sensação.

Essas imagens parecem-vos vivas no vosso estado, de tal forma que todos os seres animados que já vimos ao longo da nossa vida podem ser vistos pelo vidente, mesmo após vinte anos de tal impressão, como no primeiro dia em que foram vistos. O que é que pode produzir esse fenómeno?

Essas imagens ganham vida no cérebro, através do seu próprio poder vivificante.

Quando o cérebro retorna à terra, como todas as partes do nosso corpo, onde se encontram essas imagens? Tendes dois cérebros: um material e outro espiritual?

Essas imagens encontram-se espiritualizadas no cérebro espiritual.

Esse poder de vivificação não é, então, uma criação humana?

Deus deu-o ao homem, por um efeito da sua grande bondade.

O homem também terá o poder de vivificar, dentro do seu cérebro, as imagens do céu, do sol, das estrelas, etc.?

Existem imagens que o homem não pode vivificar, e essas estão entre elas.

Por que razão o cego de nascença, cujo olho é aparentemente saudável, não pode ver as coisas que o rodeiam como nós, nem reter, por conseguinte, as suas imagens?

Por um obstáculo na constituição do olho o impedir de apreciar as formas.

Não tendo visto formas materiais e, portanto, não podendo guardá-las em si como nós as temos em nós, como é que esse homem compreende a sua vida terrena uma vez tendo entrado no espírito?

Ele encontra os meios para tanto no cérebro dos outros, onde vê tudo o que não pôde ver na Terra.

Acreditais que o cego de nascença sonha e vê formas como nós no seu estado de sono?

Sim.

Por que razão não fala sobre isso?

Por não ter meio de verificar e comparar; o tato é um sentido muito insuficiente para tal compreensão. A dúvida prevalece então sobre a certeza, e ele retorna ao mesmo estado que experimentamos em relação aos nossos próprios sonhos: toma-os, como nós, por devaneios da sua imaginação.

Onde é que se faz sentir a primeira impressão das coisas vistas pelo olho?

Nos nervos.

O que é que produz as sensações opostas que os homens experimentam ao ver a mesma coisa?

Os nervos.

Que forma têm os corpúsculos do olho, responsáveis por reproduzir as imagens das coisas que vemos?

A forma de pequenos cones arredondados. Este aparelho de reprodução é um conjunto de milhares de pequenos cones, dispostos de tal maneira que: o lado mais largo está voltado para o exterior e o lado mais estreito para o interior. Imaginai um conjunto de cálices de champanhe sem pé: a imagem é primeiro captada pela curvatura da córnea, essa curvatura, chamada de ponto luminoso, um ponto infinitamente pequeno, amplia essa imagem, projetando-a nesses pequenos cones de que vos falo.

Ravet não pode continuar devido ao cansaço que sentiu nesta sessão.

Obs. Gostaria de não ser mais do que um copista, tão fiel quanto possível, das revelações que me são feitas pelos Espíritos que imploro para esse fim; mas, ai de mim! Cada uma delas levanta em mim ondas de pensamentos que não posso transcrever neste papel, pois receio parecer, aos olhos do leitor, ou entusiasta ou demasiado prolixo. Contudo, não posso resistir à necessidade de chamar a sua atenção para aquelas tão curiosas sobre o mecanismo do olho. O guia de Ravet diz-nos que, na cólera ou nas agitações intensas do coração, escapam-se do olho humano jatos de luz que evidenciam toda a sua potência e que, no retorno à calma, ocorre o oposto, inundando de lágrimas esses focos inflamados da alma, diria eu.

Se desejarmos meditar um momento sobre esta revelação, não tardaremos a reconhecer toda a sua verdade. Com efeito, não observamos, na maioria dos homens, após acessos de cólera violenta, um regresso ao amor e à serenidade que os força a deplorar esses desvios do espírito, retornos que os obrigam a chorar amargamente sobre os distúrbios que possam ter causado aos outros? O criminoso não chora, muitas vezes, após o seu ato perverso? O sedutor, o tirano, o explorador não são, por vezes, os primeiros a tomar partido pelas vítimas dos seus próprios atos quando é outrem quem os comete? Quem dentre nós, no auge de uma exaltação da alma, não cai instantaneamente num estado oposto, um estado de abatimento, de relaxamento de todo o sistema nervoso, e não se surpreende tão melancólico quanto um hipocondríaco?

Essa reação não prova que o homem nasceu mais para o amor do que para o ódio? E essas lágrimas dos nervos não serão a punição mais amarga que ele pode infligir a si mesmo? Que valor têm as repressões humanas, por mais dolorosas que sejam, perante essa dor, esse aprisionamento, essa exposição ao pelourinho do espírito arrependido? Ai de mim! Esse orvalho de lágrimas, por mais límpidas e puras que pareçam, não deixam de estar salpicadas de espinhos mais agudos do que todos os da terra. Ignoro se a descrição anatómica deste órgão corresponderá às expectativas do praticante, mas sempre tem, aos meus olhos, o mérito de ser completamente nova para mim.

8 de Agosto

Continuação e Conclusão das Noções Anatómicas
Revelações sobre a Utilidade dos Sonhos, as Relações que Têm com a Moral e a Justiça que Devem Presidir aos Nossos Juízos Terrestres

Disse-me ontem que o sentido da visão era o primeiro comandante entre os outros sentidos. Os do tato, da audição, do olfato e do paladar resultarão,

segundo vós, do poder coletivo dos animálculos que os compõem, ou haverá um ser especial encarregado, como diretor ou comandante, do seu mecanismo?

É pelo efeito do poder coletivo dos corpúsculos que os compõem, e não por uma força concedida a um mais do que a outro. Assim é também para o mecanismo do olho. Cada um dos cones de que vos falei, que o compõem, capta apenas uma parte da imagem ou do objeto que vê, trazendo, pois, apenas uma parte igual da coisa vista ao todo que forma o olho; a força de um e de outro permanece igual para todos.

Podeis dar-me algumas noções sobre o coração, os seus constituintes, as suas funções e o seu poder como principal órgão do corpo humano, segundo nós?

É a grande mola que regula o movimento do sangue; é movido pelo ar que respiramos.

Terá um conhecimento mais completo do que os outros órgãos sobre as coisas que lhe provocam as emoções e ativam as pulsações?

Não, ele é apenas o recetáculo de todas as sensações materiais produzidas pelos pensamentos.

A alma prefere-o a outro órgão?

Não, é verdade que seja um dos assentos de afeto; mas reside igualmente em todo o corpo.

Podeis dar-me também algumas noções sobre as funções do baço? Não abusarei da vossa complacência, visto que já me dissestes que esses estudos pouco vos interessam. Deixaremos de lado todos os outros órgãos, pois a questão que vos coloco sobre o baço interessa-me mais do que as demais.

A função do baço é destilar o ar necessário ao corpo. Quando se incha excessivamente, é porque absorve mais ar do que destila, o que faz com que pese sobre os órgãos que o rodeiam e cause transtornos.

Distribuirá ele mais ar a uma parte do corpo do que a outra?

Sim, pois o ar do pulmão não pode ser útil onde o dele se destina. Ele distribui o ar que destila sobretudo aos órgãos viscerais inferiores.

OBSERVAÇÃO:

Adèle já tinha dado uma resposta semelhante a um médico que a questionara, um belo dia, sobre as funções do baço, mas nomeou o órgão para o qual projetava mais particularmente o ar destilado por ele. Esse órgão é o coração, que, segundo ela, precisa ser refrescado por esse meio, devido ao trabalho ativo e aquecedor que nele se opera.

(Ver a esse respeito o tomo I da Enciclopédia Magnética.)

Vendo que este tipo de estudo pouco agrada a Ravet e ao seu guia, cujos conhecimentos em anatomia podem ser limitados, termino esta sessão com as seguintes perguntas:

Ontem dissestes-nos que tomamos por devaneios da imaginação (como o faz o cego de nascença) as imagens que nos aparecem nos sonhos; poderíeis dizer-me o que são essas imagens? Serão verdadeiras criações do mundo espiritual ou visões internas de imagens vivas impressas em nós?

São verdadeiras visões do mundo espiritual.

As sensações que experimentamos e as influências a que estamos sujeitos em relação aos seres e às coisas nos nossos sonhos resultarão de uma falsa interpretação nossa ou de verdadeiras manifestações de domínio dos seres espirituais sobre nós?

Estais sujeitos a essas sensações e a esses seres, e sempre o estareis.

A desordem e a desarmonia que reinam nessas manifestações devem-se à liberdade e à vontade desses seres de agirem assim sobre nós para nos perturbar?

Eles não podem fazer o que fazem por mera vontade própria; são conduzidos por outros.

Com que propósito?

O de vos instruir através do sofrimento, pois o sofrimento ensina tanto quanto a felicidade.

De que poderá servir a uma alma virgem, sincera e boa tornar-se, nos seus sonhos, uma libertina, uma ladra ou uma assassina?

Isso serve para abrir a sua inteligência ao conhecimento dos estados pelos quais passam os homens que cometem esses crimes e essas faltas, para que seja menos exigente e feroz nos seus julgamentos e punições; para que seja mais indulgente com eles, pois não se pode combater demasiado o vosso desejo de vingança! Aquilo que amaldiçoais durante o dia, desejais absolver durante a noite, pois de dia sois juízes, e à noite sois criminosos.

OBSERVAÇÃO:

Ocorreu um facto no instante em que se ia despertar Ravet, que devo mencionar para completar esta interessante sessão. O vidente pediu que lhe fosse mostrado um baço em funcionamento (quando tratávamos dessa questão), a fim de apreciar o seu trabalho. Imediatamente, um homem apresentou-se diante dele, abriu o seu colete, a sua camisa e afastou duas das suas costelas, depois mais duas, como se fossem articuladas. Então, uma cabeça apareceu no meio da sua caixa torácica assim aberta e disse ao vidente: "PEDES DEMAIS."

Ravet, surpreendido por tal visão, para a qual não estava preparado, não soube o que pensar. Eu, mais familiarizado com tais coisas do que ele, pensei que o seu guia queria provar-nos que não podemos criar em nada as imagens de que ele se serve para a instrução do seu protegido, uma vez que jamais conceberíamos por nós próprios um quadro tão singular. Que aqueles que acreditam que todas essas manifestações são apenas fruto da imaginação do magnetizador e do vidente pensem o que quiserem.

9 de Agosto
Resumo das Noções do Guia de Ravet sobre a Anatomia Viva do Corpo Humano
Forma e Mecanismo dos Pensamentos Humanos

Das lições que tivestes a bondade de nos transmitir sobre a anatomia viva do corpo humano, podemos concluir que:

1. *O sistema nervoso é composto por animálculos fluídicos;*
2. *O sistema sanguíneo é composto por animálculos mais materiais, oriundos do alimento material absorvido pelo corpo;*
3. *O sistema linfático é composto por animálculos provenientes do sistema nervoso;*
4. *Os tendões resultam da síntese de todas as substâncias do corpo;*
5. *Os gânglios provêm do sangue e dos nervos;*
6. *As válvulas formam-se a partir das mucosidades, do sangue e dos nervos;*
7. *As vilosidades do estômago derivam dos nervos e do sangue;*
8. *Os ossos resultam de um óleo que se desprende do vapor do sangue;*
9. *A medula é o resíduo do sangue, dos tendões e dos nervos;*
10. *A substância cerebral tem uma natureza fluídica;*
11. *A substância do olho é mucosa e é alimentada por um fluido luminoso localizado no topo da cabeça;*
12. *O coração é a mola propulsora da circulação sanguínea;*
13. *O baço tem a função de destilar o ar necessário para refrescar os órgãos viscerais vizinhos.*

Deveremos concluir, a partir dessas informações, que todas as partes do corpo são igualmente compostas de animálculos vivos, pensantes, atuantes e reprodutores, seguindo uma ordem de pensamentos e necessidades próprias à sua natureza?

Eles não poderiam submeter-se às leis que os regem se não tivessem a inteligência dessas mesmas leis.

Deveremos também admitir que o germe do corpo material do homem contém, desde o início, o germe gerador de todas as partes do corpo?

Sim, esse germe encerra um par de todos os constituintes do corpo que deverá formar.

Deveremos admitir que o sistema nervoso é, pela sua natureza, o que está mais próximo da substância espiritual, enquanto os ossos são os mais próximos da substância material?

Sim, um como corpo fluídico, o outro como corpo sólido.

Deveremos concluir que o sistema nervoso é a chave, a vida e o grande reservatório de todas as atividades substanciais do corpo?

Sim, visto que ele dá mais ao corpo do que recebe.

Deveremos ter a certeza de que o sistema nervoso é o agente principal da alma para entrar em contacto com a matéria e, por conseguinte, o primeiro domínio das suas manifestações terrenas?

Sim.

Poderíeis agora dizer-nos qual é a natureza do pensamento humano no seu estado espiritual e no seu estado material, ou seja, suficientemente material para ser sentido pelos sentidos grosseiros do corpo? O pensamento será, por si próprio, um corpo?

O pensamento é ambas as coisas ao mesmo tempo. Pode parecer apenas um ponto para a observação humana; mas, mesmo nesse estado, já é material. Esse aspeto, ou esse pensamento, como quiserdes chamá-lo, pode expandir-se infinitamente, visto que contém em si uma imensa quantidade de aspetos semelhantes, cada um dos quais representa um momento ou o cumprimento de um conjunto de pensamentos diferentes, necessários à sua realização completa.

Poderíeis ilustrar melhor essa ideia?

Imaginem um panorama pintado sobre tela, representando uma paisagem qualquer, capaz de se desenrolar infinitamente e de se dobrar sobre si próprio. O pensamento não é diferente: cada semente contém em si tudo o que constitui a sua espécie. É como um estojo de ovos, desses que os físicos usam, que contém vinte ovos dentro de um só. Quando dois pensamentos se encontram e se desenvolvem simultaneamente, acabam por ficar indecisos, impedindo-se mutuamente de se expandirem tão longe ou tão

bem quanto desejariam. Essa limitação causa-nos incómodo e pode provocar distúrbios graves em nós.

Qual será a forma do pensamento, tanto no seu estado espiritual como no seu estado material?

Ele assume a forma daquilo que representa ao nosso olho espiritual.

Como é que o pensamento age sobre o nosso corpo?

Em primeiro lugar, ele age pelos olhos, para que a alma tome consciência da forma ou da imagem que representa. Em seguida, age sobre os nervos para ser sentido. Todas as outras sensações produzidas por ele só ocorrem após essas duas primeiras impulsões.

Os pensamentos habitam um órgão mais do que outro?

Sim, eles habitam a cabeça.

Isso ocorrerá antes ou depois da sua manifestação?

Antes e depois.

Os pensamentos percorrerão todo o corpo, assim como as outras circulações?

Não, eles só o fazem no momento da sua manifestação.

Quem é que os conduz?

Deus e o vosso guia... Os pensamentos são os primeiros seres ativos que põem os outros em circulação. São eles que proporcionam sensações doces ou dolorosas. São a vida e a chave de todas as ações.

11 de Agosto

Os Fluidos em Geral – Meios de Purificar o Ar Necessário à Saúde dos Doentes – Composição de uma Peça Médico-Galvânica com os Sete Metais Principais

Dissestes-me que estudais os fluidos, os quais muito nos ocupam no magnetismo, sem que possamos definir nada de concreto sobre eles. Poderíeis dar-nos algumas noções sobre esse assunto?

Sim. Existem vários tipos de fluidos, alguns superiores e outros inferiores. Os superiores são: a oração, que liga a alma a Deus; a intuição, que está contida no primeiro. o fluido da intuição vem do mundo espiritual e é o pensamento desse mundo; o fluido atmosférico do vosso globo; o fluido magnético humano, que ocupa o primeiro lugar entre todos os fluidos das produções materiais.

O fluido magnético, em relação a estes últimos, é comparável aos fluidos que a atmosfera contém em relação aos do interior do vosso globo. Os fluidos da intuição, da atmosfera e do magnetismo humano são quase inseparáveis.

Os fluidos inferiores são os dos minerais, que chamais elétricos, galvânicos, etc. Esses fluidos provêm do calor contido nesses minerais, calor que eles próprios extraem do grande foco da atmosfera.

A Acumulação do Fluido Magnético Humano

Poder-se-á acumular o fluido magnético humano num indivíduo?

Sim, pode-se acumulá-lo, saturando quem não tem o suficiente.

Poder-se-á captar diretamente a fonte desse fluido para saturar um homem, utilizando objetos que se magnetizam espontaneamente no ar? O homem poderia, sem a ajuda de um semelhante – ao qual recorre para ser saturado desse fluido – atraí-lo ou extraí-lo da sua fonte primeira, através de algo que portasse consigo e que tivesse essa virtude atrativa?

O fluido magnético humano só se torna o que é depois de absorver, nos meios por onde passa, os elementos necessários para se completar. Somente quando está mais ou menos completo pode fazer mais ou menos bem.

Aceito isso, pois é uma consequência do que nos dissestes sobre os diferentes fluidos que o compõem. É verdade que os fluidos da oração e da intuição só podem ser encontrados no homem. No entanto, aquele em quem o fluido

magnético se desenvolve e se fortalece deve, sem dúvida, absorver esse fluido diretamente da sua fonte. O doente, presume-se, não pode fazer o mesmo, pois dele está privado. Contudo, ele não deixa muitas vezes de rezar e de ser tão inspirado quanto qualquer outro; o que lhe falta é absorver a substância fluídica primordial. Por isso, pergunto-vos se não haveria um meio de substituir o magnetizador por pontos atrativos que o doente pudesse portar, facilitando-lhe a absorção e o desenvolvimento desse fluido?

O doente só pode captar esse fluido da atmosfera, mas num estado incompleto, conforme já vos disse. Se estiver em conexão com um magnetizador, poderá absorver dele esse fluido sem que este se aperceba ou o magnetize intencionalmente para esse fim; basta-lhe simplesmente portar algo que tenha sido magnetizado com essa intenção. O desejo de um ou de outro produz essa força de atração ou de emissão de que me falais.

Aqueles que desconhecem o magnetismo e os magnetizadores, ou que não desejam ser magnetizados de maneira alguma, não poderiam compensar essa deficiência com os pontos atrativos de que vos falo?

Apenas poderiam buscar purificar o ar que respiram, já que os seus órgãos não sabem ou não podem eliminar os corpúsculos nocivos às suas necessidades. Para isso, vejo apenas dois meios: a ventilação dos aposentos e um tipo de filtração para o corpo.

Purificação do Ar e Filtração do Corpo

O que entendeis por ventilação? Tratar-se-á de uma corrente de ar?

Não, pois a corrente de ar não desloca facilmente o ar que se acumula nos cantos dos aposentos – e é esse ar mais denso que rapidamente corrompe o restante. A ventilação por corrente de ar também não elimina os corpúsculos nocivos à saúde que o ar dos interiores tende a carregar. O ideal seria um sistema de ventilação que aspirasse e agitasse o ar. O ar assim batido tornar-se-ia muito mais leve e saudável.

O que entendeis por filtração?

Utilizar tecidos de seda nos aposentos e no vestuário, pois a seda é muito difícil de ser atravessada pelo ar. O ar resfria-se ao tocar nela e purifica-se ao passar pelos seus tecidos. Por isso, um lenço de seda é preferível a um de algodão, e um gorro de seda é melhor do que um de lã. Pessoas que sofrem de asma ou de qualquer outra doença pulmonar, cujos tecidos epidérmicos e pulmonares não destilam bem o ar que respiram, poderiam obter grande alívio usando uma peça de seda sobre o peito, confecionada da seguinte forma:

Composição da Peça Médico-Galvânica

1. Cortar um pedaço de seda do tamanho adequado ao tórax da pessoa que irá usá-lo.
2. Atravessar a peça, de cima para baixo, com fios muito flexíveis dos sete metais principais, dispostos a intervalos de um centímetro.
3. O primeiro fio deve ficar a três dedos de distância de uma das bordas da peça, de modo que essa parte sem metal fique sobre a borda do coração e sobre o seio esquerdo.
4. As extremidades desses fios metálicos devem ser unidas por um fio de latão, que dará um nó em cada ponta para ligá-los todos juntos, garantindo um circuito contínuo.
5. A ordem dos metais a serem utilizados será:

(Detalha-se, em continuação, os metais específicos, caso o desejem.)

Composição da Peça Médico-Galvânica

Os fios metálicos devem ser feitos de chumbo, prata, cobre, ferro, estanho, ouro e zinco. Esses fios não devem ser mais grossos do que aqueles normalmente utilizados em suspensórios ou ligas.

Quando a peça se sujar, pode ser lavada com água e sabão e uma escova.

Outros Métodos para Purificar o Ar Respirado pelos Doentes

Além da peça de seda, os doentes poderiam beneficiar-se de:

- Fumo de tabaco, que desinfeta o ar que entra nos pulmões pela boca;

- Manter pequenas pedras de rio na boca, estimulando a salivação, que também purifica o ar inspirado;
- Mastigar plantas aromáticas, pois tem efeitos benéficos sobre o sistema respiratório;
- Queimar flores de tília*, que têm propriedades calmantes.

**(N.T. Que devem ter sido secadas previamente, e que ao serem colocadas sobre brasas de carvão, irão queimar lentamente e libertar um aroma perfumado)*

Observação Final

Pedimos ao leitor que não negligencie esta sessão, pois ela contém revelações extremamente úteis para a saúde humana. À primeira leitura, talvez não se perceba toda a sua riqueza. Essas revelações trazem diversas ideias interligadas, e expô-las detalhadamente prolongaria indefinidamente este relato. Confiamos esse trabalho ao observador estudioso.

O que podemos reafirmar é que todas essas informações são totalmente novas para nós. Jamais havíamos suposto a existência dos fluidos da oração e da intuição, nem os meios de purificação do ar para a saúde dos doentes. Contudo, rapidamente aceitamos a ideia dos fluidos da oração e da intuição, pois quem nos ligaria a Deus e ao mundo espiritual, senão esse guia que conduz nossos pensamentos, alegrias e dores?

Consideramos esta revelação extremamente valiosa.

Nota do Autor: Após esta revelação, realizamos um experimento com uma hélice de duas pás, com 50 cm de comprimento, para renovar o ar dos aposentos. O efeito foi maravilhoso.

18 de Agosto

Criação da Terra – Preexistência das Almas – Os Primeiros Homens – Os seus Primeiros Guias

Dissestes-nos que deveríamos continuar os nossos estudos sobre as relações que existem entre o céu e a terra. Poderíeis nos dizer de terão origem esses laços entre ambos?

Em Deus.

O que é que foi criado primeiro: o céu ou a terra?

O céu.

O que era o céu antes da criação da terra? Do que era composto?

A imensidão achava-se preenchida com tudo o que poderia compor os globos. Eles existiam, ainda que em forma de vazio.

Quem habitava esse céu?

As almas de todos os seres, reunidas em torno de Deus.

O que faziam essas almas ao lado de Deus?

Viviam em estado de bem-aventurança, no meio da obra e da grandeza de Deus, sem compreenderem plenamente a sua felicidade nem a harmonia dessa obra.

Foi para que melhor apreciassem essa harmonia que Deus as enviou à terra. Aqui, através da privação e da comparação, elas ampliam a sua inteligência. Pois não poderiam compreender a beleza sem conhecer a fealdade, o bem sem o mal, a alegria sem as lágrimas. Por isso, a criação da terra foi necessária para essa aprendizagem.

Foram essas almas que deram origem à humanidade, ou a terra teve uma criação específica de seres para habitá-la?

Essas almas foram e continuam a ser a fonte da humanidade e de todos os globos.

Quando as almas deixam a terra, retornarão ao mesmo céu de onde vieram?

O céu é composto de estados progressivos pelos quais o homem passa. Por isso, ele não pode retroceder aos estados que já conheceu.

A Evolução da Terra e os Primeiros Habitantes

Qual terá sido a função inicial da terra dentro da obra de Deus?

A terra foi e será como as almas foram e serão: ela passa pelos mesmos estados progressivos que o homem.

No início, a terra já seria povoada por animais e continha montanhas, rios, mares, rochas, florestas e todas as formas naturais que hoje conhecemos?

Não.

O que é que havia então?

A terra produzia apenas o necessário para os seres que a habitavam naquele momento.

O homem surgiu primeiro na terra ou os animais?

Os animais.

Apareceu um único casal de homens e mulheres, ou surgiram vários ao mesmo tempo?

Vários grupos apareceram ao mesmo tempo, distribuídos pelos diferentes continentes. Isso explica a diversidade racial existente no globo.

Terão havido partes do globo que nunca foram habitadas pelos homens?

Não. Algumas raças emigraram, deixando certas regiões temporariamente desabitadas, mas cada território teve os seus habitantes.

As Primeiras Sensações e Necessidades do Homem

Qual terá sido a história das primeiras sensações desses homens, os seus primeiros sentimentos e necessidades?

O homem chegou à terra com a ideia de que ali havia nascido. Deus providenciou para que ele adquirisse o conhecimento das novas necessidades que surgiriam, de modo que não se sentisse desorientado. Deus procedeu da mesma forma com os animais.

A Continuação da Evolução Humana

E depois?

Os fluidos começaram a manifestar-se, atraindo os sexos uns aos outros. Assim, o homem foi atraído para a mulher, para que se conhecessem, se amassem e procriassem. Deus organizou os seus pensamentos para favorecer esse primeiro estado.

Então, os homens, para progredirem como o fizeram, sucederam-se em grupos que compartilhavam pensamentos de progresso?

Deus colocou todas as possibilidades de pensamento dentro do homem. Essas ideias desenvolveram-se lentamente e de forma progressiva, com a ajuda dos primeiros que retornaram ao estado espiritual. Foram esses primeiros espíritos que conduziram e ajudaram os seus irmãos na manifestação dos seus pensamentos. Foi assim que teve início a função dos guias espirituais junto aos homens terrenos. O passado instrui e auxilia o presente.

Os primeiros homens não possuíam guias?

Tinham apenas Deus como guia.

Se tinham Deus como único guia, então não poderiam pecar nem fazer o mal, como ensinam muitas religiões e filósofos?

O homem não cometeu erro algum nos tempos em que era diretamente conduzido por Deus. Ele só começou a desviar-se no desenvolvimento dos seus pensamentos quando passou a conduzir-se por si próprio, pois foi aconselhado pelos seus primeiros guias, que não sabiam muito mais do que ele próprio.

Quando Deus confiou o homem material ao homem espiritual, Ele agiu como uma mãe que permite que o filho procure andar sozinho, depois de já não precisar de ser carregado nos braços. Se a criança cai, é porque, muitas vezes, tenta correr antes de ter equilíbrio suficiente. O mesmo ocorreu com os erros dos homens: foi o abuso das suas faculdades, dos seus afetos e dos seus desejos que constituiu a soma do mal de que vos queixais. No entanto, contrastes são necessários em tudo. Tudo possui dois polos. O homem só pode desejar o bem e clamar por Deus em todas as suas dúvidas, para dele receber a luz necessária às suas decisões.

Isso é o melhor que posso dizer-vos sobre essa questão.

OBSERVAÇÃO SOBRE A CRIAÇÃO DA TERRA E A EVOLUÇÃO HUMANA

Esta revelação sobre a criação da Terra e sobre a necessidade da sua existência para a evolução das almas parecerá, à primeira vista, preencher as lacunas deixadas pelas narrativas bíblicas sobre esse tema. Aqui encontramos um argumento racional para a criação da Terra. Não é no meio da abundância e dos prazeres que se poderá realmente compreender o sofrimento e a privação. Apenas pela contraposição das dores e faltas é que se poderá perceber plenamente a beleza e o valor da felicidade.

A maioria das religiões deixa um vazio no espírito daqueles que as estudam, um vazio que frequentemente leva a acusar Deus de não ter previsto os sofrimentos do nosso estado terrestre, ou de tê-los imposto injustamente. A revelação que acabamos de receber, no entanto, mostra o contrário.

Deus quis que a inteligência que colocou em nós fosse utilizada. Para isso, despertou nossos desejos de conhecer, de imitar, de combinar e de criar. Ele permitiu que transformássemos pensamentos espirituais em realidades objetivas, percetíveis a nossos olhos e sentidos. Esse plano divino favorece nossa individualidade e a dignidade que Ele quis nos conceder. Porém, nesse trabalho incessante de criação humana, naturalmente surgem combinações errôneas e aberrações, causando espanto e sofrimento.

Dessa experiência nasce a necessidade de retornar ao estado de posse e plenitude em que vivíamos antes de encarnarmos na Terra – exatamente

como estudantes que voltam à sala de aula após um período de aprendizagem fora da escola.

Se Deus nos tivesse imposto esse estado terreno com outro objetivo que não o de aprimorar a nossa compreensão da felicidade, então Ele permitir-nos-ia viver na Terra por tempo proporcional à nossa ambição. Isso, contudo, apenas nos aumentaria ainda mais os sofrimentos. Mas não! Devemos ver-nos como seres insaciáveis e inquietos, que desejam estar, ao mesmo tempo, no início e no fim de todas as coisas. Mas, para nós, é necessário impor limites e pontos de pausa.

Alguns ainda poderiam perguntar:
"Se Deus nos deu o desejo de conhecer, por que nos impôs tantas restrições?"

A resposta é simples: desde que concedemos existência e liberdade de ação a um pensamento, esse pensamento precisa estar rodeado de coisas que possa amar ou rejeitar.

Se amasse tudo ao mesmo tempo, não haveria mais sucessão de amor, apenas estagnação.
Se ama uma coisa após a outra, é porque sua perceção lhe permite distinguir e preferir umas às outras. Aqui está a verdadeira liberdade de escolha, aquela que Deus quis dar e preservar ao homem, esse ser formado a partir de Seu pensamento.

Se tudo fosse igualmente agradável, não haveria escolha, amor, preferência nem progresso. Foi nesse estado de completa satisfação e ausência de contraste que Deus originalmente nos colocou. Porém, Ele precisou nos tirar desse estado, para nos expor a realidades diferentes, de modo que nossa liberdade pudesse exercer-se plenamente e construir um caminho progressivo e imortal.

Assim, a revelação do guia de Ravet não é, para nós, nada mais do que a confirmação das verdades que já nos haviam sido reveladas. Creio que essa explicação satisfará muitos corações inquietos sobre esse tema, assim como satisfez o meu próprio.

19 DE AGOSTO
CONSTITUIÇÃO DA MATÉRIA. RELAÇÃO DOS ANIMAIS COM A DIVINDADE; A SUA ESPIRITUALIZAÇÃO. EXISTÊNCIA DOS ANIMÁLCULOS (Bactérias) NO ORGANISMO HUMANO. LINGUAGEM UNIVERSAL

Ontem dissestes-nos que a Terra, ao entrar em vibração na obra de Deus, estava povoada de animais, visto que foram os primeiros seres que a habitaram. Será natural pensar, de acordo com a descrição que nos fizestes sobre os constituintes animálculos da matéria, que esses animálculos existiam ao mesmo tempo que ela, pois são eles que a compõem?

Sim, mas viviam isoladamente. Deus agrupou-os, ligou-os entre si através de leis para formar a matéria.

Esses seres animálculos, tendo uma alma como todos os seres, pois dizeis que tudo o que é, já existia antes de se materializar, estavam então no céu junto de Deus, vivendo beatificamente como nós?

Erravam livremente pelas imensidões e obstruíam a harmonia da luz; por isso Deus agrupou-os em globos, como já vos disse.

Sendo eles os primeiros a mudar de estado para compor a Terra, então faltar-lhes-ia apreciação, como a nós, conforme a sua inteligência?... Deus ter-lhes-á imposto este estado, tal como a nós, para tornar a sua apreciação mais verdadeira?

O seu estado era semelhante ao nosso.

A ser assim, os animálculos, assim como os animais em geral, conhecem e apreciam como nós, de acordo com a sua necessidade de conhecer?

Sim, mas estão submetidos a leis muito restritas, e as suas necessidades são as suas leis.

Se apreciam, então devem conhecer Deus?

Sem dúvida; quem não conhecerá Deus!

Se conhecem Deus, têm para com este ser de bondade marcas de gratidão, como nós?

Sim; testemunham essa gratidão à luz e ao calor, pois recebem deles sensações de felicidade, tal como nós.

Se os animais e os animálculos que povoam que compõem a Terra foram os primeiros a passar por esse estado de limitação e comparação, porque não teria o homem passado por ele antes dos animais de grande porte que, dizeis, povoavam a Terra antes de ele a habitar?

Deus quis que esta habitação do homem tivesse tudo o que era necessário para a sua conservação e companhia antes de lhe permitir tomar posse dela... Além disso, os animais ofereciam ao homem o exemplo das dependências a que ele próprio deveria estar sujeito, o que se tornava para ele uma consolação.

O que é que acontece geralmente a todas as almas dos animais depois de partirem da Terra?

As almas dos animais que o homem conhece na Terra servem para satisfazer as afeições que ele leva consigo para o mundo espiritual... As dos animálculos não podem desprender-se do estado terreno, embora o homem que gosta de os estudar possa também reencontrá-los junto de si, como os outros, conforme o seu desejo.

Quais serão, pois, os pensamentos, a existência e o futuro dos animais que o homem estimou na Terra e que, conforme dizeis, podem ainda rodeá-lo no mundo espiritual?

Nos seus estados iniciais, continuam dependentes do homem; mas há progressão para eles, assim como para o primeiro. A sua servidão acaba por desaparecer perante o amor benevolente que o homem nutre por eles, e o seu medo do homem transforma-se igualmente em afeição por ele.

Como farão, no mundo espiritual, aqueles desses animais que só podem viver à custa da absorção dos seus semelhantes para satisfazer o seu apetite? Satisfazem essas necessidades como na Terra, até à extinção dessas

necessidades. Dado que, materialmente, toda a existência dos seres só é o que é em virtude dessa absorção recíproca e que, do maior ao menor, não se pode manter essa existência senão à custa da de outros seres, como poderá tal satisfação existir no mundo espiritual, se esse mundo é uma continuação modificada do mundo material?

Essas necessidades continuam a existir, mas os seres assim absorvidos tornam-se ainda mais felizes, pois essa absorção facilita-lhes a entrada num estado superior e livra-os gradualmente das dependências ligadas ao seu primeiro estado.

O que pensa e em que é que se torna o animálculo vegetal ou mineral no corpo do homem ou dos animais, quando é absorvido por eles como alimento?

Esses animálculos desempenham o papel de comissionistas que trazem a sua carga de produtos para um qualquer mercado e cujos ombros são novamente carregados para levar os resíduos desse mercado... É todo um pequeno mundo, que se conhece, que se comunica, que se espera com impaciência e que se vê com prazer. Esse trabalho é indescritível, pois representa, nesse labor, todas as peripécias de um povo.

Que efeito terá a sensação que experimentam os animais que seguem o homem para o mundo espiritual, ao entrarem nesse mundo?

Para eles, parece um sonho, pois encontram-se aproximadamente na mesma condição. Acreditam continuar a sua existência.

Os animais, em geral, possuirão entre si uma linguagem como nós, seja universal ou conforme a sua espécie?

Possuem uma linguagem conforme a sua espécie, mas, à medida que progridem espiritualmente, convergem todos para uma linguagem universal.

Os espíritos, como vós, poderão comunicar com os animais através da linguagem universal que vos permite conversar com os espíritos de todas as regiões do globo?

Isso só é possível nos graus mais elevados, quando se atinge o estado de harmonia, de sabedoria e de amor perfeito, onde já não há mestres nem

servos, onde os animais procuram o homem em vez de o recearem, onde tudo é apenas uma troca de amor e reciprocidade, onde todas as criaturas de Deus apenas sabem amar-se e não odiar-se.

OBSERVAÇÃO:

Pensamos que a revelação que acabámos de ler, sobre a admissão dos animais no mundo espiritual, não agradará àqueles que nem sequer querem admitir os seus irmãos à mesa da igualdade na Terra, àqueles que ousam acreditar-se e dizer-se uma criação à parte e que rejeitam com desdém a aliança com este ou aquele homem, apenas porque lhes falta um pouco de nascimento, um pouco de instrução ou um pouco de ouro; porque, habituados a comandar, explorar e torturar a carne humana, tratam-na como um pastor faz com o seu rebanho, conhecendo-a apenas pelo número de cabeças que se curvam diante deles!

Deixaremos esses BENS CRIADOS, esses soberbos filhos do Eterno, sentarem-se no banquete das felicidades celestes, tendo ainda confiança suficiente neste bom e único pai de família para esperar obter lugar para nós, para o nosso cão e para o nosso gato, nesse banquete do qual, acreditamos firmemente, nenhum dos seres que saíram do mesmo lugar, do mesmo Criador e do mesmo lar de amor pode ser excluído. Seria supor parcialidade em Deus pensar o contrário, acreditar que, como nós, ele rejeita a obra já feita em favor da obra a fazer. Para nós, não pode haver DETRITOS nem LIXO na oficina desse artista inimitável; todas as peças da sua obra são úteis à sua criação; são elas que lhe dão riqueza, grandeza e que impõem a admiração.
Não rejeitamos, portanto, a revelação acima mencionada e incentivamos aqueles que aspiram apenas à sagrada união universal a seguirem o nosso exemplo: AMEMOS PARA SER AMADOS.

21 DE AGOSTO
MAGNETIZADORES E SONÂMBULOS NO MUNDO ESPIRITUAL. INTERVENÇÃO DOS ESPÍRITOS NOS NOSSOS SONHOS. CHEGADA DE UMA ALMA PARA SE ENCARANAR NA TERRA

Não tinha preparado perguntas para esta sessão, indisposto que estava devido a grandes fadigas noturnas, causadas por sonhos mais ou menos penosos que tive. Deixo, então, Ravet um pouco livre para ver os seus quadros de imagens habituais; quadros que lhe são mostrados para lhe desenvolver a visão e, ao mesmo tempo, consolidar a sua convicção sobre a bondade dos nossos estudos.

Nesta sessão, ele entra em contacto, como nas anteriores, com o nosso irmão Blesson, que entrara no espírito há apenas alguns meses. (Ver o primeiro tomo da Enciclopédia Magnética.) Ravet apenas consegue entrever Blesson, mas conversa com ele com grande facilidade. Este último magnetiza-o diariamente para ajudar a fixar melhor a sua luz.

Peço a Blesson que diga o que faz mais habitualmente no mundo espiritual. Jules Clovis Blesson responde que lê, corre e magnetiza muito, tal como fazia na Terra.

Quem podereis magnetizar nesse mundo, onde já não há sofrimento nem necessidade de sonambulismo para ver?

Pensais isso? Pois estais enganado, pois faço aqui em cima o que fazia em baixo; isto é, na Terra, adormecia os meus irmãos para lhes permitir ver os Espíritos, e agora adormeço os Espíritos para lhes permitir ver a Terra.

Eles não conseguem ver a Terra por vontade própria?

Poderiam, se quisessem.

Por que razão não querem?

Por não acreditarem ter entrado no espírito, e, portanto, precisarem de ter essa certeza; é para isso que os magnetizo.

Mas se ainda acreditam estar na Terra, então deveriam vê-la sem a vossa ajuda, não?

Vivem nas imagens da Terra que conheceram, mas não a veem como ela é agora. Permaneceram presos às suas crenças e aos seus últimos pensamentos, o que os leva a viver apenas a vida desses pensamentos.

O que é que acontece então?

Acabam por perceber que já não pertencem à Terra e que mudaram de estado.

Como sabeis que a sua visão, nesse estado de sonambulismo espiritual, não os leva a cometer erros, como acontece connosco na Terra?

Por eu próprio ver o que eles veem, estando no estado de espírito em que me encontro, e poder guiá-los melhor do que podia na Terra.

OBSERVAÇÃO:

Devo dizer que, nos estudos espirituais que me fazem realizar durante a noite, mostraram-me exatamente o que diz Blesson, ao fazer-me magnetizar, no mundo espiritual, um jovem durante uma noite, cujo sono serviu para convencer os colegas de oficina de que estavam todos no espírito. Esse jovem, em estado de sonambulismo, disse a cada um deles há quantos anos estavam nesse estado e o que se passava na Terra, tanto nas suas casas como nas suas famílias. Posso, portanto, afirmar que me deram a certeza de que essa necessidade de provas existe no mundo espiritual, para ajudar os mais incrédulos a saírem do seu estado de dúvida. Ravet não me tinha ouvido falar sobre estas coisas, e eu próprio pouco pensava nisso no momento.

Peço a Ravet que pergunte ao seu guia se os sonhos que tive na última noite eram cenas reais do mundo espiritual ou apenas desvios da minha imaginação. O seu guia responde-lhe que são estudos que me fazem realizar para esclarecer a minha inteligência sobre as questões que trato.

No entanto, a cena que vi, por mais harmónica e lógica que me tenha parecido, não se assemelha a nada ao que conheço na Terra e que pudesse ocorrer no mundo espiritual.

Essas cenas são quadros que vos são criados, como vos disse, para as necessidades da vossa inteligência. Mas, no quadro de que vos falo, o meu pai desempenhava um certo papel que me surpreendeu. O meu pai não está suficientemente avançado, desde que entrou no Espírito, para entrar nesse tipo de estudos.

~ ~ ~

O vosso pai foi acrescentado a esse quadro apenas para produzir em vós graus de sensação e avaliar como os suportais e até onde se pode ir. Quando os Espíritos fazem os homens da Terra realizarem tais estudos, emprestam às personagens que neles representam as forças e a influência de que necessitam. Essas personagens não podem recusar-se a desempenhar esse papel, que lhes é, de certa forma, imposto em vista da utilidade da ação. É assim que, nesses quadros, encontrais frequentemente associadas coisas que vos parecem as mais distantes do vosso espírito e as mais rejeitadas pelo vosso julgamento. Tudo isso tem um significado mais justo e moral do que pensais, conforme já vos disse.

Quem conduz os estudos que me fazem realizar assim?

O Espírito Swedenborg.

Ele condu-los muito lentamente, visto que me foi predito que entraria num estado semelhante ao dele, estado no qual poderia vê-lo.

São necessários anos de preparação para entrar num estado desses, a fim de não enlouquecer. A vossa grande sensibilidade impõe condições que não podem ser ignoradas. Não penseis que poderíeis conversar impunemente, à vossa vontade, com os Espíritos, sem perigo para a vossa razão e saúde. Sede paciente e confiante.

No final desta sessão, Ravet diz ver um raio luminoso dirigido do céu e a descer para a Terra. No extremo desse raio, aparece-lhe uma criança que faz

alguns esforços para evitar alcançar a Terra, onde, contra a sua vontade, se vê precipitada, como numa vasta esfera de trevas.

Quem é essa criança?

É um menino.

Que idade tem?

Cerca de três anos.

O que vem anunciar-vos?

O meu guia diz-me que é um quadro que me mostra para me levar a compreender a entrada da alma na Terra. «Não posso, diz-me ele, representar-te uma alma senão na sua verdadeira forma. A da infância e da inocência convém-lhe mais do que qualquer outra; por isso a representei sob essa forma. A hesitação que deves ter notado nessa criança foi provocada pela visão das trevas para as quais era lançada. Ao sair de uma luz tão bela e tão inapreciável para ti, para entrar nas trevas da vossa existência, sentiu um sentimento de desespero que deves ter notado na expressão do seu rosto e nos seus gestos.»

~ ~ ~

Ravet ficou tão emocionado com a visão desse quadro, bem como com a explicação que lhe foi dada, que não conseguiu continuar nesse estado. Fui obrigado a despertá-lo.

22 DE AGOSTO
AS AFEIÇÕES SÃO A ÚNICA LIGAÇÃO QUE EXISTE ENTRE OS GUIAS E OS HOMENS DA TERRA. UTILIDADE DOS PRIMEIROS PARA OS ÚLTIMOS.
O SEU PODER E A SUA DEPENDÊNCIA.
TODOS OS HOMENS DEVEM SER GUIAS DE OUTROS HOMENS TERRENOS.

A criança que viste ontem a entrar na Terra estava acompanhada pelo seu guia?

Não, pois nenhum guia tem o direito à encarnação, e o ato de vir à Terra é o próprio ato de encarnar. Foi um quadro alegórico desse ato que me foi mostrado naquela criança.

A partir de que idade se recebe os cuidados do seu guia?

Desde o berço.

O teu guia acompanhou-te desde o berço?

Não, pois sabia que era amado e bem conduzido pela minha mãe; mas, assim que precisei dele, nunca mais me deixou.

Os homens, em geral, têm um guia?

Ninguém é privado de um.

Ao longo da existência terrena, vários guias sucedem-se nas funções de nos orientar, conforme as nossas afeições, ou teremos apenas um?

Tem-se apenas um, do berço até ao túmulo.

Como é que esse guia chega até nós?

É por um efeito de simpatia.

Quem conduz essa simpatia?

A harmonia da criação.

Então não é Deus nem algumas sociedades espirituais?

Existe uma lei à qual todos os homens estão submetidos, que é a de que cada um ser, a seu tempo, guia de um irmão, conforme a necessidade de se purificar.

Quem direciona esses guias para os homens da Terra?

A simpatia, repito-vos, que eles têm por aqueles que guiam e pelas sociedades espirituais a que pertencem.

Esses guias estarão ligados ou dependentes de círculos superiores, que os cristãos e cabalistas chamam de GABRIEL, RAFAEL, EZEKIEL, MIGUEL?

Esses nomes existem mais como denominações do que como individualidades. Os Espíritos não têm nomes, mas diz-se deles: "É um GABRIEL", "É um RAFAEL", etc.

Quem cria essas denominações?

Um número incontável de sociedades espirituais.

Por que razão existem tantas sociedades nos céus?

São todas meios específicos de purificação, de estudo e de saber. As mais elevadas, não em saber, número ou reputação, mas em amor por Deus, pela Sua obra e pelos seus irmãos, são aquelas que dominam através desse mesmo sentimento de amor sobre as outras, para lhes transmitirem essa essência e ajudá-las a abandonar o apego que ainda têm a si próprias, ao seu conhecimento e à sua pretensa grandeza. Pois deveis compreender que o verdadeiro saber, no nosso estado, não está em conhecer e falar bem, mas em VER BEM e em SENTIR BEM.

Sentir e ver constituem todo o nosso ensino e o nosso poder. Vemos as coisas nos dois extremos da sua manifestação e sentimos instantaneamente o bem e o mal dessas mesmas coisas. O que faríamos entre nós e convosco se precisássemos da palavra para nos esclarecer sobre as verdades da obra de Deus, caso estivéssemos limitados à linguagem, com a sua lentidão e as suas demonstrações incompletas?

O que fazeis vós próprios, ao ensinarem durante longos períodos uma única matéria que, muitas vezes, acaba por não ser compreendida? Entre nós, quando permitido, bastaria um único raio da luz que nos ilumina e do amor que nos inflama para mudar instantaneamente o estado dos Espíritos e dos homens para um estado oposto, sem que possais compreender como isso acontece...

Vós sois, pois, para nós, verdadeiras marionetas, que fazemos avançar ou recuar à nossa vontade, respeitando sempre, porém, as vossas e as nossas

afeições. As sociedades espirituais unem-se para satisfazer essas mesmas afeições.

Pelo próprio facto da necessidade de purificação que os Espíritos experimentam, conforme acabei de explicar, quando entrares no Espírito, a minha missão para contigo estará concluída. Então, começarei outra, guiando por sua vez um espírito que me seja inferior. Também eu sou guiado por um espírito superior.

Quando regressamos aos círculos a que pertencemos, só somos admitidos com base na nossa conduta e no nosso progresso. Ocupamos então os últimos lugares dessa sociedade, até que os nossos estudos sejam completados. É um infinito em conhecimento, em progressão e em amor. *Não penseis, homens da Terra, que essa purificação seja obra de um instante; é obra do tempo.*

Dissestes-nos que estais encarregados da orientação dos homens desde a infância mais tenra; no entanto, muitos clarividentes afirmam ter como guias pais ou amigos do espírito há pouco tempo, em comparação com a idade desses clarividentes. Como poderá ser isso, se, conforme dizeis, não se muda de guia?

Esses pais ou amigos não são guias, mas sim seres que se juntam ao guia devido à afeição que sentem pelas pessoas de quem falais. Continuam, no estado espiritual, a desempenhar para essas pessoas o mesmo papel que desempenhavam na Terra; mas podeis ter a certeza de que o homem não muda de guia.

Quando uma alma, até então honesta, se torna criminosa, o que fará o seu guia nesse período, e por que razão não a impede de mudar dessa forma?

O guia terá feito todos os esforços para evitar essa mudança de conduta, mas não terá sido ouvido, nem sequer procurado. Todas as suas tentativas foram ignoradas, e foi permitida a entrada de espíritos de desordem dentro desse homem, que o terão votado à perdição e agora o conduzem. O guia já não pode fazer nada. Ele aguarda por alguma ocasião de arrependimento, de comoção ou de desencanto para tentar, uma vez mais, fazer-se ouvir e oferecer os seus conselhos. Mas não penseis que a sua tarefa seja fácil! Há aí

uma vontade que ele precisa respeitar, além de grupos de espíritos de desordem que ele nem sempre consegue vencer, apesar do poder que lhe é concedido.

O guia do homem vê as suas ações e os seus sofrimentos com uma mistura de compaixão e respeito pela sua liberdade. Ele sabe que o homem tem o direito de errar, pois o erro faz parte do seu aprendizado e da sua purificação. No entanto, sofre ao vê-lo cair, principalmente quando poderia ter evitado essas quedas se tivesse escutado os avisos e inspirações que lhe foram enviados. O guia não sente indignação nem raiva, pois, no mundo espiritual, não há julgamento, apenas compreensão das leis que regem o destino e a evolução de cada ser. Mas há momentos em que sente tristeza, não por si próprio, mas pelo homem que escolhe caminhos de sofrimento quando poderia escolher a luz.

Quando vê o homem a debater-se com as suas próprias fraquezas e buscar melhorar-se, sente alegria e esperança, pois cada progresso, por mais pequeno que seja, é uma vitória sobre as trevas da ignorância. E quando o homem cai, o guia espera pacientemente, pois sabe que o tempo e a experiência acabarão por trazê-lo de volta ao caminho da verdade e do amor.

Então o guia nunca abandona o homem, mesmo quando este se entrega totalmente ao mal?

Nunca. O homem pode afastar-se do seu guia, mas o guia nunca se afasta dele. Mesmo nas situações mais desesperadas, o guia espera, procurando uma brecha, um momento de dúvida, um instante de arrependimento, para tentar trazer o homem de volta ao caminho do bem.

Mas se o homem fecha completamente o seu coração e se rodeia de Espíritos perturbadores, o guia fica impotente, pois não pode violar a lei do livre-arbítrio. Ele pode apenas aguardar, sempre pronto a intervir assim que o homem abrir uma mínima porta para a luz.

Julgai por vós próprios. Se estivésseis assim materialmente ligados a grupos de homens com paixões vis que não vos deixassem um só instante, e se um amigo quisesse libertar-vos das suas garras, mas vós recusásseis ou não

pedísseis ajuda a esse amigo, compreendeis bem que esse amigo não poderia fazer aquilo que vós próprios não quereríeis fazer. Eis a posição em que nos encontramos em relação aos homens da Terra: podemos tudo por eles quando o querem, e nada podemos quando não o querem.

Haverá então também maus guias junto dos homens da Terra?

Só há uma espécie de guias dignos desse nome; os outros são Espíritos ainda vinculados aos vícios da Terra, que se insinuam no homem para o arrastar com eles nas suas inclinações. São esses que se chamam MAUS GÉNIOS, génios do mal, génios infernais. Esses nomes representam simplesmente grupos de espíritos que preferem o tumulto à harmonia... Têm a sua utilidade, mesmo que se amaldiçoem as suas ações; apenas, se a ordem requer o desordem para ser compreendida, não exige esta ou aquela manifestação específica de ações. Não podeis compreender estas coisas.

Que pensará o guia do homem ao ver as suas ações e os seus sofrimentos?

Ele pensa o que vós pensaríeis também se estivésseis sentado no alto de uma escada íngreme, vendo subir com dificuldade um irmão carregado para além das suas forças. Diríeis a vós mesmos: «Lembro-me do esforço que também tive que empreender para subir esta escada com uma carga semelhante! Sei como o cansaço me tomou no terceiro degrau, o esgotamento no sexto, o desespero no nono, a angústia no décimo segundo, e, finalmente, como fui feliz ao alcançar o último!» Eis o que sofre este pobre irmão; mas também eis o que o aguarda. A recompensa está muito acima da dor que foi preciso suportar para a conquistar.

Dessa forma, não vejo que a felicidade nos aguarde imediatamente após deixarmos o nosso estado terrestre.

Ela aguarda-os, tal como o repouso aguarda o homem no topo da escada que subiu com tanta dificuldade.

Compreendo; mas se, depois desta escada, há ainda todas aquelas de que nos falais, escadas que ligam, degrau a degrau, todos os Espíritos entre si, a

fadiga será longa!... É verdade que já não sofrerei por mim próprio; mas, se tiver grande amor por aqueles de quem serei guia, e os vir, tal como me vejo a mim próprio, tão carregados de grilhões de toda a espécie, será natural admitir que sofrerei com a sua dor, não?

Apenas fareis pelos outros o que já foi feito por vós; mas não penseis que essa dor obscureça ou paralise a vossa existência. Ela é apenas um jogo de pensamentos, uma sensação bastante semelhante à de um bom pai de família que vê o seu filho chorar e lamentar-se pelo mais pequeno motivo. Esse pai consola e fortalece a criança com algumas palavras afetuosas ou com algumas carícias. Ele ri mais frequentemente do que se comove com as dores imaginárias do filho. Não acontece o mesmo nos casos mais graves, onde o seu interesse se torna mais intenso e, frequentemente, uma lágrima de simpatia junta-se às da criança. As lágrimas que o guia derrama pelos vossos sofrimentos produzem na sua alma o efeito de um calor suave, no qual ele se banha, experimentando uma sensação de melancolia triste. O guia está mais frequentemente seguro do vosso destino do que vós próprios, pois sabe que a causa da vossa dor vos trará um resultado mais satisfatório do que ousais esperar.

Dessa forma, os guias dos homens da Terra estão todos ligados a alguma sociedade cujos estudos contribuem para o saber universal?

Sim, é por isso que vedes manifestar-se na Terra ordens de estudo semelhantes, influenciadas e conduzidas por essas sociedades. Assim é como o homem passa do estado de ignorância e cegueira ao estado de conhecimento e luz; como progride nas ciências e em tudo o que se relaciona com a satisfação das suas necessidades.

Haverá então também maus guias junto dos homens da Terra?

Só há uma espécie de guias dignos desse nome; os outros são Espíritos ainda vinculados aos vícios da Terra, que se insinuam no homem para o arrastar com eles nas suas inclinações. São esses que se chamam MAUS GÉNIOS, génios do mal, génios infernais. Esses nomes representam simplesmente grupos de espíritos que preferem o tumulto à harmonia... Têm a sua utilidade, mesmo que se amaldiçoem as suas ações; apenas, se a ordem requer o desordem para ser compreendida, não exige esta

ou aquela manifestação específica de ações. Não podeis compreender estas coisas.

Que pensará o guia do homem ao ver as suas ações e os seus sofrimentos?

Pensa o mesmo que vós pensaríeis se estivésseis sentados no alto de uma escadaria íngreme, a ver subir com dificuldade um irmão sobrecarregado além das suas forças. Diríeis para vós próprios: "Lembro-me do quanto me custou subir também esta escada com semelhante carga! Sei como o cansaço me abateu no terceiro degrau, o esgotamento no sexto, o desespero no nono, a angústia no décimo segundo, e por fim a alegria imensa que senti ao transpor o último!" Eis o que sofre esse pobre irmão; mas eis também o que o espera. A recompensa está muito acima da dor que causou para a alcançar.

Assim sendo, não vejo que a felicidade nos espere logo à saída do nosso estado terrestre.

Ela espera-vos como o repouso espera aquele homem no topo da escada que sobe com tanto custo.

Compreendo; mas se depois dessa escada existirem todas aquelas outras de que nos falais, escadas que unem, degrau a degrau, todos os Espíritos entre si, a fadiga será longa!... É certo que já não sofrerei por mim próprio; mas, se tiver muito amor por aqueles de quem for guia, e os vir como me vejo a mim — tão carregados de correntes de toda a espécie — será natural supor que venha a sofrer com a sua dor.

Apenas fareis pelos outros o que já fizeram por vós; mas não penseis que essa dor obscureça ou paralise a vossa existência. Ela é apenas o efeito de um jogo de pensamentos, uma sensação algo semelhante à que sente um bom pai de família ao ver o seu filho chorar e lamentar-se por uma insignificância. Esse pai consola e fortalece o filho com algumas palavras de afeto ou com umas carícias. Sorri mais vezes do que se comove com as dores imaginárias do filho. Não é assim nos casos mais graves: aí, o seu interesse torna-se mais vivo, e por vezes uma lágrima de simpatia junta-se às do filho. As lágrimas que o guia verte

sobre os vossos sofrimentos produzem na sua alma o efeito de um calor suave no qual ela se banha, sentindo uma sensação de melancolia serena. O guia está mais frequentemente tranquilo quanto ao vosso destino do que vós próprios, pois sabe que o motivo da vossa dor vos trará um resultado mais satisfatório do que ousais esperar.

Assim, os guias dos homens da Terra estão todos ligados a alguma sociedade cujos estudos contribuam para o saber universal?

Sim, é por isso que vedes manifestar-se na Terra ordens de estudo semelhantes, influenciadas e conduzidas por essas sociedades. Eis como o homem passa do estado de ignorância e cegueira ao estado de saber e luz; como progride nas ciências e em tudo o que diz respeito à satisfação das suas necessidades.

O guia do meu magnetizador é igualmente um Gabriel?

Ravet não sabe como me traduzir a resposta do seu guia; acaba por me dizer que não tenho um guia especial como ele, pois sou aquilo a que os Espíritos chamam um "preparador"; que ajo em nome de uma sociedade; e que, por conseguinte, é toda essa sociedade que me conduz e inspira... Muitas coisas consoladoras me são reveladas e confirmadas por esse guia; omito-as, tendo achado por bem mencionar apenas o nome de "preparador", nome que me surpreendeu tanto quanto se revelou perfeitamente aplicável aos estudos espirituais que promovo no nosso século.

OBSERVAÇÃO:

As respostas de Ravet, ou, para ser mais exato, as respostas do seu guia, foram muito claras e abundantes nesta sessão, como acabamos de ver. O Sr. Lecocq, relojoeiro da marinha, de quem já falei várias vezes nos meus escritos, assistiu a esta noite como às anteriores; este bom amigo manifestou, assim mesmo, toda a sua gratidão a Ravet... Este vidente continua a recordar-se ao despertar; mas, como é um ser completamente diferente, num estado totalmente distinto, já não pensa mais nisso algumas horas depois.

Isso é bom para ele, pois quando acorda ainda sob a impressão do que viu e ouviu, detesta a nossa existência e parece tomado por um grande desânimo, ao pensar que tem de voltar ao seu banco de trabalho e continuar a suportar aquilo que tão bem aconselha os outros a suportar com coragem. Regozijo-me com a elevação da lucidez do seu guia, que, em cada ocasião, não deixa de tocar, com grande habilidade, nas questões do livre e do não livre arbítrio, da escravidão dos seres e da sua liberdade, da utilidade de um e da necessidade do outro.

É um pensador muito elevado, em relação à nossa maneira de julgar as coisas. Este género agrada-me tanto mais quanto respeita a liberdade de estudar, que sempre me atraiu. Sinto que não poderia ser dependente de um sistema de pensamento que remetesse tudo para a mesma questão ou que apagasse a luz no momento em que os meus olhos precisam de a admirar.

Dizer-me que não se pode responder às minhas perguntas, aceito; mas dizer-me que não devo fazê-las, não aceito. É muito verdade que o guia de Ravet me demonstrou hoje que o homem ávido de conhecimento sofre as consequências dessa ânsia, colhendo antecipadamente tanto o bem como o mal dessas pesquisas; mas eu tinha uma resposta para lhe dar: se sou um preparador, como dizeis, preciso de materiais novos.

Os alicerces que faço devem ser verificados sob todos os ângulos, para assegurar a solidez do monumento. Finalmente, em última instância, sou a máquina que é movida, como dizeis, por forças superiores desconhecidas dos homens. Devo acrescentar que os argumentos do guia de Ravet parecem-nos dirigidos, para que não nos apressemos a julgar as ações humanas com demasiada leviandade, visto que não podemos avaliar nem a sua utilidade nem a sua inutilidade; tais são continuamente os seus conselhos.

A partir do conjunto das revelações desta sessão, devemos concluir que os guias dos homens da Terra apenas exercem a função de conselheiros; que nada podem sobre as ações humanas, que pertencem ao domínio da liberdade do homem; e que ainda menos podem paralisá-las, quando aqueles a quem aconselham espiritualmente ou são surdos à sua voz, ou se obstinam em não querer receber esses conselhos. Este facto não nos parece

mais surpreendente do que o que observamos entre nós, seja na família ou em qualquer círculo íntimo ou alargado de amigos.

Não é tudo o que uma mãe benevolente diz à sua filha sobre o futuro que esta última antevê para si própria, caso se una ao homem da sua paixão e não ao da sua felicidade, que pode desviar esse capricho momentâneo dos sentidos e não a necessidade racional do coração.

Não é tudo o que um pai previdente diz ao seu filho sobre a sua conduta desregrada, bem como sobre as consequências desastrosas que dela advirão, caso não siga um caminho melhor, que impedirá esse jovem irrefletido de rir interiormente dos receios justificados do seu pai e de jogar o seu futuro ao acaso, quando poderia, se não dirigi-lo inteiramente, ao menos modificá-lo com certeza, alterando os pontos de partida das suas paixões.

Não é tudo o que amigos sensatos e prudentes podem dizer sobre uma questão comercial, política ou científica que convencerá o entusiasta que apenas vê o objetivo dos seus sonhos, colocado, segundo o seu juízo erróneo, no fim do seu empreendimento, de que o que o espera é uma completa desilusão.

Não, há no homem um abuso da pouca liberdade que deve possuir para ser ele próprio e responsável por algo diante da obra divina; o homem reporta demasiado tudo a si mesmo, quer demasiado ser o centro e o motor das ações dos seus irmãos, em vez de ser movido pelo movimento geral que se comunica a todos, de todos.

23 DE AGOSTO
A MULHER NÃO DESEMPENHA A FUNÇÃO DE GUIA
EXCETO COMO COMPLEMENTO DO HOMEM DO QUAL ELA PROVÉM
RELAÇÃO DESTES DOIS SERES COM O MUNDO ESPIRITUAL
EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS APÓS A SUA ENTRADA NO ESPÍRITO
OS ANIMAIS NÃO TÊM GUIAS
A TERRA TEM APENAS GUIAS E NÃO TEM UMA ALMA PRÓPRIA
QUADROS ALEGÓRICOS VISTOS POR RAVET

Esqueci-me de vos perguntar ontem se, nesta única espécie de guias encarregados da supervisão dos homens da Terra, a mulher desempenhava esse papel em pé de igualdade com o homem-Espírito?

O homem é quem assume tudo nessa missão; a mulher apenas nela participa através das sensações que partilha com o homem-Espírito.

Pergunto-vos se a mulher que entrou no Espírito é chamada a guiar as suas irmãs, assim como o homem no espírito é chamado a guiar os seus irmãos?

Não, a mulher não é chamada a essa função.

No entanto, muitos videntes afirmam ser guiados por mulheres.

Esses videntes não fazem mais do que receber conselhos dessas mulheres, que, como amigas, mães ou irmãs, nutrem uma afeição terna por eles. Nenhum ser é privado desse privilégio no mundo espiritual; mas ficai certos de que o homem e a mulher terrenos só têm o homem-Espírito por guia.

Porque é que a mulher é privada dessa nobre missão?

Por não ter nem a força nem os meios para tal.

No entanto, a mulher é um ser igual ao homem e, segundo o nosso julgamento terreno, tem direito às mesmas atribuições.

A mulher é igual ao homem, mas saiu dele, pois no princípio só existia ele... Deus achou por bem encerrar dois corpos semelhantes num só. A mulher saiu do homem da mesma forma que nele volta a entrar. No estado espiritual, ela é o seu complemento; é a metade de todo o seu ser, de todas as suas afeições e de todos os seus amores. Compreendeis, pois, que onde está o homem, também se encontra a mulher, o que faz com que os guias sejam, ao mesmo tempo, dos dois sexos.

A mulher não passa, pois, por essa dolorosa purificação das suas faltas terrestres, como o homem o faz ao conduzir os seus irmãos por um caminho melhor do que aquele que ele próprio seguiu?

A mulher experimenta as mesmas sensações, pois é a metade do homem, e nenhuma das alegrias, tal como nenhuma das dores deste último, pode deixar de a afetar.

Se as mulheres nos completam assim em todas as coisas, então não deverão ter reuniões entre si, nem separar-se de nós à sua vontade por afeições particulares?

Enganais-vos. As mulheres podem, nesse aspeto, tudo o que nós podemos; a única diferença é que as distâncias que nos separam permitem que as nossas emoções sejam sentidas por ambos ao mesmo tempo, tal como todas as sensações de um único corpo são experimentadas por todas as suas partes.

Poderá acontecer que uma mulher, tendo sido criminosa na Terra, seja o complemento de um homem que foi virtuoso?

Pode.

Mas para uma alma doce, afetuosa, pura e honesta, deve ser doloroso receber em si uma metade tão manchada pelos vícios mais condenáveis e pelos costumes mais desonestos, não?

Como poderia esse homem ser completo e compreender verdadeiramente o que é o bem e o mal, se, na sua vida terrena, só tivesse conhecido um deles? O que se faria dos homens mais ou menos carregados de faltas, se completássemos a virtude apenas com a virtude e o vício apenas com o vício? Onde estaria a purificação, a progressão e o amor pelo bem? Quem só conhece o bem não pode apreciar o seu verdadeiro valor. Não penseis que o homem ou a mulher que reencontram a sua metade, mais ou menos manchada de vícios, a acusam como fariam na Terra.

Antes pelo contrário, aos olhos um do outro, ela aparece como um doente em convalescença ou um culpado a cumprir a sua punição. Se pudésseis interromper esse sofrimento, como dar saúde a esse convalescente, apressar-vos-íeis a fazê-lo. Assim acontece entre as almas mais ou menos maculadas, segundo o vosso julgamento; as suas chamadas faltas apenas dobram o amor que sentem uma pela outra. Não vos apresseis a julgar

aquilo que não podeis compreender, e sabei que as almas se completam mutuamente, tanto pelo corpo como pelo entendimento do bem e do mal.

Dissestes-me ainda que todos os seres que habitaram a Terra devem um dia tornar-se guias. Que auxílio pode dar ao homem terreno um guia que morreu em tenra idade e que, portanto, não teve a oportunidade de compreender a vida terrena?

As crianças que tiverem entrado no Espírito antes da idade da razão não são chamadas a essa função, como deveis compreender; só se é chamado a tal função de acordo com o tempo vivido na Terra e a experiência adquirida dessa existência.

O que acontece então às crianças que morrem em tenra idade?

São educadas e instruídas nos costumes terrenos e nos conhecimentos espirituais. O saber que adquirem sobre todas os sofrimentos terrenos faz com que se sintam felizes por não a terem habitado por mais tempo e leva-as a suportar com mais amor os estudos que lhes são impostos.

Se crescem e se tornam homens, deixam então de ser crianças para aqueles que as amam?

Aqueles que amam crianças não as deixam de encontrar nos lugares onde elas estão. Existe um céu para as crianças, assim como existe um para os homens. Muitas delas permanecem nesse estado de infância e inocência, que os Espíritos apreciam com prazer. Apenas aquelas que deixaram a Terra quando já começavam a raciocinar se tornam homens. Se o estado de infância faltasse aos Espíritos, estes não poderiam conhecer o bem que emana da inocência e que lhes produz sensações tão doces ao coração. Sabei que cada estado de ser, de sociedade, de lugar ou de céu, complementa outro estado. Todos são necessários uns aos outros. A ausência de um deles perturbaria a harmonia de todos. Seria como suprimir uma letra de uma palavra, tornando-a incompreensível.

Os animais também terão guias, segundo a sua espécie?

Não, como a sua vida é uniforme nas suas ações e não estão sujeitos ao progresso como o homem, não precisam de ser guiados nesse sentido.

No entanto, os animais por vezes parecem saber e fazer coisas que normalmente não fazem, como encontrar o caminho de regresso quando transportados para longe. As formigas preveem, as abelhas sentem a perda dos tratadores que cuidam delas; não gostam de ouvir blasfémias, e possuem leis que o homem não deveria desprezar.

O regresso dos animais ao seu lar envolve uma ação magnética do homem que não podeis compreender. Os animais veem e sentem através da linguagem universal que um dia os ligará ao homem. O que procuram e de que necessitam atrai-os rapidamente ao seu destino. No que diz respeito às formigas e abelhas, a sua forma de vida, de previsão, de agrupamento e de organização são exemplos dados ao homem para estimular nele o amor pela harmonia. Toda a natureza é um livro aberto diante dos seus olhos, mas ele, demasiadas vezes, mantém-nos fechados.

A Terra, como os outros globos, tem uma alma própria, tal como a alma do homem?

Não, os globos são apenas agregados de corpúsculos que vagueavam livres no espaço antes de serem agregados dessa forma.

Esses globos são conduzidos por guias especiais?

São.

Cada globo tem um ou vários guias?

Cada globo tem vários guias.

Onde estão esses guias?

Fora desses globos, assim como nós estamos fora de vós. Comunicamos com o centro de cada globo através de um efeito de radiação, que forma um foco nesse centro, e é desse foco que emanam todas as forças responsáveis pelas produções desses globos.

Quem concede esses poderes aos guias?

Eles estão sob a influência de guias superiores. Esta é ainda a escada cujo cimo toca Deus.

OBSERVAÇÃO:

O guia de Ravet, antes de encerrar esta sessão, fez-lhe ver os três quadros alegóricos seguintes, correspondendo à ordem das questões que tratámos.

O primeiro representa uma fonte que derrama uma água muito pura. O guia diz-lhe: «Para subir até à nascente desta fonte, deve-se seguir o curso da água que a alimenta. O mesmo se passa com os mistérios da criação: é necessário remontar até Deus.»

No segundo, é-lhe apresentada uma luneta através da qual Ravet acredita ver a grandes distâncias, mas apenas consegue ver os objetos que o rodeiam. Pergunta para que serve essa luneta, ao que o seu guia lhe responde: «Para admirar o que está perto de vós, antes de estender o vosso olhar mais longe. Estudai o centro, o ponto de cada coisa, antes de estudardes a sua circunferência alargada.»

O terceiro representa um rico proprietário passeando num jardim magnífico, repleto de todas as riquezas da vegetação; mas esse proprietário é cego. Ravet pergunta: que utilidade têm tais maravilhas para um homem que não as pode ver? O seu guia responde-lhe: «Elas servem para o mesmo que servem aquelas que vos rodeiam. Se não souberdes apreciá-las, sereis o mais pobre dos homens no meio das maiores riquezas.»

OBSERVAÇÃO:

Vários dos nossos amigos estiveram presentes nesta sessão e ficaram tão surpreendidos quanto convencidos com essas estranhas alegorias e com o seu profundo significado.

Muitas revelações bastante interessantes foram-nos feitas nesta sessão:

1º. A de que a mulher só participa pela metade na missão dos guias em relação aos homens da Terra parece-nos estar de acordo com o que já nos

foi revelado anteriormente sobre a unidade de dois corpos num só. Compreendemos como essa unidade nos parece possível e cremos tê-la suficientemente demonstrado nas nossas observações anteriores. Se na química os sais de cada substância permanecem sempre os mesmos após a separação da mistura em que foram combinados em certas composições, então devemos admitir que a individualidade não se perde nem na coletividade, nem na fusão.

Se, na física, duas chamas de velas podem tornar-se um único foco sem deixarem de ser cada uma o que são, então a individualidade não se perde na união. Se, na metafísica, a alma pode errar livremente no domínio da sua pretensa imaginação, como afirmam os sábios, então o conteúdo pode conter, por sua vez, o continente, sem que haja perda de nenhum dos dois. Se, no espiritualismo, o êxtase pode fazer alguém viver, sentir, julgar e apreciar no domínio dos seus pensamentos, e se esses pensamentos estão nele, então isso prova ainda que essa fusão em nada altera a individualidade de cada um. Assim, a mulher pode estar no homem, tal como o homem está na mulher durante a gravidez.

É verdade que nos poderão objetar que esse estado é puramente material e apresenta uma facilidade de compreensão maior do que a revelação que nos foi feita. Mas responderemos: o homem que se encontra em germe na mulher, para nela revestir um corpo material, tem em si mesmo outros homens e outras mulheres que um dia será chamado a depositar noutro lugar. Não queremos estender-nos mais sobre esta questão, pois pensamos que o leitor já não necessita das nossas comparações.

2º. Admitir que as almas manchadas por crimes, segundo nós, devem ser unidas sem distinção ao seu complemento, que pode ter sido extremamente virtuoso na Terra, parecerá uma ideia refutável. Mas, se refletirmos sobre o que devemos entender por virtude e nos perguntarmos se esse estado pode existir livre de tudo o que o corrompe, inevitavelmente concluiremos que esse estado é desconhecido pela humanidade em geral.

O crime nem sempre está no golpe de punhal, no roubo, na prostituição ou na vingança de qualquer tipo. Quantos homens pretensamente virtuosos

não exclamam, ao ouvir falar de um ato que lhes repugna: «Se fizessem tal coisa a mim, vingar-me-ia de tal maneira!»?

É verdade que da intenção à execução há toda a distância do crime, segundo a lei humana; mas, segundo nós, o crime está inteiramente na intenção de o cometer. Ignoramos as forças que impedem ou que ordenam a sua perpetração. Existem forças, apetites, delírios dos sentidos que não estão sob a vontade da alma.

Relegar o mal para um lugar qualquer para toda a eternidade é condená-lo; e condená-lo significa condenar os meios de apreciação que nos são oferecidos, conforme a própria lei da nossa materialização, para que possamos desejar a posse do bem que não soubemos reconhecer no nosso estado primitivo. Condenar é conhecer o ponto de partida e o objetivo proposto. Quem pode vangloriar-se de conhecer essas forças poderosas que movem todas as ações humanas nas trevas da existência em que estamos mergulhados?

Quantos homens condenam o roubo conhecido, enquanto roubam às escondidas? Quantos condenam o assassinato, enquanto preparam as suas armas de guerra? Quantos condenam a sedução, enquanto compõem versos cheios de mentiras sedutoras? Quantos condenam a tirania, enquanto oprimem os seus próprios empregados e, na política, impõem aos seus adversários os grilhões que detestam para si mesmos? Quantos, com o coração cheio de religião, pregam a paz e a fraternidade, enquanto invocam a ira de Deus sobre aqueles que não fazem como eles?

Oh, o crime nem sempre está no cadafalso ou na imundície da sociedade; encontra-se também aos pés dos altares e nos corações mais puros em aparência. Portanto, não rejeitemos a revelação do guia de Ravet sobre este assunto; pelo contrário, estudemo-la.

3º. A revelação sobre a ausência de guias para os animais confirma-se pela estagnação, digamos assim, do seu saber e dos seus costumes.

4º. A questão dos guias da Terra merece um estudo mais aprofundado e voltaremos a falar sobre ela.

5º. As visões alegóricas apresentadas a Ravet devem lembrar-nos de amar um pouco mais a Terra. De facto, geralmente olhamos para esta magnífica obra com demasiado desprezo. O nosso conhecimento sobre esta imensa criação está ao nível do nosso orgulho e da nossa falta de coragem.

Basta uma corrente de ar infiltrar-se numa cárie dentária para nos fazer detestar, não esse ar, nem esse dente, mas sim toda a natureza e o seu Criador, levando-nos a exclamar, num acesso de desdém digno do rei da Terra: «Queria estar morto! O que esperar deste vale de lágrimas senão tédio e sofrimento?»

Se Deus fosse tão bom como dizem, sofreríamos? Os elementos estariam em fúria? A guerra, o ódio e a dor estariam presentes em todos os corações?

E centenas de acusações deste tipo provam que essa bela inteligência humana, da qual o homem tanto se orgulha quando recebe alguma admiração dos seus irmãos, não sabe sequer cuidar dos seus dentes, evitar correntes de ar ou, mais importante ainda, recolher do chão a planta que a mão previdente daquele que ele acusa ali colocou para o curar.

Sou pessoalmente muito culpado neste sentido, pois já amaldiçoei demasiadas vezes, e ainda me acontece amaldiçoar aquilo que é a base dos meus futuros céus.

É então que me exclamo: «Sim, meu Deus, sou indigno de ser chamado vosso filho e de habitar no seio de criações que a minha preguiçosa e indiferente observação jamais saberá apreciar, e ainda menos agradecer-vos.»

Uno-me ao guia de Ravet para esperar e pronunciar julgamento sobre as faltas dos meus irmãos; pois eu próprio necessito de uma grande soma de indulgência, e recomendo sobretudo aos meus irmãos que estudem com mais amor e dedicação as produções tanto da Terra como do espírito humano, pois nelas há muito mais RIQUEZA e HARMONIA do que supomos.

Se o homem tem o poder, através do seu estado colérico, de gerar tais influências malignas, deve ter igualmente o poder, no seu estado de paz, de

criar o contrário e, consequentemente, afastar de si e da sua morada esses germes de destruição.

R. Sim, o homem pode fazê-lo; mas aqui trata-se, mais uma vez, do combate dos números. Por isso, quanto menos ele estender esse poder para além de si, mais o possuirá dentro de si mesmo, e é aí que ele precisa de estar para vencer. Tudo o que se expande perde força ao ser distribuído da sua origem para a periferia, dividindo-se e enfraquecendo-se.

24 de Agosto

PODER QUE OS GUIAS SOBRE A TERRA, SOBRE AS ESTAÇÕES — A VIDA DAS SUAS PRODUÇÕES — O QUE SE DEVE ENTENDER POR ORDEM — DE ONDE PROVÊM OS VENTOS — PODER DO HOMEM SOBRE OS ELEMENTOS — O QUE SÃO OS ELEMENTOS?

Dissestes-nos ontem que a Terra está sob a influência de guias, conduzidos para esse fim por sociedades superiores que remontam até Deus. Esses guias são numerosos? Têm atribuições diferentes? Colocam os reinos onde bem entendem?

Esses guias são muitos em número. Têm funções diferentes, embora todos concorram para a mesma lei que os rege, contra a qual nada podem. A colocação dos reinos é, muitas vezes, fruto da ação pouco refletida ou voluntária do homem. Imaginai, nesses guias, o funcionamento de um governo com os seus ministros e toda a hierarquia envolvente, cada um com as suas atribuições, a manifestar apenas no momento certo o que lhes é ordenado.

Não compreendo bem essa influência, falta-me um quadro claro que me ajude a entendê-la.

Já vos disse que esses guias se encontram fora da Terra e agem sobre ela por um ato de vontade, tal como nós agimos sobre vós. Este poder tem momentos de impulso que criam as estações e as diferentes fases necessárias aos movimentos da Terra; porém, a vontade de todos esses guias forma uma só, perfeitamente harmónica. Aí está a *Lei Divina*, que tudo coordenou, mas que, ainda assim, deixa aos homens uma parte da execução.

Essa *Vontade*, composta da vontade de todos os guias da Terra, contém em si o poder de movimento necessário a todas as produções do vosso globo. É projetada para o centro da Terra e purifica a sua esfera, rearmonizando e fazendo convergir para o centro tudo o que está em estado gasoso ou em decomposição na sua periferia — aquilo a que chamamos mudança de estado. Assim, todas as suas emanações condensam-se em água e regressam a ela, tal como dela saíram. Reentram desagregadas, como o fazem os corpos sólidos, para depois se reagruparem em novos corpos sólidos. Esta água infiltra-se pelos poros da Terra, vem refrescar, vivificar e manter o trabalho de agregação de todas as suas produções internas, e estas devolvem à superfície o que foi incubado no seu seio.

Pelo efeito da irradiação da vontade dos seus guias, a Terra reabsorve tudo o que continuamente emite na sua esfera, pois essa irradiação exerce pressão até ao seu centro. Mas ocorre um duplo efeito dessa pressão, do centro para a parte da periferia não pressionada: o que o centro preparou emerge pelo lado oposto à pressão. Como a Terra gira constantemente sobre si própria, cada parte não pressionada torna-se, por oposição, a zona de saída daquilo que entra por outro lado. Assim, ela produz constantemente — e produz em dobro nas estações, quando chegam esses momentos de impulso de que falei.

Nessa irradiação das vontades dos guias da Terra, haverá uma separação perfeita dos fluidos necessários à vibração de cada produção da Terra?

Não há senão efeitos de movimento, pois cada corpúsculo, como cada semente, contém em si tudo o que é necessário à sua vibração.

Como se operará esse milagre da vegetação em que a violeta, por exemplo, plantada no lugar do cravo, não produz as mesmas folhas, flores ou cores? Existem tantos fios fluídicos quanto formas, tonalidades e aromas de flores? Ou seja, os corpúsculos que constituíram a folha da violeta não constituem sempre apenas esse tipo de folha?

Não. As folhas, a madeira e a vegetação em geral são apenas o "traje" do germe. Os germes de todas as coisas não podem ser diferentes daquilo que são; mas aquilo que constitui o seu "traje" é extraído de um reservatório geral, que é continuamente alimentado pela decomposição de todas essas

coisas. Essa decomposição ocorre e mantém-se à superfície da Terra; ela penetra, por assim dizer, na crosta terrestre para voltar a vestir os germes que o homem deposita no seu seio. É um reservatório de corpúsculos criados para esse efeito, tal como o reservatório da luz está presente por toda a parte.

Existem produções vegetais que não têm sementes e que, pelo contrário, se reproduzem por estacas?

É nessas estacas que reside o germe de vida e a força de ação de todo esse vegetal.

Os guias da Terra são homens especiais que, quando a habitavam, estudavam as suas leis e produções como o fazem os químicos, os mineralogistas, os físicos, etc.?

Não, pois esses saberes adquirem-se rapidamente no mundo espiritual, e aqueles que não tinham essas inclinações na Terra adquirem-nas com facilidade nos estados que se lhe seguem. Esses guias são um conjunto das almas mais purificadas, mais estudiosas e mais cheias de amor, ordem e harmonia. Necessitam de tempo para conhecer a ordem da criação e para serem chamados a executar as suas fases.

Vós pensais conhecer a ordem na vossa Terra; mas, infelizmente, estais longe do que nós conhecemos. Onde encontrais a ordem no seguinte exemplo? Dois homens amam a mesma mulher, mas apenas um a possui; ele vive nas felicidades que constituem a ordem para vós, pois foi o preferido, e a vossa lei, baseada no consentimento mútuo, valida essa união como sendo ordeira. Contudo, essa ordem não gerou também uma enorme desordem no coração daquele que foi recusado? Se essa mulher deixar de amar o preferido e o abandonar, a ordem instala-se no coração daquele que antes sofria, e a desordem passa para o outro. Vede, pois, que com tais materiais morais, não podeis conceber a verdadeira ordem que reina entre nós.

Por que razão isso acontece? Por estardes no seio de todas as coisas sem duração. A ordem estabelecida hoje pelos vossos melhores legisladores cai amanhã com eles no túmulo, para ser substituída por uma nova ordem, de outra natureza, que os seus sucessores desejarão implantar. Assim, quando

entrais no estado espiritual — por mais sábios que tenhais sido na Terra — acreditais saber tudo e ser capazes de resolver tudo. Mas não é assim; antes pelo contrário, continuais presos às vossas ideias por um tempo indefinido, se não quiserdes desprender-vos delas. Quando regressais à humildade, deixais de ter o mesmo julgamento, e, consequentemente, as coisas apresentam-se de forma completamente diferente daquilo que pensáveis. É apenas depois de séculos passados que começais a conhecer a ordem do Céu. Ah! Os homens da Terra parecem-vos então crianças pequenas, que precisam de muita indulgência. As suas queixas e insultos já não chegam ao vosso coração, pois já não conheceis nem o orgulho nem a ofensa; estais imersos na ordem que é regida pelo amor mais terno, e orais para que a venda que lhes cobre os olhos caia o quanto antes.

Será o efeito do raio da vontade dos guias da Terra que está na origem dos ventos?

Não. Os ventos são gerados pelas macerações internas da Terra, macerações que transformam em gás os corpúsculos infiltrados onde não deveriam estar — o que faz com que saiam da Terra com maior ou menor intensidade. Os ventos não pertencem ao domínio dos guias da Terra.

Os homens da Terra têm algum poder sobre os elementos, tal como afirmavam os cabalistas e como alguns livros cristãos indicam, colocando o Cristo como exemplo principal?

Sim, o homem pode comandar o fogo, o ar e a água; mas não tem qualquer poder sobre a terra. O homem possui essa faculdade porque, entre esses elementos, ele é o ser mais avançado e mais poderoso. Ele detém uma ação magnética que nem vós conseguis avaliar; mas essa ação está em conformidade com a sabedoria com que a utiliza, assim como com a harmonia entre essa sabedoria, a natureza e as necessidades humanas. Quanto mais puro for o homem nos seus atos, maior será o seu poder.

Os cabalistas também afirmavam que os elementos eram criação de espíritos com forma humana, mas que não possuíam a imortalidade do homem terreno, ou que só a alcançavam ao se unirem a ele?

Aí há um erro: os elementos são apenas espíritos corpusculares, como vos disse; mas podem ser habitados por homens na condição de espíritos, se assim o desejarem! Não, os elementos não são constituídos por tais espíritos mortais; não há um único corpúsculo na criação que não seja imortal.

Se assim é, conforme dizeis, entendo que para o homem existam eternidades de conhecimento; um infinito de estudos se abre ao seu espírito, assim como um infinito de ocupações se oferece ao seu corpo?

Quando o homem chegar ao conhecimento desse infinito, ainda assim terá diante de si estudos infinitos sobre tudo aquilo que não pode descer até vós no estado em que vos encontrais.

Observação: Diante de uma sessão como esta, é mais louvável meditar sobre as novidades que ela apresenta do que tentar, de imediato, tecer observações sobre elas. De resto, ainda não se disse tudo; estamos perante um Espírito que tem resposta para tudo, e é mais sensato interrogá-lo do que tentar explicá-lo.

2 DE SETEMBRO

CAUSAS DAS EPIDEMIAS, DAS FOMES E DAS REVOLUÇÕES
PODER DOS ESPÍRITOS E DOS HOMENS SOBRE ESTES FENÓMENOS
MEIOS DE PURIFICAÇÃO PARA AS HABITAÇÕES HUMANAS

Podeis dizer-me qual é a causa primeira das epidemias e das fomes?

A cólera dos homens.

O homem teria o poder de satisfazer o seu ódio através desse tipo de criação, como afirmaram os cabalistas, ou deveríamos atribuir esses flagelos aos Espíritos malignos que vagueiam ao redor da Terra?

Devem-se a ambos.

Que relação terá a cólera dos homens com esses flagelos?

A cólera dos homens está sempre saturada de desejos de destruição e vingança. São essas emanações corpusculares que escapam de todo o seu ser nesse estado de cólera, e que os Espíritos recolhem para utilizá-las quando necessário; pois sem esse suporte material, eles não poderiam influenciar a matéria.

Até certo ponto, posso compreender que, após revoluções como as de 1830, 1848 e até mesmo os conflitos de guerra de 1854, os homens, profundamente irritados uns contra os outros, tenham espalhado uma influência agitada e maligna ao seu redor. Essa influência, duplamente perturbada ou corrompida pelos Espíritos maléficos, poderia ter ocasionado as epidemias, as fomes e as inundações que ocorreram nesses períodos. Mas existem regiões onde a fome e as doenças epidémicas são quase crónicas. No entanto, esses países não são tão conturbados como o nosso continente.

Vós acreditais nisso! Mas sabei que o homem é o mesmo em todos os lugares: mais ou menos violento, mais ou menos ambicioso e repleto de ódio. Nos povos onde essas coisas não se manifestam através de explosões, elas estão num estado permanente. A causa é a mesma.

O que dizeis é incompatível com a harmonia terrestre e com a suposta liberdade de cada ser; pois essas doenças atingem indistintamente bons e maus, pais de família e crianças, e os Espíritos que espalham essas calamidades podem não estar mais seguros de não atingirem os seus próprios do que de atingirem os seus inimigos presumidos.

E é precisamente isso que causa o seu desespero. Se não fosse assim, destruiriam povos inteiros, fariam desaparecer exércitos como por encantamento. Mas, nesses distúrbios, são combatidos pelos guias, que

procuram proteger aqueles que lhes são confiados. Esses guias podem proteger especificamente aqueles que lhes foram confiados?

A sua influência é projetada de forma geral no ar; ela está presente em camadas e correntes, o que significa que onde esse ar passa e permanece, há mais perturbação do que em outros lugares. Os Espíritos da sua sociedade, que eles colocam ao lado dos homens da Terra que possuem as mesmas afinidades, tentam desviar esse ar pestilento da esfera do seu protegido, mas nem sempre conseguem, tal como nós nem sempre conseguimos convosco.

É verdade que as epidemias atingem os homens de forma indistinta; mas as fomes geralmente afetam apenas as classes pobres. E não é exatamente nessa classe que se encontram frequentemente os inimigos desses Espíritos; logo, eles não podem atingir o seu objetivo.

Achais que os ricos e poderosos não têm também as suas próprias fomes? Um decreto, uma mudança de governo, uma revolução, uma inovação nas artes, ou empresas gigantescas que absorvem outras não serão, por acaso, formas de transtorno, ruína e morte? Não obter aquilo que se deseja, ou não poder manter aquilo que se possui, não serão igualmente fomes semelhantes às do pobre? Acreditem que todas essas coisas são compensadas, e que nem sempre aquele que grita mais alto é o que mais sofre.

E que é que fazem os Espíritos da harmonia, que guiam a Terra, durante esse tempo? Como é que a boa influência que deles emana, que dizeis trazer ao centro da Terra todas as forças e poderes produtivos, não consegue impedir esses flagelos?

Isso ocorre porque essas calamidades resultam da parcela de liberdade que foi concedida ao homem, como já vos disse. Nenhum guia pode restringir essa liberdade. Os guias da Terra não cessam de projetar a sua boa influência sobre ela, mas essa influência é interrompida ou neutralizada pela vontade humana, que a recusa, tal como recusaríeis o amor de uma mulher pela qual não sentis afeição. O estado de cólera e vingança do homem interfere no estado de calma e fraternidade... Acreditai que, se a influência dos guias da Terra não prevalecesse, a humanidade já teria sido destruída.

Deus não previu essas calamidades?

Antes pelo contrário, Deus previu-as e concedeu aos guias da Terra o poder da conservação. Deus prevê, tal como podeis prever o tumulto e a desordem que ocorrerão numa escola cheia de jovens em recreio. Mas Deus, ao contrário de um professor, teme as consequências desastrosas desses distúrbios, pois já previu o pior resultado possível, que é a morte, e fez dela um meio de libertação – uma porta de saída para aqueles que são perseguidos pelos seus semelhantes. Deus, tal como o professor do exemplo, impõe a paz quando o barulho se torna excessivo, e tudo volta à ordem. Mas, acima de tudo, acreditai que nenhum mal vem de Deus nem dos guias da Terra.

Então, não admitis que um homem possa, sozinho, através do seu estado de paz e sabedoria, proteger uma casa ou uma cidade inteira, como os cabalistas asseguram poder fazer?

Isso só pode ocorrer pela força dos números, volto a repetir-vos; os cabalistas são ajudados por outros que os auxiliam a alcançar essa vitória.

Pensais, no entanto, que o homem pode proteger-se dessas epidemias recorrendo aos reinos animal, mineral ou vegetal?

Sim, existem formas de proteção.

Quais são?

Estão nos óleos de aromas intensos e nas águas aromatizadas por substâncias resinosas, como o alcatrão. Deve-se beber um copo de água de alcatrão pela manhã, e depois friccionar a cabeça, a parte inferior do nariz, o contorno dos lábios, o pescoço, a região do estômago, a coluna vertebral, as partes genitais (sobretudo), os joelhos e os tornozelos com óleo de cânfora ou óleo aromatizado por plantas nas quais não se encontrem insetos. O óleo de tomilho é muito eficaz.

Esses óleos deixam nos poros da pele corpúsculos aromáticos que neutralizam os elementos pestilenciais absorvidos pelo homem durante as epidemias através da pele e da respiração.

Deve-se ainda ventilar os aposentos e queimar plantas aromáticas que promovam a calma e que tragam prazer através do seu aroma.

Existirão aromas bons e maus para os Espíritos?

Todos os aromas são igualmente bons; apenas o estado emocional no qual são absorvidos os faz parecer bons ou maus. É por isso que o aroma que hoje procurais pode ser o mesmo que amanhã evitareis. Oponde sempre o que vos parece bom ao que vos parece mau, a calma ao tumulto, e, acima de tudo, a confiança ao desespero.

OBSERVAÇÃO:

As revelações do guia de Ravet, relativas às epidemias, fomes, inundações, etc., em nada se assemelham às que recentemente fizeram vários bispos de França, ao afirmarem que tais calamidades nos são enviadas por Deus para nos obrigar a ir à missa ao domingo, em vez de trabalharmos para suprir as nossas necessidades.

Parece-nos muito mais respeitável e lógico para o homem admitir as revelações do guia de Ravet do que aceitar as desses bispos.

Se estes últimos nos dissessem que tais calamidades são o resultado de um compromisso entre os ambiciosos da Terra e os seus grupos espirituais, seriam mais verdadeiros e, ao mesmo tempo, mais religiosos.

Fazer com que tais flagelos tenham origem no coração de Deus, com um objetivo tão mundano, é rebaixar o amor desse grande Ser, ao ponto de o fazer castigar impiedosamente aqueles que não o adoram em tempo e hora determinados.

Isso significa, sem dúvida, ordenar a adulação, que é a essência do orgulho, pois, se não houvesse aduladores, haveria menos orgulhosos.

O Deus que sentimos e adoramos não se assemelha em nada ao Deus desses bispos.

Temos a certeza absoluta de que Ele não possui, nos seus vastos domínios, agentes de perturbação da ordem como os que foram mencionados.

E temos ainda mais certeza de que Ele nunca exigiu qualquer adoração, muito menos adulação, do tipo daquelas prestadas no Capitólio romano.

Que os nossos irmãos se tranquilizem, que estudem sem receio as revelações apresentadas e, através da luz com que elas esclarecem essas questões obscuras, julguem se a proposta dos bispos não seria mais aceitável se fosse dirigida aos servos em vez de ao Mestre!

Se me permito supor toda a caridade possível aos católicos, também me permitirei supor-lhes toda a ambição de domínio possível, e, como eles próprios dizem:

"Os fins justificam os meios."

6 DE SETEMBRO

NATUREZA, PODER E IMPOTÊNCIA DA MAGIA

Dissestes-me, na última sessão, que as epidemias são geradas pela cólera dos homens, e que nessa cólera existe algo de nocivo, que os Espíritos sabem utilizar em certas circunstâncias. No entanto, se a cólera do homem pode causar tal desordem entre os seus irmãos, deveríamos ter provas disso nas maldições lançadas de homem para homem, de família para família, e de povos contra os seus reis. Podereis explicar-me, por favor, a falta de resultado dessas maldições?

Esses fenómenos são muito raros. Eles dependem menos do fluido humano e mais do estado de espírito de quem os emite; mas existem.

Na magia, admite-se que os feiticeiros têm o poder de lançar maldições, de travar a virilidade do homem, de matar pessoas e animais à vontade, e até mesmo de fazer surgir instantaneamente roedores ou pragas. Será isso possível? Deriva de um arcano ou de uma lei?

Sim, isso existe, e deriva de um arcano, que é precisamente a lei que rege esses fenómenos.

Porque é que se afirma na magia que um homem pode matar outro à distância apenas pela força da sua vontade, da mesma forma que conseguimos influenciar os nossos videntes por um simples ato de vontade? Se isso é verdade, porque ocorrem esses casos tão raramente, a ponto de podermos até recusá-los?

Não se deve recusar esses factos, pois eles podem existir e existem. Estão simplesmente sujeitos ao arcano que os rege.

Existirão outros meios além do fluido magnético ou da vontade para produzir esses fenómenos? Invocam-se Espíritos que possuam esse poder? Quem são esses Espíritos? Têm horários específicos em que reinam ou nos quais devem ser evocados?

O homem terrestre não poderia operar esses fenómenos sem o auxílio dos Espíritos. São estes últimos que os realizam; mas com menos sucesso do que imaginais.

As mulheres serão tão poderosas quanto os homens nesse domínio, ou ainda mais?

Cada um tem o seu poder; a mulher pode, nesse aspeto, tanto quanto o homem.

Como é que se reconhece um homem ou uma mulher que possuem essas faculdades?

Pelo olhar, que por vezes parece inflamado. Esse olhar pode esvaziar instantaneamente a energia de quem o recebe, ao ponto de o fazer fraquejar e tombar sob o peso do próprio corpo.

Dizeis-me que esses fenómenos são o resultado de um arcano. Esse arcano será generalizável? Virá escrito nos livros de magia? Pode ser ensinado com certeza?

Sim, está escrito. Pode ser compreendido e ensinado; mas não aplicado com certeza, pois nada na criação está sujeito a mais entraves. Vós próprios deveis sentir que, se assim não fosse, o homem não poderia viver em paz.

Já vos perguntei se existem Espíritos especialmente encarregados desse tipo de manifestação, e se há horários específicos nos quais se devem evocar, como afirmam os livros de magia.

Não existe nenhum Espírito especialmente encarregado dessas manifestações, pois elas pertencem ao domínio da liberdade do homem. Existem apenas Espíritos que têm essa inclinação, e que serão os primeiros, a qualquer hora, a suscitar esse tipo de vingança ou a responder ao vosso chamado para realizá-la.

Se evocardes um Espírito pelo seu nome para esse fim, ele poderá não vir até vós caso já tenha passado para um estado de purificação, pois então já não poderá agir da mesma maneira. O mesmo acontece entre dois assassinos (por exemplo) que tenham cometido um crime juntos, sendo que um deles já se encontra no mundo espiritual e o outro ainda na Terra.

Se aquele que está no mundo espiritual tiver conservado a afeição pelo crime, e, sobretudo, se tiver alguma dívida com aquele que ainda está na Terra ou nutrir grande afeto por ele, então esse Espírito estará tão pronto a pagar essa dívida quanto a satisfazer esse afeto, auxiliando o seu antigo cúmplice. Mas, se tiver passado para um estado de purificação, não poderá mais responder a esse chamado.

No entanto, vê-se certos pastores agir com certeza nesse tipo de prática.

Estais enganado. Quase só se pode agir com certeza para fazer o bem; de trinta desejos desse tipo, vinte e nove serão atendidos, enquanto, no mal, apenas um poderá ter sucesso, e mesmo assim, esse sucesso depende mais do estado de espírito da vítima do que imaginais.

No entanto, alguns arcanos de invocação de Espíritos parecem infalíveis, não?

Se fossem, volto a repetir-vos, o homem já não existiria na Terra. Cada um matar-se-ia secretamente para obter algumas moedas, uma posição ou uma

posse. O facto existe, mas é extremamente raro. Onde ele é mais constante, é em certas famílias que, de geração em geração, guardam a reputação de possuir tal arcano. Essas pessoas recomendam-se aos seus antepassados, que, por orgulho da sua antiga reputação, estão sempre prontos a protegê-los. Mas, mesmo nesses casos, existem forças contrárias que lhes neutralizam os desejos, pois, se assim não fosse, um único homem poderia destruir todos aqueles que duvidassem do seu poder ou que não o adulassem.

Poder-se-á, pois, segundo vós, evocar um Espírito que se conheceu diretamente na Terra, ou que se conhece pela reputação, para obter os seus conselhos ou o seu auxílio no bem ou no mal que se pretende realizar?

Pode; mas, volto a repetir-vos, somente se esse Espírito ainda estiver ligado às mesmas afeições que possuía na Terra, porquanto se ele já tiver avançado um círculo a mais na sua purificação, não poderá mais fazer nada por vós.

Assim, para vós, a magia negra pode resumir-se na simples ideia de se dirigir mentalmente a um Espírito na condição do espírito, que se conheceu em vida na Terra, ou através da história, por ter possuído uma afeição ou um poder semelhante ao que desejamos obter, sem necessidade de qualquer fórmula?

Sim.

Também resumis que o homem material não pode realizar tais atos pelas suas próprias forças, e que, mesmo sem invocar um Espírito específico, ainda assim ele é servido por Espíritos que lhe sugerem e facilitam a realização dos seus desejos?

Sim.

Também concluís que certas mulheres, cujas emanações impuras durante a menstruação, ou mesmo após esse estado, não causam mais perturbação do que outras mulheres que sejam mais saudáveis no corpo?

Sim.

Não vos compreendo, pois sempre acreditei no contrário.

A maldade e a concretização da ação não dependem diretamente dos fluidos emitidos pelos homens nessas ocasiões; dependem do estado do seu espírito, da eclosão de um certo tipo de pensamento. Esses pensamentos podem nascer tanto num corpo saudável quanto num corpo doente. É O PODER DO PENSAMENTO que, conduzido pela vontade do homem, forma todo o arcano, toda a lei e toda a força de ação nesse domínio!

OBSERVAÇÃO:

Esta sessão responde perfeitamente a tudo o que eu pressenti e escrevi na Magia Magnética; por si só, é um verdadeiro livro de magia para aquele que souber lê-la e compreendê-la. Essa cornucópia repleta de livros que se proclamam ser A CHAVE SEM IGUAL, A CHAVE MÁGICA, A REVIFICAÇÃO DA MAGIA, e que tantos autores se apressaram a publicar seguindo o nosso exemplo, não contém uma única palavra que não esteja já no que acaba de nos revelar o guia de Ravet. Este simples pequeno capítulo passará despercebido neste livro, tal como tantos outros que já escrevemos.

O livro não se venderá mais caro por isso, o seu autor não será menos louco, nem o seu nome mais respeitado; mas esperamos que cada estudante dedicado possa dizer:

"*Ainda que esta verdade não nos seja anunciada ao som de trombetas, nós a temos em nossas mãos. E ela, por si só, vale mais do que os milhares de volumes que tratam deste assunto sem nada dizer.*"

Ela não ocupará desnecessariamente as prateleiras da nossa biblioteca, não aquecerá o nosso cérebro com o fogo do orgulho, nem consumirá o nosso espírito com o enxofre da inveja. Aqui está ela: simples, pura e intocada, como todas as verdades de qualquer outra natureza. Que Deus seja louvado, e que o diabo enfureça, se assim desejar!

Eu não estava de acordo com a última resposta do guia de Ravet, mas, depois de refletir bastante, compreendi que, se as coisas fossem como eu pensava, então não haveria velha coquete que não tentasse murchar os traços das jovens que inveja, como os seus próprios traços já se murcharam. Não haveria leprosos, bociosos, escrofulosos, que não tentassem transferir as

suas doenças para os seus irmãos mais belos, mas menos benevolentes para com eles.

Isso seria como uma transfusão de feridas, de dores, de putrefação, diria eu, e, sobretudo, de pensamentos repulsivos que não teriam qualquer limite. É muito mais sábio aceitar o que diz o guia de Ravet sobre este assunto do que aquilo que eu próprio pensava.

Eu aceito, com este guia, que todas as perturbações mágicas devem ser apenas um efeito do distúrbio das próprias ideias, e nada mais. E aceito ainda mais que apenas esses pensamentos são os verdadeiros motores dos distúrbios físicos desse género. Aquele que, pelo pensamento, estabelece um foco de doença num determinado órgão, cria nesse local uma raiz que cresce e domina, tal como todas as outras criações da matéria.

Temos uma prova evidente desta afirmação nos desejos das mulheres grávidas: desejos puramente morais que, no entanto, geram criações completamente materiais. *(Ver o tomo 3 dos Arcanos.)*

Temos ainda outra prova nos doentes, pois cada um deles intensifica ou alivia o seu próprio mal apenas pela atenção que lhe dá e pela forma como o médico diagnostica a doença. O transtorno mental do paciente não é, para mim, menos temível do que os distúrbios causados por venenos administrados secretamente. *(Reler a nossa Magia Magnética.)* Agora, vamos passar a um estudo não menos interessante.

8 DE SETEMBRO

FILOSOFIA HERMÉTICA – REVELAÇÕES SOBRE CRISTO E O SEU AFASTAMENTO DO MUNDO

Tivestes oportunidade de estudar aquilo que chamamos na Terra de ciência hermética? Podereis responder-me a algumas perguntas sobre este assunto?

Estudei um pouco de todas as ciências; mas estudei muito pouco a ciência hermética. Responder-vos-ei de acordo com o conhecimento que adquiri sobre ela.

Hermes Trismegisto foi o primeiro a conhecer esta ciência?

Não. Ela já era conhecida antes dele pelos sacerdotes Indianos.

Era conhecida pelos primeiros homens que habitaram a Terra?

Não, mas era pressentida por eles. Quando entraram no espírito, passaram a conhecê-la e ensinaram-na por revelação aos homens da Terra.

Foi, então, por revelação que ela foi ensinada a Hermes?

Foi.

Foi igualmente revelada ao rei Salomão, que, segundo se diz, possuía esse conhecimento?

Foi.

Os sábios da Antiguidade, como Platão na Grécia e Cristo no Egito, não eram adeptos dessa ciência?

Platão estudava-a, mas Cristo foi o seu propagador; ele estudou-a na Índia, onde era praticada em segredo, e depois revelou-a aos homens.

Foi por isso que ele foi perseguido e crucificado?

Cristo foi perseguido e sofreu muito, como todos os inovadores e sábios; mas ELE NÃO FOI CRUCIFICADO. Antes pelo contrário, ele morreu quase ignorado. Deixou escritos, que foram apropriados pelos poderosos do seu tempo, e transmitiram-vos apenas aquilo que quiseram. A ficção da cruz é uma alegoria que ensina, àqueles que estudam essa ciência, que o martírio os espera caso a divulguem.

Tendes certeza do que me dizeis sobre o fim de Cristo?

Tenho, absoluta certeza. Toda a história de Cristo não passa de uma alegoria com um significado oculto para vós.

As sociedades chamadas cabalistas, templários, rosa-cruzes, maçons, etc., não foram fundadas com o objetivo de buscar o arcano ou os arcanos dessa

ciência, que se diz ter sido estudada pelos maiores filósofos conhecidos até hoje?

Foram.

As cerimónias religiosas dos pagãos, assim como as dos cristãos, não contêm alegorias ligadas ao trabalho e à totalidade dessa ciência?

Sim. Mas a maioria dos sacerdotes desconhece o seu verdadeiro significado.

Essa ciência consistirá, conforme afirmam os seus adeptos, na transmutação dos metais impuros em ouro e na transmutação dos corpos em corpos gloriosos?

Ela transmuta os metais em ouro; mas há muito a relativizar quanto aos corpos gloriosos.

Os adeptos afirmam que aquele que possui a pedra filosofal, ao tomar essa medicina dos metais e do corpo humano, acaba por se libertar completamente dos laços da matéria e das doenças a ela associadas.

Dizem ainda que, através do corpo purificado, essa pessoa pode tornar-se visível ou invisível à vontade, estar em todos os lugares onde desejar, conhecer tudo o que lhe interessa, e, finalmente, governar ocultamente os homens da Terra. Afirmam que apenas doze deles, chamados Sábios, podem alcançar esse conhecimento e esse poder. Quando um deles se espiritualiza, só então outro é admitido no seu lugar.

Dizem ainda que podem viver mil anos ou mais, e que, a partir do dia em que tomam essa medicina, mesmo que sejam muito velhos e frágeis, tornam-se, pouco a pouco, vigorosos e jovens novamente. Isso será verdadeiro?

Eles afirmam demasiadas coisas. Essa medicina não reduz o número de anos que possuem, nem lhes concede mais tempo para viver entre vós. Ela mantém o corpo num estado perfeito de saúde e até interrompe os sinais exteriores do envelhecimento; mas, se deixassem de tomá-la, os efeitos da velhice seriam muito mais rápidos. Ou seja, eles degenerariam mais depressa do que os outros homens. Essa medicina tem ainda o poder de espiritualizar

o corpo, ao ponto de a morte, para aqueles que a utilizam, não ser mais do que uma transição imperceptível de um estado para outro.

Os filósofos não se transportam a distância para serem vistos pelos seus senão pelo efeito da sua vontade e do seu pensamento: esse ato é inteiramente magnético, mas eles possuem mais força nesse domínio do que os outros homens. Pode-se dizer que eles possuem a força magnética na sua mais elevada expressão. Eles sabem muitas coisas, pois essa medicina coloca-os num estado semelhante ao sonambulismo, onde os efeitos são vistos ao mesmo tempo que as causas. O número deles não é limitado; pelo contrário, essa ciência será um dia disseminada por toda a Terra.

Esse chamado corpo glorioso não seria aquele em que Cristo apareceu aos seus discípulos?

Sim; mas Cristo havia colocado os discípulos no estado necessário para o verem assim. Ele estava oculto naquela ocasião.

O arcano para descobrir a matéria-prima dessa medicina é ensinado de homem para homem ou por inspiração?

É ensinado pela inspiração do mundo espiritual.

Será uma lei do mundo espiritual que essa ciência seja tão procurada, ou é apenas fruto da ambição dos homens?

É o produto da ambição dos homens.

Esses homens formam uma sociedade à parte no mundo espiritual?

Formam.

Essa sociedade é mais elevada e mais invejada do que as outras?

Ela é mais iluminada e mais invejada apenas para os homens da Terra; mas, para nós, ela atrai-nos muito pouco.

Existirão diversas matérias-primas para a produção dessa medicina?

Eu só conheço uma; mas volto a repetir-vos, no mundo espiritual pouco me ocupei com essa ciência. Sei apenas aquilo que todos os Espíritos como eu sabem sobre ela.

OBSERVAÇÃO:

Desejei abordar brevemente esta importante questão, tal como se pode ler *(tomo 1 dos Arcanos)*, onde já a tratei anteriormente com o Espírito Swedenborg.

Aos meus olhos, ela é o eixo e a alma da antiga magia.

As nossas bibliotecas contêm mais de dois mil volumes sobre a ciência hermética.

Penso, um dia, adicionar mais um volume a essa coleção, tão novo quanto todos os que já publiquei até agora, abordando todas as questões que a ela se relacionam.

Não é neste livro, dedicado apenas a dar aos homens um vislumbre do que podem esperar ao estabelecerem os tipos de relações com os Espíritos que ensino, que posso aprofundar cada uma das questões tratadas, como seria necessário para torná-las o mais compreensíveis possível.

Anunciei que pretendia publicar um dia um livro intitulado "História de uma Gula de Água, ou MAGIA CELESTE".

Só poderei cumprir essa promessa se estiver convencido, à partida, assim como estou no que se refere às aparições, de que o que tenho a dizer sobre a questão hermética pode ser verificado por qualquer um, tal como ensinei a fazer em necromancia.

Para tal, preciso apenas de inspiração e de inteligências capazes de estudar com perseverança para compreender essas questões elevadas.

No que diz respeito à revelação feita pelo guia de Ravet sobre a pessoa de Cristo, não foi a primeira desse tipo que me foi transmitida.

O próprio Cristo apareceu muito antes a outra médium vidente e disse-lhe que não tinha sido crucificado, como se alega, e que deixou escritos que seriam conhecidos um dia.

Desconfiei dessa revelação, pois essa médium vidente, na época, havia estado durante o dia na casa de um capitão de navio, que um dia afirmara, diante dela, que tinha transportado a bordo, vindo da Índia, um homem que, através de pesquisas, havia encontrado vestígios da verdadeira história de Cristo, e que possuía documentos importantes que a comprovavam.

Mas esse estudioso desapareceu, ou foi preso, e nunca mais se ouviu falar dele.

Essa confidência do capitão de navio, chamado Choppart, então residente em Passy, no ano de 1840, parecia ainda mais verdadeira, pois o próprio capitão não lhe dava grande importância.

Agora, ouvindo Ravet afirmar-me, segundo a palavra do seu guia, uma revelação semelhante, e constatando que todos os Espíritos que se manifestaram desde a publicação dos Arcanos—seja a médiuns videntes sob a condução de magnetizadores desconhecidos por nós, seja nas manifestações espirituais da América, por meio de médiuns—todos afirmam que Cristo não era Deus, mas apenas um renovador religioso, como mencionamos neste livro,

decidimos suspender o nosso julgamento sobre esta questão até obtermos mais informações.

Deixamos para mais tarde a sua análise mais aprofundada para os nossos leitores.

Por agora, passaremos a outro estudo.

8 DE OUTUBRO
DE ONDE PROVÊM O FRIO E O CALOR
ASTRONOMIA, POSIÇÃO DO SOL, MOVIMENTO DA TERRA, CAUSA DAS DIFERENÇAS BRUSCAS DE TEMPERATURA

Já que estudastes a natureza dos fluidos que constituem o globo e a vida da Terra, podeis dizer-me de quem ou de quê provém o frio?

Ele provém da reabsorção da vegetação pela Terra.

O que entendeis por reabsorção da vegetação?

Que a Terra recolhe para o seu centro as emanações que havia enviado para uma parte do círculo que forma a sua circunferência.

De que natureza são essas emanações?

São quentes.

O que é que faz com que a Terra as emane mais num tempo do que noutro, por exemplo, mais no verão do que no inverno?

A força de atração do Sol.

Então, o calor não vem do Sol?

Não, ele vem da Terra.

Como pode o Sol, no verão, quando, segundo se diz, está mais distante da Terra do que no inverno, possuir uma força de atração maior? E como é que o calor é o resultado dessa força de atração?

O Sol não está mais longe da Terra num momento do que noutro; é a Terra que assume diferentes posições em relação a ele.

Diz-se que a Terra descreve uma elipse em torno do Sol, o que, segundo cálculos astronómicos, a afastaria e a aproximaria desse astro.

A Terra não descreve uma elipse, mas sim um círculo perfeito. São apenas as posições que assume durante esse percurso que produzem os efeitos atrativos dos raios solares sobre as suas emanações.

Como se explicará, então que, no inverno, possamos ter diferenças de vinte graus de um dia para o outro, se essa atração de que falais é regulada pelas posições da Terra em relação ao Sol?

Essas mudanças súbitas de temperatura são provocadas por ondas de calor passageiras que a Terra experimenta, da mesma forma que o corpo humano as sente, calor que se assemelha em tudo aos súbitos suores que vos acometem em certos momentos. Acreditai que a Terra, grande corpo coletivo, é um corpo em tudo semelhante ao vosso corpo material; a sua vida e a vida do vosso corpo são uma só.

Observamos os mesmos fenómenos no verão, onde são ainda mais frequentes, pois da manhã para a noite sentimos grandes diferenças na sensação de calor e frio.

No verão, essas variações são provocadas pela diversidade dos elementos e não têm a mesma causa que no inverno.

Dizeis que essa reabsorção das emanações terrestres para o centro do globo é a causa do frio que reina na sua circunferência. A Terra absorve da mesma maneira em todas as partes da sua circunferência?

Não; quando a Terra reabsorve de um lado, ela emana do outro. É um fluxo e refluxo perfeito.

OBSERVAÇÃO:

Não podemos continuar este estudo, pois fomos interrompidos por outro conjunto de perguntas submetidas ao médium vidente por um estrangeiro, além de que eu próprio careço de noções astronómicas adequadas para o aprofundar.

Desde já percebemos, pelas respostas que obtivemos, que o frio não é nada mais do que um encolhimento, por assim dizer, de todos os constituintes dos corpos, e o calor, uma dilatação desses constituintes.

Se, neste processo de expansão e contração, há uma geração de corpúsculos que formam um corpo denominado calor, som, eletricidade, etc., não o supomos; mas admitimos que há um movimento dos corpúsculos sobre si mesmos, seja por um retraimento ou uma expansão, o que provoca sensações opostas no corpo coletivo que eles materialmente compõem.

Com base nesta ideia, admitiríamos que a dilatação ou expansão, ao proporcionar maior liberdade a todos os corpúsculos dos corpos, geraria uma sensação naturalmente mais agradável.

Por outro lado, o encolhimento ou retração sobre si mesmos, apresentando-se à nossa observação como uma compressão mais ou menos intensa, deveria produzir aquela sensação de desconforto que os corpos experimentam no inverno.

Se analisarmos bem a diferença entre essas duas sensações, aparentemente opostas, veremos que elas se resumem apenas a um "mais" ou "menos", o que faz com que um corpo considere algo como bom ou mau, dependendo do que lhe é mais conveniente naquele exato momento.

Essas sensações comportam-se da mesma forma que aquela produzida pelo ato do coito.

Nada nos prova que, noutra circunstância, essa mesma sensação não nos faria soltar um grito de dor! *(Ver a sessão de 17 de janeiro seguinte, etc.)*

Voltaremos a estas questões, que apenas começámos a abordar, pois precisamos de meditar sobre as respostas que obtivemos.

Para nos prepararmos para esses estudos, iremos agora tratar da questão do fluido elétrico, etc.

5 DE JANEIRO DE 1855
COMPOSIÇÃO DO FLUIDO ELÉTRICO
MÉTODOS PARA ANULAR O MEDO CAUSADO PELA TEMPESTADE,
MÉTODOS PARA PRODUZIR GÁS DE BAIXO CUSTO PARA ILUMINAÇÃO

De que é composto o fluido elétrico?

De dois fluidos, sendo um atrativo e o outro repulsivo.

Por que é que esses fluidos apresentam uma maior afinidade com o íman e o ferro do que com as outras substâncias terrestres?

Pela própria natureza atrativa do íman.

Os fenómenos provocados pelos estragos dos fluidos elétricos são acidentais ou dirigidos com um propósito específico?

R. NÃO EXISTEM FACTOS ACIDENTAIS.

Como explicais o transporte de objetos pelos fluidos elétricos, sendo que esses objetos, por sua natureza, não parecem ter qualquer afinidade com esses fluidos? Como é possível que vidros ou vasos frágeis sejam deslocados sem sofrerem o menor dano?

Por uma potência coletiva e inteligente dirigir esses fenómenos.

Por que razão, quando atingidos por esses fluidos, alguns seres são reduzidos a cinzas, outros apenas asfixiados ou paralisados, e alguns até curados de doenças?

Os doentes que foram curados absorveram desses fluidos as forças propulsoras que lhes faltavam, ou então esses fluidos destruíram as causas do bloqueio circulatório que os mantinha paralisados. No que diz respeito às mortes súbitas ou às feridas provocadas por esses fluidos, esses fenómenos resultam da intensidade da acumulação e da potência dos fluidos, que, dependendo da sua atividade, podem causar estragos maiores ou menores.

Por que é que algumas pessoas são mais ou menos sensíveis aos efeitos da tempestade?

Isso depende da natureza do sistema nervoso, que pode ser mais ou menos reativo à absorção ou condensação desses fluidos, bem como da afinidade entre os fluidos do corpo humano e os fluidos elétricos.

Existirá alguma forma segura de se isolar do medo causado pela tempestade?

Existe. O medo pode ser anulado por um efeito de aliança magnética entre dois corpos, em que um não sente esse medo. Haverá então uma troca de estado, e, por consequência, uma calma semelhante reinará nos dois corpos. Para isso, basta colocar a mão esquerda sobre o topo da cabeça da pessoa

impressionada e deslizar a mão direita na direção da base do coração, fazendo passes lentos nesse curto trajeto.

Dissestes-me que uma potência coletiva e inteligente dirige os fluidos elétricos. Que potência é essa?

É inteiramente espiritual. Não vos disse já que os Espíritos dispõem dos elementos do globo terrestre? Eles usam esses elementos da mesma forma que os utilizam nos furacões, pragas, fomes, etc.

Mas no caso específico de que vos falo, há vidas humanas em risco.

Assim como em todos os outros casos.

Então os Espíritos podem dispor da nossa existência?

Eles dispõem de acordo com as necessidades e forças que os comandam. Já tratámos dessa questão.

Os fluidos elétricos são idênticos aos fluidos galvânicos?

Não propriamente; todos os fluidos se modificam de acordo com os meios que atravessam.

Acreditais que o reino vegetal contém os mesmos fluidos que o reino mineral? Ou seja, seria possível extrair dos vegetais um fluido semelhante ao produzido pela combustão dos metais, obtendo assim uma luz elétrica equivalente à luz mineral?

Sim.

Que métodos se poderiam utilizar para obter essa luz?

Esses métodos serão descobertos um dia.

Mas eles já existem, porquanto atualmente se obtém gás a partir de misturas de essências e espíritos extraídos do reino vegetal. Contudo, esses métodos são caros. Descobrir-se-ão formas mais económicas?

Sim.

Conheceis esses métodos e podeis ensiná-los?

Podeis obter essa luz a partir dos gases produzidos pela maceração de certas plantas da família das gramíneas, especialmente plantas de ramos finos e frágeis, que contêm uma grande quantidade de matéria inflamável.

Em que é que essas plantas deveriam ser maceradas?

Num recipiente de madeira de carvalho, ao qual se adaptaria um tubo e um queimador de gás.

Quanto tempo essas plantas precisariam de ser maceradas?

Doze dias.

Seria necessário cobri-las com algum líquido?

Apenas com água; depois, deve-se adicionar limalha de ferro e manter tudo a uma temperatura amena, sem o uso do fogo. Os gases desprender-se-ão e condensar-se-ão em reservatórios vazios, preparados para esse fim.

Quanto gás poderia ser produzido com uma quantidade equivalente a dois baldes dessa erva? Isso seria suficiente para alimentar um queimador por uma noite?

Uma quantidade dessas forneceria gás suficiente para oito dias.

OBSERVAÇÃO:

Não tive a oportunidade de experimentar esta revelação; deixo essa tarefa para aqueles cujos trabalhos permitam fazê-lo.

Se tivesse tempo e os meios financeiros necessários, não me faltariam experiências semelhantes a realizar, pois me são ensinadas diariamente, seja em mecânica, física, química, etc.

Muitos, no meu lugar, preocupados com a sua reputação, não admitiriam nem publicariam à primeira vista o que consideram devaneios da imaginação, evitando assim atrair sobre si o sarcasmo dos homens.

Mas eu, cuja reputação já não passa de uma prostituta à qual todos lançam injúrias e desprezo, o que tenho a temer dos homens para deixar de os admitir no compartilhamento do meu tesouro espiritual?

Se as minhas economias espirituais trouxerem consigo a pobreza do meu intelecto, ao menos as minhas ofertas fraternas carregam a generosidade de um bom coração.

9 DE JANEIRO DE 1855
COMO oS PENSAMENTOS QUE NOS SÃO ESTRANHOS SE IMPRIMEM EM NÓS
MECANISMO DA MEMÓRIA HUMANA
IMPRESSÃO DOS GESTOS E SONS COMO ATOS PERMANENTES
CAUSA DOS SUICÍDIOS CONTAGIOSOS EM CERTAS LOCALIDADES
SONHO ALEGÓRICO

Ontem submeti as quatro primeiras perguntas seguintes a Ravet, que, por sua vez, as submeteu ao seu guia sem que este pudesse resolvê-las; disse-nos que, estando a estudar as relações entre as almas, não estava preparado nem disposto a responder às questões que eu lhe apresentava, mas que amanhã faria o possível para resolvê-las. Hoje coloco novamente as referidas perguntas a Ravet, que responde da seguinte forma:

Como e por que mecanismo se imprimem em nós os pensamentos estranhos ao nosso ser, pensamentos que nos são transmitidos por meio de imagens ou da palavra?

A imagem dessas coisas é aspirada pelo olho, que a projeta, pelo mecanismo que já vos descrevi anteriormente, sobre a substância cerebral, onde se imprime e onde permanece para sempre marcada.

Como e por que mecanismo se imprime em nós a memória desses mesmos pensamentos, ao ponto de os reencontrarmos sempre que necessitamos recordá-los?

A memória é uma necessidade do corpo para rever e sentir novamente o que já viu e sentiu. O Espírito desempenha então o papel de bibliotecário, apresentando ao corpo a lembrança dessas coisas por meio da imagem que elas nele imprimiram e que ele deseja desfrutar novamente. Quando a memória não é rápida a apresentar essas imagens ao corpo, é porque as disposições ou aptidões do Espírito não estão preparadas para isso. Para o corpo, há uma necessidade contínua de recordações, e para a alma, há uma necessidade contínua de sensações. Dessas necessidades nasce o fluxo e refluxo das coisas que constituem a vida dos seres.

Como é que se imprimem em nós os gestos desses mesmos pensamentos, ao ponto de os vermos sempre em estado ativo, como os vedes no vosso estado?

Esses gestos imprimem-se por meio da transmissão dos fluidos dos corpos em estado de ação, fluidos cuja vibração é eterna.

Como é que se imprimem os sons desses mesmos pensamentos, ao ponto de os ouvirmos eternamente em vibração, como os ouvis no vosso estado?

Temos na cabeça um ponto que se pode chamar de ponto de harmonia, um lugar que desempenha a função de eco universal e eterno, repercutindo em todos os tempos os sons que recebe, restituindo, portanto, com mais precisão aqueles que são recebidos com maior prazer. Não existe uma única fibra no homem, por mais delicada que seja, que não seja a guardiã de algo útil à harmonia da vida. O som é um fluido, assim como o das ações, e tem um grande poder de domínio sobre todas as partes internas do corpo, atuando de maneira inversa sobre umas e outras. Os corpos mais sensíveis aos sons são os mais bem organizados no que diz respeito à harmonia celeste, ou seja, oferecem uma maior liberdade de permeabilidade à alma, o que faz com que estejam, nesse caso, menos sujeitos ao estado material e mais unidos a ela.

Os sons que entraram em vibração há um ou dois séculos, que no vosso estado presente ouvis como se estivessem a vibrar no exato momento, sejam os sons de uma guerra, o estrondo dos canhões, das armas, os gritos dos combatentes, que vos atingem os ouvidos como se esses eventos estivessem a ocorrer agora, onde podem ecoar, já que não estais em contacto com nenhum ser que tenha sido testemunha disso?

Eles estão no próprio sujeito dessa perceção; sabeis que, para nós, tudo está em tudo, o homem, a coisa, o próprio universo estão contidos no seu nome.

O mesmo se aplicaria à questão seguinte: uma pessoa suicidou-se num determinado lugar e, posteriormente, várias outras pessoas que habitaram ou permaneceram nesse local suicidaram-se sucessivamente de forma semelhante, sem que nenhuma delas tivesse conhecimento do que se havia passado anteriormente nesse local? Esses factos estão registados tanto na história como nos anais da medicina; a quem ou a quê se devem atribuir?

À esfera do primeiro suicida, que permaneceu nesse local e que possui o poder de dominar certas esferas predispostas ao suicídio. A predisposição dessas esferas encontra-se subjugada pelo próprio ato.

(1) Esta questão foi colocada pelo nosso bom amigo M. Lecocq, relojoeiro da marinha, em Argenteuil.

Este tipo de morte seria acidental ou devido a uma lei?

É devido à lei que conduz a vida e as afeições de todos os seres, lei cujas disposições ocultas avançam para o seu objetivo sem qualquer aparência percetível aos nossos olhos. No momento de despertar Ravet, este vidente pergunta ao seu guia que ordem, que relação ou que significado deveria ver num sonho que tivera na noite anterior, sonho no qual se via a comer comigo catorze lanternas, o que fazia sete para cada um. O seu guia responde: Este sonho é uma alegoria dos estudos que fazes com o teu magnetizador. Perante os outros homens, sois seres de luz, e acreditais estar mais iluminados do que realmente estais. As luzes que possuís assemelham-se bastante a essas lanternas que comeste esta noite. Continua e espera luzes mais brilhantes... Agradecemos a este vidente pela sua lição mordaz, e faremos o possível para dela tirar proveito. Se citamos esta questão, foi para iniciar os homens no estudo das alegorias, dos sonhos e da sua relação com a nossa existência material.

16 E 17 DE JANEIRO DE 1855
VISÕES ESPIRITUAIS ALEGÓRICAS RELAÇÕES E COMUNICAÇÃO OCULTA

DAS ALMAS ENTRE SI TANTO NO MUNDO ESPIRITUAL COMO NA TERRA
CAUSAS DOS PRESSENTIMENTOS
PERIODICIDADE DAS AÇÕES E SENSAÇÕES NO HOMEM
SEDE DO FRIO E DO CALOR DA TERRA
CAUSAS DO FRIO E DO CALOR NOS SERES QUE A HABITAM

Na sessão do dia 16, Ravet dormiu pouco e aproveitou para questionar o seu guia sobre um objeto de invenção cuja execução lhe apresentava algumas dificuldades. O seu guia respondeu-lhe que se ocuparia dessa questão. Passamos então à questão das especulações da Bolsa; digo a Ravet o que penso sobre o assunto e o seu guia mostra-lhe, nessa ocasião, um quadro representando uma montanha ao pé da qual corre uma fonte de água negra; Ravet vê que se realizam alguns trabalhos hidráulicos para fazer com que essa água suba até ao topo da montanha; à medida que percorre esse caminho, a água torna-se mais clara e, ao chegar ao cume, parece até pura; mas, nesse instante, desce novamente com força e volta a ser negra como na sua origem.

O guia de Ravet diz-lhe: Esta imagem alegórica prova-te que aquilo que é sujo, obscuro, ilícito, por mais que tente elevar-se ao belo, ao claro e ao justo, permanece o que é. A Bolsa não é nada mais do que uma atração para más paixões. No dia 17, fiz colocar as seguintes questões ao guia de Ravet.

Disseste-nos, na penúltima sessão, que estudavas as relações entre as almas; poderias dizer-nos quais são essas relações?

Não é um estudo simples; responder-lhe não é algo que se possa fazer num instante.

Vou precisar melhor as minhas perguntas sobre este tema. As almas conhecem-se, agrupam-se e amam-se antes de entrar no estado material, da mesma forma que o fazem nesse estado?

As almas amam-se, agrupam-se e conhecem-se no estado espiritual, mas não da mesma forma que na Terra; essa preexistência não tem nada de comparável à vossa.

Com a pergunta que acabo de te fazer, quero saber se, por exemplo, conheci Ravet, Lecocq e todos os amigos que me rodeiam quando estava no estado prévio à existência terrestre, ou se a minha alma apenas os conheceu neste estado?

Podes tê-los conhecido no estado espiritual, mas não estavas agrupado a eles como estás hoje. Havia entre vós uma aliança, mas era a aliança da afeição por uma determinada ordem de estudo ou por uma determinada coisa.

O que fez com que nos conhecêssemos e nos agrupássemos assim materialmente?

A afeição que cada um de vós tem pelo género de estudos que realiza, as publicações, os discursos públicos, as propostas, são tantos pontos de encontro entre os seres que não se conheciam materialmente antes desses factores de atração.

As nossas almas podem conhecer-se e conviver fora dos corpos que animam?

Sim.

Como comunicam entre si? Será durante o sono do corpo ou durante o estado de vigília?

Durante ambos os estados.

No entanto, os corpos não têm qualquer consciência dessa união em vigília, enquanto a suspeitam à noite pelos sonhos e pelas sensações que esses sonhos lhes proporcionam?

As sensações desses sonhos são comunicadas ao corpo através de uma maior sensibilidade adquirida pela tranquilidade em que se encontra mergulhado; ao passo que, no estado de vigília, ele está constantemente agitado e, por isso, não consegue dar-se conta dessas sensações.

Quais são as relações entre as almas durante o dia?

São inúmeras.

As almas abandonam totalmente os seus corpos para comunicarem entre si?

Elas deixam o corpo sem o deixar; velam constantemente sobre ele, como uma mãe terna vela sobre o seu filho. O corpo é uma espécie de casa cujo limiar a alma guarda sempre e para a qual regressa conforme as suas necessidades.

Com que objetivo as almas comunicam assim sem o conhecimento dos seus corpos?

Com o objetivo de saber o que se passa fora do corpo e de lhe transmitir informações sobre o que é do seu interesse conhecer no presente e no futuro. Aquilo a que o corpo chama pressentimentos nada mais é do que esse conhecimento que adquire por intermédio da alma. Muitas vezes, as almas querem regressar aos seus corpos trazendo-lhes conhecimentos que eles não devem possuir; por isso, esses conhecimentos são-lhes retirados quando voltam à sua morada, tal como vos é retirado, ao acordar, o conhecimento dos factos noturnos que percecionaram no estado de sono, factos que acreditais conhecer ainda, mas que não conseguis recordar. Se fosse possível à alma transmitir ao seu corpo um conhecimento completo do que sabe, vê e faz nas suas relações com outras almas, a sua existência terrestre seria perturbada de tal forma que ela deixaria de saber o que é nem onde está.

Certificais esta comunicação oculta das almas entre si?

Sim.

Certos estados pelos quais passamos durante o dia não seriam devidos a essa mesma comunicação das almas entre si? Como, por exemplo, estar sob a influência de uma ondulação musical que nos faz, periodicamente, trautear uma certa melodia, sem sabermos porquê, mesmo quando estamos ocupados com uma questão importante que nada tem a ver com música? Em outros momentos, sentimo-nos tristes, como se um acontecimento nos ameaçasse, ou agitados, como se uma discussão nos fosse necessária, etc.

Os estados de que falais devem-se ao conhecimento oculto que a alma tem, em determinados momentos, de eventos antes que estes sejam conhecidos

ou manifestados pelo corpo. A alma experimenta as sensações musicais de que me falais por um efeito de identificação com o contentamento dos elementos. Essas necessidades de cantar que o corpo sente são causadas por harmonias que atravessam o seu ser, tocam e fazem vibrar certas fibras harmónicas. Já vos disse que a música não é uma criação humana, mas sim celeste, composta por ondulações harmónicas eternas. São essas ondulações celestes que afetam, de preferência, os corpos dispostos a receber as suas impressões. Notai que essas necessidades de cantar ou de alegria são mais sentidas na véspera de tempo bom e de elementos calmos do que antes de tempo chuvoso ou tempestades. Isto confirma o que vos disse, que as harmonias musicais celestes resultam do equilíbrio e do contentamento dos elementos. Sabeis que não há nada de morto na natureza.

O que me dizeis agora, e o que já me dissestes sobre este assunto, leva-nos a crer que há uma relação tão solidária entre os seres terrestres, os seres elementares e as sensações da Terra, que o que um sente, os outros também sentem, o que me leva a perguntar-vos se será por um mesmo efeito de identificação entre a Terra, os elementos e os seres que o homem sente, por exemplo, certas dores, desconfortos ou necessidades em determinada época, tal como vemos todas as substâncias sensíveis à atmosfera serem influenciadas por ela vários dias antes de esta demonstrar que vai mudar de estado.

Há uma relação perfeita entre tudo o que vedes e aquilo que o contém, uma relação cujas leis e detalhes são tão complexos quanto inexplicáveis.

As vossas respostas levam-me naturalmente a voltar às questões do frio e do calor, sobre as quais já tratámos anteriormente. Tomo como exemplo o dia de hoje, 17 de janeiro, em que há um frio de 7 graus, sentido penosamente pelos seres da Terra. Esta última é impressionada da mesma forma?

A Terra experimenta as mesmas sensações de frio e calor que vós experimentais.

A que se devem essas sensações?

À absorção que todos os seres fazem do seu calor para o seu centro.

A Terra absorveria assim o seu calor para o seu centro?

Ela não pode absorvê-lo no mesmo grau que os seres, pois explodiria. O que ela absorve de um lado, devolve de outro, como já vos disse.

Segundo vós, as sensações de frio e calor não são senão o abandono, pelas partes externas dos corpos, do que constitui o calor, e a recolha desse constituinte para o centro dos ditos corpos?

Sim.

Porque é que os polos da Terra não sofrem esses efeitos de calor e frio, dado que permanecem quase sempre no mesmo estado?

Porque o movimento da sua superfície é muito menor; abrange uma circunferência muito menor do que o do centro da Terra. Deste movimento nascem atritos proporcionais à sua extensão. Os polos da Terra absorvem da atmosfera o que é útil à primeira e projetam-no para o seu centro, sem reterem nada para si. Ao absorverem mais do que as outras partes da Terra, acabam por possuir muito menos do que elas.

Assim, os 7 graus de frio que sentimos hoje devem-se à absorção do calor por todos os corpos para o seu centro, absorção que também é feita pela Terra.

Não é outra coisa. Ravet deseja questionar o seu guia sobre o objeto da sua invenção; o seu guia diz-lhe que foi à sua influência que deve as ideias felizes que teve esta manhã; depois despede-se, lançando-lhe um manto sobre os ombros e dizendo-lhe: Não está quente na tua casa.

22 DE JANEIRO
INFLUÊNCIA DO MOVIMENTO DA TERRA SOBRE O FRIO E O CALOR QUE SE MANIFESTAM NA SUA ATMOSFERA
RELAÇÕES ENTRE O SOL, DEUS E A TERRA

Disseste-me, na última sessão, que o frio que se manifesta nos polos do nosso globo se devia ao pouco movimento que têm em comparação com o da

circunferência deste globo. Admites que é a velocidade do movimento dessa circunferência que produz o calor aparente da atmosfera?

Não positivamente.

Se o frio observado nos polos da Terra se deve ao pouco movimento desses polos, a que atribuis o frio nas altas montanhas que se encontram espalhadas pela sua circunferência?

A causa é a mesma, dado o pouco espaço que os seus cumes apresentam ao ar.

Qual é a influência do Sol sobre a Terra?

Influência semelhante à de Deus sobre o Sol.

Qual é a influência de Deus sobre o Sol?

A do calor. Que tipo de calor? Calor material e de amor, calor trocado por esse astro com todos os seres dos globos submetidos à sua ação. O Sol é um globo material? Nunca lá estive; acredito que seja um globo, uma etapa, um raio, UM PONTO PARA FAZER ELEVAR OS OLHOS PARA OUTRO PONTO.

A Terra, ao realizar uma revolução sobre si mesma em vinte e quatro horas, é influenciada igualmente pelos raios do Sol no círculo que apresenta a esses raios?

Sim, cada linha descrita tem a sua parte de influência, segundo a sua lei. Se dizes que o Sol comunica o seu calor à Terra, porque é que as montanhas mais altas são mais frias do que os vales? Porque desempenham a função de pontas que absorvem, mas não retêm; os vales, pelo contrário, retêm muito mais. Já te disse que esta é também uma das causas do frio nos polos da Terra, que absorvem muito e não guardam nada, pois descarregam tudo para o centro da Terra.

A atmosfera do nosso globo não tem pontas, e ainda assim torna-se cada vez mais fria à medida que se afasta dele e se aproxima do Sol?

O calor do Sol não se encontra em estado de dilatação no ar; ele apenas se manifesta ou é sentido ao entrar em contacto com o calor da Terra. O calor da própria Terra, por esse facto, só é o que é à superfície deste globo devido ao contacto com o calor do Sol.

Ravet não pode continuar esta linha de questões, para as quais o seu guia não está preparado.

25 DE JANEIRO
RELAÇÕES DA TERRA COM A LUA
INFLUÊNCIA RECÍPROCA DESTES DOIS GLOBOS
CAUSAS DA DIFERENÇA DAS MARÉS
ADERÊNCIA DOS CORPOS AOS GLOBOS

Qual é a influência da Lua sobre a Terra?

A principal influência da Lua sobre a Terra é manter esta última a uma distância relativa do Sol, visto que ela tende constantemente a aproximar-se dele. Se a Lua possui essa influência sobre a Terra, a Terra não deixa de ter também uma grande influência sobre a Lua.

Qual é a influência da Terra sobre a Lua?

A de lhe fornecer o calor de que necessita, pois a Lua é um globo frio e, pela sua posição próxima da Terra, absorve uma parte do calor desta última.

É a essa influência que se deve a diferença das marés?

Sim.

Como se exerce essa influência sobre as marés?

O calor do Sol projeta as águas da Terra para o centro desta última, e a quantidade de calor que a Lua absorve da Terra torna essas águas mais pesadas, o que as obriga a regressar à circunferência da Terra. Daí nasce o movimento de vaivém das águas para pontos centrais que lhes são conhecidos. As águas são os reservatórios do calor da Terra, e é nessas mesmas águas que a Lua retira o calor de que necessita.

OBSERVAÇÃO:

Esta frase foi escrita textualmente sob o ditado do vidente, que afirma que menciona, da melhor forma possível, o pensamento do seu guia sobre esta questão. Mas faço notar a Ravet que não compreendo muito bem essa presumida pesantez das águas, nem esse calor que a Lua retira delas. Peço-lhe que me dê algum exemplo mais próximo da minha compreensão.

O vidente fica ele mesmo bastante embaraçado para expressar melhor a sua compreensão por meio das palavras; diz-me: "Tomemos como exemplo o corpo humano. O calor contido no ventre não é o resultado de um foco qualquer? Se esse calor for alterado no exterior por meios apropriados para esse efeito, não produzirá uma humidade, uma espécie de suor, uma água condensada, e, portanto, mais pesada do que era no estado de foco? O mesmo acontece com o Sol, a Terra e a Lua. O Sol repele as águas da Terra para o seu centro, e a Lua, que necessita do calor contido nessas águas, vem retirá-lo nesse centro, o que faz com que esse calor, essa água em estado de vapor, se condense em água ao atingir (por esse efeito de subtração) a sua circunferência, tornando-se naturalmente mais pesada do que era no estado de foco vaporoso."

A tua explicação é muito compreensível, agradeço-te por isso. A imagem feliz que acabas de empregar ilustra bem esse trabalho sublime. Quem já tenha observado o caso de inflamação de que falas compreenderá perfeitamente essa vaporização e essa condensação da água. Só lhe restará estudar mais amplamente essa questão.

A aderência dos corpos aos globos a que pertencem é um facto de compressão exterior ou um efeito de atração do centro desses globos?

É um efeito de atração do centro dos globos sobre todas as suas partes, que forma essa aderência. Dirijo ainda uma questão a Ravet, mas o seu guia responde-lhe, com a sua habitual brevidade: "BASTA POR HOJE." Esse guia acrescenta estas palavras: "Desde que tratamos de astronomia, frequento o Espírito de Galileu para obter desse sábio as respostas que dou sobre esta questão."

27 DE JANEIRO
CAUSA DA ORIENTAÇÃO DA AGULHA IMANTADA
NATUREZA DO ÍMÃ E SUAS RELAÇÕES COM O DIAMANTE
COMPOSIÇÃO DE UMA NOVA BÚSSOLA
VERDADEIRO MEIO-DIA E VERDADEIRO NORTE DA TERRA

Pode dizer-me porque é que o ímã tende sempre para o norte? Porque é um conjunto de norte. Do que é composto o norte?

De frio.

Do que é composto o frio?

Do contrário do calor.

Sentirá vontade de rir, sem dúvida, com a simplicidade das minhas perguntas. Se as faço, é porque tem a gentileza de me instruir, dando-me a solução. Está a rir-se ou responde conforme o seu conhecimento?

Respondo conforme o meu conhecimento e conforme a verdade. O frio existe em tudo, até na palavra. É um estado de tudo o que existe neste género.

Se assim é, o frio representando o norte, o norte encontrar-se-ia em tudo o que existe igualmente.

Tudo o que existe não é apenas frio ou norte, mas também calor e meio-dia ao mesmo tempo. É por isso que, quando um dos dois lados está em relação com o meio-dia ou o norte, sente e identifica-se com um desses dois estados. Se o ímã é composto de frio ou de norte, que são a mesma coisa, o diamante é composto de calor ou de meio-dia, que também são a mesma coisa. Esta pedra é exatamente o oposto da primeira.

Se assim for, poder-se-ia formar uma bússola que marcasse o meio-dia como a outra marca o norte?

Certamente.

Mas como se poderia fazer uma agulha de diamante?

Soldando uma ponta de diamante a uma agulha imantada.

A agulha imantada, marcando naturalmente o norte, não permitiria apreciar a força da do diamante, visto que a agulha oposta ao norte marca sempre o meio-dia. Nada mudaria no que já existe.

Haveria mais precisão, pois cada uma dessas pontas agindo nas suas afinidades só poderia estabelecer uma força mais poderosa do que a de uma única ponta. Assim, já não haveria qualquer variação.

É outra questão além da questão da orientação?

Não.

Disse-me que o norte é composto de frio, que se encontra em tudo e em toda parte. Existe um ponto fixo de norte em algum lugar, seja fora da Terra ou na Terra?

Existe um norte absoluto que está em tudo por correspondência, mas esse norte absoluto está fora da Terra.

Onde está localizado?

Nos polos da Terra; irradia por pontos de afinidade em toda a circunferência de metade deste globo.

Os pontos irradiantes deste norte são tão poderosos quanto o ponto norte absoluto, como lhe chama?

Não, visto que esse ponto é o rei, diria eu, A FORÇA NORTE!

A agulha da bússola gira com a Terra ou permanece fixa em direção a esse ponto que diz existir fora da Terra?

A agulha imantada não gira com a Terra, tende continuamente para o polo norte deste globo, como lhe disse.

Fala-me de um polo norte da Terra, onde está localizado, visto que nos dois polos faz aproximadamente o mesmo frio? Se o frio é norte, como diz, haveria então dois nortes?

Os dois polos da Terra são, cada um, um norte; o centro e o círculo que a divide exatamente em dois hemisférios é o meio-dia. Este centro é o meio-dia dos dois polos, assim como esses dois polos são cada um o norte deste meio-dia central.

Se o verdadeiro norte está nos polos da Terra, porque é que a agulha imantada não tenta subir ou descer, em vez de estar sempre horizontal como está?

Ela tentaria fazer isso se a aproximasse ainda mais de um desses polos, pois a ação desse polo seria mais forte sobre ela.

Se a colocassem, por exemplo, no verdadeiro centro da Terra, para que lado giraria?

Tentaria sempre girar na direção para a qual estivesse mais próxima.

Na rotação diária da Terra, nenhum ponto pode, no entanto, ser mais norte do que meio-dia, como demonstrou publicamente o astrónomo Emmanuel, o corretor da astronomia atual.

Porque não compreende o norte e o meio-dia como eles são. Cada um desses pontos é o um e o outro ao mesmo tempo, como acabo de lhe dizer. É por isso que o verdadeiro norte e o verdadeiro meio-dia, e se me entende

bem, o verdadeiro estado de frio e o verdadeiro estado de calor, estão em cada ponto, por menor que seja, de cada ser. Pela sua forma de apreciar o norte e o meio-dia e pelo efeito da rotação da Terra, um torna-se o outro. Mas pelo método que lhe ensino, o norte e o meio-dia continuam sempre a ser o que devem ser e, pela lei de orientação de que lhe falo, cada ponto estabelece uma relação com o norte e o meio-dia absolutos que lhe mencionei.

Não compreendo bem esse meio-dia no centro da Terra.

Não lhe disse que o meio-dia e o calor eram a mesma coisa, que o norte e o frio eram igualmente a mesma coisa? Ora bem, já que o calor da Terra reina no seu centro, como compreendeu e como observa em todos os corpos, deve concluir que o meio-dia está onde está o calor e que o norte está onde está o frio. O centro da Terra, sendo sempre quente, é sempre o seu meio-dia, e os polos, sendo sempre frios, são os seus nortes.

Gostaria que pudesse compreender estas demonstrações como o meu guia me faz compreendê-las, diz-me Ravet; acrescenta: "Se soubesse como a minha cabeça parece expandir-se ao estudar estas coisas, não acreditaria nas suas próprias sensações."

Sente dor?

Não. Mas parece-me que a minha cabeça está tão grande como um barril.

Não quero, em momento algum, cansá-lo. Cessemos este estudo e desculpe a dificuldade que tenho em compreender o que me diz. Não tenho qualquer conhecimento sobre estas questões; desejo instruir-me, é verdade, mas sem lhe causar fadiga.

31 DE JANEIRO
NOVOS ESTUDOS SOBRE A CAUSA DAS DIFERENÇAS DAS MARÉS MOVIMENTO DO SOL. NATUREZA DAS ESTRELAS CADENTES

Na última sessão, disse-me que o sol repelia a água para o centro da Terra e que a Lua, por um efeito contrário, retirava daí o seu calor e atraía essa água

para a circunferência da Terra. Creio que me disse o oposto a 8 de outubro passado, ao afirmar que o sol, pela sua influência atrativa sobre a Terra, puxava o calor desta para a sua circunferência; se assim for, a Lua não teria necessidade de operar essa atração?

A Terra, possuindo mais calor do que o necessário, deposita o excesso desse calor nas águas que estão nela e à sua circunferência. A Lua, retirando então dessas águas o calor que lhe falta, equilibra-se com a Terra. Quis dizer-lhe também que o calor do sol e o da Terra só se tornam tais no contacto de um com o outro.

De uma outra feita, disse-me que o que a Terra absorvia de um lado, seja do sol ou dos seus guias, saía por outro lado, o que produzia um movimento contínuo de vaivém, de entrada e saída. Se assim for, o movimento das marés pode muito bem depender desse movimento de vaivém.

Essa dupla pressão não é suficiente. A água precisa da subtração atrativa da Lua para passar do estado gasoso ao estado líquido, tornando-se assim mais pesada, como já lhe disse; e, por esse facto, pesa mais sobre a circunferência da Terra.

Há duas marés em vinte e quatro horas, contra uma única revolução da Lua. Que fases dessa revolução da Lua produzem as duas marés-cheias e as duas marés-baixas?

As águas que banham a circunferência da Terra são impressionadas pela revolução desta da seguinte maneira. Suponha a Terra formada por duas partes ou hemisférios iguais entre si e possuindo cada um uma força atrativa relativa ao seu polo recíproco, e admita, além disso, que do centro da Terra parte uma força propulsora que age em sentido contrário sobre esses dois lados opostos da Terra, verá então as águas serem empurradas com força durante seis horas para o seu respetivo polo e regressando nas seis horas seguintes ao seu ponto de partida; tendo assim doze horas de marés num polo, terá igualmente doze outras no outro polo.

Essa explicação agrada-me para compreender o movimento das águas, admitindo, evidentemente, duas propulsões em vinte e quatro horas, tal como as descreve para cada polo, pois sem isso teríamos apenas uma para duas

marés; mas essa informação não me diz se a Lua tem alguma influência no movimento das águas do mar.

Não estudei suficientemente essa questão para lhe responder hoje; deixemo-la para outra vez.

Pode dizer-me se o sol descreve algum círculo e se oferece algum deslocamento no céu?

O sol não descreve senão um movimento de rotação sobre si mesmo.

As estrelas são fixas, conforme acreditamos?

Não, apenas o sol é fixo.

Quando o sol cobre o mesmo ponto matemático que cobriu no dia anterior, a Terra terá completado exatamente a sua rotação sobre si mesma?

Sim, não pode ser de outra maneira, a Terra só tem mudanças de altura.

Perguntei-lhe se as estrelas eram fixas; pode dizer-me se há estrelas cadentes ou a que se devem atribuir essas luzes que percorrem o espaço no céu, luzes que até agora foram chamadas estrelas cadentes?

Não há estrelas cadentes; as luzes de que fala são produzidas por efeitos de atração de uma estrela sobre outra, atração que faz com que partículas de matéria se desprendam de uma delas e se incendeiem devido à grande velocidade com que percorrem o espaço.

O guia de Ravet não pode continuar este estudo. Peço-lhe que pergunte se obteve as respostas que nos deu do grande Galileu. Ele responde que o consultou na véspera para esse efeito, mas que não se sente capaz de responder a todas as perguntas que eu poderia fazer-lhe. Peço-lhe que pergunte se poderia solicitar a esse grande homem que viesse ter connosco para nos instruir ele próprio... Ravet fica um momento sem me responder, depois afirma ver e falar com o próprio Galileu, que, diz ele, aceita instruir-nos sobre o que lhe é possível conhecer; assim, deixamos para a próxima sessão o nosso encontro direto com esse espírito sábio.

6 DE FEVEREIRO
APARIÇÃO DO ESPÍRITO GALILEU, VINDO CONFIRMAR ELE PRÓPRIO AS NOÇÕES ASTRONÓMICAS DADAS A RAVET PELO SEU GUIA
NOÇÕES DADAS POR GALILEU SOBRE A FONTE E A INFLUÊNCIA DO SOL, A INFLUÊNCIA DA LUA NAS MARÉS, AS RELAÇÕES ENTRE OS GLOBOS, A NATUREZA DOS COMETAS E DA VIA LÁCTEA

Quando Ravet está adormecido, peço-lhe que pergunte ao seu guia porque continua, no seu estado de vigília, pelo recordação que tem do seu estado de sono, a duvidar, como o faz, da lucidez e da realidade das coisas que vê. O seu guia responde-lhe que, se não fosse assim, confundiria as duas maneiras de sentir numa só, e consequentemente preferiria uma à outra, o que perturbaria a sua existência terrestre.

Fiz esta pergunta através do vidente para o confirmar na diferença que existe entre os dois estados pelos quais passa, estados que lhe oferecem cada um o contraste entre a afirmação e a negação. Com efeito, Ravet, no sono, diz que não passa de um tolo por duvidar, no estado de vigília, do que vê nesse momento, e no seu estado de vigília dirige a mesma censura ao seu estado de sono. Mas reconhece que o que engendra essa dúvida é o mesmo efeito que todas as pessoas experimentam ao despertar de um sonho de que se lembram confusamente; enquanto, pelo contrário, no seu estado de sono, há um acréscimo de certeza quanto à realidade das duas maneiras de ver e sentir. No seu estado de sono, Ravet chegaria ao ponto de desafiar a morte para sustentar a verdade e a superioridade desse estado sobre o da vigília.

Peço-lhe que pergunte ao seu guia se o Espírito Galileu se dignará vir ter connosco, como nos fez esperar na última sessão... O guia diz ao vidente que vai procurá-lo... Após um momento de espera, este espírito sábio chega. Ravet já não parece tão livre como é com o seu guia, e diz-nos: "Oh! O Sr. Galileu tem uma fala muito mais calma do que o meu guia; ele chama-me meu filho, sim, meu filho, ou não, meu filho", diz-me ele.

Pergunte a este bom Espírito se quer ou pode ter a amabilidade de ouvir, com a ajuda do seu ouvido espiritual, a leitura da ata da nossa última sessão, a fim

de apreciar se todas as respostas que me deu através do seu guia são verdadeiras.

O Sr. Galileu responde que pode ouvi-lo e que responderá de acordo com os seus conhecimentos sobre o assunto.

Leio em voz alta a ata de 31 de janeiro passado, o Espírito Galileu confirma todas as respostas que contém, com estas palavras: "Sim, é ISSO, HÁ DISSO."

É necessário mudar o sentido das respostas desta ata?

Não, pois são corretas no essencial.

Quer ter a amabilidade de nos dizer se a Lua tem alguma influência sobre as marés?

Sim, a Lua absorve, nas águas movidas pela lei de que já vos falaram, o calor de que necessita, o que torna essas águas mais pesadas e facilita a sua mudança de estado; mas nesta absorção, a Lua não é muito regular, e por vezes absorve mais do que precisa, sendo forçada a devolver esse excesso a outros planetas. É no maior ou menor grau de absorção da Terra e na quantidade que, por sua vez, restitui, que reside o seu poder de influência sobre a Terra. Esta última também acumula mais calor do que precisa gastar nela própria; é para compensar e estabelecer o equilíbrio entre os astros que o excesso de um é transferido para o outro. Observai que a Terra é um dos planetas mais quentes que existem.

O Sol, que lhe comunica parte desse calor, também o comunica a outros planetas. Esse calor atinge, em alguns deles, proporções suficientemente grandes para desempenhar o papel de Sol em relação aos globos que os rodeiam, apesar de esses planetas estarem a distâncias muito grandes.

É o mesmo Sol que vemos que fornece a esses globos o calor de que falais?

Sim, tendes nisso a vantagem de ver o primeiro Sol.

O que quereis dizer com primeiro Sol?

O único que existe e que provém diretamente de Deus.

Afirmam, no que diz respeito à Lua, que ela age sobre as marés do nosso globo?

Sim, se a Lua não retirasse o excesso de calor da Terra, esta última explodiria.

Os vulcões são uma criação produzida pelo calor da Terra?

Sim.

Sabeis porque é que esses vulcões se encontram quase todos à beira-mar?

Ravet diz que não obteve resposta a essa pergunta feita pelo nosso bom amigo M. Lecocq, relojoeiro da marinha, que pedi, desde o início deste estudo astronómico, para me ajudar com os seus parcos conhecimentos; pois, repito, não tenho qualquer conhecimento científico nesta área. Sou um ser curioso que começa os seus estudos em todas as ciências, e nada mais.

O que são os cometas?

Planetas que absorvem muito calor, o que faz com que o seu brilho, ao comunicar parte desse calor a outros globos, seja muito maior. Aqueles sobre os quais se projeta esse brilho são mais luminosos do que os outros; podeis verificar isso com um pouco de atenção... Percorrendo um círculo maior do que os outros planetas, os cometas absorvem com mais facilidade o calor de que vos falo e gastam-no da mesma forma, por um efeito de equilíbrio, em todos os planetas que se aproximam.

O que é a Via Láctea?

É um encontro de raios de vários planetas, raios que colidem entre si e produzem a luz que percebeis... Se observásseis o conjunto da ação produzida pelo círculo percorrido pela Via Láctea, reconheceríeis também nela um movimento e ficaríeis maravilhados com o que veríeis.

OBSERVAÇÃO:

O Espírito Galileu diz a Ravet estas palavras: "Todas as vossas perguntas são o A, B, C da ciência que vos ocupa. Se pudésseis ver, como eu, o infinito dessa ciência, a imensidão dos estudos que oferece, temeríeis iniciá-los." O

vidente diz sentir-se transportado pelo Espírito Galileu para o espaço e exclama: "Ai de mim! Quem poderá ousar esperar conhecer tantas coisas? Atingir profundezas tão imensas?... Mas chamamos céu a um canto, a um vislumbre, a um nada do verdadeiro céu; quanto mais se avança, maior e mais complicado ele se torna!... Basta! Basta! Não posso, o homem nunca poderá conhecer essas coisas!..."

Ravet não consegue continuar este estudo, impressionado que está pela dificuldade que antevê em levá-lo a bom termo. Acho, portanto, útil, no interesse da sua lucidez, abordar outras questões menos elevadas.

13 DE FEVEREIRO
BOTÂNICA MEDICINAL. NATUREZA E VIRTUDES DAS PLANTAS
EM QUE MOMENTO E EM QUE CONDIÇÕES É PREFERÍVEL UTILIZÁ-LAS

Ravet, tendo-se sentido muito mal durante o sono há alguns dias, faço-lhe algumas perguntas sobre o assunto, às quais ele responde com conselhos, tanto sobre a forma de o interrogar, como sobre a necessidade de estabelecer um silêncio absoluto à sua volta, visto que, nestas sessões, onde normalmente estão presentes vários amigos, cada um fala à vontade, o que, devido à grande sensibilidade desta boa natureza e ao seu fraco isolamento da matéria, faz com que muitas vezes não consiga prestar toda a atenção necessária à voz do seu guia e acabe por perder o sentido das demonstrações que este lhe faz. Menciono esta observação porque a considero útil para os magnetistas que possam ter videntes como Ravet e Binet, como já vi vários.

Esses videntes encontram-se, na sua posição, como um ouvinte que presta grande atenção a um orador cuja voz se encontra encoberta pelo burburinho de uma assembleia tumultuosa. Devo ainda observar que perguntas demasiado longas ou confusas cansam o vidente devido ao seu desenvolvimento, visto que ele conhece instantaneamente o assunto da questão. Ele encontra-se, em relação a nós, como nós próprios nos encontramos em relação às inteligências rápidas, que compreendem prontamente todas as demonstrações de um professor, quando muitos outros não conseguem fazê-lo de imediato.

Peço então a Ravet que pergunte ao seu guia, neste dia, se ele acredita que está em condições de ser conduzido pelo Espírito Galileu a algum planeta do nosso sistema solar, visto que esse Espírito lhe disse, na última sessão, que lhe mostraria algo nesse sentido. O guia de Ravet responde-lhe que ainda não chegou o momento para tal viagem, que devemos continuar os nossos estudos. Apanhado de surpresa por esta resposta, não sei o que perguntar ao vidente, nem para que lado direcionar a sua observação, embora não faltem direções. Surge-me a ideia de tratar, assim como se segue, das virtudes das plantas.

As virtudes das plantas são mais ou menos poderosas num momento do que noutro?

São.

Em que momento?

Em três épocas da sua existência.

Quais são essas épocas?

O estado nascente, o estado viril e o estado de velhice.

A quem ou a que é que se equipara a força do estado nascente?

Ao nascimento da doença ou às crianças.

A que é que se equipara o estado viril das plantas?

À idade viril do homem ou ao estado impetuoso da doença.

A que é que se equipara o estado de velhice das plantas?

À velhice do homem, assim como à cronicidade das doenças.

Qual é o estado nascente das plantas?

Antes da sua floração.

Qual é o seu estado viril?

Durante a floração.

Qual é o seu estado de velhice?

Quando estão carregadas de sementes ou frutos.

Porque existem essas diferenças de potência entre as diferentes fases da sua vida?

São as fases do saber-fazer que conduzem à sabedoria.

Eu poderia admitir esse sistema para plantas vivazes ou para as árvores, mas para as plantas cuja existência dura apenas uma estação, onde está o saber dessas plantas?

Nas três fases da sua existência que acabo de citar.

O arbusto que vive vários anos não me parece ser necessariamente mais sábio nem mais potente do que o arbusto de um ano, visto que ambos perdem folhas, flores e frutos, e ambos retiram toda a sua potência desse género do grande reservatório da natureza.

Isso é verdade, mas eles modificam essas agregações, assim como a velhice do homem modifica os seus pensamentos em prol da ordem e da sabedoria.

Acredita então que um fruto fornecido por uma árvore velha seja melhor do que aquele fornecido por uma árvore mais jovem?

Sim, enquanto essa árvore possuir força de produção, os seus frutos são mais suculentos, portanto, melhores.

Essas potências das plantas, em geral, não são diminuídas, senão anuladas, pelo contacto com outras plantas de virtudes mais enérgicas, como as que encontramos dispostas nas prateleiras das drogarias? (1)

O seu poder e a sua virtude são apenas paralisados; encontram-se, nesse sentido, como o homem que se encontra em contacto com uma pessoa ou uma sociedade pela qual não sente qualquer afeição e cujo contacto é contrário à sua maneira de ver; esse homem apressa-se, assim que pode, a

afastar-se desse meio e, quando recupera a sua liberdade, volta a ser o que era antes, ou seja, não perdeu nada da sua forma de pensar e agir. As plantas passam pelo mesmo estado, mas não perdem em nada as suas virtudes recíprocas.

As plantas possuem virtudes superiores quando utilizadas isoladamente ou quando combinadas, como observamos na medicina?

Há momentos em que é necessário que várias plantas sejam combinadas para agirem todas de uma vez num golpe decisivo que é preciso dar. Elas atuam nesse sentido conforme as suas virtudes sobre diferentes órgãos do corpo e reduzem ao silêncio, no mesmo instante, os diferentes corpúsculos causadores ou sujeitos da doença.

Se, no entanto, como acaba de dizer, as plantas experimentam sensações penosas ao contacto umas com as outras, como admitir essa união de que fala, união que faz a sua força?

É aí que se deve conhecer a virtude de cada uma. Se deseja adquirir esse conhecimento, não pense que ele é obra de um momento, mas de mil anos; saiba que entre as plantas existem, assim como entre os homens, comandantes, potências dominantes. São essas plantas que devem ser aliadas nos vulnerários* ou electuários** de que fala, para que cada uma atue com força e liberdade ao mesmo tempo sobre os seus inimigos. É todo um pequeno mundo que é poderoso pela harmonia e pelo saber que o dirigem, e que é turbulento e ignorante no caso contrário.

** Vulnerários são substâncias ou preparações usadas para tratar feridas externas. A palavra vem do latim* vulnus *(ferida). São, portanto, remédios cicatrizantes ou curativos aplicados sobre cortes, escoriações, queimaduras ou feridas. Exemplos comuns: Unguentos de calêndula. Compressas de babosa (aloe vera). Pomadas com arnica ou confrei.*

Exemplos comuns: Mistura de gengibre, cúrcuma e mel (para garganta e imunidade). Eletuário laxativo com sene e mel. Preparações de raízes amargas com melaço para tratar vermes

Forma de uso: Ingerido por colheradas. O mel ou açúcar agem como veículo e conservante.

*** Eletuários são remédios de uso interno, geralmente feitos com ervas medicinais misturadas a mel ou algum xarope doce, para facilitar a ingestão. São uma forma antiga de "mascarar" o sabor amargo das plantas medicinais.*

*(1) Droguistes podem ser, no contexto da França do século 19, entendidos como **comerciantes de produtos químicos, farmacêuticos e medicinais** – não farmacêuticos no sentido clínico moderno, mas fornecedores de substâncias medicinais e ingredientes usados por médicos, boticários, ou farmácias, ou **fabricantes ou vendedores de remédios preparados**, tinturas, extratos, pomadas;*

As plantas, em geral, têm locais onde a sua virtude seja mais poderosa do que em outros?

Sim, existem três principais.

Quais são?

A flor, o corpo e a raiz.

A que se aplica mais geralmente a virtude das flores das plantas?

Aos distúrbios da cabeça do homem, a tudo o que tende a elevar-se e eterizar-se.

A que se aplica a virtude do corpo das plantas?

Ao centro do corpo, de onde derivam todos os constituintes do corpo humano.

E a virtude das raízes, a que parte do corpo se dirige?

Às partes inferiores, como as pernas. Saiba que, pela sua afeição pela terra, onde se sentem bem, as raízes tentam sempre regressar a ela, e pela sua natureza pesada, nessa tentativa, elas purificam e atraem no homem as

matérias pesadas para baixo, o que alivia e devolve liberdade aos corpúsculos que estavam cercados por elas.

É assim que, através das tisanas depurativas, que atuam tanto sobre a natureza do sangue, todos os corpúsculos que lhes são estranhos vêm espontaneamente, ao passarem pelos meios atravessados por essa decocção, banhar-se, lavar-se, mudar-se, depositando nela a impureza que os incomodava, e continuam então o seu curso com mais vigor e leveza... Repito-lhe, é todo um pequeno povo que se conhece, se procura e se evita. Oh! Quem poderá compreender tão belo mecanismo? E mais ainda, quem o admitirá?

Disseste-me que existem três épocas na vida das plantas em que elas possuem virtudes relacionadas ao seu estado; poderias dizer-me quais são essas épocas no caso das plantas secas que nos chegam do estrangeiro ou que são autóctones?

Elas atuam com mais intensidade, por um efeito de afinidade contagiosa, durante o crescimento, a floração e a maturação das suas irmãs, do que noutros momentos. Todo o tempo em que não são estimuladas, pela natureza, para existir e produzir, encontram-se como que num estado de sono, o qual paralisa parcialmente as suas virtudes.

Essas plantas são geralmente utilizadas sob a forma de pós, tisanas ou infusões em álcool vínico; qual destes métodos é o mais eficaz?

A infusão em álcool vínico, visto que aí se encontram num solvente que corresponde ao seu estado e à sua necessidade de eterificação.

Durante quanto tempo deve durar tal infusão?

Vinte e quatro horas.

A quente ou a frio?

A frio.

Quais são as horas mais favoráveis para colocá-las em álcool vínico?

À noite.

Por que razão à noite e não de manhã?

Porque é à noite que despertam do entorpecimento do dia, e é então que libertam com maior abundância o seu perfume e a sua vida.

Mas a noite é tida, ao contrário, pelos cientistas, como bem menos favorável à saúde do que a manhã.

O homem vive, ao contrário da flor, durante o dia e dorme à noite; por conseguinte, não sentem da mesma maneira, pois a flor vive à noite e dorme de dia.

Essas infusões devem ser feitas no interior das casas ou ao ar livre?

Ao ar livre; deve-se sempre facilitar ao máximo o contacto do ar com aquilo que dele necessita.

Que proporções se devem manter, aproximadamente, para uma infusão desse tipo? Suponhamos um copo de álcool vínico no qual pretendo macerar camomila: quantas flores devo colocar nesse copo?

Cerca de quinze.

Devo deixá-las permanecer nesse líquido depois das vinte e quatro horas de infusão?

Não, nunca.

Qual é, em geral, a dose a tomar dessa infusão?

Dez gotas num copo de água.

Então não admites as infusões feitas a quente em água?

Admito-as igualmente; mas a planta não deve ser agredida pelo calor, deve infundir suavemente, mantendo as mesmas proporções que para o álcool vínico. Deve-se verter sobre ela um pouco de água morna para a preparar, depois água quente, e só então água a ferver; pois a cada contacto com um

grau de calor, ela muda de estado. É prejudicial passar diretamente do estado frio ao estado a ferver. Longe de assim desenvolver as suas mais altas virtudes, estas são paralisadas.

O guia de Ravet interrompe-o bruscamente dizendo-lhe: Chega por hoje.

6 DE MARÇO
APARIÇÃO DO PAI DO GUIA DE RAVET
NOÇÕES SOBRE A CONTINUAÇÃO DOS COSTUMES TERRESTRES NO MUNDO ESPIRITUAL
ESTADO DO IMPERADOR NICOLAU NO MUNDO ESPIRITUAL. IDADE EM QUE OS PENSAMENTOS SÃO MAIS ATIVOS
ESTADO DE INFÂNCIA DO HOMEM NA TERRA
MORAL ESPIRITUALISTA

Após uma pequena viagem feita pelo vidente a Sebastopol, cujo cerco é o tema de interesse do momento, peço ao guia de Ravet que explique como é possível que ele não tenha previsto a espiritualização do imperador Nicolau em todas as predições que nos fez a respeito desse cerco. O vidente responde que a morte de Nicolau é um desses acontecimentos que escapam à perspicácia dos Espíritos, mas que isso não o impede de confirmar tudo o que nos disse sobre o desfecho desse cerco, ou seja, que Sebastopol não será tomado pelos aliados e que estes se retirarão sem fazer da cidade um objeto de conquista. Tendo inicialmente a intenção de consagrar esta sessão a esse tipo de estudo, sou desviado desse propósito, pois Ravet afirma que o seu guia parece estar abatido e como que sofrendo. Dirijo-lhe então as seguintes perguntas sobre este assunto.

O seu guia pode ainda sofrer dores terrenas, após uma separação tão longa da Terra?

Pode.

O que é que poderá levá-lo a sofrer assim?

A visão do seu passado.

Já me disse que ele estudou o seu passado durante um século e que entrou num estado superior do qual se felicita, devido às sensações agradáveis que esse estado lhe proporciona.

São precisamente essas sensações agradáveis que o mergulham no estado em que o vejo. Não há progresso possível sem o passado. Se o passado da vida terrena já não tem importância para ele, o passado dos estados que se lhe seguiram proporciona-lhe as mesmas sensações em termos de observações e comparações. É precisamente no momento em que ele compara a diferença entre esses estados que é tomado por um sentimento de gratidão, felicidade, bem-estar; enfim, pela ideia de que deixa os estados inferiores para passar a um estado superior. Ele experimenta esse tipo de sensação em cada mudança de estado.

Gostaria de continuar os nossos estudos sobre astronomia, mas o estado em que se encontra o seu guia impede-me de lhe dirigir qualquer pergunta sobre esse assunto.

É curioso, o meu guia está a mostrar-me o seu pai.

Quem é ele e o que faz?

É marceneiro e trabalha na sua bancada.

O pai do seu guia deve estar no espírito há pelo menos duzentos e cinquenta anos; como é possível que tenha conservado durante tanto tempo o amor pelo ofício que exercia na Terra?

Em busca da perfeição desse ofício.

Ele sabe que está no Espírito?

Sim, o seu filho disse-lhe.

Porque não procura reunir-se aos Espíritos que desfrutam das felicidades espirituais sem o auxílio do trabalho manual? Ele acredita na sua espiritualização?

O meu guia diz-me que se esquece de que o trabalho manual e o trabalho do pensamento são sinónimos, que não há superioridade nem inferioridade entre o estado do trabalhador e o estado do pensador, entre o homem operário e o homem científico. Como todas as afeições possíveis são realizáveis no estado espiritual, não se pode privar um em favor do outro daquilo que cada um deseja fazer. Cada Espírito só pode pensar e fazer aquilo que é útil para a harmonia geral. Não creia que, ao sair do estado terreno, cada um possa passar a seu bel-prazer de uma afeição ou de um estado para outro. Não, entre os Espíritos ocorre o mesmo que entre os homens da Terra, no sentido de que as sucessões dos seus estados se assemelham às dos estados terrenos.

Sabemos como não somos os mesmos nem temos o mesmo tipo de afeição aos vinte, trinta, quarenta e cinquenta anos? Não, tudo isso segue um curso e é conduzido sem que tenhamos controlo sobre ele; onde acreditamos compreender a lei dessas coisas, não compreendemos nada. Saiba, pois, que não há estados manuais na Terra que sejam estranhos ou inúteis ao complemento da criação, e que cada operário, assim como cada pensador, e cada progresso feito numa ciência ou em qualquer ofício, são parte da obra divina, despojada do que tinha de bruto, desarmonioso e contrário ao VERDADEIRO, ao BELO e ao BOM na sua forma.

Um calceteiro que continua no mundo espiritual a pavimentar ruas fá-lo por afeição, mas fá-lo também com o objetivo de aperfeiçoar esse tipo de trabalho. Em relação aos homens da Terra, ele é um mestre de calcetaria. Inspira as suas descobertas, assim como os seus progressos, aos seus irmãos terrenos, para que estes progridam imitando-o. O mesmo acontece em todas as ciências e em todos os ofícios, os mais sábios e os mais habilidosos instruem e conduzem espiritualmente os outros. O pai do meu guia, pelos progressos que fez na marcenaria, inspira-me e ajuda-me a progredir por meu turno.

Garanto-lhe que pela minha parte, uma vez no espírito, não quererei mais fazer cadeiras nem cortar golas.

Continuará a sua afeição presente, que é estudar e escrever sobre as leis do mundo espiritual; mas creia-me, se o seu estado de torneiro lhe arruinou os

pulmões, o de pensador não lhe arruinará a cabeça?... Não o afastará dos apetites terrenos onde o seu corpo vagueia ao abandono, para o aproximar do céu onde a sua alma vagueia com deleite?

Que é que acontece? Sofre fisicamente na proporção do pouco cuidado que tem com o seu corpo e da dificuldade dos seus estudos. Não pode entrar nem compreender qualquer tipo de afeição sem passar pelo estado ligado a essa afeição. Quanto mais se aprofunda nos detalhes desses estudos, mais os conhece, é verdade, mas às custas da saúde do seu corpo. Este último clama constantemente pela sua alma, e esta não lhe devolve as suas queixas: o amor pela harmonia condu-lo diretamente à desarmonia, resultado do conjunto de todas essas coisas.

Quem poderá compreender e descrever melhor um estado do que aquele que o experimenta em todos os seus detalhes? O mesmo se aplica à questão do tempo, porquanto é por efeito de uma falsa apreciação que se acredita que os séculos são o que se imagina que sejam. Essa maneira de os apreciar no estado terreno não tem nada em comum com a do estado espiritual. Neste último estado, três séculos poderão parecer não ser mais do que três anos... Já tratou desta questão, tem capacidade para apreciá-la.

Aceito que o operário tenha os meios de satisfazer a sua afeição pelo trabalho, encontrando à mão substâncias espirituais que molda como moldava as substâncias materiais, como me disse o meu primeiro extático Binet, ou que encontra esses meios no globo atrativo que Swedenborg me descreveu. Também não vejo dificuldade em que o pensador pense, junte, compare e resuma por toda a eternidade; mas volto ao imperador Nicolau, que acaba de se espiritualizar no momento em que pensava alcançar tantas vitórias na Crimeia. Onde vai ele agora encontrar exércitos, aduladores e todos os meios de satisfazer a sua afeição pela glória e pelo comando, como o pai do seu guia encontrou para satisfazer a sua afeição presente?

Nicolau tentará satisfazer essas afeições por intermédio do seu filho, seu sucessor. É aí que começam os seus tormentos, que não acabarão tão cedo, fique certo disso; pois toda a afeição má em si mesma produz resultados em conformidade com os seus vícios. Quanto mais uma afeição tenta impedir o progresso, mais ela é prejudicial e, portanto, deverá ser dissociada.

Isso acontece a Nicolau agora, como acontece a todos os grandes personagens da sua categoria e afeição, que só podem satisfazer essas mesmas afeições nos locais e estados em que elas se manifestam, ou seja, na Terra e nas combinações humanas. Por isso, vagueiam na esfera desta última e fazem tudo o que podem para influenciar e fazer agir aqueles que lhes sucedem segundo a sua vontade. Não conseguindo tanto quanto desejam, experimentam um descontentamento e um sofrimento comparáveis aos de um paralítico que se enfurece por não poder movimentar os membros como fazia antes.

Esses espíritos sofrem ainda mais por estarem sob a pressão daqueles que os precederam nesse género de domínio honorífico ou que o criaram para eles. Não podendo satisfazer os desejos dos primeiros, nem tampouco ver os seus próprios desejos realizados por aqueles que inspiram por sua vez, encontram-se como que apertados por um torno e sofrem todas as angústias de uma pressão que não podeis compreender. O mesmo estado de sofrimento está reservado aos apoiantes desses homens, que tiverem tido mais em vista a glória de um nome ou de um princípio do que a defesa da justiça, da equidade e da fraternidade. A cada revés que sofre o seu partido, ficam consideravelmente agitados e amaldiçoam o meio de pressão que pesa sobre eles.

É uma continuidade de sofrimentos, alegrias, afeições e honras. Cada um se vangloria da elevação do seu sistema e sente-se profundamente humilhado com a sua queda. Se vos fosse possível ver o mecanismo complicado de todas as engrenagens que fazem mover essa imensidade de pensamentos e ações, a vossa inteligência seria aniquilada, já não saberíeis o que sois, nem quem poderíeis estar no centro e ser o diretor de tal combinação; só nos estados verdadeiramente celestes o homem conhece os prós e os contras dessa realidade.

Falastes agora de paralisia, gostaria de vos questionar sobre este tema. É bem triste ver o homem mergulhado nesse estado, assim como no estado de infância. Este último estado leva-me a recear sobretudo que o homem seja uma espécie de árvore cujos pensamentos são os frutos, árvore cuja decadência leva à decadência dos seus frutos e, por consequência, extinga a sua individualidade.

O homem entra no estado material dotado de todos os pensamentos e todas as ações que pode manifestar nesse estado. Se aos vinte anos os pensamentos são mais ativos do que aos trinta, e aos trinta mais do que aos sessenta, é porque os primeiros ainda gozam da liberdade do estado espiritual, os segundos já sofrem a pressão do estado material e os terceiros são dele totalmente escravos. Estes últimos encontram-se dominados pela matéria, enquanto os primeiros são seus mestres. Além disso, estes últimos representam o fim do poder do espírito sobre a matéria. Esta última retomou todo o seu império sobre ele, e ambos sentem que a separação se torna indispensável. Já não há entre eles qualquer serviço a esperar um do outro... O SEU AMOR MÚTUO ESTÁ ESGOTADO! É necessário separar-se, e é aí que cada um reencontra a sua liberdade.

Não penseis que o estado de infância, que notais em alguns idosos, seja uma prova do aniquilamento do eu. Pelo contrário, é a prova da existência e da permanência do eu, pois é apenas ao regressar a esse estado que o homem se vê despojado de tudo o que constituía o seu orgulho e as suas afeições de comando e de criação. O homem que se tornou novamente criança está no estado mais puro dos estados celestes, acreditai nisso.

Mas esse estado parece ir contra os estudos que Deus parece ter reservado ao homem para compreender a grandeza da sua obra. Além disso, parece anular essa criação viril da espécie humana (permiti-me esta expressão), fruto do nosso orgulho material.

Esse estado apenas anula a sede devoradora que agita o homem, sede que o leva a esquecer demasiadamente que é infinitamente pequeno, que foi criado apenas para ser feliz através da sua humildade e da sua confiança na perfeição da obra do seu Criador; que ele é, afinal, a criança e que Deus é o Pai. Repito-vos, quando o homem chega, pela sucessão dos estados que o aguardam, a entrar nesse da inocência, a sua felicidade já não tem limites.

Porque é que alguns entram nesse estado ainda na Terra e outros apenas no mundo espiritual, e isso após séculos de espiritualização?

Porque é necessário que o homem na Terra tenha exemplos de todos os estados que lhe estão reservados ao sair deste mundo, para moderar a sua vaidade e o seu desejo de dominar; é necessário que ele saiba que a

verdadeira felicidade está naquele que pede e não naquele que dá. Sabei, além disso, que a criança não conhece nem a dúvida nem a astúcia. Ela não explica nada e admira tudo. Ela acredita e não ensina. Refugia-se no abrigo e não o constrói. Deixa, enfim, fluir as suas emoções naturais sem as disfarçar. IRMÃO DE TODOS, ESTÁ EM CASA EM TODA A PARTE! Está muito mais próxima da verdade do que o homem que pensa e faz exatamente o oposto.

Observação:

Já dissemos suficientemente, nos nossos escritos, que o homem deve abster-se de julgar as ações humanas. Deveríamos, portanto, não nos conceder hoje o direito de fazê-lo em relação ao imperador Nicolau. No entanto, não conseguimos resistir à necessidade de dizer algumas palavras sobre o assunto. Ignoramos o que este opressor da infeliz Polónia deve a essas mães que, derramando lágrimas, assistiam ao caminho do cativeiro para onde eram arrastados os seus filhos, arrancados dos seus seios pela crueldade desse homem para irem, sob outros céus, esquecer a sua pátria. Mas o que nos diz o guia de Ravet a seu respeito parece-nos aceitável. Colocar esse mestre orgulhoso no meio das caldeiras infernais dos católicos, ou no purgatório benevolente dos reveladores modernos, não significa colocá-lo na necessidade de uma justa apreciação da sua nulidade humana, como o faz a revelação referida.

Com efeito, o que pode haver de mais penoso para suportar, para uma natureza tão altiva, do que o triste estado que nos é apresentado? Oh! a três vezes santa inquisição dos filhos do mais generoso dos deuses está muito abaixo das torturas morais infligidas a este soberbo autocrata. Não nos erguemos, pois, contra esta revelação da carne, se nos erguemos contra ela pelo espírito.

Ravet dá-nos uma explicação demasiado clara sobre a utilidade da continuação das afeições terrenas no mundo espiritual para que não a aceitemos. Essa continuação é a consequência da necessidade que sentem os guias dos homens da Terra de progredir por si mesmos, através do estudo e do trabalho nessas mesmas afeições, a fim de poderem ajudar os seus protegidos a progredirem seguindo o seu exemplo.

Uma única revelação nesta sessão tão bela e tão moral poderá suscitar alguns argumentos contra o ilogismo que parece apresentar, à primeira vista, ao leitor: trata-se de fazer prevalecer o estado de inocência sobre o do conhecimento, ao qual o homem parece ser chamado por essa mesma influência progressiva a que está sujeito em relação aos seus guias. Se o leitor visse apenas o sentido literal da questão, tal como a colocámos, deduziria que o estado de inocência terrestre, equivalente para nós ao estado de imbecilidade, é o estado mais feliz do céu, e, portanto, que é inútil para os guias dos homens terrenos ajudá-los a despir, segundo eles, a obra divina daquilo que esta possui de bruto e desarmonioso.

Depois de termos refletido atentamente sobre o sentido da resposta dada por Ravet, não encontramos nela senão uma consequência decorrente do estado terrestre do homem; mas, para isso, foi-nos necessário dissociar esse estado do estado espiritual, ou seja, reportarmo-nos, através das revelações anteriores, ao primeiro estado do homem, um estado de pura inocência, calma e bem-aventurança, estado que necessitava dos contrastes do estado terrestre para ser devidamente apreciado.

A partir do momento em que se admite que o homem, entediado com esse primeiro estado devido à eternidade de prazeres que dele recebeu, concebe o desejo de mudar, e que Deus, para lhe fazer compreender a perfeição em que se encontra em meio a todas as coisas, precisa de as dissociar, deixando ao próprio homem a tarefa de as reunir novamente, conclui-se que este trabalho terrestre é uma necessidade e uma parte real da obra divina, uma obra que exige toda a potência da inteligência e da sabedoria humana para ser recomposta, e não todo o seu orgulho e indiferença.

Se essa reconstrução fosse feita em condições de humildade e respeito, não forçaria o homem a regressar ao ponto de partida para novamente desfrutar dessa humildade e dessa inocência que a beleza da obra de Deus deve inspirar. São, portanto, os vícios do orgulho e da vaidade humana que o guia de Ravet deseja cobrir com o manto da inocência e da admiração, e não com um beato idiotismo, como a nossa pergunta poderia sugerir.

O mesmo se aplica ao termo "bruto" utilizado por esse guia para descrever a dissociação operada por Deus na sua obra. O trabalho do homem não pode

acrescentar nada à obra do Eterno, mas o homem apenas procura reunir harmoniosamente ao seu redor as coisas das quais necessita, que Deus afastou dele, para que ele compreenda a dificuldade dessa reunião e, naturalmente, seja conduzido de volta, através desse penoso esforço, ao seio da harmonia que, como a estagnação do sangue, a sua densidade ou o seu calor, agita os nervos, pressionando-os e incomodando-os frequentemente com um fogo que lhes é prejudicial.

Isto é muito curioso; quanto mais o corpo do homem está em perfeita relação com a Terra, mais sensível se torna às agitações desta última. Hoje há vento; sabeis o que isso provoca em certos sistemas nervosos? Vou dizer-vos, pois estou a ver. Bem, os nervos fazem o papel de pequenos tubos que se abrem no topo para libertar na atmosfera o excesso de ar que circula neles, ar que receberam da Terra.

Essa tendência dos nervos para libertar na atmosfera o excesso de ar que contêm é imitada pelos principais órgãos do corpo humano, órgãos pelos quais o ar circula com maior ou menor abundância, o que faz com que muitas pessoas libertem consideráveis ventos devido a essa transmissão. O oposto ocorre em tempos chuvosos. Esses tubos nervosos abrem-se pela base, como se despejassem na Terra o excesso de ar absorvido da atmosfera.

Nesses dois processos, há irritabilidade ou tristeza, leveza ou peso, conforme os pensamentos que os percorrem, e conforme o estreitamento ou o relaxamento desses tubos pelos quais os pensamentos passam. O estreitamento ocorre de duas formas: pelo alongamento na sua tensão ou pelo recuo das partes interiores sobre as exteriores. O relaxamento também se dá de duas maneiras: por uma extensão dos corpúsculos para o exterior e um abaixamento das extremidades em direção ao centro.

Isso produz, em ambos os casos, duas maneiras diferentes de sentir, pois a irritabilidade, a dor e a natureza dos pensamentos resultantes influenciam ou as extremidades desses ramos nervosos ou o seu centro. Assim, por um lado, há dor moral, abatimento, calor, etc., e, por outro, vigor de pensamento, agitação, frio exterior.

Mostram-me agora a agitação dos nervos na cólera, e é realmente curioso. Imaginai uma infinidade de ramos interligados nas extremidades, afastando-

se uns dos outros com força, com uma explosão inesperada, como se tivessem sido tocados por um fluido estranho à sua natureza, o que, por consequência, produz sobre eles o mesmo efeito que os odores desagradáveis produzem sobre vós.

Os nervos, sendo um composto de corpúsculos vivos, pensantes e ativos, ao se afastarem uns dos outros, comportam-se como se se acusassem mutuamente do distúrbio que sentem individualmente. Quando esse afastamento atinge o seu extremo, aproximam-se novamente, como se estivessem arrependidos do seu erro e da sua brutalidade. Daí resulta um abatimento geral entre eles, um abatimento que, tal como a irritabilidade, repercute-se em todo o corpo.

Não são apenas os estados da atmosfera que provocam esses distúrbios nos nervos; existem muitas outras causas, sendo a mais poderosa delas os pensamentos que viajam por esses tubos infinitamente pequenos. Se esses pensamentos são, eles próprios, dolorosos, alegres, agitados ou inquietos, comunicam o seu estado aos nervos e influenciam-nos tal como são influenciados.

Não penseis que apenas nós sofremos com o que chamamos doenças nervosas. Não há um único corpúsculo nos nossos nervos que não sofra tanto quanto nós, proporcionalmente, e que não deseje um estado melhor.

Existem ainda trocas ocultas entre os corpos, trocas que ocorrem sob a forma de fluidos, que não são menos um composto de pequenos corpúsculos que, por uma força de atração ou emissão que nos escapa, se insinuam nos corpos e agitam os corpúsculos com os quais entram em contacto. Estes, por sua vez, agitam os nervos que tocam ou dos quais fazem parte. Daí nascem agitações das quais resultam afeições e amores diversos. É um conjunto de vida inacreditável originado num ponto igualmente inacreditável.

O meu guia diz-me que eternidades não seriam suficientes para conhecer todos os detalhes dessas coisas, pois cada causa gera continuamente outras, e que lhes é mesmo proibido instruir-nos sobre esse assunto conforme os nossos desejos, visto que não temos a compreensão aberta a esses estudos. Se víssemos o encadeamento das ideias entre si, a sua potência e a sua

dependência, o antes e o depois da sua manifestação, a perturbação e a calma que produzem, os estados que geram, a permanência desses estados e, sobretudo, a escravidão que impõem a quem deseja estudá-las profundamente (pois é necessário passar por uma infinidade de estados para as compreender bem), ficaríamos aterrorizados e permaneceríamos na serenidade da ignorância.

Ravet continua a realizar alguns estudos magnéticos, nos quais observa e conclui que a parte interna das mãos emite muito mais do que a parte externa, ou seja, que se deve aplicar a parte interna das mãos sobre uma área do corpo que se deseja saturar de fluido e, ao contrário, deve-se aplicar o dorso das mãos quando se pretende descarregá-la desse fluido. Segundo ele, pode-se estabelecer um fluxo de entrada e saída, aplicando a parte interna de uma mão sobre uma parte qualquer do corpo e a parte externa sobre a parte oposta da mesma região, o que, em certas circunstâncias, é extremamente útil.

Parte dos distúrbios na circulação deve-se, de acordo com Ravet, à densidade ou à leveza do ar, visto que, segundo ele, é esse mesmo ar que abre as válvulas nos canais sanguíneos, tornando-se, assim, mais ou menos ativo conforme sua ponderabilidade, diríamos nós, o que implica que, conforme sua atividade, assim também se regula a circulação do sangue, dos fluidos, etc.

Pedimos ao leitor que preste especial atenção a esta sessão. Se não a tivéssemos considerado digna de sua total atenção, não a teríamos apresentado aqui.

20 MARÇO.

SEGUNDA APARIÇÃO DO ESPÍRITO GALILEU.
NOÇÕES DADAS POR ESTE ESPÍRITO SOBRE A CAUSA DOS VENTOS E DAS TEMPESTADES.
A SUA DIREÇÃO.
CHUVAS LOCAIS, ETC.

Peço que o teu guia chame o Espírito Galileu, se este bom Espírito quiser dar-nos esta prova de fraterna atenção... Após um instante de espera, Ravet anuncia a presença do Espírito Galileu.

Peço a Ravet que diga a este Espírito que preste alguma atenção ao que me proponho dizer-lhe por seu intermédio e que responda, se isso lhe for possível.

Peço-lhe que me perdoe a necessidade que sinto de aprofundar a questão dos ventos. Se quiser instruir-me, não perca de vista a minha ignorância e a necessidade que tenho de que as suas explicações sejam compreensíveis. Permita-me dizer-lhe que não compreendi a última definição que o guia de Ravet me deu sob a sua inspiração sobre esta questão. Definição que se resume assim...

Os ventos são causados pela emissão mais ou menos forte e abundante de gases que a Terra contém no seu interior, gases que, à semelhança dos que existem no corpo humano, são expelidos pela Terra tal como o são pelo primeiro. A Terra possui tubos semelhantes aos vasos capilares do homem, através dos quais absorve e liberta esses gases. Esses tubos são mais absorventes perto dos polos da Terra e emitem naturalmente do centro para a sua circunferência. Esses gases são influenciados pelas abstrações e pelos vazios deixados pelas águas no seu movimento de fluxo e refluxo em direção ao centro da Terra. Essas respostas suscitaram-me várias outras perguntas, cujas respostas são necessárias para a compreensão das primeiras. Aqui estão elas:

As águas, ao realizarem regularmente dois movimentos contrários em vinte e quatro horas, podem ter influência sobre os ventos, visto que estes últimos parecem, na sua agitação, ser à mesma hora aquilo que são noutra?

Essa influência existe, no entanto; deve-se à densidade do ar atmosférico, que comprime as águas muito mais fortemente em certos momentos do que noutros, assim como à densidade que essas águas adquirem devido a esse fenómeno, o que as leva a pressionar mais fortemente os gases contidos na Terra, condensando-os ou dilatando-os com uma força proporcional a essa pressão.

Existem dois equinócios e dois solstícios que nos trazem tempestades com datas relativamente fixas. A que se devem essas tempestades?

À acumulação e à condensação dos constituintes gasosos em direção ao centro da Terra, gases cujas detonações originam as tempestades. A periodicidade que nelas se observa deve-se às influências de certos planetas, que absorvem ou fornecem à Terra aquilo de que ela necessita em períodos fixos. É na mudança das suas posições em relação à Terra que ocorrem esses tipos de revoluções atmosféricas. Essas trocas são muito necessárias à Terra, pois alimentam a sua atividade. Não são menos necessárias para esses planetas devido a uma reciprocidade de necessidades. Os distúrbios dos solstícios provêm da mesma causa, mas em épocas mais espaçadas.

Não conseguindo imaginar a saída desses gases senão através de tubos ou fendas da Terra, não consigo compreender como é que esses mesmos gases não veem alterada a sua direção de ascensão no espaço pela força do turbilhonamento que a Terra descreve continuamente na sua rotação sobre si mesma em vinte e quatro horas? Esse turbilhonamento parece-me ser muito mais poderoso do que essa emanação gasosa, devendo, por conseguinte, imprimir-lhe uma direção em conformidade com a sua própria.

Não pense que a Terra encontra resistência na sua rotação a partir do círculo da sua própria circunferência. Ela não gira sem a atmosfera que a envolve. É apenas nos limites dessa atmosfera que a resistência se torna percetível e, mesmo assim, é comparável apenas àquela que produziria a rotação muito suave de um círculo de grande volume… Os gases que emergem da Terra não encontram, portanto, essa resistência que imagina, pois essa resistência, sentida nos extremos da atmosfera terrestre, só tem sobre a circunferência desta uma força insignificante, equivalente a um efeito de pressão… É na resistência e no atrito que a atmosfera da Terra sofre na sua rotação sobre si

mesma que ela absorve e emite aquilo que é necessário para a sua conservação. Ela liberta o excesso que possui, tal como capta aquilo que lhe falta nessa imensidão sem limites onde todos os astros fazem o mesmo que ela.

Existem nos ventos direções específicas, assim como sensações que lhes são próprias. A que se devem estas particularidades?

São essas mesmas sensações que permitem reconhecer a diferença que existe entre eles; sem elas, só conheceria as suas direções... As direções forçadas que tomam são causadas por partes da atmosfera da Terra mais compressíveis do que outras em certos momentos determinados. A fácil e quase acidental condensação do ar facilita esses deslocamentos que, por sua vez, devido a efeitos de densidade, produzem efeitos de compressão sobre as partes mais frágeis do que elas. Da compressão nasce a dilatação, tal como desta última nasce a compressão.

É por esse mesmo efeito de condensação que o guia de Ravet quis representar-me a causa das chuvas locais que observamos frequentemente na Terra. Aprova o que ele me disse sobre este assunto?

Sim, existem locais que, devido às suas emanações ou absorções particulares, fixam, atraem e dissolvem certas camadas de ar e nuvens na direção do seu domínio, o que faz com que as localidades situadas no mesmo círculo de latitude não sofram os mesmos fenómenos atmosféricos.

Observação:

Estava prestes a dirigir outras perguntas a este bom Espírito quando ele disse a Ravet: Adiemos isso para amanhã.

2 ABRIL
TERCEIRA APARIÇÃO DO ESPÍRITO GALILEU.
ESTUDOS SOBRE OS VENTOS ALÍSIOS, AS CORRENTES ATMOSFÉRICAS. ROTAÇÃO DA TERRA, CÍRCULOS ATMOSFÉRICOS. CAUSAS DOS REDEMOINHOS. NATUREZA DOS BURACOS INPREENCHÍVEIS.

ORIENTAÇÕES BENÉFICAS PARA A SAÚDE HUMANA.

Quando este Espírito está presente, dirijo-me a ele da seguinte forma:

Tenho ainda várias questões para lhe colocar sobre a natureza dos ventos e das correntes. Entre outras, poderia dizer-me qual a causa da permanência dos ventos alísios, que sopram durante seis meses do ano em certas regiões do nosso globo?

A causa dessa permanência reside na continuidade ininterrupta, durante esse tempo, dos gases que a Terra absorve, armazena e emite. Esta saída contínua de gases mantém naturalmente a sua direção. O mesmo não se aplica às outras emissões gasosas da Terra, pois essas emissões ocorrem em intervalos, o que retira toda a força às primeiras.

Qual é também a causa da grande quantidade de correntes que os aeronautas afirmam existir na atmosfera da Terra, dispostas em camadas e agindo, cada uma delas, com mais ou menos força em direções opostas?

Essas correntes resultam da diferença de densidade do ar. Essa densidade estabelece diferentes camadas e diferentes correntes na atmosfera terrestre. As mais próximas da superfície são as menos rápidas, como já lhe disse, e as mais elevadas são as mais velozes. A natureza dos gases que se encontram comprimidos entre essas camadas tem um grande papel nas direções opostas de que me fala.

A Terra gira sobre si mesma com uma velocidade bastante considerável; ela arrasta consigo, nessa rotação, uma primeira camada de ar. Esta primeira camada de ar, embora girando com a Terra, oferece-lhe alguma resistência, pois move-se a uma velocidade ligeiramente inferior à do globo. Uma segunda camada de ar é deslocada da mesma forma pela primeira e também gira no mesmo sentido da Terra, mas com ainda menos velocidade. Uma terceira camada de ar começa a oferecer resistência à segunda, pois gira no sentido oposto à rotação das duas primeiras. Uma quarta camada de ar constitui o último círculo atmosférico pertencente à esfera terrestre e apresenta uma resistência semelhante à da terceira, pois gira no mesmo sentido desta última.

Dessa combinação de movimentos opostos nasce o equilíbrio entre todos os astros do universo. Se juntarmos a esses movimentos inversos a irregularidade da forma do globo, causada pelas altas montanhas e pelos profundos vales que o rodeiam, compreendemos que o ar, sendo deslocado de forma desigual, deve receber e produzir impulsos variados, o que influencia ainda mais as correntes de que me fala.

As correntes observadas nos oceanos são causadas pela mesma lei?

Sim, é a mesma lei que as rege, e há uma reação até ao centro da Terra.

A que se deverão os redemoinhos subaquáticos que se observam em muitos rios e lagos, redemoinhos que engolem tudo o que neles se lança sem nunca deixar reaparecer um único vestígio? Muitas vezes tentou-se preencher esses redemoinhos com materiais pesados ou flutuantes, mas apenas se conseguiu gastar grandes somas e sofrer grandes fadigas sem qualquer outro resultado.

Os objetos lançados nesses redemoinhos incrustam-se nos depósitos arenosos que se acumulam nas grandes cataratas para onde fluem as águas desses redemoinhos. Como a pressão dessas águas, devido ao seu movimento rotativo em espiral, tende apenas a manter no fundo os objetos que, pela sua leveza, poderiam reaparecer à superfície, as areias deslocadas por essas águas não fazem senão recobrir ainda mais esses fundos. Assim, os objetos atirados para esses buracos penetram nessas imensas cavernas e aí permanecem soterrados. Chegará um tempo em que o homem encontrará esses objetos, que estarão muito bem preservados, e então compreenderá o que lhe digo.

Essas cavernas são, então, impossíveis de preencher, já que, há tantos séculos conhecidas pelo homem, continuam a absorver grandes quantidades de objetos e de água sem nunca se encherem?

Não são impossíveis de preencher. Algumas são mais ou menos preenchidas, mas muito lentamente, pois libertam quase tanta água quanto recebem. O redemoinho muitas vezes apenas exerce um efeito de pressão sobre elas, permitindo que os materiais pesados afundem, enquanto as areias movediças de que falei se depositam sobre eles. Mas essa água, devido ao mesmo efeito de torção, retorna em alguns casos à superfície desses

buracos. Além disso, várias cavernas semelhantes comunicam entre si, o que estabelece correntes subterrâneas que transportam os materiais lançados nas suas entradas principais, que são os buracos de que fala.

Um cientista contemporâneo, M. Reichenbach, publicou num livro que o homem, em certas doenças nervosas que tornam esse sistema extremamente sensível, poderia recuperar a saúde mantendo-se, seja no trabalho, seja na cama, em determinadas posições de orientação. Pensa que esse cientista tem razão?

Pode haver alguma verdade nisso.

De acordo com as noções que nos deu sobre as direções do sul e do norte, não me parece que as orientações de M. Reichenbach sejam fáceis de seguir, sobretudo quando se está deitado. Nessa posição, não vejo de que forma os pés poderiam ser colocados para estar virados para o sul, como esse cientista recomenda.

Enquanto o homem estiver de pé ou sentado, os seus pés estarão sempre na direção do sul e a sua cabeça na direção do norte, conforme o que lhe expliquei sobre esses dois pontos terrestres. Quando está deitado, tanto os pés como a cabeça sabem muito bem absorver o que lhes é útil nas correntes que percorrem a superfície do seu globo.

O cientista de que falo recomenda sempre ficar de frente para o sol. Como, segundo o que nos disse, o sol não indica o sul, deveríamos então atribuir a outra causa aquilo que ele atribui ao efeito do sul?

Deve-se atribuir isso a uma necessidade de luz, a uma atração pela claridade que certos doentes sensíveis a essa influência podem sentir, e não a outra coisa. A luz é de tal forma necessária para certos seres que não é surpreendente que se sintam muito melhor quando a recebem diretamente ou na direção que lhes convém, em vez de lhe darem as costas ou serem perturbados por ela.

3 MAIO

QUARTA APARIÇÃO DO ESPÍRITO GALILEU.
NOÇÕES DADAS POR ESTE ESPÍRITO SOBRE A TOPOGRAFIA DA LUA E AS SUAS PRODUÇÕES VEGETAIS, MINERAIS E ANIMAIS.

As seguintes questões foram dirigidas ao Espírito Galileu, chamado para esse efeito junto de Ravet. Talvez sejam consideradas semelhantes às revelações e viagens relatadas no terceiro tomo dos *Arcanos*, mas nada há de semelhante entre elas, a não ser a continuidade de um mesmo estudo através de perguntas complementares e nada mais.

Afirmei, no início deste volume, que estudo dia após dia, sob as impressões caprichosas, diria, do meu Espírito. Não me considero, portanto, obrigado a escrever um livro submetido a uma estrutura histórica ou romanceada, cuidadosamente encadeado, pensado e polido como se fosse um membro quebrado. É o estudo livre da criança no colo da mãe, perguntando de repente: quem fez o sol? quem fez a Terra? quem fez as estrelas? leva-me à Lua! onde está Deus? etc., etc.

Dado o desejo que os Espíritos encarregados da nossa instrução sentem, como nós, e os poucos meios que possuem para o fazer, devido à preguiça dos homens em criar, diria, intérpretes entre si e esses Espíritos, talvez cada um deles sinta a necessidade de vir ao encontro dos poucos intérpretes que existem nos nossos dias para lhes contar as belezas do seu estado atual e, ainda mais, para orientar o pensamento desses cicerones magnéticos, desses viajantes videntes, a fim de serem questionados sobre coisas que importa aos homens conhecer. Não sei como julgar esta questão. Talvez eu a veja assim devido à necessidade que sinto eu próprio, nesses vazios de pensamento, de abordar instantaneamente, com grande detalhe, um conjunto de questões que, segundo me parece, estavam muito longe dos meus pensamentos. Eis, pois, o que foi dito nesta curiosa sessão:

Disse-nos, há muito pouco tempo, que os estudos que fazemos sobre astronomia não passam do ABC dessa ciência. Levou esses estudos mais longe no seu estado atual, adquirindo um conhecimento mais profundo da natureza da Lua do que aquele que possuía sobre a Terra? Por exemplo, adquiriu a certeza de que a Lua, Marte, Mercúrio, Júpiter, Vénus, Saturno, etc., são globos terrestres habitados como a Terra?

A ordem dos estudos que fazia na Terra ampliou-se muito no meu estado presente, mas ainda não é suficientemente completa para que eu saiba tudo o que desejo conhecer. No mundo espiritual, tal como na Terra, nas ciências como em todas as afeições humanas, existem pontos de paragem, tempos de eclosão e tempos de conhecimento. Os Espíritos encarregados da vossa instrução sabem quando é tempo de vos abrir certas verdades, de acordo com a vossa vontade ardente de aprender. É então que vos fazem compreender o que muitas vezes parece incompreensível num estado inferior. Assim, elevam-vos suavemente e sem fim a conhecimentos mais vastos. Sei que os planetas de que me falais são globos materiais, habitados como a Terra.

Foi até esses globos?

Não, mas fui instruído sobre eles por Espíritos sábios que os habitaram.

Pode dar-nos, para começar, algumas noções topográficas sobre a Lua?

Creio que sim.

A Lua é uma Terra?

Sim, mas não é de natureza semelhante à vossa.

Possui uma atmosfera semelhante à da Terra?

Não, isso não é possível. A sua atmosfera corresponde à sua constituição.

Está coberta, como dizem, apenas por vulcões extintos?

Os que dizem isso não foram lá ver.

Possui mares e rios?

Sim; os mares são menos navegáveis do que os vossos e os rios são muito mais acidentados.

Há vulcões e terramotos como na Terra?

Sim, sem isso não haveria calor no seu interior. Não é que possua muito calor, pois absorve-o da vossa Terra, como já vos disse; mas, ao contrário desta, concentra-o dentro de si para a manutenção das suas produções e deixa-o chegar com dificuldade à sua atmosfera. A Lua recebe mais dos globos que a rodeiam do que lhes dá.

A sua mineralogia é rica?

Sim, principalmente em mármores.

Ouro, prata e os nossos metais em geral encontram-se lá?

Sim, mas, devido ao seu pouco calor, são menos abundantes.

O diamante e as nossas pedras preciosas estão lá presentes?

O diamante não se encontra lá no estado diáfano em que existe no vosso globo; tem uma cor branca muito bonita, os seus reflexos são ricos em tonalidades. As outras pedras também não são semelhantes às do vosso planeta, diferem na beleza da sua coloração.

O reino vegetal é rico?

Sim, em relação à sua temperatura; mas a Lua é mais rica no seu reino mineral, pois este é mais facilmente atingido pelo calor do que o reino vegetal. Cada molécula das produções desse globo faz exatamente o que faz o próprio globo, pois, ao atraírem do exterior para o interior da sua forma o calor de que necessitam, não o podem libertar para fora. Para que me compreendais bem, dir-vos-ei que este globo não transpira como a vossa Terra, mas absorve dos outros globos, pelo contrário, o que lhe é necessário. A vossa Terra é a principal fonte dessa absorção.

Qual é a sua temperatura?

Fria.

A que graus chega o frio?

De trinta a quarenta graus, temperatura da Sibéria.

A que graus chega o calor?

Ao da vossa primavera.

Tem estações? São divididas como na Terra?

Sim, são divididas em quatro períodos, mas cada um é composto de frio e calor ou, se compreendeis melhor, de um verão e de um inverno.

Os dias são como os da Terra?

Variam muito mais frequentemente devido a essas mudanças de frio e calor, mas são aproximadamente semelhantes; os mais longos duram dezasseis horas e os mais curtos oito horas.

Os ventos são tão violentos e caprichosos como os nossos?

São menos violentos em tempestades, mas mais permanentes no seu curso.

Devem-se às mesmas causas?

Sim.

A meteorologia é tão variada em fenómenos como na Terra? Há tempestades, chuvas diluvianas, granizo, neve, aerólitos, meteoros?

Há tempestades, chuvas, granizo, mas não há neve; cai apenas uma espécie de pequenos cristais muito transparentes e não opacos como a neve. Não há aerólitos, pois o seu pouco calor não gera meteoros.

As árvores são grandes, grossas e numerosas?

São bastante numerosas, mas menos grossas do que altas; a madeira é fibrosa e esponjosa, não possui a dureza das vossas madeiras.

As plantas são variadas em flores?

São muito variadas. Existem campos inteiros de uma espécie de rosa muito bela, embora não semelhante às vossas.

As ervas, musgos e líquenes do nosso globo existem lá?

Sim, mas são muito mais rijos.

As substâncias alimentares são abundantes e da mesma natureza que as nossas?

São abundantes; sem serem da mesma natureza, possuem um suco muito nutritivo.

O Espírito Swedenborg descreveu os habitantes desse globo. Acredita que existam, como na Terra, macacos que se assemelham muito ao homem?

Existem homens em estado selvagem, que se situam entre o animal e o homem civilizado.

Há animais notáveis entre os quadrúpedes?

Sim, mas esses detalhes seriam demasiado longos.

As aves são numerosas?

Menos numerosas que os quadrúpedes.

Ravet diz que lhe foi mostrado uma espécie de galinha, animal doméstico muito comum, com uma cabeça que se assemelhava bastante à de uma cigarra. Como essa sessão foi longa, o Espírito Galileu disse ao vidente: "Quando sua visão lhe permitir ver essas coisas, eu as apresentarei a você para que possa fazer uma descrição detalhada aos seus irmãos."

Não estamos sendo indiscretos e incômodos ao ocupar você com essas questões que devem parecer futilidades para você?

Não, meus filhos, estudem, estudem, vocês foram criados para isso.

Ravet comenta novamente que a fala desse Espírito é cheia de grande bondade e serenidade; esse vidente se sente feliz ao ouvi-lo responder.

11 MAIO

NOVOS ESTUDOS SOBRE A NOSSA ENTRADA NO MUNDO ESPIRITUAL.
O NOSSO DESPERTAR NESSE MUNDO, OS NOSSOS PRIMEIROS PENSAMENTOS E OS NOSSOS PRIMEIROS ATOS.
COMO SE PODE NÃO ACREDITAR QUE NÃO SE ESTÁ MAIS NA TERRA.
EXPLICAÇÃO DESTE FENÓMENO.

Não podemos obter demasiados detalhes sobre a nossa entrada no estado ou mundo espiritual; por isso, devemos procurar informação sobre este tema não apenas junto de um único vidente, nem de um único Espírito, mas sim junto de tantos Espíritos quanto possível, a fim de apreciar as concordâncias entre eles (concordâncias que existem de forma inquestionável) e assim determinar em que devemos basear-nos.

Com essa intenção, questionei hoje o guia de Ravet, tanto para minha instrução pessoal quanto para a dos meus irmãos, e ao mesmo tempo para provar, mais uma vez, às pessoas que até agora apenas leram que estudo estas importantes questões com a mão sobre a consciência, independente de qualquer sistema previamente estabelecido. Não posso aceitar e defender senão aquilo que compreendo, o que me parece lógico e em conformidade com as exigências do nosso raciocínio, bem como com a necessidade que a nossa alma sente de conhecer o que ela é.

Poderia dar-me explicações claras sobre a entrada de todos os Espíritos no estado espiritual e dizer-me como ocorre essa entrada nesse estado, quem os inicia e quais os esforços empreendidos para os levar a compreender essa transição?

Uma pessoa que lamenta deixar a Terra não é forçada a abandonar os seus desejos se não estiver disposta a acreditar que deixou de pertencer ao estado terreno. Seria torná-la infeliz provar-lhe isso.

É necessário esperar que ela se canse desse estado presente. Todos os que entram na condição espiritual são acolhidos e instruídos sobre o seu novo estado; mas essa instrução só lhes é oferecida na medida em que demonstram uma verdadeira vontade de acreditar numa vida futura. Assim, aqueles que, na Terra, tiverem chegado a saber, através da leitura ou do ensino, que havia uma existência futura, mas recusaram acreditar nessa

verdade, são punidos exatamente naquilo em que pecaram, pois permanecem no estado de ignorância que preferiram na Terra.

A sua indiferença terrena comanda a dos Espíritos que poderiam tirá-los desse estado, mas que não o fazem, porquanto essa mesma indiferença precisa desaparecer natural e voluntariamente, e sem imposição. Saibam que é muito mais difícil do que se pensa levar um homem a acreditar e a admitir algo que ele não quer ou para o que não tem nenhuma disposição de escutar.

OBSERVAÇÃO:

Vemos isso todos os dias na Terra, onde todos os meios de convicção de que dispomos nada significam para o homem cegamente colocado numa falsa apreciação das coisas. O homem não passa assim, de forma brusca, do mais grosseiro e apaixonado dos cegos para o conhecimento mais demonstrado e justo.

Como poderão essas pessoas não perceber imediatamente que estão entre outros seres e em outros lugares?

Elas não estão de modo algum entre outros seres, nem em outros lugares; permanecem no domínio do seu pensamento, onde encontram duplicações de tudo o que conheceram e frequentaram. É nessas duplicações que permanecem encerradas todo o tempo que desejarem.

Mas, afinal, como é o despertar dessas pessoas para a nova vida que vão levar?

É o despertar de qualquer pessoa que adormece e se encontra no seu quarto, na sua cama, cercada pelos seus e por tudo o que deseja.

E depois?

São instruídas pelos Espíritos encarregados para esse efeito. Inicialmente, encaram essa comunicação como um sonho feito num momento de sonolência, depois afastam essa lembrança da mente, chamando a si as ideias em que se comprazem e nelas permanecem. Aqueles que, ao contrário, estão dispostos a aceitar essa revelação, não se afastam dos

Espíritos que a evocam; desejam uma instrução adequada ao seu novo estado e fazem-se iniciar nos costumes desse estado.

Entre aqueles que acreditam imediatamente nesse novo estado, há almas mais ou menos justas e outras manchadas por crimes; como são recebidas umas e outras nessa ocasião?

Cada uma é colocada numa espécie de caminho correspondente às suas afeições terrenas; assim, umas purificam-se mais rapidamente do que outras, tudo quanto é efeito do desejo.

O que faz o criminoso para se purificar?

Ele só pode ser feliz pelo acalmar da sua consciência depois de reparar o mal que causou, por isso, procura insinuar-se no coração das pessoas que ofendeu ou tiranizou, a fim de lhes suavizar as recriminações, anular as maldições e extinguir todo o ódio. Somente quando atinge esse objetivo deixa de sentir as ondas ardentes das maldições que carregava na consciência e reencontra a paz de que precisa. Tenta tudo para alcançar esse fim, procurando recuperar a afeição dos homens por todos os meios ao seu alcance. É uma questão de tempo, que pode ser mais ou menos longa.

Volto à questão dos que não acreditam que entraram no Espírito com os seguintes exemplos:

Primeiro exemplo. O senhor Pirlot, cuja entrada na condição de espírito relatei no Resumo das Maravilhas do Céu e do Inferno, de Emmanuel Swedenborg, que publiquei na Enciclopédia Magnética, sai da casa de saúde onde estava e corre imediatamente para o seu laboratório de química para continuar os seus trabalhos. Compreendo isso, ou seja, que ele volta ao domínio dos seus pensamentos, que, como sabemos, são quadros vivos de todas as formas e de todos os seres da Terra; assim, pode encontrar lá tudo o que precisa no momento, mas consegue aperfeiçoar os seus meios de transmutação dos metais e obtém a capacidade de produzir ouro.

Como esse sucesso tão desejado por ele nada significaria se não lhe proporcionasse um lingote, certamente deseja partilhar esse êxito com alguém e, mais ainda, vender o lingote para melhorar a sua posição. Como pode

alcançar esse resultado, se vive apenas nas recordações ou imagens do passado? Quem poderá comprar-lhe o lingote, se ele só está em contacto consigo próprio e, além disso, todos os Espíritos possuem o que desejam e podem obter o que ele obtém?

Segundo exemplo. Um homem, após uma longa doença, desperta para o estado espiritual; não quer acreditar nesse estado, mas acredita que está curado. Levanta-se e retoma os seus trabalhos habituais. Para retomar os seus trabalhos, é necessário que esses trabalhos lhe ofereçam os meios de continuá-los. Para quem os continuará, se a pessoa para quem acredita trabalhar não está também na condição do espírito? Além disso, esse homem acredita estar cercado pela sua esposa e filhos, mas a esposa e os filhos deixaram o local onde viviam devido à entrada no espírito desse chefe de família. Como pode ele encontrá-los ao seu redor e continuar com eles os costumes da sua vida passada?

Terceiro exemplo. O senhor mesmo passou cem anos acreditando que ainda estava na Terra e vivendo no domínio dos seus pensamentos. Esses pensamentos deveriam sempre representar-lhe apenas factos do passado e não do futuro, pois não poderiam apresentar-lhe ações de amanhã, ações que dizem respeito a pessoas com as quais já não estava materialmente ligado.

Ravet diz que as perguntas que dirijo ao seu guia são muito lógicas do ponto de vista do nosso raciocínio material, mas que as respostas a essas questões não pertencem ao domínio do nosso entendimento; que ele, Ravet, compreende suficientemente bem as definições do seu guia, mas não pode traduzi-las em linguagem humana. Tudo o que pode dizer-me é que, ao entrar no estado espiritual, não se perdem os hábitos contraídos no estado material, hábitos que incluem admitir vigílias e futuros: essa forma de ver e apreciar não corresponde, de modo algum, ao que é a existência humana espiritualmente. Toda a existência, diz este vidente, é apenas uma sucessão de pensamentos e observações.

Há ainda outra condição de estado em que esses mesmos Espíritos habitam lugares e estão em contato com seres que, como eles, não acreditam no seu estado presente; daí resulta uma continuação de trocas semelhante à que ocorre na Terra.

É tudo o que posso dizer-vos de modo fácil de compreender sobre essa questão. Repito-vos: essa maneira de existir não tem nenhum equivalente material perfeito, está cheia de sensações e compreensões para as quais não estais preparados.

Quanto aos Espíritos que aceitam imediatamente a sua entrada no espírito, há entre eles alguns cuja afeição pelos seres da Terra que deixaram é ainda tão viva que quase não se afastam dos lugares e das pessoas que amam. Quanto mais esses Espíritos se identificam assim com a matéria, mais sofrem com as angústias dos seres que ainda frequentam e, sobretudo, mais sofrem quando esses mesmos seres não são sensíveis aos seus conselhos.

Outros amam menos a Terra, mas afeiçoam-se igualmente aos seres que a habitam; esses encontram-se num estado mais elevado do que os primeiros e possuem mais influência sobre o espírito desses seres; sofrem, portanto, muito menos com os tormentos destes, pois não estão encerrados neles como os primeiros.

Tendes tempo para compreender essas coisas; terminemos por hoje.

Esta última revelação está perfeitamente de acordo com o que muitas vezes ouvi Adèle dizer nas numerosas aparições que fizemos nos últimos dez anos. Essa vidente considerava o estado dos Espíritos evocados mais ou menos feliz, conforme as pessoas que os chamavam demonstravam arrependimento por estarem separadas deles.

Adèle aconselhava frequentemente os presentes a acalmarem-se na esperança de um dia se reunirem com eles e, sobretudo, por devoção a esses Espíritos que sofriam intensamente com o sofrimento daqueles que lhes permaneciam assim apegados. Eu acreditava então que esses conselhos da vidente eram apenas uma forma de consolação e um encorajamento para atenuar uma dor tão ardente para os parentes do que entrou no espírito, mas vejo agora claramente que o que Adèle dizia era exato em todos os pontos.

(EXTRATO CORRESPONDENTE AO PRIMEIRO EXEMPLO,

EXTRAÍDO DA REFERIDA OBRA)

OBS. – O capítulo que acabamos de ler revela-nos duas coisas que, para mim, deixaram de ser motivo de dúvida: a primeira é que, ao deixar o estado terreno, o homem permanece mais ou menos tempo nos hábitos — diria até — desse estado; a segunda é que ele leva consigo a memória de tudo o que fez, pensou, viu ou soube enquanto nele viveu. Adquiri várias vezes provas de que é assim, como afirma Swedenborg, por ter conversado com muitos conhecidos meus que tinham entrado no espírito, os quais — soube, com o auxílio da nossa intérprete Adèle — continuavam o seu modo de vida como faziam entre nós.

Leu-se o que escrevi sobre este assunto a respeito de meu pai, nos volumes segundo e terceiro dos *Arcanes*. O meu pai podia, como tantos outros que não acreditam ou só têm uma crença passageira numa existência futura, não procurar perceber o estado em que se encontrava e, por conseguinte, continuar a levar indiferentemente o seu modo de vida, o que obrigou Adèle e a mim a insistir com alguma perseverança para o tirar desse estado e fazê-lo compreender a sua nova condição. Mas algo semelhante aconteceu-nos no início do ano de 1854 com um espiritualista puro: tratava-se do venerável ancião que nos tinha emprestado o dinheiro necessário para imprimir o primeiro volume dos *Arcanes*.

O Sr. Pirlot, esse bom amigo, entrou no espírito após um esvanecimento das suas faculdades, tendo passado alguns meses num estado próximo da infância. O Sr. Binet, fabricante de utensílios de química, na rua Sedaine, n.º 25, em Paris, veio procurar-nos um dia para solicitar a Adèle uma aparição do Sr. Pirlot, seu velho amigo. O Sr. Binet disse-nos que o que o levara a fazer tal pedido foram duas visões noturnas que tivera do nosso amigo, nas quais o vira numa posição penosa: aparecera-lhe errando numa espécie de hospício, à procura da porta de saída e sem conseguir encontrá-la. O Sr. Binet tentara acalmar a sua inquietação, mas sem êxito, sendo repelido com violência pelo ancião irritado. Alguém viera em auxílio do Sr. Binet e, com o seu olhar magnético, impusera-se de tal modo ao bom ancião, que este se acalmara e parecera muito contente de se encontrar com essa presença. Quem era essa pessoa? Nada mais nada menos do que

Adèle, a nossa dedicada vidente. Não foi preciso mais para que o Sr. Binet visse naquela aparição repetida alguma alegoria que o Sr. Pirlot lhe explicaria numa aparição a Adèle.

Coloquei então Adèle em sono magnético e chamei o Sr. Pirlot: quando ele se apresentou, entrei em conversa com ele e soube por Adèle que esse homem, que fora um espiritualista tão distinto quanto possível enquanto na Terra, não tinha a menor consciência do seu estado atual, encontrando-se na mesma posição em que estivera o meu pai nesse particular.

Como será isso possível? — disse para comigo próprio. Eis a explicação: o Sr. Pirlot estava numa casa de saúde no momento em que entrara no espírito. Eu fora vê-lo pouco tempo antes da hora derradeira e encontrara-o num estado de espírito que não deixava dúvidas de que já estava em comunicação com os seres da vida futura. Dedicara-se durante trinta anos à alquimia e fora um químico suficientemente distinto e bem-sucedido para viver do fruto das suas inovações nessa ciência. O seu único sonho era encontrar a medicina universal que o rejuvenescesse, o enriquecesse e, sobretudo, lhe conferisse o corpo glorioso dos filósofos.

Nos últimos tempos da sua existência terrena, acreditava ter alcançado a transmutação dos metais; por conseguinte, tomando uma medicina ilusória, olhava constantemente para o espelho a ver se os dentes e os cabelos lhe estavam a crescer de novo; de resto, raciocinava com grande justeza, e os seus oitenta anos não ficavam atrás, em vigor, no que respeita a questões religiosas, científicas e políticas, de uma cabeça bem organizada de vinte. Este pequeno prelúdio era necessário para compreender o que Adèle nos diria a seguir sobre a entrada do nosso amigo no mundo espiritual.

Quando o Sr. Pirlot deu o seu último suspiro material, como vulgarmente se diz, encontrou-se no estado de qualquer dormente que acorda após um sono mais ou menos longo; levantou-se da cama como o fazia habitualmente; achando as pernas um pouco mais firmes do que antes, conseguiu vestir sozinho as calças, calçar as meias, pentear-se, ir

ao espelho e ver-se com um olhar mais firme; apalpou-se, estudou as suas sensações e, sentindo-se melhor, sentou-se na sua poltrona e meditou por instantes. Alguns espíritos vieram anunciar-lhe a sua entrada na condição do espírito, mas como ultimamente já entrava em comunicação com eles, disse para consigo próprio: deve ser uma visão comum.

Contudo, sentindo-se mais forte, com ideias mais claras e desejos mais intensos, acreditou que a medicina que tomava surtira finalmente o efeito esperado e que estava radicalmente curado. O Sr. Pirlot não quis senão abandonar aquela casa de saúde que, para ele, mal sorria. Que fez ele, visto que ninguém espiritualmente falando podia opor-se à sua saída desses lugares? Dirigiu-se diretamente à sua última morada — a casa do próprio Sr. Binet, que ainda guardava os seus pertences e, sobretudo, o seu amado laboratório. Carvão, cadinhos, ácidos, metais, avivemos o fogo com um braço vigoroso e levemos a nossa medicina a um grau superior. Foi nesse trabalho, e nesse mesmo lugar, que Adèle o encontrou.

Seguiu-se uma conversa animada entre os dois espíritos que durou pelo menos uma hora, conversa na qual eu tomei parte, naturalmente, para apresentar argumentos ao meu bom e venerável amigo, a fim de o tirar do seu estado e lhe abrir as portas do verdadeiro mundo espiritual que ele procurava mais nesse hospício em que o vira o Sr. Binet do que naquele instante. Não foi tarefa fácil; mas confiei no poder dos olhos de Adèle, que, segundo a visão de Binet, soubera acalmar a agitação do ancião. Dialogámos mais ou menos assim:

Como se sente no seu novo estado?

— Muito bem; já não sofro.

Sofreu muito ao morrer?

— Como assim, morrer? Sofri uma depuração, sei-o bem, por efeito da minha medicina, e ainda tenho de passar por mais seis semelhantes antes de possuir o corpo glorioso; mas não estou morto, desenganem-se quanto a isso.

Sei que não está morto, mas deixou o estado terrestre, encontra-se no mundo dos espíritos descrito por Swedenborg e nos Arcanes *da vida futura desvelada; já não está entre nós.*

— E onde estou então, se faz favor? Não estão vocês aqui mesmo no meu quarto, que há tanto tempo não visitam?

(O venerável ancião disse estas últimas palavras a Adèle com um tom de merecida censura; pois de facto tínhamos negligenciado um pouco as visitas.)

É verdade, estou no seu quarto; mas estou aqui em espírito, já que Alphonse me pôs em sono para o poder ver.

— Como assim? diz que está em sono... está enganada.

Veja antes se consegue avistar Alphonse, que está ao meu lado neste momento; isso provar-lhe-á que estou bem em espírito junto de si, e que ele, que está em estado material, não pode ser visto por si.

— Aí é que se engana, pois vejo-o tão bem como a vejo a si.

Como pode isso acontecer... um de nós dois está enganado?

— A senhora é que se engana; vejo o espírito do Sr. Cahagnet tão nitidamente como o seu.

Tenha a certeza, Sr. Pirlot, de que faleceu na casa de saúde onde se encontrava; que o seu corpo carnal está enterrado no cemitério, e que o veneramos demasiado para brincar assim com a sua boa fé, fazendo-o acreditar que está espiritualizado se não o estivesse. Sabe que, se quisesse, bastava chamar de imediato o espírito de Swedenborg, e ele viria tirar-lhe todas as dúvidas.

— E por que não chamaria antes Saint-Martin (o filósofo desconhecido)?
(Esta observação do Sr. Pirlot não me surpreendeu, pois sabia-o grande admirador das obras de Saint-Martin, que via como filósofo alquimista;

mas também gostava muito de Swedenborg. Esta escolha provava-me que mantinha intactas todas as suas recordações.)

Mencionei Swedenborg porque sei que disse a Alphonse, na última vez que o viu, que via com frequência esse espírito.

— Eu disse ao Sr. Cahagnet: vi o espírito de Swedenborg algumas vezes.

(Esta nova observação do ancião impressionou-me e causou-me tal contentamento, que, se apenas essa me fosse concedida naquele dia, já bastaria para me provar a imortalidade da alma humana. Adèle pronunciou a palavra "algumas" com tal inflexão de voz e gesto de cabeça que me pareceu ver a cabeça de M. Pirlot substituir a dela para me repetir essas duas palavras, tal como ele próprio as dissera. Há convicções que nascem das coisas mais pequenas — foi o que me aconteceu naquele momento, e diria mesmo, durante toda aquela sessão, em que Adèle falava com a doçura, amabilidade, serenidade, sorriso subtil e gestos graciosos do falecido, a ponto de se confundir a identidade do ser. É verdade que Adèle vira algumas vezes o Sr. Pirlot e lhe concedera várias sessões; mas como não age assim com todos os que conheceu igualmente, tive de concluir que se tratava de um facto deveras reconfortante para mim.)

Peça Saint-Martin.

— Veremos... estudarei... mas já que fala da última visita do Sr. Cahagnet, ele disse-me, nessa ocasião, que ia publicar o terceiro volume dos *Arcanes* e que mo enviaria logo que saísse. Creio que está a demorar muito a aparecer!
(Adèle ainda não sabia que eu dissera isso ao Sr. Pirlot.)

Esse volume já saiu; mas compreende que Alphonse não lho pode enviar onde está. Deseje possuí-lo, e poderá lê-lo; sabe bem que os espíritos têm esse poder.

— Sei... verei, tentarei, lerei durante as longas noites de inverno.

— «Oh! — exclama Adèle — teremos dificuldades em orientá-lo... Ele acredita que vai ter longas noites de inverno!»

Lembra-se do Sr. Binet?

— Claro que me lembro; mas ele também já não me vem visitar com tanta frequência; há muito que não me traz o jornal.

De facto, é verdade que o Sr. Binet levava os jornais todas as semanas ao seu velho amigo, o que prova que a observação não se havia extinguido nele. O Sr. Pirlot parecia apressado em vigiar os seus fornos, e demos por terminada essa sessão, da qual aqui apresento apenas um breve resumo. Numa segunda sessão, feita quinze dias depois, Adèle encontrou o Sr. Pirlot com melhor disposição de espírito, embora ainda vacilante de um estado para outro — ou seja, respondendo por vezes de forma espiritual, outras de forma material; comunicando com espíritos no seu estado e, de seguida, regressando ao seu laboratório para trabalhar na sua medicina.

Nessa sessão, perguntei-lhe se não me teria aparecido, há algumas noites, num estado próximo da vigília. Ele respondeu afirmativamente, acrescentando:
«Mostrei-lhe um lingote que tinha fabricado.»
«Não me recordo disso» — respondi-lhe.
«Deve lembrar-se de ter visto uma luz muito viva?»
«Sim.»
«Pois bem! essa luz vinha do lingote.»

Pensamos que este bom ancião estava finalmente orientado no momento em que escrevo estas linhas.

Provas semelhantes foram-me fornecidas no caso de Joséphine, a tísica, de quem falei na nona entrega da *Encyclopédie Magnétique*. Apareceu-me da mesma forma que da vez anterior, e deu-me a conhecer as suas ocupações, que correspondiam às suas afeições terrenas. Embora instruída, antes de nos deixar, sobre o estado no qual ia entrar, ela continua, ainda assim, a oscilar entre os hábitos da sua existência material e os atrativos da espiritual. Fi-la aparecer a Adèle, para me

certificar do seu verdadeiro estado e verificar se não teria sido ilusão a visita que me fizera. Ambas as coisas foram-me confirmadas pela lúcida, com pormenores que não posso aqui transcrever. Voltei a ver essa jovem duas vezes depois dessa aparição, e em cada ocasião pude notar diferenças de posição e de estado mental.

Conferenciei também muitas vezes com a minha própria irmã; ela mostrou-me várias coisas úteis ao meu conhecimento. Na última visita que me fez, anunciou-me que partia a bordo do navio do nosso pai para uma viagem às colónias — assunto da sua afeição presente. Desde esse dia, há mais de quatro meses, não a voltei a ver, quando antes não passava um mês sem comunicar com ela.

Outras aparições semelhantes, tal como as que obtenho diariamente com a ajuda de Adèle, provaram-me a realidade das duas revelações de que aqui tratamos: a ignorância momentânea do seu estado por parte do falecido, e a continuação, por parte dele, das suas afeições e trabalhos terrestres durante um tempo mais ou menos longo.

É isso que faz com que os camponeses tenham tanta fé, veneração ou receio por certos campos, castelos ou casas onde alguns, dotados daquilo a que chamamos segunda visão, dizem ver os antigos proprietários a vaguear, continuando os seus trabalhos ou os seus hábitos como faziam em vida entre nós. Essas boas gentes não se identificam minimamente com as obras de Swedenborg, que nunca leram; identificam-se ainda menos com os seus livros religiosos, que lhes ensinam que não se pode regressar à Terra, e que se vai, imediatamente após a morte, para lugares infernais ou celestiais, nos quais não se menciona lavrar os campos ou praticar os bons costumes dos nobres de outrora. Essas pessoas não se identificam mais connosco nem com os nossos lúcidos — gente que nem conhece o primeiro princípio de misticismo — sobretudo quando proclamam bem alto as suas próprias visões, sem sequer acreditarem em fantasmas. O estudo imparcial de todas estas questões, como repetimos, é o único meio de as aceitar ou rejeitar.

Quanto ao livro da vida que cada um tem escrito em si, livro do qual já falámos tantas vezes, não há magnetista que possa duvidar dessa revelação diante da faculdade que os lúcidos têm, em geral, de ler em nós até o mais ínfimo dos nossos pensamentos passados. Lembra-se, a este propósito, do que disse no primeiro volume dos *Arcanes*, ao relatar a cena que ocorreu entre Adèle e outra lúcida — cena na qual cada uma vasculhava com imensa agudeza o domínio mental da outra, a ponto de provar aos espectadores, cuja consciência estivesse manchada por faltas mais ou menos graves, que não deveriam desafiar esses olhos de Argos, que veem até às extremidades mais recuadas do horizonte e aos tempos mais longínquos dos nossos. Não aconselho ninguém a combater esta proposição, pois não sairia vencedor. Aconselho, pelo contrário, a todos que pendurem o mínimo possível desses quadros mais ou menos vergonhosos nesse vasto museu, aberto à imensidão dos espíritos que povoam o universo espiritual.

Se Carlos IX, representado nos nossos museus a disparar sobre o seu povo pela janela real, nada pode responder às maldições da multidão que se apressa a contemplar esse triste quadro, nada nos prova que Carlos IX, em espírito, não esteja ele próprio a espreitar a multidão — espiritualmente ligado que pode estar a esse pelourinho dos seus crimes — e a apontar aos seus acólitos tal ou tal consciência tida por pura, que o amaldiçoa, quando sobre ela pesa culpa igual à sua após a sua espiritualização. Que se releia, a esse respeito, a revelação de Adèle sobre a justiça divina e a justiça facultativa dos homens, no terceiro volume dos *Arcanes*. Que se releia tudo o que escrevemos sobre estas questões, para evitarmos repetições. Que se leiam mesmo os nossos opositores, que acusam os nossos lúcidos de verem simplesmente na memória do consultante aquilo que dizem ver noutro lugar: a argumentação deles sobre esse assunto é a melhor prova que podemos oferecer a favor da revelação de Swedenborg.

* * *

Swedenborg, tendo-nos afirmado nas suas aparições aos nossos lúcidos que ele próprio fora induzido em erro, ao falar de Cristo nas suas revelações como sendo o verdadeiro e único Deus do Céu, assim

como ao assegurar que as penas ou estados de purificação (a que ele chama inferno) eram eternos, vimo-nos obrigados a eliminar tudo o que, nesse autor, se relaciona com esses dois erros. Por conseguinte, apenas conservámos o que é verificável e admissível, segundo os nossos estudos atuais. Convidamos os nossos leitores a ler mais tarde a obra na sua totalidade, a qual foi traduzida por três autores igualmente estimados: PERNETTY, MOËTE e, por último, o Sr. LE BOYS DES GAYS.

Sabemos que vamos atrair sobre nós o anátema dos swedenborguianos que, à semelhança dos católicos, se recusam a eliminar uma só palavra das obras do seu autor, tal como estes últimos não querem eliminar uma só palavra da sua Bíblia. Apresentamos aqui, em poucas palavras, a nossa profissão de fé a esse respeito, a fim de atenuar as indignações que possamos suscitar.

Não é como homem de qualquer igreja que estudamos as questões religiosas, mas como livre pensador, com a fronte erguida para os céus e as costas voltadas para os templos!!!... Não explicamos Deus, admiramos as suas obras e esforçamo-nos por não as conspurcar com as paixões dos cultos em geral. Admirar, amar e orar a Deus no nosso coração,
eis toda a nossa religião.

Também não admitimos na revelação qualquer ponto final personificado pelos nomes de HERMES, BRAHMA, CONFÚCIO, CRISTO ou SWEDENBORG. Acreditamos que ela é permanente e ajustada às necessidades dos séculos em que se manifesta. A revelação é uma sucessão de saber no estudo da história eterna das obras d'Aquele que não teve princípio nem terá fim.

A revelação é a vida escrita de tudo o que se sucede nos séculos e nas gerações; teremos sempre de conhecer essa história misteriosa e sem fim, e, por conseguinte, necessitaremos
em todos os tempos de novos reveladores, de novas manifestações que impressionem os nossos olhos.

Não permaneçamos, pois, prostrados diante de tal altar, e sigamos o turbilhão que constantemente nos arrasta para outro. É sob este

ponto de vista que estudamos hoje Swedenborg, e é por isso que lhe perguntamos a cada instante o que de novo ele próprio aprendeu nas esferas que habita. É também sob esta perspetiva que o vamos apresentar aos nossos leitores, acreditando estar a praticar uma boa ação; pois dar-lhes a conhecer este revelador é trazer-lhes doces consolações para as suas dores.

Não queremos, contudo, no que respeita à biografia do autor, limitar-nos às poucas palavras que já dissemos sobre ele, visto que se poderia nelas ver apenas um impulso de entusiasmo da nossa parte e, consequentemente, uma apreciação errada do saber e da posição que Swedenborg ocupava no mundo científico.

Não — vamos sustentar o que dissemos com um resumo do *Elogio de Emmanuel Swedenborg*, composto e pronunciado na grande sala da Casa dos Nobres, em nome da Academia de Ciências de Estocolmo, a 7 de Outubro de 1772, pelo Sr. de Sandel, conselheiro das minas, cavaleiro da Ordem Polar e membro da referida Academia. (Traduzido livremente do sueco.)

21 MAIO

CONTINUAÇÃO DOS ESTUDOS SOBRE O PRIMEIRO ESTADO ESPIRITUAL E O QUE O GUIA DE RAVET FEZ DURANTE TRÊS SÉCULOS.

Ficou cem anos a passar em revista toda a sua existência terrena para avaliar o que foi bom e o que foi mau. Onde estava então? O que acontecia ao seu redor? Como é que cem anos foram suficientes para avaliar apenas vinte anos de existência terrena?

Eu estava no estado espiritual e, pelo facto dessa apreciação, encontrava-me nas próprias coisas que avaliava; via os mesmos lugares, as mesmas pessoas e as mesmas ações realizadas por mim ou por aqueles que me rodeavam, e então retornava ao estado correspondente à manifestação dessas ações. Sentia todas as angústias ou todas as alegrias, e comparava-as com o que deveria ter resultado delas, ou com o que delas resultara de bom e

harmonioso; depois, penetrava no interior dessas ações para conhecer a verdadeira causa, o verdadeiro ponto de partida.

É aí que os anos e os séculos podem passar sem que se perceba a sua duração. Vereis isso por vós próprios e, tal como os outros, tomareis o tempo necessário para estudar, sem vos preocupardes com as horas que passareis nesses estudos... Esse estado é toda uma existência no presente: uma existência animada por todos os factos anteriores.

Diz-me que eu hei de ver isso; no entanto, nem todos os espíritos estão sujeitos a esse estudo, a julgar pela comunicação fácil que tenho todos os dias com eles por meio dos meus videntes e pelo que sei sobre a sua posição e seus costumes.

Não se é obrigado a fazer esse estudo num momento determinado; por isso, eu próprio só o iniciei cem anos após a minha entrada no espírito. Passei esses primeiros cem anos nas ocupações terrenas, como já vos disse. Apenas quando me cansei dessas ocupações e percebi que havia estados mais felizes para o homem e criações mais harmoniosas, senti a necessidade de me libertar desse estado e de me elevar à contemplação do meu passado; pois, como todos os espíritos, não podia evitar esse estudo, já que ele é um meio de purificação, um meio de esclarecimento para a apreciação do bem e do mal e, consequentemente, o único meio de poder comunicar com os Espíritos superiores.

Fique certo de que, mais cedo ou mais tarde, todos devem fazer esse estudo; sem ele, permanecer-se-ia estagnado por séculos nas afeições da Terra, afeições que são muito pobres em comparação com as dos céus reservados a todos os homens que realizam esse estudo.

Passou mais cem anos num estado superior, mas levou setenta anos a decidir guiar um homem na Terra; só após esse longo período veio até mim. Como passou esses setenta anos?

Passei esses setenta anos a frequentar sociedades espirituais onde recebi conhecimentos sobre tudo o que desejava e sobre tudo o que estava em condições de compreender. Estava mais cansado do que podeis imaginar. Esse estudo causou-me sensações tão penosas que um momento de

repouso me pareceu bom; e esse instante, sem ser uma bem-aventurança insensível ou um repouso de estátua, faz as horas do vosso tempo fluírem com grande rapidez, asseguro-vos... As meditações e ocupações nas quais estamos imersos não deixam de ser tão doces quanto instrutivas para todos os Espíritos que passam por esse estado.

Diz-me que assim se elevou acima das ocupações terrestres; no entanto, no final de uma das nossas últimas sessões, deixou-nos apressadamente para assistir a uma tourada. Existem tais divertimentos sanguinários no estado celestial em que diz viver agora? Poder-se-á aí possuir tais afeições?

Essas afeições são todas terrenas, e é por isso que, sendo guia, encontro-me, a despeito de mim próprio, a representá-las e a apresentá-las à vossa apreciação. Não senti a necessidade de assistir ao combate de que me falais, mas senti a necessidade de vos fazer assistir a ele, a fim de, repito-vos, fixar a vossa apreciação sobre o poder do homem, sobre tudo o que o rodeia e reanimar em vós a energia que muitas vezes vos abandona, elevando-a até à coragem desses lutadores.

Deveis compreender todos que os vossos guias só podem usar os meios pertencentes ao domínio da Terra e à esfera que a envolve. Quando vemos os homens vacilarem sob o peso das suas dores ou diante dos perigos que eles próprios criam, erguemo-los com conselhos e levamo-los a lugares onde possam encontrar a esperança e a coragem que já não possuem.

Esta é a nossa maneira de combater as influências contrárias dos espíritos perturbadores. Precisamos ter armas iguais às deles. Se eles vos arrastam para estados de abatimento e vício, nós fazemos o contrário, servindo-nos de imagens que não são do nosso gosto, mas que pertencem à vida terrena e podem contribuir para produzir o efeito oposto ao que foram concebidas para causar.

Assim, em cada localidade da Terra, há grupos de afeições que moldam a coragem, o conhecimento ou o poder das nações... Nós, espanhóis, só podemos receber impulsos de coragem através de cenas marcantes, como as nossas touradas... Vós, franceses, formais excelentes soldados de arma branca graças às vossas salas de esgrima e duelos, que vos ensinam o desprezo pela morte e, consequentemente, vos dão a coragem de enfrentá-

la... Cada nação procura o seu próprio tipo de entretenimento ou estímulo (como quiserdes chamar-lhe), que constrói a reputação que possui, seja em conhecimento, habilidade, força, inteligência, estratégia ou qualquer outro aspeto.

Esses costumes não existem na mesma medida na esfera da Terra, visto que há sempre purificação através da elevação; mas ainda existem, embora de uma maneira diferente. É aí que o homem sente a necessidade de estudar a razão dessas coisas e entra na busca das suas causas, uma busca que pode ser eterna, se desejar saber tudo o que almeja conhecer.

O que desejo é natural.

Ravet diz-me com pesar que o seu guia lhe disse a meu respeito, com grande vivacidade, estas palavras: tolo, tolo, tolo... Quereis conhecer em dez anos o que exige séculos... Queixai-vos então das vossas fadigas corporais e morais, porquanto são proporcionais às forças despendidas, e acabareis, como os outros, por procurar o descanso... Tendes tempo diante de vós!... Acreditais que eu próprio, apesar do século que passei à procura dos porquês, tenha satisfeito a minha ardente curiosidade? Ai de mim, sei ainda pouco diante do que me resta por aprender. Os Espíritos dos céus superiores não deixam cair assim no nosso domínio as joias do domínio deles; transmitem-nos apenas o que sabem ser-nos útil conhecer, e não o que acreditamos ser-nos útil.

Descansai, descansai!...

OBSERVAÇÃO:

Atraí esta pequena repreensão por parte do guia de Ravet, que me empenhava em pressionar com as minhas perguntas, como se pode ler. Se eu pudesse tirar proveito dela, terminaria imediatamente estes estudos e este livro; mas assemelho-me demasiado ao discípulo de Baco: se aquele não pode moderar a sua sede diante do sumo da videira, eu não posso moderar a febre do meu cérebro, senão olhando para o céu e chamando em meu auxílio o sopro das boas inteligências que nele habitam para o refrescar. Os meus argumentos não prevalecerão contra a lógica dos Espíritos, mas ao menos a minha derrota será doce de suportar. Possa eu ser sempre ferido e

nunca ferir esses nobres lutadores! Esse é o voto mais ardente de um dos mais desinteressados estudantes espiritualistas.

5 DE JUNHO
DEVE O HOMEM ESTUDAR A OBRA DIVINA OU PERMANECER NA SIMPLES ADMIRAÇÃO?
O ATO DA COPULAÇÃO E DA ENCARNAÇÃO TERRESTRE DO HOMEM É UM DOMÍNIO DA LIBERDADE HUMANA?

Na nossa última sessão, parecestes duvidar do sucesso dos nossos estudos, ao dizer-me que teria com que ocupar a minha inteligência no mundo espiritual estudando as causas da liberdade humana. Podeis dizer-me, a este respeito, o que é mais vantajoso para o homem: buscar o conhecimento ou permanecer na ignorância?

Após um longo momento de espera, Ravet diz-me que o seu guia lhe mostra um homem rodeado por uma luz muito brilhante, que se encontra a pelo menos trezentos passos de uma multidão de homens que o encaram. A luz que envolve esses homens é muito inferior à do primeiro, que se projeta sobre eles e que mal conseguem fixar. O mesmo acontece com o que esse homem lhes diz, pois não conseguem compreender...

Junto a esta cena, há um grande número de homens posicionados à mesma distância, mas atrás desse professor. Estes parecem transmitir-lhe o seu conhecimento; contudo, há pontos de interrupção nessas comunicações, interrupções que vêm das próprias exigências do professor, que por vezes quer tratar de questões que desconhece e que estão totalmente acima da sua compreensão.

Compreendo que esta imagem alegórica foi mostrada a Ravet com o objetivo de moderar a minha ânsia de conhecimento. Embora não responda, a meu ver, à questão colocada, reformulo-a da seguinte forma:

Os cristãos atribuíram a queda do homem ao desejo que ele teve de conhecer a obra do Eterno, através da apreciação do bem e do mal. Pergunto-vos então se o homem foi criado por Deus para expandir a sua inteligência até esse

conhecimento ou para viver simplesmente na despreocupada admiração dessa obra?

O homem foi criado para conhecer e admirar. Deus limitou esse conhecimento à admiração.

Compreendo dois tipos de admiração: a de admirar o que não se compreende e a de admirar o que se compreende. Qual delas é a preferível?

Compreender o que se admira.

No entanto, nem todos têm a capacidade de compreender o que admiram.

Isso é dado a todos; apenas nem todos se dão ao trabalho de estudar.

Pensei que os filósofos herméticos tinham razão ao dizer que o homem, ao conceber a ambição de imitar a obra de Deus, querendo criar materialmente um mundo semelhante ao mundo espiritual, a fim de atingir a deificação divina, foi punido pela própria imperfeição da sua obra.

Deus deu ao homem o poder de fazer o que faz; mas, repito-vos, ele limitou esse poder às necessidades do ser, da existência... Deus não teme a rivalidade dos seus filhos na sua obra, nem os colocou no estado material, como pensam esses filósofos, para os punir do seu orgulho. O estado material, com os seus usos, é uma necessidade do estado anterior, como vos foi dito.

Swedenborg, e Cristo antes dele, disseram grandes verdades sobre o estado de inocência e ignorância das crianças, afirmando que elas estão mais próximas da esfera divina. O homem deve tornar-se criança novamente para gozar com mais beatitude das felicidades eternas?

Sim, mas apenas ao despir-se de todos os maus hábitos e de todas as más afeições que contraiu na Terra. Ele deve retornar ao estado de inocência para merecer a esfera divina, mas retornar ao estado de uma inocência sábia.

Não será nesse estado que reinam no mais alto grau o amor, a amizade, a humildade e a paz da alma em geral?

Sim; mas todas as palavras que acabais de usar traduzem mal a ideia desse estado.

Que expressão deverei empregar para melhor expressá-la?

Não conheço outro equivalente na vossa língua além de "reversão", pois esses Espíritos devolvem a outros o que foi derramado sobre eles. Sabem sem perceber que sabem, assim como acontece na Terra, e, portanto, sem experimentar orgulho ou humildade. Recebem a instrução com tanto prazer quanto a distribuem. É um estado que não podeis compreender.

Os mesmos cristãos e filósofos herméticos dizem que o ato da cópula e da encarnação terrestre não é uma imposição divina, mas um ato de liberdade humana. Isso é correto?

É impossível para o homem tratar dessa questão conforme os seus desejos. Ela assemelha-se à questão do livre-arbítrio e do determinismo; tem duas faces, como ela. É regida por duas leis semelhantes: leis em que se encontram a liberdade e a necessidade de agir.

O ato da cópula, necessário para a encarnação das almas, é um facto da Terra, da sua esfera, do seu amor, da sua influência sobre os seres que a habitam; e o ato da encarnação é um facto da liberdade espiritual. Deus impõe essa encarnação em resposta à queixa feita pelas almas que criou e colocou no seio de toda a felicidade, sobre a saciedade que experimentam dessa felicidade. Essas mesmas almas veem a Terra como vós vedes outros globos, mas não conhecem nem sentem as suas penosas sensações, caso contrário, seriam menos desejosas de se encarnar nela.

É quando desejam ardentemente essa encarnação que os Espíritos, designados por Deus para essa mudança de estado, aproveitam o ato da cópula na vossa Terra para realizar o ato da encarnação. As almas que vêm assim encarnar-se na Terra não escolhem nem os momentos, nem os locais, nem os seres, mais do que vós escolheríeis um caminho para chegar a um lugar qualquer onde todos os caminhos conduzem.

As mais impacientes são as primeiras a serem colocadas. Há entre essas almas o que chamamos de "tépidas" e "ardentes". As tépidas são aquelas

cujo desejo de encarnação é fraco e, por isso, suportam por muito pouco tempo o peso desse estado. As ardentes são as que, ao contrário, suportam esse peso por um tempo proporcional à sua ânsia em vivenciá-lo.

A Adèle já me havia dito isso, a propósito do desejo mais ou menos intenso que as almas tinham de abandonar quanto antes o estado espiritual para conhecer o estado material; mas o que não compreendo é que aquelas que morreram no estado de feto, ou que tinham apenas alguns anos de idade materialmente, sejam elevadas ao mundo espiritual como nós elevamos as crianças na Terra, a fim de alcançar o desenvolvimento da inteligência humana. Teria sido melhor, ou pelo menos equivalente, que tivessem permanecido na Terra. Vejo por este facto que elas suportam o mesmo peso dos costumes deste último, tal como aquelas que o desejaram ardentemente?

Ravet não ousa dizer-me o que o seu guia lhe responde, visto que, segundo ele, a resposta é trivial; no entanto, aqui está: "Ele está a meter-se bem nisto" (falando de mim), "elas não sofrem sempre as mesmas dores." Aqui termina esta sessão.

OBSERVAÇÃO:

Não me prendo tanto à trivialidade desta resposta quanto à sua clareza. É verdade que eu confundia os dois estados, que não devem ser confundidos, pois sabemos que no mundo espiritual não existem essas mil e uma necessidades e dependências terrestres, dada a lucidez da inteligência e a purificação dos hábitos. A frase proferida pelo guia de Ravet não deve parecer deslocada na boca de um espírito operário, em contato com operários que não conhecem outra linguagem demonstrativa senão esse modo livre de expressar o pensamento.

É verdade que o guia de Ravet progrediu o suficiente desde a sua espiritualização para adquirir os conhecimentos que temos lido até agora, mas não é menos verdade que ele sabe que fala a operários e que, pela profunda identificação que tem com eles, não pode usar senão a sua linguagem.

Fomos frequentemente questionados sobre este ponto, e se tivéssemos mais preocupação em satisfazer um sentimento de orgulho do que com a

verdade, teríamos podido modificar essa linguagem, enriquecendo-a com o pouco que possuímos e, ocasionalmente, conferindo-lhe um verniz por meio de alguém mais instruído do que nós. Mas mantivemo-nos antes de tudo fiéis à verdade, francos e isentos de qualquer intenção de enganar os nossos irmãos; por isso, permanecemos na nossa esfera de trabalhadores e nas nossas demonstrações incorretas, mas honestas.

Os nossos opositores apenas salientaram essas imperfeições na forma de expressão de alguns dos Espíritos que nos apareceram, mas cuidaram de omitir o bom uso da palavra por parte dos Espíritos oradores que se manifestaram a videntes igualmente instruídos, pois sabem que, se do nosso lado podem rir da nossa singela ignorância, não podem fazer o mesmo com aqueles de quem falamos, já que a linguagem mais refinada e poética preside a essas comunicações espirituais. Repetimos: a palavra espiritual é, em todos os sentidos, semelhante a uma onda pura que passa por canais mais ou menos capazes de a transportar sem alteração até ao seu destino.

Pelo que acabamos de ouvir, podemos concluir que a nossa encarnação terrestre se assemelha um pouco ao anúncio pomposo de um espetáculo qualquer, para o qual as pessoas se apressam em grande número a fim de serem as primeiras a chegar e, consequentemente, conseguirem os melhores lugares. Mas desse apressamento decorre que os primeiros a entrar nesse teatro são os últimos a sair, enquanto que os retardatários, que mal conseguiram um lugar nas últimas filas, são os que estão mais perto da porta e os primeiros a sair.

Resulta ainda destas noções que o ato da encarnação é um ato livre das almas desejosas de habitar a Terra, passando então pelas portas que os Espíritos encarregados dessa missão lhes abrem. O ato da copulação é, pelo contrário, uma dependência material permanente, destinada a facilitar essa encarnação, o que corresponde exatamente ao que nos disse o vidente Hacquin (tomo III dos Arcanos) sobre o papel da semente humana, que, segundo ele, não passa do fogo, do meio no qual o óvulo eclode, sendo este o único ponto que oferece à alma humana uma habitação no momento da conceção. Vemos que há uma continuidade nessas revelações feitas por diferentes médiuns sobre uma mesma questão. Se há alguma divergência

nos detalhes, há uniformidade na essência, o que para nós é muito reconfortante.

Estas revelações oferecem ao espírito estudioso mais do que um tema para meditações profundas, que não podemos abordar no espaço restrito desta obra e, sobretudo, dentro dos limites de discrição que nos impusemos sobre este assunto. Que cada um, portanto, suplemente com o pensamento o silêncio da nossa pena.

14 DE JUNHO
ESTUDOS SOBRE A ENTRADA NO MUNDO ESPIRITUAL DE UMA GRANDE QUANTIDADE DE HOMENS AO MESMO TEMPO.
APARIÇÃO DA SOGRA DE RAVET, SEU ESTADO DE SOFRIMENTO.
REFLEXÕES SOBRE ESTE ASSUNTO.

Ravet deseja visitar um dos seus amigos que está doente, a fim de lhe oferecer alguns conselhos, se isso lhe for permitido. Após esse estudo, coloco-lhe as seguintes questões.

O vosso guia, que tem tanta complacência em levar-vos a compreender os estudos que realizais com ele, ao vos mostrar, através de quadros vivos, os detalhes e o mecanismo das coisas que desejamos conhecer, poderia levar-vos ver a entrada no espírito simultânea de uma multidão de homens, transportando-vos, por exemplo, a Sebastopol, onde, em certos ataques e combates, perecem mais ou menos soldados?

Após alguns minutos de concentração, Ravet diz-me: Vi explodir uma mina, e com ela um grande número de combatentes. O meu guia disse-me que este feito de guerra ou de estratégia forma um quadro completo, no qual cada vítima é uma fração necessária à sua composição e está solidária com o conjunto. Assim, ao pedir a aparição de uma dessas vítimas, o médium não a verá sozinha, mas sim acompanhada pela ação da sua entrada no espírito, que forma o quadro completo que vi. Há uma solidariedade entre todos os que entraram no espírito juntos, razão pela qual aparecem em conjunto.

Mas são realmente os seres que foram vítimas dessa estratégia de guerra que aparecem, ou apenas a sua imagem?

É um desdobramento deles, um desdobramento que continua a ter relação com eles e a influenciá-los conforme necessário.

O que entendeis por influenciar? Esses seres ainda sentiriam alguma dor da sua crise de entrada no espírito?

Não sentem exatamente a mesma dor; sentem o que todos sentimos ao recordar um acontecimento penoso. Sentem até mais do que isso, pois reentram em si mesmos pelo efeito da solidariedade de que vos falei, que existe entre eles e o seu desdobramento. É aí que sentem o estado gerado pelo ato ou pela posição em que os evocais.

Seria, então, pouco generoso da nossa parte pedir-lhes que aparecessem aos nossos médiuns com todos os detalhes da sua espiritualização?

Poderíeis dispensar-vos de conhecer de novo esses detalhes, se vós ou os solicitantes já os conheceis. Apenas no caso contrário seria útil que eles surgissem envolvidos por essas imagens, a fim de verificar mais tarde a sua exatidão... Repito-vos, eles não sofrem propriamente dito, pois acostumam-se aos efeitos produzidos sobre eles pela repetição dessas memórias, tal como vós próprios acabais por vos tornar insensíveis a uma perda ou a uma dor que vos afetou muito nos primeiros tempos. Mas há uma sensação naquele instante, crede nisso.

O vosso guia mostrou-vos a sequência dessa explosão?

Não.

É precisamente isso que eu gostaria que ele tivesse a bondade de vos mostrar, pois seria curioso para nós saber como cada vítima desperta no estado espiritual e quais são as suas primeiras sensações.

Ficará para outro dia. Ravet não está muito inclinado a estudar; prefere vaguear pelos lugares espirituais que visita neste momento. Diz ver a sua sogra, que entrara no espírito havia vários anos; ela está sentada num pequeno monte de relva e parece muito triste. Ravet pergunta-lhe se sofre.

Ela responde afirmativamente. De que sofreis? "De não me elevar mais rapidamente para Deus." Quem vos impede de vos elevar? "O conhecimento do meu passado." O vosso passado é o de toda a gente; se cometestes faltas, também fizestes algumas boas ações, nem que seja a de ter criado duas crianças que não eram vossas. "Não me cabe a mim fazer valer essas coisas diante de Deus, mas sim a vós." Ser-vos-ia, então, agradável que eu rezasse por vós? "Sim, isso me faria bem."

Observação:

Encontramo-nos nesta breve sessão diante de duas revelações que não são sem importância para os nossos estudos e para o nosso futuro. Se os que entraram no espírito que Ravet viu sofrem pouco ou muito pelo efeito da identificação que são obrigados a suportar para nos aparecer nos seus últimos momentos terrestres, o mesmo deve acontecer com todos, e poderíamos muito bem evitar, no futuro, exigir deles esses últimos representativos, sobretudo quando não acrescentam nada à convicção já despertada pelos outros detalhes no espírito do solicitante.

Não sei se há erro da parte do médium nesta questão, mas sei que sempre vi Adèle muito impressionada nesses tipos de estudos que relatei anteriormente. Pode-se verificar isso no tomo II dos *Arcanos*, onde há várias aparições envolvidas pelo tipo de quadro de que nos fala Ravet. Não estamos longe de acreditar no que este médium nos diz sobre o assunto, especialmente quando nos reportamos à comparação que faz da sensação produzida em nós pela lembrança de um acontecimento desagradável. Se a sensação puramente moral que experimentamos nos é suficientemente sensível para nos fazer evitá-la sempre que possível, os que entraram no espírito poderiam igualmente desejar evitar o retorno a essa triste forma espiritual, que lhes marca todas as peripécias dos seus últimos momentos.

Em apoio à segunda revelação, Ravet faz-me notar que a sua sogra foi muito severa para com ele e o seu irmão, que não foram felizes junto dela, e que talvez seja essa conduta para com eles que a entristece, levando-a a sentir-se culpada por ter cumprido com relutância a tarefa que voluntariamente se impôs. Essa resposta que ela dá a Ravet:

“Não me cabe fazer valer essas coisas perante Deus, mas sim a ti”, seguida do pedido de orações, vem corroborar a revelação feita por Adèle (tomo III dos *Arcanos*) sobre a justiça divina e a justiça facultativa dos homens. Com efeito, se aquele que tem queixas dos seus irmãos e irmãs é o primeiro a orar a Deus para lhes perdoar, torna-se natural admitir que ele próprio já perdoou, e não recorre ao tribunal divino senão para implorar a misericórdia em favor do seu opressor.

O conhecimento dessa justiça traz algo de reconfortante para aquele que suporta na Terra o peso das inúmeras opressões que o afligem; extingue muitos projetos de vingança material, entregando-se à justiça divina. Saber que nenhum Espírito pode usufruir de uma felicidade plena no mundo espiritual se apenas uma voz clamar a Deus por justiça contra ele é uma verdade reconfortante, repetimos.

O lado moral desta revelação está muito mais em harmonia com as necessidades apaixonadas de vingança que todos sentimos, mais ou menos, do que esses infernos, por mais incandescentes que sejam, de todas essas seitas que nos abrem ou fecham as suas portas conforme a magreza ou a opulência da nossa bolsa.

Que respeito por Deus e que dignidade para o homem podem derivar dessas bênçãos ou absolvições vendidas aos moribundos pelo melhor preço oferecido? Ah, pobre espécie humana, no dia em que acreditares na justiça de Deus, não te prostrarás mais servilmente aos pés daqueles que se dizem seus juízes. Estuda, pois, de uma vez por todas, o que te oferecem para crer cegamente, e deixa de pagar tão caro por tais aberrações!

20 DE JULHO

SEGUNDO ESTUDO SOBRE A ENTRADA NO ESPÍRITO DE UM GRUPO DE SERES AO MESMO TEMPO
COMO CADA UM SE ORIENTA NO MUNDO ESPIRITUAL.
PERDA DA OBSERVAÇÃO HUMANA ASSIM COMO A PERDA DO EU EM CERTOS CASOS

POR QUE OS QUE ENTRARAM NO ESPÍRITO NÃO NOS PARECE EM CONFORMIDADE COM AS PROMESSAS QUE NOS FIZERAM NESSE SENTIDO ESTADO DOS SUICIDAS, ETC.

O vosso guia pode hoje mostrar-vos ou descrever-vos a espiritualização de um grupo de homens ao mesmo tempo?

Após alguns minutos de conversa com o seu guia, Ravet expressa-se da seguinte forma: Um projétil, uma rajada de metralha ou uma fuzilaria atingem um regimento: caem cerca de sessenta soldados, suponho, dos quais admito que uns quinze tenham sido mortos imediatamente e os restantes mais ou menos gravemente feridos. Os que foram atingidos mortalmente passam por uma espécie de desmaio mais ou menos prolongado, mas geralmente muito breve.

Despertam como fazemos ao acordar de manhã para a vida material, animados pela ideia ou pelo conjunto de ideias que tinham antes do combate ou durante a luta, isto é, uns temendo as consequências do combate, outros, pelo contrário, à espera da vitória. Alguns são valentes e desprezam a morte; outros são medrosos e temem-na. Estes últimos preferem os lares ao campo de batalha, enquanto os primeiros, pelo contrário, preferem o tumulto dos acampamentos.

Os primeiros levantam-se, procuram a sua posição e os camaradas e seguem, através da continuidade dos seus pensamentos, todas as peripécias do combate. Os outros, ao contrário, são acolhidos pelos seus parentes ou amigos do espírito, que imediatamente os instruem sobre o estado em que se encontram e lhes facilitam os meios para o compreenderem. Assim, cada um retoma a ordem de ideias que mais lhe agrada e vive nela até que essa afeição se esgote.

Por que é que os parentes e amigos do espírito daqueles que retornam às suas fileiras (como dizeis) não vêm instruí-los sobre a sua condição?

Porque esses homens não quereriam acreditar, por quererem vencer e não morrer; porque, enfim, não creem em outra existência além daquela que levam. Alguns são confrontados com as suas próprias feridas para lhes demonstrar que não poderiam ter sobrevivido a elas. Ainda assim, não

acreditam e dirigem-se para a enfermaria, onde dizem que logo estarão curados.

Quem os trata nessas enfermarias?

Médicos igualmente do espírito, que estão no mesmo estado de incredulidade, que não querem e que não podem acreditar, devido às ideias que têm com respeito à morte, de que haja algo que sobreviva ao túmulo. Se soubésseis o trabalho que os bons Espíritos que se interessam pelo seu destino têm para os tirar desse erro, ficaríeis espantado. Eles são para esses seres o que tratam os loucos, pessoas que empregam todos os meios ao seu alcance para os trazer de volta a uma visão mais verdadeira do seu estado, o que, juntamente com os tratamentos apropriados, só acontece após vários anos e, muitas vezes, nunca.

Garante que é, sem dúvida, assim que as coisas acontecem? Esse facto já me foi muitas vezes confirmado, mas é tão difícil de aceitar que eu próprio continuo a duvidar, apesar de ter tentado explicá-lo de várias maneiras.

Então admita-o, pois parece ser um facto bastante exato.

Mas um desses soldados, por exemplo, que teve a cabeça arrancada por uma bala de canhão, poderá ainda duvidar de que foi atingido mortalmente?

Ele duvida tanto quanto aquele que morre lentamente em consequência dos ferimentos que sofreu. O segundo toma o seu despertar para a vida espiritual como a sequência de um desmaio, e o primeiro toma o seu como uma consequência de um forte atordoamento. Ele sabe que foi atingido na cabeça; sente até uma dor durante algum tempo, com relação à ideia que faz do instrumento que o atingiu, e diz para si próprio: "Levei uma pancada terrível, mas estou a melhorar..." Deveis compreender que ele não pode procurar a sua própria cabeça, pois a sua cabeça espiritual é inseparável do seu corpo espiritual. Assim, ele nem sequer pode pensar que foi decapitado.

Dizeis que ele volta para as fileiras; mas, se ele vê essas fileiras, como afirmais, só pode vê-las compostas pelos soldados e oficiais entre os quais estava durante a ação do combate. Esses oficiais e soldados podem ter sido atingidos

mortalmente como ele, e terem sido substituídos por outros que ele não conhece. Como é que ele não percebe isso?

Ele não percebe porque não concebe essa possibilidade. Ele entra, repito, na sequência de ideias que alimentava antes do combate. Essa sequência de ideias não lhe apresenta ninguém dos seus feridos ou mortos; ou, se fosse esse o caso, isso só aconteceria com aqueles que foram atingidos antes dele. Então ele só vê esses; ele vive no domínio das suas ideias, que são essa falsa existência que já conheceis, uma existência que só pode representar-lhe tudo o que aconteceu ou tudo o que ele próprio organiza dentro dessa mesma lógica de ideias... Se ele conhecesse um dos seus camaradas como sendo mais corajoso do que ele próprio, suporia que, devido à bravura desse camarada, esse não fora morto. O contrário ocorre se ele soubesse que um camarada era medroso, pois então supõe que este tenha sido morto. Cada um atrai a si e vê a imagem que evoca, e, acima de tudo, como quer vê-la, tal como acontece nos nossos sonhos magnéticos e tal como acontece com os loucos, que vivem entre as imagens que agrupam para si próprios.

Não posso oferecer-vos, como comparação material para a entrada no espírito de um grande número de homens ao mesmo tempo, senão o exemplo de colocar um pedaço de açúcar num copo de água e observá-lo dissolver-se. Vereis que uma grande quantidade de pequenas bolhas gasosas sobe à superfície do copo sob a forma de pequenas esferas, para depois se agregarem conforme a sua afinidade com grupos de pequenas esferas semelhantes (visto que o açúcar é composto por várias combinações com afinidades mais ou menos marcadas). Pois bem, o mesmo acontece com as almas que mudam de estado: elas unem-se em grupos segundo as suas afeições.

Qual será o ponto de demarcação para o homem, o que é que diferencia a ignorância do conhecimento da entrada no espírito?

Reside na crença de que cada um de nós tem numa existência futura. Quando entrarmos no Espírito, seremos avisados como os outros, por meio das comunicações espirituais feitas para esse fim. Sabendo de antemão que é assim que acontece, chamaremos a nos ajudar os Espíritos em quem

confiamos. Esses Espíritos virão até nós e não terão qualquer dificuldade em abrir-nos os olhos.

Mas não é assim para aqueles que rejeitam qualquer demonstração desse tipo, como vemos na Terra quando tentamos falar-lhes da vida futura. Eles riem de nós, chamam-nos visionários, caso não ousem chamar-nos loucos. Essa gente prefere ouvir o primeiro mestre que aparece, desde que ele trate de assuntos que lhes convêm estudar. Oh! Esse homem, para eles, é um sábio, um bom pensador. Sim, acreditem, é muito difícil conduzir esses incrédulos recém-entrados no espírito a conceções mais verídicas; os Espíritos esforçam-se muito para isso.

Por que é que as demonstrações da vida espiritual não são mais frequentes na Terra, através de aparições locais ou de manifestações de outro tipo? Quantas pessoas não entram no espírito que prometem aos seus entes queridos que lhes aparecerão se possível, e nada acontece? Isso encorajaria mais os homens a estudar essa questão.

Ah! Não se pode fazer o que se quer no estado espiritual, apesar da crença que se tem em contrário. Pode acontecer, primeiro, que não se acredite estar no espírito; segundo, pode acontecer que Espíritos, por razões que lhes são conhecidas, vos privem da memória dessa promessa; terceiro, que tenhais conservado a recordação e o desejo de cumpri-la sem conseguir fazê-lo; quarto, pode acontecer que entreis num estado de indiferença sobre o assunto que não supunham que pudesse existir; quinto, pode acontecer que a pessoa a quem fizestes essa promessa não seja digna do seu cumprimento, ou que tenha uma sensibilidade demasiado grande para suportar a experiência. Esses impedimentos estendem-se ao infinito; além disso, existem leis que regem essas manifestações e que não podem ser violadas à vontade.

Não compreendo esses impedimentos.

Suponde que tendes um parente ou um amigo preso numa cadeia, alguém a quem desejeis fazer chegar uma palavra de esperança. Procurareis então todos os meios possíveis para fazer essa mensagem chegar até ele, seja tentando corromper os guardas, travando conhecimento com aqueles que mais se aproximam dele, investigando o local onde está, a fim de cavar um

túnel ou fazer passar a mensagem através de alguma fenda. Esgotais assim mil recursos sem encontrar o correto.

O mesmo acontece, por vezes, com aqueles que fizeram as promessas de que falais; tentam aparecer-nos em sonhos e forçar-nos a recordar essa aparição ao acordar, ou tentam chamar a nossa atenção por ruídos, roçadelas, toques súbitos nos móveis, luzes, intuições, enfim, cem métodos diferentes, sem conseguirem encontrar o certo; por isso, sentem um grande desconforto quando não conseguem ter sucesso.

Quem os impede de ter sucesso? Se alguns conseguem, todos deveriam poder. Conhecemos casos semelhantes na Terra que nos fazem desejar que fossem mais comuns.

Quem os impede? Espíritos bons ou maus, assim como os casos que acabo de citar. Estas manifestações não dependem apenas da vontade humana, podeis ficar certos disso; se assim fosse, alguns fariam um uso contrário delas, perturbando-vos constantemente. Os bons Espíritos que velam por vós sabem paralisar ou estender essas manifestações conforme a sua utilidade. Crede que, se não fosse assim, a liberdade humana estaria ainda mais limitada do que imaginais.

Já que falamos de liberdade humana, desejo abordar um facto que parece entravar bastante essa liberdade. Já vos disse que Adèle é extremamente sensível ao som das trovoadas, que por vezes lhe provocam sensações tão intensas que sempre receei esse estado atmosférico. Certa vez, enquanto ela estava em sono magnético, desejei retirar-lhe a perceção dos relâmpagos e a audição de uma tempestade muito forte que surgiu durante esse sono. Concordei com ela que, ao despertar, não teria ouvido nada, o que funcionou perfeitamente, apesar da intensidade da tempestade daquele dia.

Há poucos dias, enquanto ela estava de novo em sono magnético, uma trovoada bastante forte estourou de repente. Eu estava a dar uma sessão de aparição ao senhor Denizet-Gentil, agricultor de Perrollet. Esse senhor, possuidor de uma excelente instrução e de um discernimento muito arguto, desejava assegurar-se por si próprio da veracidade dos factos contidos nos tomos II e III dos Arcanes, dizendo-me que perdera a sua fé nos degraus da igreja onde ela outrora florescera. Pensando que Adèle lha faria reencontrar

através dessas demonstrações irrefutáveis de que ela é tão profícua, eu estava, conforme disse, a conduzir essa sessão com esse respeitável cavalheiro quando a tempestade eclodiu. Aproveitei a ocasião para lhe dizer: "Ignorante, como sois, das faculdades magnéticas e das dependências sonambúlicas, vou tornar-vos testemunha de uma experiência que, por si só, vale mais do que cem.

Ouvis a tempestade que se abate? Adèle tem um pavor extremo dela no estado de vigília. Pois bem, vou despertá-la para esse estado de modo que não ouça os trovões nem veja os relâmpagos." Esse senhor pareceu duvidar dessa afirmação, mas, agindo desta vez como na anterior, obtive o mesmo resultado sem qualquer margem para dúvidas. Pergunto-vos, então: a quem se deve o cumprimento desse fenómeno, a Adèle ou a mim?

À vossa vontade sustentada pela adesão de Adèle.

Mas esse facto conduz-nos à aceitação de muitos outras similitudes, que acabam por resultar na perda da própria individualidade. Se posso fazer o que acabo de citar, também posso fazer desaparecer dos olhos ou dos sentidos de um ser tudo o que eu quiser e até transpor uma individualidade para outra, apagar a memória do eu e transformar uma Adèle numa Joséphine ou noutra personalidade qualquer. Essas experiências já foram tentadas e bem-sucedidas. Que pensais sobre isso?

Isso é possível, mas apenas em raras ocasiões, para vos provar que nada é impossível ao homem, desde que ele não abuse excessivamente dessas faculdades. Isso demonstra-vos que a Terra e tudo o que julgais ser absolutamente real se desvanece perante o real, o verdadeiro e a vida da palavra. Os factos que citais devem-se ao poder da palavra, que, conforme sabeis, é o som do pensamento, e este último é a própria essência daquilo que vedes materialmente.

Estais a deixar-me assustado; pois, afinal, se posso estar à mercê do menor capricho de um orgulhoso que decida fazer-me perder a memória da minha personalidade em favor de outra que me é estranha, adeus à imortalidade individualizada da alma humana tal como a entendo e defendo há tantos anos.

Detende-vos! Detende-vos!... Essa faculdade do homem tem limites; foi-lhe concedida para lhe mostrar a vastidão do infinito, mas detém-se perante as leis de conservação estabelecidas por Deus. O que acontece aos videntes de que falais não dura para sempre; dá-se com eles o mesmo que ocorre com os loucos ou alucinados que acreditam ser Cristo, Luís XIV, Napoleão ou qualquer outra grande figura. Esses homens vagueiam pelo domínio dos seus pensamentos e das suas faculdades sonambúlicas, agindo e falando conforme desejam; mas chega para eles, tal como para os videntes de que falais, o momento da rearmonização, através da qual recuperam a sua individualidade passada e percebem com pesar e amargura os desvios dos seus pensamentos.

Foi a tempo que me dissestes isso, pois começáveis a confundir-me um pouco as ideias sobre esta questão... Permiti-me submeter-vos ainda outra. Um amigo escreveu-me recentemente pedindo um contacto com uma irmã que se jogou na condição do espírito por meio de um suicídio. Esta jovem amava um homem que não podia possuir (não sabemos porque razão). Se, no estado espiritual, se vive no centro das próprias afeições e se tem diante de si a objetividade dos seus desejos, então essa jovem não sofrerá de maneira alguma por se ter suicidado; pelo contrário, será imensamente feliz.

A sua felicidade será sempre a felicidade ilusória de uma existência desorganizada, e só poderá desfrutar da visão daquele que amou na Terra, sem nunca ir além disso.

Mas é meu entendimento que, a partir do momento em que o pensamento de um ser se torna objetivo diante dos seus olhos conforme os seus desejos e lhe proporciona todas as sensações que anseia, isso deva bastar para a sua felicidade. Essa existência, a meu ver, vale tanto quanto qualquer outra.

Então acreditais que o louco seja feliz no meio das criações do seu próprio espírito? Acreditais que ele não sinta qualquer contrariedade sempre que contestam a sua realidade e os seus meios de prazer, e, sobretudo, quando o chamam de volta à existência materialmente organizada da Terra? Enganais-vos, pois esse homem percebe perfeitamente que não há unanimidade na apreciação da sua existência por parte dos seres que o rodeiam. O mesmo se aplica aos suicidas e a todos os seres que vivem no mundo espiritual, presos

ao domínio dos seus pensamentos. Eles são frequentemente visitados e até pressionados por Espíritos para abandonarem essa visão e adotarem uma forma mais harmoniosa de existência.

Só após conselhos e demonstrações infinitas eles se rendem à evidência e entram na vida espiritual harmoniosa; então, passam em revista o seu passado e, como os outros, percebem o quanto se enganaram nas suas apreciações, o quanto os seres, os lugares e as ideias que tanto estimaram eram ilusórios comparados à realidade que agora veem. Ser-me-ia impossível descrever-vos as suas angústias; só poderíeis compreender isso vendo um louco que, após quarenta anos perdido no seu estado desorganizado, é trazido de volta à existência material e descobre tudo o que aconteceu à sua família, à sua casa, à sua pátria, sem que ele soubesse.

Pedi-lhe que descreva as sensações que experimenta e então podereis julgar as que sentem os espíritos que, pelo suicídio ou pela sua incredulidade nas coisas espirituais, deceparam a sua existência, que nada observaram nem conheceram como os outros. É nesse ponto que se pode dizer com justiça que os primeiros a chegar são os que ocupam os últimos lugares.

Como será possível que os Espíritos superiores tenham tanta dificuldade em abrir os olhos desses homens?

Da mesma forma que vós tendes dificuldade em abrir os olhos dos homens a quem vos dirigis.

Eu não disponho na Terra dos mesmos meios de demonstração que esses Espíritos possuem.

E não serão nada as faculdades de que dispondes? Não serão nada as demonstrações fortes e videntes, escritas ou orais? Não serão nada essas diferentes manifestações espirituais que hoje vos deslumbram? Sim, tudo isso não é nada para homens sem olhos e sem ouvidos, para homens cujas faculdades da inteligência espiritual se acham fechadas, para homens que, mesmo assim, não querem admitir que o branco seja branco. Sim, os Espíritos possuem forças de demonstração superiores às vossas, mas não querem usá-las por uma questão de respeito pela liberdade humana; isso é-lhes vedado.

Está escrito que cada um vive no domínio das suas próprias ideias por um tempo proporcional à plena satisfação das suas afeições; só após essa satisfação a luz brilha diante dos seus olhos. Apenas os mais teimosos e dominadores permanecem nesse estado por tanto tempo. Não é assim com todos. Para muitos, basta uma leve centelha de luz, um pequeno ponto tocado, para que a porta se abra e o seu estado mude instantaneamente.

OBSERVAÇÃO:

É com alguma relutância que voltamos a tratar da questão da ignorância em que certos Espíritos permanecem sobre a sua verdadeira espiritualização. Se eu não tivesse assumido a tarefa de ser um narrador fiel de todas as revelações que me são feitas, teria evitado tratar desse tema, pois ele parece suscitar muitas dúvidas e trará aos argumentadores contra os nossos estudos uma quantidade de objeções que não faltarão em força ou lógica aparente. Mas como poderia eu reter para mim tal proposição, que, se for exata em todos os seus pontos, é muito importante para todos os homens, cujo futuro espiritual estaria comprometido ao ignorá-la?

Digo, pois, com franqueza, que sempre fui contrário a essa crença; é fácil perceber isso pelos argumentos contrários que apresentei ao longo deste livro. Talvez deva a essa incredulidade os diferentes estados pelos quais fui conduzido à noite durante vários anos, estados próximos do sonambulismo, se não forem exatamente esse estado. Fizeram-me estudar, digo, as leis da matéria e as espirituais a ponto de paralisar a minha convicção sobre a existência de uma mais do que sobre a da outra.

Comecei um diário sobre essas dúvidas do meu espírito, assim como os argumentos que formulei a favor e contra a veracidade dessas criações. Não sei se um dia poderei publicá-lo, mas posso afirmar que passei por diferentes tipos de morte e ressurreição nesses estados, que, se eu não tivesse sido tão obstinadamente contrário a essa questão, deveriam ter estabelecido a minha certeza antecipadamente a seu respeito.

Vejo-me, portanto, forçado hoje a empregar em seu favor comparações materiais dos estados permanentes dos loucos, dos igualmente curiosos estados dos videntes e dos sonhos repetidos de todos. Se é possível a um louco viver com plena convicção numa existência que todos os homens

rejeitam, se é possível aos videntes desfrutar da visão de uma criação que para eles é mais exata, pela permanência e inalterabilidade dos seus constituintes, do que a material, se é possível a todos apreciar nossa existência noturna em todos os seus detalhes, comparar essas sensações, essas convicções, esses impulsos dos sonhos, a sua ligação até mesmo com as coisas passadas e futuras da existência terrestre, certamente que o observador de tais factos estará mais inclinado a aderir à proposição do guia de Ravet (que é a de todos os Espíritos sobre este assunto) do que a rejeitá-la.

Não posso invocar em seu auxílio outra demonstração senão uma leitura e uma meditação contínua sobre a ligação desse sistema espiritual, cujos fragmentos alegóricos encontramos em todos os místicos, videntes, profetas e videntes que existiram até hoje. Sistema que meu primeiro extático, Binet, sustentou e descreveu com rara precisão. Desde ele, só ouvi revelações que o apoiam.

Que aqueles que seguirem nossos estudos com perseverança busquem obter a mesma convicção a respeito deles que nós obtivemos. A parte mais difícil de aceitar nessa revelação é a ideia de se estar confinado a atos passados, sem ansiar por esse progresso, esse desconhecido, que se sucedem dia após dia no nosso estado material. Mas, perguntei-me muitas vezes, a existência humana não apresenta um estado semelhante de permanência nos hábitos dessa existência?

O agricultor, que todos os anos cultiva da mesma maneira os seus mesmos campos, volta para casa para viver da mesma comida, fazer os mesmos hábitos, contar as mesmas histórias à lareira, aos mesmos vizinhos, que, por sua vez, fazem como ele o que aprenderam a fazer de pais para filhos, não vive ele uma existência no presente, apenas no presente, mas uma existência que é amanhã o que foi ontem, e que, portanto, compreende passado e futuro?

Não são apenas algumas notícias ocasionais ou as rugas da idade que fazem essas pessoas saírem do seu estado habitual, ou seja, do seu vis-à-vis do passado? Será diferente para os habitantes das cidades, para o comerciante acostumado a ir do balcão à bolsa de valores, e da bolsa de valores ao café,

jogar a sua partida de cartas ou xadrez? Para os operários que conheci e que, há trinta anos, não perdiam uma única segunda-feira sem ir ao mesmo bar, sentar-se à mesma mesa, comer a mesma refeição e beber o mesmo vinho?

Perdidos no meio da algazarra dos bebedores, dos cantores e dos dançarinos que frequentaram esses lugares durante trinta anos, poderiam essas pessoas notar, no mundo espiritual, que estão vendo os mesmos rostos e os mesmos lugares, entre uma tal diversidade de seres e coisas cujas imagens vivas estão impressas neles, como podemos comprovar com nossos videntes? Não, essas pessoas podem muito bem viver ainda, no mundo espiritual, um número semelhante de anos sem perceber melhor do que na Terra que fazem, veem e sofrem, por um tempo proporcional à sua afeição, o que fizeram, viram e sofreram durante tantos anos na Terra.

Se ouvirmos, do jovem com memória fraca ao velho cuja memória se tornou temporariamente preguiçosa, esses contos sem fim mil vezes repetidos que chamamos de divagações, pensamos nós que essas pessoas vivem no passado e para o passado? Se lhes déssemos a capacidade de perceber esse passado querido, em vez de apenas lhes conceder a sua lembrança, acreditaríamos que isso as faria infelizes? Pelo contrário, dir-nos-iam: "Oh! Se eu pudesse voltar àquela idade, faria isto, faria aquilo," o que, para elas, no mundo espiritual, seria uma forma de passar o tempo, sem dúvida.

Pois bem, o que tão comumente observamos na Terra pode muito bem existir onde todos os desejos são satisfeitos. Com tais observações em mente, poderíamos, portanto, ser menos exigentes em relação às proposições que discutimos. O importante é meditá-las sem qualquer preconceito.

28 DE JUNHO

EXISTÊNCIA, INTIMIDADE E SENSIBILIDADE DAS FLORES

Ravet, tendo uma sessão a dar a um amigo doente, responde da seguinte forma a uma palavra pronunciada acidentalmente por mim. Ele diz:

"Falais de rosas, mas sabeis que cada rosa colhida do seu roseiral chora por ele assim como pelas suas companheiras!... Sabeis que a sua existência é uma existência de amor, e que ela sente, à sua maneira, o que vós sentiríeis se fôsseis brutalmente separados das vossas afeições? Ah! os homens acreditam que só eles existem, que só eles pensam, que só eles amam, e que tudo o que os rodeia não tem vida íntima, nem pensamento, nem movimento. Como são cegos!"

Quem vos inspira essas palavras?

É o meu guia. Ele acrescenta: "Julgais criar uma obra-prima ao compor ramos com cem espécies de flores para alegrar a vossa vista e o vosso coração; mas sabei que, para um coração satisfeito, há cem mergulhados no mais profundo desespero e na maior dor. Essas flores, assim agrupadas, encontram-se, devido ao efeito do seu aroma, das suas necessidades e da delicadeza mais ou menos acentuada da sua existência, entre as mais infelizes do mundo, pois são colocadas junto de irmãs que exercem sobre elas o mesmo efeito de repulsa que vos causaria o contacto e o alvoroço de cem estrangeiros de diferentes nações!... Faríeis muito melhor em deixá-las murchar onde florescem."

A sensibilidade das flores é tão intensa que elas sofrem com o contacto dos insetos que sugam as suas partes mais tenras? Sentem essa sucção?

Como sentis aqueles que sugam a vossa epiderme.

Mas então essa sensação leva-nos a admitir a mesma no caso das pedras que calcamos, das folhas de erva, e de tudo o que nos sustenta e rodeia?

Não entreis nessa questão das dores universais, das queixas e dos suspiros de tudo o que existe. Sabei que o estado material é uma lágrima universal e eterna que afoga, que queima e que agita todos os corações... Todos os seres acrescentam a essa lágrima, que é o banho, o berço, enfim, a essência da felicidade para a qual ela conduz.

Ravet sente-se tão comovido com o que o seu guia lhe diz sobre este tema que, sem encontrar palavras mais suaves para me traduzir o seu pensamento, deixa cair abundantes lágrimas sobre as suas faces pálidas,

devido à dor que experimenta. Eu próprio fico emocionado por um momento, pois sinto toda a força dessa revelação!...

Ravet continua: "Ai de nós! Não somos também nós os sacrificados, não por capricho, mas por necessidade, para errar na imensidão e recolher noções úteis ao conhecimento dos nossos irmãos? Se fôssemos dependentes da matéria como eles são, os nossos estudos e as nossas relações com os seres seriam os mesmos; mas, pelo contrário, porque dominamos a matéria, porque a habituámos e a unimos a todas as nossas sensações espirituais, ela sofre com as sensibilidades da nossa alma e chora com as suas dores!...

Não se deve pensar que bastará estarmos no espírito para sofrer menos; a nossa existência futura será, pelo contrário, proporcional à nossa sensibilidade, e, se não nos endurecermos ao contacto da sabedoria, se não repelirmos com energia as penosas impressões causadas por estas dilacerações e esses amores sem fim, sofreremos eternamente! Ai de nós!" – continua este vidente – "separar-se, repelir esse amor terno e fraterno, será privar-se da felicidade de aliviar, de partilhar a dor, de levar uma parte do fardo que esmaga um irmão!..."

Não entremos nessa questão, como nos disse o vosso guia, pois a sua vastidão assusta-me. No que me diz respeito, prefiro sofrer eternamente a minha parte das agitações da vida em geral do que transferi-la para os outros, e não sei se não preferiria passar toda a eternidade com aqueles que choram do que com aqueles que riem... Voltemos às nossas rosas; essa flor tem, então, uma alma individual?

Sim, mas ligada e fazendo parte da do roseiral que a sustentou, assim como há uma parte de nós em todas as nossas ações.

Dizeis-me que essa rosa chora pela sua família, que se murcha e se enfraquece longe dela; no entanto, vemos o botão desabrochar muito bem num copo de água.

Esse botão é, em relação à rosa, o que é a criança em relação à casa paterna. A criança sente-se bem em qualquer lugar e tem menos afeição pelos locais do que os adultos; é por isso que a rosa desabrochada, que está no auge da sua existência e das suas afeições, prefere morrer onde nasceu, rodeada

pelas suas irmãs, que para ela são uma família, entre cujos membros se estabelecem laços de amor e amizade que não podemos compreender.

Volto à questão da sensibilidade das flores ao contacto dos insetos; sei que dizem que a sensitiva fecha a sua corola ao toque do homem. Acreditais que todas as flores sejam, como ela, sensíveis ao contacto de corpos materiais?

São mais ou menos sensíveis, de acordo com a relação entre o seu estado e o dos seres que as tocam. Assim, a sensitiva de que falais sentirá uma vossa intenção de amor ou de repulsa por ela, ou seja, desabrochará com a expansão da vossa alma e fechar-se-á sobre si mesma à sua agitação. Pode acontecer que os vossos olhos não consigam distinguir as inapreciáveis impressões dessa flor, mas é certo que elas existem.

Poder-se-ia agir magneticamente sobre as flores de forma visível?

Penso que sim.

Haveria condições a observar?

Sim, as mulheres e as crianças, por sua natureza sensitiva, estão mais em sintonia com as flores do que os homens; por isso, poderiam agir melhor sobre elas.

Os homens, então, não poderiam obter os mesmos resultados?

Não digo que seja impossível, mas o homem atuaria mais seguramente sobre as árvores. Nunca vos esqueçais, em todas as vossas interações com as coisas, de associar o terno ao terno, o fraco ao fraco e o forte ao forte.

Poderíeis nomear-nos uma flor ou uma planta específica sobre a qual o homem poderia agir visivelmente?

Isso ficará para outra ocasião.

OBSERVAÇÃO:

Durante uma sessão realizada fora dos estudos habituais, pedi a Ravet que perguntasse ao seu guia se ele havia encontrado uma flor sensível ao

magnetismo humano. Ele respondeu-me que uma espécie de liseron *(flor do género das campainhas brancas)* violeta dos bosques era sensível a essa ação, que fechava o seu cálice e não o abria enquanto estivesse magnetizado. Não tive a oportunidade de experimentar esse fenômeno. Mais adiante, mencionei que fiquei profundamente emocionado nesta sessão pelas lágrimas de Ravet; no entanto, não o fui menos quando ele me disse que éramos os sacrificados. Houve algo na pronúncia dessa palavra que reacendeu em meu coração a mais intensa dor que já senti em minha vida.

Certa noite, encontrava-me submetido a esses estudos espirituais de que já falei anteriormente. Estava (em espírito, bem entendido) na Praça da Revolução, em Paris, quando um céu negro nos surpreendeu de maneira intensa; a escuridão tornou-se tão densa que mal conseguíamos distinguir-nos entre os transeuntes. De repente, uma fraca luz, como a de um crepúsculo, surgiu no céu, partindo das Tulherias e irradiando em direção à barreira da Estrela. Vi então partir do palácio das Tulherias uma deusa da Liberdade, coberta por um véu negro, que se agitava atrás dela como a espessa fumaça que sai das chaminés dos vapores.

Essa deusa flutuava deitada horizontalmente no ar e passou sobre nossas cabeças. Todos os espectadores reuniram-se em duas fileiras para deixar passar e ver uma espécie de cortejo que acompanhava essa deusa, formado por um grande número de homens com o tipo e a aparência dos republicanos de 1789. Um deles destacou-se do grupo, aproximou-se de mim, pousou seu polegar sobre minha testa, na raiz do nariz, e voltou-se para seus companheiros, dizendo-lhes: "Aqui está o nosso número 7." Todos me olharam e seguiram seu caminho. Fiquei muito emocionado com esse incidente e, por um momento, acreditei que deveria ser a sétima vítima de alguma emboscada revolucionária.

Mais tarde, voltei a sentir essa dor que havia experimentado nessa visão e temi, por um momento, algum acidente. Informado por um dos nossos, que conhecia particularmente alguém na polícia, de que meu nome estava incluído na lista de detenções, deixei Paris e me mantive escondido por algum tempo, por precaução. Dois anos depois, recebi uma carta de um desconhecido avisando-me para ter cuidado com o número 7, pois sua

clarividente lhe havia dito que me seria fatal. Esse magnetizador vivia em uma das províncias mais remotas da França e só poderia ter me conhecido por meio de alguns dos meus escritos. Essa confidência reacendeu em mim a lembrança da minha visão e achei necessário falar sobre isso a Adèle em um estado de sono magnético, bem como pedir explicação ao Espírito Swedenborg.

Esse bom Espírito disse-me que aquela visão era um aviso alegórico que me ensinava que eu era o sétimo a tratar, sob a inspiração de Espíritos encarregados dessa missão, de questões religiosas, espirituais e liberais, o que, por consequência, poderia me fazer temer os homens, mas que eu estava protegido em virtude disso. Detalhes complementares foram-me dados por esse Espírito, pelos quais percebo que o que Ravet diz hoje está perfeitamente de acordo com a nossa posição atual.

O que me leva a dizer (ao ver o vazio que se forma ao redor e o ódio que cerca aquele que se expõe, como eu, para explorar essas rotas desconhecidas do espiritualismo!): os normandos, transportados de suas verdes e húmidas pradarias para os escaldantes desertos do Egito, podem sofrer moralmente mais do que o curioso viajante que se aventura nessas terras desconhecidas para descrever sua topografia aos seus irmãos?

O romano indolente, que deixa os degraus do Capitólio para conhecer os dos polos Ártico ou Antártico, sofre mais entre os hotentotes do que o impetuoso estudante espiritualista diante de seus irmãos ignorantes, incrédulos, argumentadores, preguiçosos até mesmo para realizar experiências, desprezando agora os factos pelos quais tanto suspiraram, desprezando até mesmo essa sombra, essa imagem ou essa realidade do pai, do irmão, do amigo que dizem lamentar e chorar, e que lhes é apresentada por aquele que conseguiu encontrá-la nesses territórios de cem caminhos, cem portas e cem encontros!

Quão pesada me parece a vida material desde que faço esses estudos! Quão estúpidos me parecem os homens! Quão tirânicos me parecem os apetites da carne! Quão desordenados me parecem os próprios amores dos sentidos! Quão desconexos, exigentes, obscuros e videntes me parecem os meus

pensamentos desde que abandonei minha bem-amada torre de madeira para percorrer a do universo espiritual!

Meus grosseiros apetites para as necessidades etéreas da alma! Minhas sombrias esperanças para aquelas tão radiantes pelas quais suspiro, e que só poderei possuir a seu tempo!... Sim, meu bom irmão Ravet, somos os sacrificados, as bóias do mar, as estacas da estrada, os guardiões de um caminho cujo início não sabemos onde está e cujo fim desconhecemos! Não peçamos ao Senhor nem a nossos irmãos recompensa por uma missão tão penosa; que Deus apenas se digne a lançar sobre nós um olhar de compaixão para abreviar-lhe as horas, e que nossos irmãos nos vaiem ou nos aplaudam, somente o futuro nos dará o que nos pertence!

1º DE OUTUBRO

PRIMEIRA APARIÇÃO DO ESPÍRITO FRANKLIN
NOÇÕES DADAS POR ESSE ESPÍRITO SOBRE AS MANIFESTAÇÕES ESPIRITUAIS DOS NOSSOS DIAS, SEU PROPÓSITO E SUA UTILIDADE
COMO SE REALIZAM OS APORTES E COMO A MATÉRIA ATRAVESSA A MATÉRIA

Os trabalhos de Ravet não lhe permitiram até hoje continuar seus sonos magnéticos, e, por consequência, nossos estudos. Aproveito sua boa disposição hoje para pedir-lhe que solicite a aparição do Espírito Franklin. Quando esse vidente está em sono, seu guia vem até ele vestindo o uniforme de caçador, deposita seu fuzil ao lado e senta-se sobre um pequeno monte de relva. Um grande e belo cão de caça está ao seu lado e faz-lhe festas.

Após um momento de conversa, chamo o Espírito Franklin. O guia de Ravet diz-lhe: "Oh! Quereis estudar ainda? Pois bem! Quebrai a cabeça, meus amigos, à vontade..." Franklin aparece ao vidente, mas de perfil e demasiado obscurecido para que ele possa dar uma descrição precisa. Não o vê muito idoso; seu rosto é cheio, cabelos castanhos avermelhados, estatura acima da média, corpo robusto; está de pé, lê um livro e anota entre as linhas. Usa uma espécie de roupão, no estilo das houppelandes* de outros tempos. Essa

visão é breve, pois Ravet tem dificuldades em ver os Espíritos; como se sabe, ele se comunica melhor conversando com eles. Seu guia serve-lhe de intérprete entre Franklin, para facilitar-lhe a audição das respostas desse Espírito.

** Houppelandes eram um tipo de vestimenta elegante e volumosa usada na Europa medieval, especialmente entre os séculos XIV e XV. A houppelande era um manto longo e amplo, com mangas largas e às vezes muito exageradas, usado por homens e mulheres da nobreza e da corte. Era símbolo de status e riqueza.*

Origem do nome: Vem do francês antigo, mas a palavra também aparece em outras línguas medievais. Às vezes é traduzida como "roupão cerimonial" ou "manto de corte".

Há dez anos que estou em comunicação com o mundo espiritual por meio de videntes preparados para esse fim, sempre implorando aos Espíritos benevolentes, que acrescentaram à minha instrução, que considerem minha ignorância absoluta sobre os assuntos que trato com eles, bem como a necessidade que sinto de me fazer explicar mais de uma vez as lições que me ensinam. Quereis usar para comigo da mesma indulgência e instruir meus irmãos, através da minha voz, sobre os fenômenos tão surpreendentes que ocorrem em nosso globo atualmente, fenômenos dos quais, dizem, sois o promotor?

Farei o quanto me for possível.

Quereis, para isso, contar-me a história da descoberta espiritual que vos permitiu entrar em contato com o mundo material por meio das correntes chamadas elétricas?

Nada mais simples; comecei entrando em contato com Espíritos que estudavam essa questão há muito tempo e que buscavam entrar em contato com um ser de ciência, recém-saído do estado material, que pudesse mais do que qualquer outro facilitar-lhes os meios.

Operais em todos os lugares onde essas manifestações ocorrem, ou fundastes uma sociedade suficientemente forte de Espíritos que agem por vós no tempo e momento oportunos?

Opero eu mesmo, sobretudo nos lugares onde vivi e onde deixei lembranças... A sociedade à qual me uni precisa de mim tanto quanto eu dela. Tivemos necessidade desses primeiros auxílios para extrair fluidos que nos foram de grande utilidade para estabelecer uma ligação direta entre nosso estado espiritual e o vosso estado material. Se hoje recorremos menos a esse auxílio, é porque os primeiros fluidos de que vos falo nos servem de condutores e, por meio deles, extraímos de vós, sem que o saibais, os fluidos de que ainda necessitamos.

Quando fazeis música ou extraís sons dos instrumentos que vos são apresentados para esse fim, agis materialmente ou espiritualmente?

Somos obrigados a agir das duas maneiras, espiritual e materialmente.

Quando fazeis soar harmonias compostas por uma orquestra inteira, sem que haja qualquer instrumento material no local onde operais, como conseguis isso?

Extraímos sons do ar, condensamo-los e materializamo-los, diria eu, de forma a torná-los percetíveis à vossa audição material.

Quando escreveis pela mão dos homens materiais, penetrais no corpo deles para guiar-lhes a pena, ou isso se dá apenas por um efeito da vossa vontade?

Conduzimos a mão exteriormente, visto que o ser não sabe o que está escrevendo. Se, ao contrário, entrássemos nele, ele saberia o que vai escrever. Daí resultam escritas desajeitadas, como aquelas que obteríeis ao conduzir a mão de um estudante para fazê-lo escrever coisas que desconhece. Se há boa vontade por parte dos seres para connosco, por um lado, há resistência por outro, devido ao peso do braço que conduzimos, o que nos leva a escrever mal e com dificuldade.

Quando realizais aportes, de onde retirais os objetos trazidos por vós?

É uma subtração terrena; apagamos da memória daqueles a quem esses objetos pertencem a lembrança desses mesmos objetos, bem como da sua visão o hábito de os verem.

Como podem Espíritos, que se diz serem compostos apenas de fluidos imponderáveis, transportar substâncias ponderadas?

A eletricidade encarrega-se do transporte desses objetos, e nós encarregamo-nos da transferência através da matéria.

Por que, nesse fenômeno, não percebemos qualquer alteração nem descontinuidade da matéria?

Porque somos nós que passamos primeiro por esses interstícios.

Não compreendo como isso pode ocorrer; podeis explicar-me esse fenômeno de outra maneira?

Basta-nos querer que a matéria passe ao estado de espírito através da matéria para que ela se espiritualize ao ponto de apresentar apenas a ponderabilidade de todo fluido material, e então, pelo mesmo ato de nossa vontade, rematerializa-se imediatamente.

O vidente não pode continuar esse estudo.

OBSERVAÇÃO:

Ravet demonstrou certa complacência nesta sessão para levá-la a bom termo; aproveitava-se frequentemente do tempo necessário para escrever suas respostas (visto que estas são tais como me foram dadas) para ocupar-se com visões mais agradáveis para ele, segundo me disse, do que essas questões que pouco o interessam. Ele me confessou que às vezes não transmitia as perguntas que eu lhe fazia com tanta precisão quanto as respostas que obtive dele, e que, por vezes, sequer as mencionava a seu guia, o qual, no entanto, respondia-lhes sem que Ravet soubesse como ele poderia conhecê-las. Esse vidente então pergunta a seu guia como isso pode ocorrer.

Este responde-lhe mostrando uma parede contra a qual um homem aplica o ouvido de um lado, enquanto do outro lado outro homem faz o mesmo. Este último segura pela mão uma criança que o interroga, e à qual ele responde o que o primeiro lhe diz, de modo que a criança não sabe quem fala àquele que a instrui. Ravet então me diz: "Adivinhe alguma coisa disso? Quanto a mim, não experimentei grande prazer com as suas perguntas de hoje, embora minha visão tenha sido muito mais nítida do que antes. Preferia ver as belas paisagens que se apresentavam a mim do que servir-lhe de intérprete; mas meu guia respondia-me não sei o quê, obscurecendo minha visão, o que me forçava a reproduzir suas respostas... Oh! tudo isso é extraordinário, meu Deus! O que significa tudo isso?" exclama o vidente.

Compreendo o quadro alegórico que o guia de Ravet lhe apresentou da seguinte maneira. Essa parede é o sonâmbulo que une a matéria ao espírito. Ravet, por seu estado intermediário, é o ouvido de Denis, diria eu, por meio do qual seu guia me ouvia, e a criança que o outro homem segurava pela mão e à qual respondia não era outra senão eu mesmo, de maneira alegórica. Esse quadro, ao contrário, é de uma composição altamente espiritual; prova-nos mais uma vez a grande superioridade dos Espíritos sobre nós, pois essa improvisação alegórica não exigiu mais que dois segundos para ser completamente elaborada.

Poderíamos nos surpreender ao ver o guia de Ravet vestido como um caçador, com um fuzil na mão e seguido por um cão. Se não soubéssemos já por que ele parece continuar com os hábitos da terra, lembraríamos do que ele nos disse a esse respeito em uma sessão anterior, relatando a alegoria da tourada. Além disso, devemos considerar que nestes dias abre-se a temporada de caça.

8 DE OUTUBRO
SEGUNDA APARIÇÃO DO ESPÍRITO FRANKLIN
NOÇÕES SOBRE AS COMUNICAÇÕES ESPIRITUAIS
MÁQUINA ENSINADA POR ESSE ESPÍRITO PARA CURAR A PARALISIA E, GERALMENTE, A FALTA DE CIRCULAÇÃO DOS LÍQUIDOS E FLUIDOS NO HOMEM
MÁQUINA ELÉTRICA DE NOVA COMPOSIÇÃO

De acordo com as informações que tivestes a bondade de nos fornecer recentemente, conclui-se que vos unistes a uma sociedade de Espíritos que buscavam um meio de entrar em contato com os homens da Terra e que lhes facilitastes esse meio graças aos vossos conhecimentos de física. Podeis mostrar-nos, nesta ocasião, os vossos meios elétricos para o transporte pelo ar de objetos materiais?

Os nossos meios não são outra coisa senão uma grande unidade de vontade de todos os membros da nossa sociedade sobre o resultado a obter. NÓS QUEREMOS, NÓS OBTEMOS.

Tendes meios para condensar o ar a fim de produzir sons materiais?

Obtemos os sons pelo mesmo ato da nossa vontade. Sabemos apreciar e medir as distâncias a percorrer e agimos em conformidade, envolvendo o nosso pensamento nos fluidos necessários para obter uma vibração material.

Agis da mesma forma com os médiuns que escrevem sob a vossa influência?

Sim, a nossa força, nesse aspeto, está em relação com o número de Espíritos que concorrem para obter esses resultados e com o conhecimento que cada um de nós tem do poder do pensamento humano... Acreditais conhecer o pensamento! Podeis descobrir nele algo do que é mais aparente, mas da sua essência interna, não podeis formar uma ideia.

Os golpes que fazeis soar sobre os móveis resultam dos mesmos meios?

Sim.

Mas quais são os meios pelos quais fazeis a matéria atravessar a matéria?

Os mesmos; reduzimos os objetos materiais que fazemos atravessar a matéria ao estado de pensamento, ao estado de PALAVRA, enfim. Queremos que entrem no espírito para não encontrarem resistência na matéria; passam instantaneamente ao estado espiritual, ao estado do seu NOME ESPIRITUAL, e, pelo mesmo ato da nossa vontade, tornam-se materiais novamente.

Sendo assim, de que serviram os vossos conhecimentos de física para essa sociedade espiritual que aguardava a vossa entrada no espírito para obter as luzes necessárias à realização do seu objetivo? Essas manifestações espirituais não são novas para nós. Todos os séculos, todas as nações e todas as localidades tiveram as suas. Não há aldeia entre nós que não tenha testemunhado alguns factos desse gênero... Os cabalistas, os magos, os feiticeiros, etc., produziram muitos fenómenos dessa ordem.

Isso é verdade, mas esses factos não foram generalizados nem colocados ao alcance de todos como o são hoje, graças ao método da sociedade da qual faço parte. Quando eu vivia na Terra, já era agente dessa sociedade. Foi às suas inspirações que devo os trabalhos que executei em física. Se tive a minha parte nas pesquisas que fiz nesse campo, essa sociedade teve a sua na influência que exerceu sobre mim. Esses trabalhos atraíram sobre a minha pessoa a atenção de um número maior de homens do que todos aqueles que me precederam nesses estudos; por conseguinte, encontrava-me ligado, pelo facto de todos esses pensamentos convergirem para mim, a uma massa maior de seres.

Essa posição material fez de mim, em relação ao mundo espiritual, um meio de aliança, de ligação, de comunicação muito mais poderoso do que qualquer outra posição. Por isso vos disse que essa sociedade aguardava apenas a minha espiritualização para fornecer-lhe os fluidos materiais frescos de que necessitava para os combinar com os fluidos espirituais que soubera reunir, a fim de preparar as manifestações que se propunha produzir.

Qualquer outro homem que tivesse entrado recentemente no espírito poderia, tão bem quanto vós, fornecer-lhe os fluidos materiais frescos de que necessitava?

Não, qualquer outro não era, como vos disse, o seu agente material. Qualquer outro não possuía os meus gostos, os meus meios de estudo, nem a minha posição. A ordem dos meus pensamentos era o meio no qual essa sociedade depositava e do qual esperava os resultados que obteve; os fluidos materiais que me cercavam estavam, portanto, já modificados pelos meus trabalhos e pelo estado dos meus pensamentos. Esse fluido foi o fermento, diria eu, de todos aqueles postos em ação para obter o que conseguimos.

Mas acabais de nos dizer que obtendes, pela vontade coletiva dos membros da vossa sociedade, o que não representa para mim uma disposição de fluidos nem de eletricidade, como eu supunha que tiráveis de máquinas de nova composição?

Disse-vos que a nossa vontade é o motor das nossas manifestações, mas que ela só pode operar reunindo, medindo e condensando os fluidos meio espirituais e meio materiais. Portanto, se a nossa vontade é o meio propulsor, o meio atuante está nos fluidos reunidos para esse fim... Não acrediteis que já não estudamos mais o poder desses fluidos; mal conhecemos as suas primeiras forças, e vedes quais são os seus resultados.

Aguardai, aguardai! Quanto aos instrumentos de física, só os temos para transmiti-los à Terra. Combinamo-los da melhor forma possível e depois influímos a ideia deles nos homens materiais, para que os reproduzam e utilizem para vencer as resistências dos elementos desse estado; mas, para nós, são inúteis, só os mantemos por amor à perfeição e para ensiná-los aos homens da Terra, como vos disse.

~ ~ ~

Franklin leva o vidente a ver uma máquina com a qual, segundo ele, se poderia esperar curar a paralisia, bem como qualquer interrupção na circulação dos líquidos ou dos fluidos. Ela é construída da seguinte maneira: um grande recipiente de chapa, em forma de tanque, cheio de uma água acidulada com ácido sulfúrico, de modo a produzir uma leve sensação de acidez ao paladar; esse recipiente tem dois suportes suficientemente elevados para sustentar outra máquina de chapa, com a forma de um tambor de torrefação de café. Esse tambor tem aproximadamente o

tamanho de um quarto de barril de cerveja e lembra um pequeno barril; é oco, naturalmente, e serve de fornalha para carvão em brasa que contém.

Pequenos orifícios permitem manter a incandescência do carvão. Seis tubos de fogão de chapa, com cerca de um pé de comprimento, fechados nas extremidades por placas de chapa, são fixados a igual distância ao redor desse tambor ou fornalha; esses tubos assemelham-se aos raios de uma roda, mas, diferentemente desta, não há um círculo que os envolva em suas extremidades. O tambor é girado suavemente por meio de uma manivela, como se faria com um aparelho de torrefação de café sobre sua fornalha.

O resultado é que os tubos de chapa que o revestem devem mergulhar, ao girar, cerca de cinco centímetros de suas extremidades na água acidulada do tanque sobre o qual a fornalha giratória está ajustada, e projetar assim, segundo Ravet, uma espécie de vapor sobre o paciente, que é colocado diante dessa máquina em uma posição adequada, tendo previamente exposta a parte paralisada a ser tratada. Se for o corpo inteiro, o doente ficará completamente nu e receberá essa espécie de chuva morna e vaporosa por todo o corpo, por um tempo proporcional ao benefício que se espera proporcionar-lhe.

Presume-se que o calor da fornalha aqueça suficientemente os tubos dessa máquina para que, ao mergulharem na água acidulada, decomponham seus componentes e os reduzam ao estado de vapor que, assim projetado sobre o paciente por meio do giro mais ou menos rápido da máquina, poderia levar à cura.

Ravet, muito cansado, pede para ser despertado.

OBSERVAÇÃO:

Acabamos de obter detalhes tão curiosos quanto inovadores para a ciência médica e para a ciência física, oferecendo novos meios de experimentação que parecem estar associados a resultados superiores aos obtidos até hoje. Gostaríamos de poder fazer mais do que apenas transmitir essas máquinas, construindo-as e testando-as nós mesmos, mas como os nossos recursos não correspondem aos nossos desejos, devemos nos limitar ao papel de

narradores. Não nos faltam informações semelhantes, reveladas diretamente nos nossos contatos noturnos com o mundo espiritual.

Temos propostas muito inovadoras a fazer sobre o uso do galvanismo no tratamento das doenças, mas, reduzidos ao simples papel de estudantes, não podemos nos entusiasmar com propostas que a nossa falta de instrução e a nossa situação financeira nos obrigam a silenciar. Talvez, mais tarde, tenhamos a felicidade de encontrar alguém afortunado que queira utilizar os nossos conhecimentos para o bem dos seus irmãos; até lá, contentamo-nos em indicar resumidamente que é possível adquirir do mundo espiritual conhecimentos tão elevados quanto úteis para a sociedade.

19 DE NOVEMBRO
PRIMEIRA APARIÇÃO DO ESPÍRITO HIPÓCRATES
NOÇÕES DADAS POR ESSE SÁBIO SOBRE A NATUREZA, AS CAUSAS E OS DIFERENTES TIPOS DE EPILEPSIA
OS MEIOS DE ALÍVIO E CURA QUE PODEM SER PRATICADOS COM MAIS OU MENOS SUCESSO
APARIÇÃO DE UM AMIGO, DO ESPÍRITO, DE RAVET

OBSERVAÇÃO:

Eu não havia preparado perguntas para o caso de Ravet vir hoje para estudar, então questionei sem qualquer planejamento sobre o que me veio à mente; ainda assim, obtivemos uma sessão muito interessante do ponto de vista das revelações que nos foram feitas sobre uma doença que é a desgraça da espécie humana e o obstáculo ao sucesso da ciência médica. Ravet e eu unimos os nossos corações, pensamentos e preces para obter da bondade divina algumas informações sobre essa questão e, sobretudo, meios de alívio, na falta de cura, para essa terrível enfermidade.

Questionei o vidente da maneira que segue. As respostas são textuais, pois foram escritas sob sua ditado. Faço esta observação ao leitor porque, muitas vezes, não sou tão exato e reproduzo o sentido das respostas em um estilo que me parece mais claro e, sobretudo, mais coeso, embora, em todas as grandes revelações, escreva sob ditado ou releia a ata na sessão seguinte

para que o vidente a corrija caso a considere imprecisa. Julguei necessário agir assim em relação a Franklin para não atribuir a esse Espírito palavras que, mesmo representando mais ou menos bem o seu pensamento, ele não teria dito.

O vidente apresenta a dificuldade de ditar a escrita, pois fala rápido demais ou interrompe suas explicações com imagens ou alegorias que poderiam distorcer a formulação, caso não fossem ajustadas. Muitas vezes há explicações excessivas, pausas excessivas ou informações insuficientes. O magnetizador, portanto, é obrigado a organizar em um discurso coerente aquilo que, no vidente, muitas vezes aparece como fragmentos de palavras ou associações desconexas.

Esse papel de intérprete não poderia ser diferente, pois ele lida com um mundo que fala uma linguagem quase estranha a nós. Ele não pode fazer por nós mais do que os nossos melhores intérpretes em línguas materiais fazem quando nos ajudam a nos comunicar com estrangeiros... Quem entende um, entende o outro.

O seu guia acha que o Espírito Hipócrates poderia vir até nós para nos fornecer algumas informações sobre a terrível doença chamada epilepsia, ou o seu guia poderia responder por conta própria?

Após cinco minutos de espera, Ravet responde que o Espírito Hipócrates está presente, assim como o seu guia, que pediu que ele viesse até nós.

Pergunte ao Espírito Hipócrates se ele aceitaria responder a algumas perguntas?

Ele veio para isso, responde-me. É curioso, diz o vidente, ouço a voz do Espírito Hipócrates pela testa, enquanto ouço meu guia pela lateral direita ou pelo topo da cabeça; a voz do Espírito Hipócrates é muito mais sonora do que a do meu guia: é a voz grave de um ancião com uma boa caixa torácica.

Pergunte a esse Espírito se, desde a sua espiritualização, ele tem se dedicado à medicina e, sobretudo, à doença chamada epilepsia, também conhecida como mal-caduc (doença que faz cair), alto mal, etc.?

Sim, mas de todos os nomes dados a essa doença, epilepsia é o que melhor corresponde a essa loucura dos nervos.

Nomeia essa doença como uma loucura dos nervos?

Sim, pois os nervos são lançados nesses acessos por um pensamento desarmônico que só pode ser chamado de loucura.

Há, segundo me parece, dois tipos de epilepsia: a hereditária e a acidental?

Essa doença se transmite tanto mais facilmente quanto o ato do coito é, em si, um pequeno exemplo dessa loucura dos nervos.

Durante muito tempo essa doença foi tratada como uma possessão; acredita que seja causada pela introdução de algum Espírito no homem ou pelo efeito da introdução de fluidos viciados?

É um depósito da essência do ser epilético, vivificado pelo ato do coito, que, no ser gerador, coloca os seus nervos em um estado de vibração transmissível dessa enfermidade.

Há alguma absorção de fluido ou substância no ser em que ela é inoculada?

O primeiro que, em cada família, entrou nesse estado só pôde ser afetado por meio da absorção de uma causa representada por uma imagem, que o impressionou tão fortemente a ponto de provocar tal loucura nos seus nervos... Ele comunicou ou comunica esse estado aos seus descendentes pela própria vibração desse estado, que nele permanece, por essa vida de loucura que anima os seus nervos, o que faz com que essa vibração se propague infinitamente, embora o mal acabe por extinguir-se, pois desaparece nessas mesmas famílias devido a causas opostas ou ao tempo necessário para isso.

Dever-se-ia notar que as grandes crises correspondem ao momento da introdução do germe dessa doença no primeiro indivíduo. A partir delas, seria possível prever o dia em que o primeiro doente começou a ter ataques. Os seus nervos são, de certa forma, movidos pelo calendário e até mesmo pela hora da introdução do mal... Pode acontecer que os ataques sejam

deslocados, ocorrendo mais cedo ou mais tarde; é nesses casos que se pode ter esperança de vencer a doença.

Então, nesse caso, não atribui essa doença a uma possessão?

Atribuo a ambas as coisas; por possessão, entendo uma possessão espiritual, influenciada por uma vontade estranha, e por causa material, entendo uma imagem emocional que impressiona materialmente todo o ser, a ponto de provocar nos seus nervos essa desorganização, essa loucura de que lhe falo; é desse último caso que deriva a causa da epilepsia acidental...

Mas, acrescenta esse Espírito após um momento de silêncio, ainda resta determinar até que ponto esse acidente é realmente acidental, pois toda causa aparentemente acidental, que desencadeia um facto, pode ser, por sua vez, o efeito de alguma outra causa superior, seja originada por Espíritos ou por factores materiais...

Há ainda um tipo de epilepsia que chamo de epilepsia do êxtase, que, longe de agitar e fazer tremer os nervos, os arrebata de alegria. No entanto, essa epilepsia pode ser tão poderosa sobre o homem a ponto de prostrá-lo e reduzi-lo a um estado de estupor. Esse estado é frequentemente provocado pela admiração das coisas humanas ou da natureza, pois há uma linguagem silenciosa e cheia de amor, bem como uma troca oculta de sensações entre tudo o que rodeia o homem na Terra; uma troca que ele não percebe e que não aceitaria admitir, caso lhe fosse revelada... A epilepsia material, por outro lado, é uma espécie de linguagem colérica dos seres e das coisas...

~ ~ ~

Ravet não consegue relatar tudo o que lhe é dito e demonstrado por imagens sobre esse assunto; ele exclama: "Seria preciso que minha testa falasse em vez da minha boca". Todas as causas dessa doença só podem ser estudadas e compreendidas a partir do Céu. Na Terra, acrescenta Hipócrates, não há linguagem nem disposições adequadas para tais estudos.

Ravet acrescenta que lhe foi mostrado um homem no meio de um campo repleto de flores e arbustos, para que pudesse ver com seus próprios olhos a aliança e a troca que existem entre o homem e tudo o que o rodeia. Esse

homem lhe apareceu como um ponto para o qual convergiam milhares de fios luminosos, que mais pareciam um cintilar de pequenos corpúsculos de luz do que um fio fluídico contínuo. Também emanava desse homem o mesmo tipo de radiação divergente, voltada para cada flor ou arbusto, o que estabelecia entre ambos essa aliança, essa linguagem de amor de que Hipócrates lhe falou; mas Ravet confessa que não consegue encontrar, por meio da palavra, nenhuma maneira de me descrever coisas tão grandiosas e complexas... Continuo minhas perguntas da seguinte forma:

Deve haver cura para a epilepsia, assim como há para todas as doenças; pelo menos essa é a minha opinião. O que o homem precisa é saber reconhecer e utilizar os meios que Deus colocou à sua disposição para obter esses resultados?

Conheço, de facto, uma cura para todos os males, mas é a MORTE, responde gravemente Hipócrates.

Existe cura para a doença sobre a qual lhe pergunto especificamente?

Existem remédios, mas eles dependem de afinidades tão específicas que são inaplicáveis pelos mortais.

Poderia, no entanto, nos ensinar um remédio mais fácil de se utilizar e mais aplicável especialmente a essa doença?

Não conheço nenhum superior ao de projetar a calma sobre a agitação; cercar o doente de cuidados ternos e amor puro; proporcionar distrações de todos os tipos e alegrias que afastem dele qualquer pensamento sobre suas crises. Se fosse possível fazer com que ele esquecesse suas crises, estaria curado no mesmo instante, pois, saiba que, ao concentrar toda a sua atenção na sua triste condição e nas angústias que ela carrega, ele abre, por assim dizer, uma porta para a doença, em vez de combatê-la com o esquecimento ou a esperança de cura. Seria necessário, portanto, desviar sua atenção dos períodos de crise com atividades tranquilas e alegres ao mesmo tempo, visto que a alegria coloca os nervos em um estado completamente diferente da preocupação ou da tristeza.

A alegria sobe de baixo para cima, enquanto a tristeza desce de cima para baixo; por isso, seria útil magnetizar o doente, colocando a mão no centro do estômago, onde há uma infinidade de ramificações nervosas, e estar, ao mesmo tempo, muito calmo, sem ter experimentado qualquer perturbação nas horas anteriores a essa magnetização. Saiba que a sede da alegria está no peito, enquanto a da tristeza está na cabeça, acrescenta Hipócrates.

Conhece, então, o magnetismo?

Quem pode tratar das ciências sem conhecer os seus princípios fundamentais? O magnetismo não une todas as criações e todos os seres da criação entre si? Ele é a aliança e a vida de tudo o que existe.

Não haverá remédios materiais tão eficazes quanto o magnetismo?

Não, mas todos os calmantes são bons. Deve-se evitar especialmente aqueles que provocam agitação. No entanto, não se deve proporcionar calma a ponto de entorpecer o doente, como fazem os narcóticos, pois todos os entorpecentes têm um efeito de reação que seria extremamente prejudicial aos nervos. Nada disso ocorre com o magnetismo, pois ele se estende de maneira equilibrada por todo o ser, acalma, tonifica e não perturba.

Mas ensina um magnetismo localizado para a epilepsia?

Ensino a introdução desse agente através do ponto onde há mais vias de escoamento disponíveis. Não pense que, na epilepsia, como em todas as doenças que parecem localizadas, apenas as partes afetadas estejam doentes; não é assim. Os nervos mais distantes dessas áreas afetadas também sofrem, mas essa dor é puramente de inquietação, pois eles não conseguem funcionar como quando não há nenhuma perturbação na organização. Por isso, eles são os primeiros a absorver o agente magnético, e somente quando estão saturados é que a parte doente também se satura dele.

Esse facto parecerá menos incompreensível ao saber que o estado em que os nervos entram devido a essa absorção é útil para tonificar, para encorajar, diria eu, a parte doente, para a qual cada um deles então redireciona esse

mesmo agente, carregado com sua calma e sua esperança, pois, saiba bem, o homem é apenas um composto de localidades de seres que vivem uns pelos outros, é verdade, mas, acima de tudo, vivem uns para os outros, pois sabem que, se um deles deixar de funcionar, a vida coletiva de todos estará comprometida.

O magnetismo dirige-se a todos os constituintes materiais e espirituais do ser; fornece a cada parte do corpo, assim como ao espírito, o que eles necessitam, pois contém tudo. Isso não ocorre com as plantas, que possuem apenas propriedades limitadas, atuando em determinados tipos de distúrbios e não em outros... Deve saber disso, ou não teria estudado essas questões. Deve saber que o magnetismo acalma primeiro a mente e depois os órgãos, sendo, portanto, um agente universal.

Não encontra um remédio mais seguro contra a epilepsia do que a ação magnética pela imposição das mãos sobre o epigastro, além do estado de calma, distração e alegria, quando necessário?

Não, mas o remédio mais seguro para uma cura perfeita e, ao mesmo tempo, o mais difícil de aplicar, é insinuar ao doente que ele pode ser curado, conquistar sua confiança, conduzi-lo à crença e levá-lo ao esquecimento da sua doença!... No dia em que ele acreditar estar curado, estará.

Na falta do magnetismo, aconselha o uso de plantas calmantes?

Sim, aquelas cuja ação é suave e não irrita, seja pelo aroma ou pelas propriedades internas. Se for possível interromper a periodicidade das crises, caminhar-se-á para uma melhora sensível, senão para a cura.

Observação:

Após tal conclusão, peço a Ravet que solicite ao Espírito Hipócrates que lhe esclareça a visão o suficiente para que possa vê-lo. Um momento de espera basta; o vidente percebe apenas a cabeça desse Espírito, mas vê-a muito claramente. Diz que tem entre 60 e 75 anos, cabeça forte, cabelos brancos e raros na frente, testa muito bela, sobrancelhas pouco densas, olhos cuja cor não conseguiu distinguir, nariz bastante pronunciado, e um rosto de feições

planas. Diz que esse Espírito, ao lhe responder, chamava-lhe jovem e lhe dizia sim ou não.

Peço a Ravet que agradeça a esse bom Espírito pela sua benevolência para connosco e deixo que ele peça a aparição de um velho amigo seu, que entrara no espírito há pouco tempo, visto que Ravet veio expressamente para essa experiência. Mal pede esse amigo, de nome David, o Espírito aparece. Esse velho era de natureza muito justa, livre e afetuosa.

Era geralmente conhecido e estimado pelos habitantes de Argenteuil, onde havia servido como conselheiro da prefeitura local, defendendo os direitos da população. Suas opiniões políticas eram republicanas, e as religiosas beiravam o ateísmo; por isso, havia estipulado, num testamento feito em 1830, que sua família não deveria apresentar seu corpo na igreja, nem requisitar um padre para seu enterro; nomeara, inclusive, quatro amigos como seus testamenteiros, para garantir que suas últimas vontades fossem respeitadas.

Mas o homem propõe e o tempo dispõe, como se diz; assim, quando esse homem se espiritualizou, em 1855, seus quatro testamenteiros apresentaram-se à sua família e até ao pároco local, para argumentar que a vontade do falecido era ser conduzido à sua última morada sem a intervenção da religião católica. A família e o pároco, no entanto, não acharam adequado proceder conforme exigiam os amigos do falecido, e este foi enterrado como o mais devoto dos católicos. Ravet, que conhecia essa história, desejava saber se o pai David, como o chamava, estava ou não satisfeito com o que havia acontecido.

O Espírito responde que, na sua qualidade de ateu, estava mais próximo da verdadeira religião do que aqueles que se dizem seus defensores, pois o ateu é frequentemente convencido por uma palavra ou um facto qualquer, enquanto o suposto devoto que brinca com o que há de mais sagrado não pode avançar do mesmo modo, por causa do castigo que sua astúcia lhe atraiu. Diz que não acusa ninguém e que agora pouco se preocupa com aquilo que tanto o ocupava na Terra.

Ravet, assim como alguns membros da Escola dos Estudantes Swedenborgianos, costumava visitar frequentemente esse respeitável ancião

e conversava com ele sobre os nossos estudos e crenças. Por isso, esse Espírito aproveita o momento da conversa com o vidente para lhe dizer: "O que me disseste antes da minha morte sobre o outro mundo é verdade; sei bem que estou morto, mas ainda me é difícil orientar-me e compreender o tipo de existência que levo agora. Já não sofro, é verdade; mas ainda sinto o peso da velhice."

O vidente faz-me notar que havia dito a esse Espírito, antes da sua espiritualização, que uma vez entrado no espírito já não seria velho nem impotente; pelo contrário, que voltaria à idade de trinta anos, como se afirma no tomo I dos *Arcanes*, e que é, sem dúvida, por isso que seu amigo afirma que ainda sente o peso da velhice. Esse Espírito continua, respondendo às observações que lhe são feitas pelo vidente: "Não é tão fácil como se poderia pensar habituar-se a este tipo de existência. Sei que estou morto, mas ainda não consigo deixar de habitar o meu quarto da Terra.

Vou a casa de cada um de vós para conversar sobre as coisas da minha vida presente; mas ainda assim, há um tempo de espera que não consigo definir!... É verdade, como me disseste, que para o Espírito não há tempo; não o conheço como na Terra, pois aqui não há horas; mas ainda assim, existe um tempo... Se eu quisesse, poderia avançar mais; mas de que me serviria tal avanço, se não soubesse mais do que sei?... Prefiro estudar esta questão lenta e profundamente, para adquirir uma convicção maior sobre o meu estado presente e melhor dispor de mim para o futuro... Oh! Não é tão fácil orientar-se quanto se supõe", conclui esse Espírito a Ravet.

Ravet observa-me que seu amigo não era uma inteligência comum, gostava de estudar as coisas antes de as aceitar e que, se esta aparição fosse fruto da sua imaginação, não teria colocado na boca do seu amigo o que ele me disse, pois essas palavras são contrárias à sua maneira de pensar, especialmente no que diz respeito à falta de respeito demonstrada ao não se cumprirem as últimas vontades desse Espírito, assim como à sua descrição do estado em que se encontra, um estado que ele próprio não pode admitir sem provas mais amplas.

Dessa longa sessão, conclui-se que as noções dadas pelo Espírito Hipócrates sobre a natureza e os meios de cura da epilepsia merecem ser consideradas.

O nome que esse Espírito dá à doença, chamando-a de *loucura dos nervos*, surpreendeu-nos um pouco, mas, após uma reflexão, percebemos que esse termo se aplica bem a essa excitação brutal e desarmónica do sistema nervoso. Esse Espírito pareceu-me também querer classificar na mesma categoria as diversas excitações nervosas que se manifestam no homem, como o riso, o choro, o entusiasmo, o êxtase e até o ato do coito. Essa questão deve ser estudada pelos fisiologistas. Hipócrates situa a sede da alegria na região do epigastro, mais do que no peito propriamente dito, assim como localiza a sede da dor na cabeça.

Essa revelação fez-me lembrar que, ao tentar colocar alguém em estado sonambúlico apenas carregando a cabeça, frequentemente induzi uma espécie de melancolia desconhecida pelo sujeito, levando-o a derramar lágrimas abundantes. Também ocorreu o contrário: ao presumir que a sensibilidade sonambúlica estava no epigastro e ao atuar apenas sobre essa região, vi o sujeito rir como uma criança, sem que pudesse compreender por que sentia necessidade de rir. Assim, Hipócrates, com essa revelação, convida-nos a estudar essas sensibilidades de novo.

Esse Espírito também nos disse que bastaria ao doente acreditar que está curado para que de facto o esteja, e que, para obter esse resultado, dever-se-ia fazê-lo esquecer as suas crises. Essa afirmação fez-nos lembrar do poder que temos no magnetismo a esse respeito, apagando, por vezes, da memória dos nossos videntes certas recordações ou perceções que lhes são prejudiciais à saúde ou ao descanso moral, como fizemos com Adèle ao retirar-lhe a perceção da tempestade.

Se isso pudesse ser conseguido com sucesso, bastaria induzir os doentes epiléticos ao estado sonambúlico. Sabemos, no entanto, que entre vinte videntes, a maioria não é sensível a esse tipo de supressão, o que impede a generalização desse método de cura. Mas, ainda que fosse apenas mais um recurso entre os vários já tentados, se houvesse alguma chance de sucesso, seria natural experimentá-lo. Propomo-nos a fazê-lo na primeira oportunidade.

Hipócrates também nos diz que há uma aliança entre todos os seres e todas as criações, uma aliança que escapa à nossa visão e não é admitida pelo

nosso raciocínio. Com isso, ele concorda com as proposições do físico M. Richenbach. (*Ver as Cartas Odicas Magnéticas desse autor, bem como o que nos disse Aline no seu êxtase, em A Luz dos Mortos*.)

Hipócrates resume que o melhor método de magnetização para a epilepsia é colocar a mão no centro do estômago; que o melhor método na medicina é o uso de calmantes; e que o melhor método no plano moral é incutir nos doentes a ideia de sua cura. Todos os dias temos a oportunidade de testar a eficácia desses conselhos; cabe-nos não desperdiçá-la.

Quanto ao que Ravet nos conta sobre o estado do Sr. David, não temos outra observação a fazer senão sugerir ao leitor que releia as aparições de meu pai, nos tomos II e III dos *Arcanes*, assim como a de M. Pirlot, no *Resumo das Maravilhas do Céu e do Inferno*, de Emmanuel Swedenborg, que publicamos em 1854-55.

11 NOVEMBRO
SEGUNDA APARIÇÃO DO ESPÍRITO HIPÓCRATES,
ESTUDOS SOBRE ALGUMAS CAUSAS DE PNEUMONIA, ASMA, CATARROS, OBSTRUÇÃO DAS VIAS RESPIRATÓRIAS
COMPOSIÇÃO DE UMA ÁGUA MINERAL E DE UMA ÁGUA GALVÂNICA APLICÁVEL A ESSAS AFEÇÕES

Ravet tem um peito muito delicado, com uma afeção brônquica que altera a sua voz e o obriga a aspirar o ar a cada frase um pouco longa. É bastante propenso a constipações irritativas que o fatigam muito. Encontrando-se esgotado por uma dessas constipações e cansado de automedicar-se sem sucesso, aconselho-o a deixar-se adormecer e consultar o seu guia sobre o estado do seu peito. Quando está em sono, questiona o guia sobre as suas preocupações e obtém respostas que as confirmam.

Dizem-lhe que é tísico e que morrerá sufocado. Como estava ocupado com outra pessoa que acabava de adormecer, deixei Ravet conversar com o seu guia, mas, ao perceber que essa conversa nos levava diretamente à espiritualização e a uma certa forma de desânimo, embora Ravet tentasse aparentar indiferença ao que lhe era dito, intervim nessa conversa sombria,

dizendo ao vidente que não devia estranhar ser tísico nem morrer sufocado, visto que sessenta em cada cem pessoas nascem com predisposição para essa doença. Nem sequer sei se alguém morre sem sofrer nesse órgão ou sem sufocar, pois, quando as vias respiratórias cessam as suas funções, geralmente fazem-no por compressão, o que equivale a um sufocamento.

Mas há uma grande diferença entre ser tísico e morrer de tuberculose. Eu próprio fui condenado pelos médicos na Inglaterra há vinte anos e, no entanto, ainda não morri, como vês. Cada um nasce com o germe da doença da qual será vítima: estamos ambos ameaçados pelo desenvolvimento do germe da tuberculose, deixemos essas coisas seguir o seu curso e vejamos se conseguimos consultar a esse respeito o nosso bom Hipócrates; penso que ele poderá tratar melhor dessa questão, se o teu guia não for ciumento.

Ravet pergunta ao seu guia se ele se ofenderia caso solicitasse conselhos a Hipócrates sobre a sua irritação pulmonar. O guia responde-lhe com uma benevolência notável: *Guarda para ti o que te pertence.* Ravet e eu achamos essa resposta, dada muito rapidamente, extremamente sábia, pois os Espíritos da categoria do seu guia não devem ser suscetíveis a ciúmes, que são fruto do orgulho.

O Espírito Hipócrates aparece, Ravet prefere não ser interrompido e conversa durante quase uma hora com ele sem me dizer uma palavra. Parece muito animado e, quando essa conversa está quase terminada, exclama: *Eis um pai e um verdadeiro sábio! Quem não compreenderia o que ele diz? Ele é tão detalhado e claro! Oh! Que felicidade ouvir um homem assim!*

Por que o chamas de pai?

Porque me deu conselhos que dizem respeito apenas a mim.

Tens algo dessa conversa que possas comunicar aos homens, através de mim?

Oh! Nunca conseguiria lembrar-me de tudo o que esse Espírito me disse, nem dizê-lo da maneira como ele o fez. Confirmou-me, assim como o meu guia, que tenho os pulmões doentes e mostrou-me onde, introduzindo os seus dois dedos em dois tubos largos que, disse ele, são demasiado moles e

dobram-se sobre si mesmos, o que facilita a adesão de mucosidades, obstruindo a passagem do ar e dificultando a circulação.

O que sinto no momento não tem seu foco apenas nos pulmões, mas também na cabeça, que condensa facilmente os vapores internos, impedindo-os de se dissiparem pelo nariz, como acontece numa constipação comum, acumulando-os nas fossas nasais e deixando-os escorrer pela garganta até os grandes tubos de que te falei, o que provoca formigueiros que incitam a tossir para expelir essas mucosidades pela boca.

~ ~ ~

Os dois tubos de que Ravet fala devem ser as duas artérias brônquicas principais, que estão ligadas à laringe, estendem-se em forma de forquilha pelos dois lobos pulmonares e dividem-se em uma grande quantidade de tubos de diâmetros variados. Ravet diz que Hipócrates apertou levemente a extremidade de um desses tubos, localizado na parte inferior do pulmão, ao centro, na região do epigastro, para lhe mostrar de onde provêm as contrações dos brônquios ou vias respiratórias durante um acesso de tosse irritativa, o que fez com que tossisse instantaneamente com grande vigor. Pediu ao Espírito Hipócrates que repetisse a experiência para melhor avaliar o efeito, mas este respondeu: *Uma vez é suficiente*.

O vidente perguntou-lhe quem, na tosse comum, comandava a contração desse tubo, se não fossem os dedos de Hipócrates. O Espírito respondeu que é a aglomeração de um muco que ali se deposita, aquece-se e produz uma emanação ácida que irrita as paredes internas do tubo, fazendo com que este se contraia e provoque uma vibração em todo o pulmão, semelhante ao efeito que se obteria sacudindo bruscamente uma árvore, exercendo, consequentemente, uma pressão geral sobre as vias respiratórias e forçando a evacuação das mucosidades que estas contêm.

Pergunto a Hipócrates o que aconselha a Ravet para acalmar essa irritação.

Responde: tomar pela manhã, em jejum, uma infusão de flores de *bouillon blanc* (verbasco), infusionada com um pouco de leite.

Ravet responde que toma essa infusão ao longo do dia, sente que o acalma um pouco, mas que não o cura.

Hipócrates replica: Uma única vez basta; talvez estejas a colocar leite em excesso. O leite é, de facto, um suavizante, mas facilita a produção de mucosidades, pois ele próprio se transforma em corpo espesso no trato digestivo, o que favorece a formação de secreções pegajosas. Deve-se adicionar muito pouco leite e tomar essa infusão de manhã; será suficiente para acalmar o organismo durante o dia.

Por que não tomá-la à noite?

Porque é demasiado rica e de digestão mais difícil. Ao permanecer muito tempo no trato digestivo, acabaria por irritar as vias respiratórias. Durante o dia, isso não acontece, pois os movimentos da fala e da circulação em geral não são comparáveis ao repouso da noite. Aconselho-te, pelo contrário, a beber, ao deitar, dois dedos de vinho morno: as fibras do peito beneficiarão desse líquido, que lhes devolverá a tonicidade perdida ao longo do dia.

Deve-se adoçar esse vinho?

Não; não sou muito favorável ao uso do açúcar em irritações desse tipo, pois sua natureza gomosa e cristalina deve ser evitada em contato com germes de mucosidade.

É apenas isso que devo fazer?

Podes também tomar durante o dia *eau poncée* e *eau galvanisée*, se quiseres restaurar o tónus dos tubos que te mostrei.

O que são essas águas?

São dois fortificantes moleculares.

Como se preparam esses fortificantes?

A *eau poncée* faz-se lavando bem uma pedra-pomes do tamanho aproximado de um punho, garantindo que não turve de forma alguma um recipiente de água onde será colocada de molho por doze horas, da manhã

para a noite. Em seguida, bebe-se essa água pura ou misturada com vinho, conforme a preferência. Deve-se preparar apenas a quantidade suficiente para o dia seguinte.

Qual é a virtude dessa água?

Uma virtude mineral, elétrica, dissolvente e tónica ao mesmo tempo, pois impede a agregação de moléculas purulentas nas vias digestivas e respiratórias, facilitando assim o funcionamento desses órgãos sem entraves e fortalecendo-os gradualmente.

É, segundo você, um específico contra as doenças pulmonares?

Aplica-se mais às afeções das vias respiratórias do que aos pulmões, por isso recomendo o uso da água galvanizada, pois esta complementa a primeira e é geralmente mais eficaz nas afeções dos tecidos pulmonares.

Como se prepara essa segunda água?

Faça-a exatamente assim: coloque num recipiente com água um pedaço de ferro com cerca de cinco milímetros quadrados e com cinco a seis centímetros de comprimento, depois um disco de zinco da espessura e do diâmetro de uma moeda grande; que esse disco toque apenas parcialmente a superfície do ferro, sem o cobrir nem ser coberto por ele; que seja perfurado ao meio para permitir a passagem de um fio de latão, cuja outra extremidade deve ficar submersa noutro recipiente com água.

Acrescente vinagre suficiente ao primeiro recipiente para acidular a água, de modo que sua acidez seja percetível na língua, pois esse vinagre ajudará a dissolver o ferro e o zinco. Deixe essa solução repousar por doze horas, da noite para a manhã, depois beba, ao longo do dia, alternando com a primeira água, a do segundo recipiente, onde ficou submersa apenas a ponta do fio de latão; verá que os resultados serão benéficos.

Prefere o ferro ao cobre?

Sim, evite usar cobre sempre que possível.

Por que não colocar dois discos em vez de um?

Porque deve ser assim.

Qual a diferença entre um contato maior ou menor nesta operação?

O contato indicado já é suficientemente grande, pois a água, pela sua continuidade, coloca todas as partes metálicas em contato.

Por que preparar essa água à noite em vez de durante o dia?

Porque o processo é diferente.

Pode-se preparar essa água com antecedência?

Não, deve ser feita diariamente para o dia seguinte.

Qual é a virtude dessa água galvanizada?

Limpa e fortalece o sangue, além de solidificar os tecidos; eu poderia até dizer que *metaliza* os tecidos: pessoas com pulmões frágeis beneficiarão do uso contínuo dessas águas. A água ponceada,* além disso, purifica o hálito e branqueia os dentes, sem necessidade de ser usada diretamente para a limpeza.

*(***Água perfumada ou medicinal***, muitas vezes feita por infusão ou destilação de ervas, flores ou especiarias, usada para* ***lavar o rosto***, ***refrescar o corpo***, *ou como* ***tônico ou loção****)*

Você estudou galvanismo?

Estudamos todos os métodos de cura relacionados às doenças atuais do vosso mundo, doenças de natureza bem diferente das que existiam antes; saibam que muitas das enfermidades que prevalecem entre vocês são consequência das alterações que vocês mesmos causam na terra, através da exploração mineira, da construção de ferrovias e de escavações de diversas naturezas, realizadas continuamente...

Quando sucumbem a essas doenças, estudamos no mundo espiritual os danos que causaram em vocês e desenvolvemos remédios adequados. É evidente que, se vocês não fossem objeto de estudo para nós, não

poderíamos ser de nenhuma ajuda, pois entre nós não há doenças desse tipo... Se os homens materiais não tivessem tantas doenças intestinais, seriam muito mais robustos e possuiriam uma força física e intelectual muito maior.

~ ~ ~

Peço a Ravet que agradeça, em meu nome, ao Espírito Hipócrates pela benevolente revelação que nos fez sobre a composição, a virtude e o uso dessas águas, e assegure-lhe que, à primeira vista, percebo que há tanto a esperar delas quanto das águas minerais utilizadas até hoje. Se a água ponceada e a água galvanizada não superarem as águas minerais em propriedades medicinais, pelo menos terão a vantagem de serem acessíveis a todos, tanto em conhecimento como em custo.

Aceito-as ainda mais prontamente por serem isentas de qualquer substância cujas propriedades desconhecidas poderiam causar tanto dano quanto alívio. Vou ensiná-las aos meus irmãos, assim como me foram ensinadas. O Espírito Hipócrates aproxima-se de mim neste momento, diz Ravet, olha-me com interesse benevolente e dá-me um beijo fraternal na testa, sem que eu sinta nada, evidentemente.

Aponto para Ravet, colocando o dedo sobre os meus lábios, para indicar que a causa do meu mal-estar vem da boca, ou seja, que tenho falado demasiado, o que aqueceu o meu sangue e deixou os meus nervos nesse estado. Devo destacar que me apressei a ensinar as propriedades dessas águas a dois dos nossos amigos, um dos quais, apesar da pouca idade (30 anos), sofre de asma severa, que o impede de descansar à noite quando está deitado e o fatiga durante todo o dia com uma tosse constante, permitindo-lhe respirar apenas um terço de uma respiração normal.

Ele imediatamente começou a preparar e a beber a água galvanizada; já faz quase seis meses que a consome regularmente. Relata que não sentiu mais do que uma leve dificuldade respiratória, que espera eliminar completamente continuando com o tratamento. Os ataques de sufocação, a tosse e a expetoração abundante desapareceram; as suas noites tornaram-se calmas, apesar de ser pleno inverno, frio e ventoso, de 1856.

Ele notou um sabor peculiar nessa água e, ao tomá-la, observa sempre uma grande quantidade de pequenas bolhas gasosas, o que indica, sem dúvida, um transporte dos constituintes dos metais do outro recipiente ou uma decomposição da água do recipiente galvanizado. Acreditamos, no entanto, que há um transporte de partículas metalizadas que se reagrupam nas paredes do recipiente galvanizado, considerando as manchas amarronzadas que aparecem, mas não podemos afirmar nada com certeza, pois não realizamos experiências conclusivas.

O meu amigo reaviva a água saturada de vinagre, adicionando mais desse líquido a cada oito dias, e substitui os metais quando estão muito oxidados. Segue à risca a recomendação do Espírito Hipócrates de preparar a água apenas à noite para ser consumida no dia seguinte.

Várias pessoas estão a testar essas águas no momento; voltarei a falar delas num artigo especial na *Enciclopédia Magnética*. Não poderia destacar suficientemente ao leitor toda a lógica presente em cada informação fornecida nesta sessão; suponho que ele próprio será capaz de perceber. Este volume cresce e ainda há muitas coisas a dizer!

18 DEZEMBRO
TERCEIRA APARIÇÃO DO ESPÍRITO HIPÓCRATES
DIFERENÇA ENTRE O SONAMBULISMO NATURAL, O SONAMBULISMO ARTIFICIAL, OS SONHOS, OS DEVANEIOS E OS PESADELOS

Sente-se disposto esta noite a chamar o Espírito Hipócrates?

Sim (após um momento de espera), aqui está ele!

Este bom Espírito teria a gentileza de responder a algumas perguntas?

Depende de quais perguntas forem feitas.

Tem estudado o estado sonambúlico desde que entrou no espírito?

Sim, esse estado está relacionado com os sonhos.

Creio que Hipócrates escreveu sobre os sonhos?

Ele estudou essa questão.

Qual a diferença entre o sonambulismo natural e o sonambulismo artificial?

A diferença é que o sonambulismo natural é um estado no qual o homem entra pela graça e pela providência de Deus, a fim de estimular suas pesquisas e acreditar em duas existências separadas, existência que o sonambulismo artificial o ajuda a compreender melhor.

Esses dois estados não são, então, semelhantes?

Não, um é o domínio da alma sobre o corpo, mas ao mesmo tempo uma confusão, uma mistura das ideias, das buscas da alma e do corpo; o outro é, ao contrário, uma separação da alma e do corpo, separação operada por uma força externa. A alma é conduzida por essa força a um objetivo mais seguro para os estudos do homem.

Qual dos dois estados é preferível?

O sonambulismo artificial, como instrumento de estudo.

Qual dos dois é mais vidente, mais clarividente?

O sonambulismo natural.

Porquê?

Porque está inteiramente relacionado à afeição da própria pessoa, enquanto o outro se adapta mais ao magnetizador que a dirige.

Qual a diferença entre os sonhos e o estado sonambúlico?

A mesma que há entre um charco e um lago.

Não compreendo.

Eu lhe disse que o sonambulismo natural era uma confusão entre a alma e a matéria; o sonho, ao contrário, é um voo livre da alma fora da matéria. O sonho é o domínio da alma em sua esfera pessoal.

Os devaneios e os sonhos são uma única e mesma coisa?

Não.

Qual deles é melhor?

Os sonhos.

De onde vêm os devaneios?

Do espírito.

De que espírito?

Do espírito do corpo.

Então temos uma alma, um espírito e um corpo? Eu só acreditava na alma e no corpo.

Há, de facto, apenas a alma e o corpo; mas, sendo este último composto por miríades de seres, forma um corpo coletivo que toma o nome de espírito em suas combinações internas.

Esse espírito coletivo age, então, por conta própria?

Certamente, são suas próprias necessidades que escravizam a alma.

Os devaneios seriam então produzidos pelos agentes espirituais que compõem esse espírito?

Sim.

Quais são preferíveis para a alma, os sonhos ou os devaneios?

Os sonhos.

No entanto, às vezes temos belos devaneios.

Belos no que diz respeito às afeições do seu corpo; mas os sonhos são muito mais benéficos para a alma.

E os pesadelos, a que se devem?

A uma má circulação, assim como a influências externas.

Não se poderia evitar os pesadelos com o uso de algumas plantas cujo aroma fosse contrário a essas influências externas e cujas virtudes estimulantes restaurassem o equilíbrio da circulação?

Isso poderia funcionar em alguns casos e falhar em outros. Essa questão é muito complexa para ser generalizada. Os pesadelos causados por influências externas, sendo resultado da inveja e do ciúme de Espíritos que lhes são hostis, seriam muito difíceis de combater.

No passado, no entanto, acreditava-se nesses tipos de proteção, colocando ramos de verbena ou outras plantas nos cantos dos quartos.

Isso não impedia os homens de serem atormentados, assim como acontece hoje.

Quem pode, então, levar esses Espíritos a nos causar tais perturbações?

Seja a sua posição social, material, ou o seu grau de elevação espiritual. Para muitos Espíritos, basta que vocês estejam em uma posição melhor do que a deles para que sintam inveja; eles os envolvem nas agitações de sua esfera e gostariam de impedi-los de sair dela, o que para vocês resulta na angústia que chamam de pesadelo. Essas coisas também ocorrem entre os homens da Terra. Conquiste uma posição de prestígio ou uma fortuna, mesmo que modesta, e não despertará inveja nos que o cercam? Todos gostariam de estar no seu lugar, e cada um tenta tirar algum proveito da sua sorte.

Na Terra, isso parece possível, mas no mundo espiritual, cada Espírito não poderia tentar alcançar o mesmo nível de elevação?

Nem todos os Espíritos merecem a mesma elevação. Cada um tem o seu próprio caminho. Aquele que, ainda na vida terrestre, segue uma conduta baseada no amor e na justiça, que todos os homens devem mutuamente

respeitar, é o único que tem o direito de esperar elevar-se acima do pântano de paixões que envolve a Terra. Há também pesadelos causados por Espíritos que sofrem, que estão em tormento, arrependimento, enfim, em estados infelizes; Espíritos que percebem sua compaixão por todos os que sofrem, que sabem que você os lamenta e tenta acalmá-los, refugiam-se na sua esfera para encontrar algum alívio em seu equilíbrio. Você vê isso também entre os homens da Terra. Você iria contar suas dores a um homem ríspido e sem piedade, que não quer ouvi-lo, muito menos consolá-lo? Não, você se dirigiria apenas a pessoas sensíveis e bondosas, que estão sempre prontas a escutar e confortar. Essas coisas, repito, são muito complexas e exigem muito estudo.

Eu pensava que o sonambulismo natural, o sonambulismo artificial, os sonhos e os devaneios fossem manifestações do mesmo estado para a alma, diferenciando-se apenas pelo grau de harmonia que predominava em cada uma dessas formas.

Você engana-se. São estados distintos, cada um com sua força e sua limitação.

Pensando nisso, concluí que todos os homens que sonham durante o sono poderiam ser levados desse estado para o estado sonambúlico por meio de um tipo específico de magnetização aplicada nesse mesmo sono. Eu pediria que me ensinasse essa técnica.

Nem todos os homens sonham como você pensa. De facto, a alma não está sujeita ao sono como o corpo, e enquanto este descansa, ela permanece desperta. É desse estado de vigília que algumas almas comunicam ao corpo, ao despertar, o que este último chama de sonhos. Mas há muitas almas MUDAS que não se dão ao trabalho de revelar ao corpo seus estudos ou perturbações da noite. Essas mesmas almas estariam pouco dispostas a compartilhar com o corpo suas experiências, como outras fazem no estado sonambúlico. Elas despertariam o corpo no momento em que tentassem magnetizá-lo. Esse estado não pode ser generalizado.

No interesse das questões que trato, gostaria muito de conhecer um meio de induzir os homens ao estado sonambúlico de maneira geral, pois um facto

desse tipo seria mais poderoso e conclusivo para sua instrução espiritual do que todos os livros que se pudessem escrever sobre o assunto.

Você percebe toda a importância de uma questão como essa, bem como a responsabilidade associada a um poder dessa natureza?

Sinto isso tão fortemente que não desejaria conhecer esse arcano senão sob as condições que me fossem impostas pelo Espírito que me considerasse digno de usá-lo. Se esse Espírito descobrisse em mim alguma semente de orgulho ou desonestidade que pudesse comprometer a sua pureza, eu não desejaria conhecê-lo. Não digo que seja indigno de conhecer esse arcano, mas os homens não são dignos de que ele seja revelado nestes tempos. Esse arcano existe então?

Sim...

Hipócrates conversa (diz Ravet) com um grupo de Espíritos e parece muito surpreendido por eu lhe dirigir essa questão com uma persistência que lhe faz ver que acredito na existência desse arcano. Ele manda-me responder: haverá homens que um dia acreditarão tê-lo encontrado, mas estarão enganados, pois tal poder não pode ser concedido ao homem da Terra.

O pedido que acabo de lhe fazer não tem, da minha parte, qualquer desejo de sobressair mais do que os outros, mas sim a vontade de propagar com maior sucesso os ensinamentos que o senhor e o mundo espiritual tiveram a bondade de nos transmitir. O que seria da liberdade humana, do progresso e da purificação, se transformasse assim os homens?...

Oh! Além de não se dever violentar a vontade de ninguém, seria necessária uma enorme força de demonstração para mudar maneiras de perceber tão enraizadas como as de tantos homens! Se lhe fosse possível, como a nós, elevar-se acima da esfera da Terra e ver como proliferam nela, como na própria Terra, miríades de Espíritos e homens de más paixões, entregues a delírios de que não pode sequer fazer ideia, logo desesperaria do sucesso que tanto ambiciona e, se não o retirassem do estado em que tal contemplação o mergulhasse, deixaria de acreditar na sua existência, deixaria de acreditar em si mesmo... Se soubesse, além disso, a responsabilidade que tal poder lhe acarretaria, temeria ainda mais possuí-lo, pois estaria seguro de

poder devolver todos esses homens ao seu estado normal? Quantos loucos não criaria? E como repararia tais desordens?

Sabe que todo professor é responsável pelos seus ensinamentos? A quem prestaria contas o Espírito que fosse lançado no erro e conduzido ao mau caminho por esse homem, senão a si mesmo? Ah! Creia-me, limite-se a ensinar o que ensina, pois os homens são bem pouco dignos de conhecer tais coisas!

O meio de os tornar dignos é ensiná-las.

Mas não será verdade que essas coisas já são conhecidas há séculos? Tornaram-se eles mais puros e melhores por isso?... Não, esse arcano não pertence a esta época.

Ravet observa-me que há uma grande diferença entre a fala lenta e ponderada do Espírito Hipócrates e a brevidade da minha; o vidente exclama: como posso ouvir um som sem ruído algum e ver formas que não ocupam espaço? Quem explicará esse prodígio? No estado em que me encontro, não consigo compreendê-lo; como, então, poderia você compreendê-lo em seu estado?

~ ~ ~

Não demorei a entender a sensata observação de Hipócrates e, neste momento, guardo-me bem de cobiçar tal meio de demonstração. De facto, o que provaria eu de mais aos homens, ao torná-los sonâmbulos, do que ao mostrar-lhes videntes? Eles diriam: esse homem possui um poder diabólico ou uma força narcótica de primeira ordem, e nada mais.

Nesse estado, seriam eles melhores professores para si mesmos do que no estado de vigília? Não creio. Não é a ignorância do bem e do mal que os mantém no triste estado em que os vemos permanecer obstinadamente. Submeter-se à justiça divina ou pressenti-la é a mesma coisa, e, no entanto, todos a pressentem sem se esforçarem por evitá-la. A esse respeito, é como na Terra: se um ladrão cede aos seus tristes impulsos aos pés do cadafalso onde seu irmão sofre a pena ligada a esse ato, há que desesperar do poder

de qualquer demonstração sobre um espírito que não pode ou não quer tirar proveito dela.

Mesmo que todos os homens vivessem seis horas por dia em êxtase, conversando com os Espíritos mais puros e vendo as mais desejadas recompensas aguardando o resultado das suas ações, não apreciariam mais o mérito de ser justo e fraterno. Não vemos, entre nós, até os homens incumbidos da nossa instrução religiosa segurando com uma mão aquilo que dizem ser o mais sagrado e estendendo a outra para os negócios mais mercantis? Se a suposta municipalidade do céu abriga seres tão estúpidos e ações tão vis, que se poderia esperar de uma massa ainda maior de seres ignorantes e de um acréscimo de professores religiosos desse tipo? Hipócrates tem razão.

O tempo é o único grande mestre de todas as maturações. O estado sonambúlico é, sem dúvida, um meio de progresso, mas não é o progresso em si. Até hoje, não encontrei um único sonâmbulo que tenha se aperfeiçoado após passar por esse estado mais do que antes de o experimentar. Ouso até dizer que, no estado de sonambulismo, há maior tendência para o erro do que para o acerto; o vidente, nesse estado, assemelha-se à criança que dá os primeiros passos, cuja marcha vacilante a conduz mais facilmente à queda do que ao destino que deseja alcançar. Ambos necessitam de um olhar atento e de um braço benevolente para os guiar; mas, ai de nós, será que algum de nós é capaz de guiar melhor o seu irmão do que a si mesmo? Que cada um responda por si.

25 DEZEMBRO

RELAÇÕES ENTRE O PENSAMENTO E A PALAVRA
FORMAÇÃO DAS PALAVRAS, DOS SONS E DA PRONÚNCIA
TIPOS DE PENSAMENTOS QUE FORMAM A PALAVRA. VISÕES ALEGÓRICAS

Poderia dizer-me qual a relação entre o pensamento e a palavra, e como posso pronunciar palavras que são a expressão de pensamentos que só consigo compreender depois de me ouvir falar?

Não é uma questão pequena a que me coloca; há volumes a serem escritos sobre ela.

Sei disso, pois esses volumes só existem graças a essa relação; mas gostaria apenas de saber quem prepara e dirige a palavra, que, como lhe disse, é a expressão de pensamentos cujo sentido, muitas vezes, só percebo após tê-los pronunciado.

Ravet fica quase trinta minutos sem me dar nenhuma resposta. Como não gosta de ser pressionado nem de qualquer ruído ao seu redor, para que não se distraia da atenção que dedica a conversar e captar as palavras do seu guia, chego a pensar que não terei resposta. No entanto, ele diz-me: Este estudo é muito difícil de realizar; não posso transmitir-lhe tudo o que o meu guia me diz, pois não sei como me expressar e tornar compreensível para si, no seu estado, aquilo que compreendo perfeitamente no meu.

O meu guia disse-me que, entre todos os tipos de pensamentos que existem, há dois dominantes: um formado por pensamentos fluidos, que se desprendem facilmente do seu grupo ao ouvirem palavras externas, deslocando-se para lhes responder; e outro formado por pensamentos sedentários, muito mais completos do que os primeiros, pois, isolando-se em locais escolhidos para esse efeito, observam todas as ideias móveis ou viajantes, retiram delas o que pode servir para se completarem e deixam passar aquelas que nada lhes oferecem. Esses pensamentos sedentários são chamados PENSAMENTOS-MÃE, pois, quando estão completamente formados, eclodem ou se manifestam através do que chamam invenções ou proposições mais ou menos lógicas. Esses pensamentos são os preferidos da alma.

Aceito tudo o que me diz, mas isso não me ensina a conhecer o mecanismo da palavra, que move a minha língua em todas as direções necessárias à pronúncia de palavras cujo sentido, repito, muitas vezes só percebo depois de as ter dito.

Esse mecanismo resulta tanto do espírito do corpo quanto da alma. Da alma, para tudo o que se relaciona com o belo e o bem; do corpo, para tudo o que se relaciona com as afeições da carne. Saiba que a alma tem uma linguagem

própria, distinta da do corpo; a da alma manifesta-se menos por palavras e sons e mais por expressões faciais e pelo olhar.

É sobretudo pelo olhar que gosta de expressar as suas alegrias e dores; frequentemente, só se alia ao espírito do corpo para ajudá-lo a coordenar os pensamentos. O espírito reflete pouco e organiza pouco o que deseja comunicar externamente; por isso, utiliza os pensamentos fluidos de que lhe falei para responder verbalmente às necessidades que tem de interagir com outros corpos.

Os pensamentos fluidos agrupam-se na periferia dos grupos de pensamentos da alma e dos pensamentos sedentários. Sendo muito sensíveis aos sons externos, assemelham-se a uma multidão que ouve um alarme ou algo que lhe interessa conhecer; precipitam-se em massa para a região frontal, onde os vejo como miríades de pequenos pontos impercetíveis, passando todas por um único ponto de encontro, que atravessa o cérebro como um poço que desce à terra. Descendo assim para a boca pelo véu do palato, cruzam no trajeto pequenas fibrilas microscópicas que as projetam na língua em todas as direções.

Algumas formam linhas retas horizontais, outras linhas retas perpendiculares, círculos, semicírculos, triângulos, enfim, uma variedade de figuras geométricas, cada uma gerando pequenas detonações que chamarei elétricas, formando assim as palavras e os sons. O espírito auxilia esse percurso abanando-as, por assim dizer, com a língua, num movimento semelhante à debulha do trigo, espalhando os sons e o eco. Não pode imaginar a beleza desse processo, observa Ravet, afirmando ver com os próprios olhos todos esses detalhes. Hoje não posso explicar tudo, acrescenta ele, precisaremos de outra sessão.

Onde estão e como se organizam os pensamentos em geral?

Eles estão agrupados no cérebro; imagine cada grupo como o interior de uma colmeia de mel, exceto pelo volume e pelos habitantes desta última. Vejo-os dispostos simetricamente sob a forma de pontos minúsculos. Cada grupo representa um conjunto de manifestações de ação, e cada pensamento é composto por todos os detalhes necessários para contribuir

para a ação que está destinado a produzir. Isso exige que os grupos estejam completos, mas também que os pensamentos individuais sejam completos.

Esses grupos são rodeados, como lhe disse, por uma espécie de esfera formada por pensamentos fluidos, destinados às funções da fala. Os pensamentos-mãe, que também mencionei, encontram-se fora desses grupos, alojados em pequenos recantos do cérebro como pensadores em meditação. Não são os menos úteis à vida do corpo; meditam, combinam e preparam tudo o que lhe é necessário.

OBSERVAÇÃO:

Ravet parece muito cansado pela atenção que dedicou a observar e descrever para mim o que acabamos de ler, então preparo-me para despertá-lo. Mas, no momento de o fazer, ele diz-me: Isto é curioso: estava a agradecer a Deus por ter permitido ao meu guia iluminar-nos sobre questões tão complexas, quando, de repente, vi um braço isolado aproximar-se de mim, segurando um pombo na mão, e esse pombo segurando uma andorinha no bico. Sem saber o que isso significava, perguntei ao meu guia, que me respondeu: Isso quer dizer que, por mais rápido que voem, não deixamos de as segurar. Quem? repliquei. Os pensamentos, respondeu-me ele.

Ravet compreende então que o seu guia não poderia ter-lhe apresentado uma alegoria mais expressiva do que a desses dois pássaros, cujo voo rápido e certeiro é a imagem mais fiel da vivacidade com que os pensamentos nascem e se transmitem. O seu guia quer provar-nos, com isso, que, apesar da dificuldade desse estudo, conseguiu conduzi-lo a bom termo.

QUESTÕES COLOCADAS A VÁRIOS CLARIVIDENTES SOBRE A INCOERÊNCIA QUE REINA ENTRE AS ATRIBUIÇÕES DOS GUIAS DOS HOMENS DA TERRA E OS RESULTADOS OBTIDOS POR ESSAS ATRIBUIÇÕES

ADÈLE MAGINOT, consultada sobre essas questões a 10 de janeiro de 1856, responde da seguinte forma, segundo o Espírito EMMANUEL SWEDENBORG:

O guia de Ravet disse-me, na nossa sessão de 18 de agosto de 1854, que os primeiros guias dos homens terrestres foram, após Deus, os primeiros homens que entraram no espírito, que, estando mais avançados do que os restantes, os inspiraram numa via de progresso que eles próprios não puderam seguir por falta de conhecimentos mais amplos, concluindo que a missão dos guias se resume nestas palavras: "É o passado que instrui o presente."

Depois de refletir bastante sobre o que ele me disse, assim como sobre o que muitos outros Espíritos disseram sobre este assunto, ainda me resta perguntar como podemos conciliar essa revelação com o que os nossos olhos veem e o que o nosso julgamento aprecia nos dias de hoje? Permita-me a seguinte explicação:

Se cada continente, como me foi dito, foi habitado por um casal de seres no início da aparição do homem na Terra, é de presumir que esse casal se multiplicou e gerou seres suficientes para formar uma tribo. Essa tribo, não podendo mais ser governada apenas pelo laço familiar, deve ter visto surgir em seu seio algum iluminado que afirmou ter sido enviado por Deus para governá-la e ensinar-lhe a amar esse grande Ser. Considero esse facto um sacrilégio mentiroso que me parece ser um progresso, mas um progresso de exploração.

A esse iluminado deve ter sucedido, por efeito de uma concorrência orgulhosa, algum ardente guerreiro que, à frente de uma coorte com as mesmas ambições, apresentou-se para conquistar pela força o que o primeiro soube conquistar pela astúcia. Esses dois tipos de seres, frente a frente, disputando a posse do homem primitivo, devem ter feito um pacto entre si para garantir que cada um tivesse a sua parte assegurada nessa exploração. Esse pacto também não me parece um progresso em direção ao amor fraternal que os guias deveriam ensinar aos homens da Terra.

Uma primeira exploração, ao ser legitimada, deve ter legitimado uma segunda, e esta, por sua vez, uma terceira. Outra coorte, não menos ávida por explorar, apresentou-se aos homens sob o disfarce da justiça, pois, entre dois conquistadores da ordem dos que acabei de citar, deve ter havido disputas e, consequentemente, a necessidade de recorrer ao julgamento de

terceiros. Esses terceiros, se julgarmos pelo que resta deles hoje, ainda não nos apresentam um progresso pelo qual devêssemos agradecer aos guias.

Diante dessas três bases, ou três dissolventes de qualquer governo bem estabelecido, o homem deve ter sentido a necessidade de sua própria conservação e, para isso, gerado outra casta de exploradores para curá-lo dos seus males: inteligências astutas para preparar e garantir os seus bens, intermediários, artesãos, parasitas e mendigos. Seis grupos de seres que conhecemos bem hoje e que são os únicos que progridem no seu domínio, mas que certamente não progridem no amor fraterno, objetivo da missão dos guias dos homens da Terra. Assim, é muito difícil para mim aceitar, diante dessas observações, não a missão dos guias dos homens da Terra, mas o sucesso dessa missão. Pelo contrário, vejo um presente que esquece os costumes do passado e não um passado que beneficia o presente.

Para resumir, não vejo nenhuma diferença entre os sacerdotes de Brahma, de Confúcio, de Moisés, do paganismo, de Cristo, de Maomé e das inúmeras seitas que proliferam nos dias de hoje. A mais simples lógica está ausente dos seus ensinamentos; vejo apenas fracos de espírito ajoelhados e astutos de pé.

Na política, governar os outros é sempre o objetivo de quem não sabe governar a si mesmo.
Na justiça, condenar sem conhecer a liberdade de cada um é sempre o objetivo de quem desejaria ser absolvido em situação semelhante.
Na ciência, balbuciar com orgulho numa linguagem incompreensível o que não compreendem é, foi e será sempre o objetivo dos sábios.
No comércio, enriquecer a qualquer custo.
No trabalho, absorver o lugar do incompetente.
Na preguiça, ser rentista.
Na mendicância, ser chorão.

Eis os tipos de homens que podem ter mudado a maneira de obter, mas não a maneira de ser.

No progresso, o milhão de almas ou de asnos que Paris abriga não é preferível às almas ou aos asnos que habitaram tantas capitais que hoje são apenas ruínas.

A nossa civilização, com todas as suas belezas e fealdades, não supera as civilizações antigas das quais não nos preocupamos. Os nossos navios, os nossos vapores, os nossos fluidos elétricos e cem outras supostas novidades não trazem, creio eu, nenhum benefício físico ou moral ao homem, pois esses meios de encurtar o tempo e o trabalho apenas dobram o primeiro, sem dúvida, e acrescentam às ambições humanas novas necessidades, o que não é trabalhar a favor do progresso nem do retorno à casa divina, da qual não temos lembrança, nem conhecimento, nem sequer desejo de um dia rever.

Isso faz-me pensar no barril das Danaides; o que pensa sobre isso?

Resposta do Espírito SWEDENBORG:

Tudo o que me diz é útil, não direi para a harmonia celeste, mas para a satisfação das afeições da espécie humana. Os guias dos homens da Terra não podem impedir essas coisas, que são resultado da liberdade. No entanto, trabalham incessantemente para melhorar, com seus sábios conselhos, a sorte do homem; mas este, não querendo escutá-los nem seguir esses conselhos, prefere governar-se como melhor lhe parece. Se os guias desses homens não empregassem o poder de conservação e harmonia que possuem, o mal seria ainda maior do que vê.

Saiba que nunca surge uma má ação sem que surja também uma boa. Tudo é compensado, acredite. O estado terrestre é um estado de caos e de perturbação que não pode ser alterado, pois é a base da felicidade espiritual, da qual já lhe falei várias vezes.

Quanto mais insuportável o homem encontrar essa condição, mais ele reencontrará o seu estado superior. O homem não sofre na Terra apenas as consequências das suas paixões e dos seus erros de julgamento; sofre ainda a influência das trevas em que se encontra mergulhado o globo que habita, bem como as suas agitações e doenças, pois acredite que a Terra também tem os seus males, as suas febres internas e as suas convulsões, assim como o homem. Este último é, em relação à Terra, como a criança o é em relação à mãe que a carrega no ventre: o mal-estar interior que essa mãe sente afeta e perturba essa criança. Assim acontece com as perturbações da Terra: elas afetam os seus habitantes.

Os homens, devendo toda a sua materialidade à Terra, devem naturalmente sofrer as consequências do estado desse mesmo planeta. Os seus transtornos estão relacionados com o seu volume, a sua condição e a sua missão. Não são perturbações de um dia, acredite; duram, por vezes, séculos, e só depois vem a calma, até nova convulsão.

Se somarmos a isso as agressões que lhe infligem com escavações e projetos gigantescos de caminhos de ferro, as emanações sulfúricas dos combustíveis que queimam em profusão e as perturbações atmosféricas causadas pelos transportes de alta velocidade, compreenderá que todos esses distúrbios devem naturalmente gerar perturbações morais nos seres que neles estão confinados, assim como novas doenças que os fazem odiar ainda mais a existência terrestre.

Essa maldição lançada por eles sobre a própria existência tem uma consequência mais feliz do que imagina, pois faz com que encontrem no estado espiritual algo muito melhor do que teriam encontrado sem isso. Não julgue essas coisas antes de ter os meios para compreendê-las.

Permita-me dizer-lhe que, embora aceite as informações benevolentes que me dá sobre os distúrbios físicos dos homens da Terra, não posso considerá-las suficientes para justificar os distúrbios morais desses mesmos homens. Já lhe disse que o homem se afasta cada vez mais dos costumes fraternos do passado, que hoje só sonha com o bem-estar para si mesmo, procurando obtê-lo por meios desonestos, geralmente condenados pela verdadeira fraternidade e pela verdadeira justiça?

Os homens de hoje fazem o que os homens de outrora fizeram antes deles; se estes últimos não tivessem agido assim, a corrupção não seria tão grande. Essa corrupção é apenas o resultado de um maior número de homens que a determinam. Sendo maior o número de homens, cresce proporcionalmente o número de vícios e virtudes da massa... Não se enganaram, exploraram, roubaram e guerrearam sempre? Como quer que seja diferente num estado criado para comparar o belo ao feio, e o bom ao mau? Se essas coisas são feitas hoje em maior escala, é porque um número maior de seres contribui para representar um mal maior, quando este não passa do conjunto do mal de cada um.

Compreendo que, se o amor fraterno do mundo espiritual reinasse na Terra, esta última seria inútil para facilitar as comparações de que me fala. Mas parece-me que o clamor de dor de cada um já é suficientemente grande, face aos sofrimentos físicos e às privações, sem que ainda reinem em larga escala os enganos, as explorações e as guerras antifraternais, que rebaixam o homem, em vez de o elevar?

Essas guerras são utilidades que não pode compreender; são grandes retornos ao mundo espiritual, tal como há grandes saídas desse mundo. A sua Terra não seria suficiente, no estado atual das afeições dos seus habitantes, para sustentar tantos seres.

Até agora, pode alimentar facilmente os seus habitantes; os guias dos homens da Terra deveriam antes insinuar-lhes desejos de emigração do que desejos de destruição?

Não há destruição; aqueles que assim saem do estado terrestre são menos infelizes do que os que se exilam. Os guias não aconselham as guerras; elas são fruto da liberdade humana: a guerra é um meio de satisfazer as afeições daqueles que apenas a desejam; e saiba que esses têm tanto direito à satisfação das suas afeições quanto o senhor deseja ter o seu próprio direito satisfeito.

Se apenas sofressem aqueles que a desejam, eu não me preocuparia com esta questão. Se a guerra apenas trouxesse espiritualizações, deixaria os guerreiros espiritualizarem-se à vontade; mas ela gera infelizes amputados dos seus membros, saques de cidades e misérias sem conta para todos?

Os amputados de que me fala geralmente fazem das suas feridas um título honorífico; orgulham-se delas e mostram-nas em público, como os seus senhores mostram os seus brasões; parece-lhes muito bonito dizer: "Perdi um braço nesta ou naquela batalha." As cidades saqueadas são frequentemente o resultado contrário da ambição dos homens. Quem quis fazer o mal recebe o mal. Não ouve neste momento cada um desejar a destruição da Rússia, contra a qual estão em guerra?

Pois bem, uma destruição semelhante pode atingir-vos a vós mesmos. As misérias geradas pelas guerras são o resultado de todo grande distúrbio;

aqueles que se tornam vítimas sem as terem desejado não sofrem tanto quanto pensa; são colocados num estado correspondente à sua posição: o que os teria tornado muito infelizes na véspera mal os perturba no dia seguinte... Quanto à sua Terra, não se preocupe, há almas criadas em número suficiente para a cobrirem um dia; deixe que essas manifestações se regulem e espere a mesma proporção de bem e de mal. Acredite que, após a angústia, a calma parecerá melhor. Já não sabiam mais apreciar os benefícios da paz desde o curto tempo que a gozavam; achá-la-ão melhor quando voltar.

Falou-me de grandes retornos ao mundo espiritual devido às guerras, tal como há grandes saídas desse mundo. Significa que as encarnações terrestres são o resultado desses fluxos de Espíritos?

Sim, já lho disse, todas as almas criadas sabem que devem passar pelo estado terrestre, assim como sabe que deve passar pela morte. Essas almas desejam ainda mais do que o senhor pagar essa dívida, que, para elas, é um meio de nova vida e de melhor apreciação do seu estado presente. Entre elas acontece o que acontece entre vós: espécies de contágios que as levam a materializar-se, tal como, através das guerras, se vê levado à espiritualização. Dou-lhe ainda como exemplo um teatro que anuncia uma representação extraordinária, para o qual todos acorrem em massa, sem se preocuparem se cabem todos. Assim é a entrada na Terra; há momentos em que é necessário forçar a saída para facilitar a entrada, pois ninguém sabe acomodar-se nela como deveria. Acredite, não pode conhecer a utilidade destas coisas.

Agradeço-lhe as suas informações, que me farão, no futuro, ver com menos tristeza as peripécias deste drama terrestre.

21 DE JANEIRO

O VIDENTE RAVET CONSULTADO SOBRE AS QUESTÕES PRECEDENTES, RESPONDE DA SEGUINTE FORMA, SOB A INSPIRAÇÃO DO SEU GUIA, O ESPÍRITO TOMARIN.

Ravet ignora que já dirigi estas questões ao Espírito Swedenborg por intermédio de Adèle. Quando termino a leitura e peço-lhe que pergunte ao seu guia o que ele pensa, este responde. "Acho-as muito boas, mas não menos boas do que aquilo que lhe disse inicialmente."

O que me disse?

Que os primeiros guias dos homens foram, depois de Deus, os primeiros homens que entraram no espírito. Aconteceu então o que acontece hoje, houve homens que aproveitaram esses conselhos e outros que os desprezaram; uns permaneceram religiosos e humildes, enquanto outros se tornaram incrédulos e orgulhosos. Esses dois estados foram, são e serão consequência da falta de harmonia que deve reinar na vossa Terra, pois esta é um lugar de provações, onde cada um se exercita no desenvolvimento da sua liberdade e das suas afeições.

Se assim é, pode-se, com toda a certeza, negar o progresso do bem sobre o mal?

Pode-se negar esse progresso do ponto de vista da verdadeira harmonia, que os homens sonham sem querer trabalhar para alcançá-la; mas não se pode negar o progresso no que diz respeito aos apetites que decidiram abrir entre vocês. Se fossem obrigados a viver agora apenas com os recursos da existência dos primeiros homens, queixa-se-riam ainda mais.

Esse progresso não traz proveito ao espírito, mesmo que pareça ser benéfico para o corpo?

Ele é fruto do orgulho dos homens.

Em que consiste esse orgulho, segundo você? Pois, afinal, se a vida terrestre é uma vida de provações, ela deve naturalmente conter vícios de harmonia, e esses vícios podem advir tanto de falsas apreciações dos homens quanto do seu orgulho.

Quando Deus entregou o homem à plena extensão da liberdade que lhe concedera, liberdade que consistia em reunir harmoniosa ou desarmoniosamente todos os pensamentos de que era possuidor, Deus não disse a nenhum homem para reunir esses pensamentos de uma forma ou de outra, a fim de criar as provações que deveria suportar na Terra. Deus havia preparado essas provações através da dificuldade que suscitou no homem para possuir instantaneamente o objeto de suas afeições, como o possuía antes de aparecer na Terra, mas deu-lhe, como compensação, a humildade, ou seja, a capacidade de não atribuir a si próprio mérito em tudo o que fosse. Aqueles que preferiram atribuir tudo a si mesmos, nas conceções que elaboraram, caíram no lado oposto, pois, ao acreditarem apenas no seu próprio poder, ao não verem nem admitirem nenhum ser acima deles, negaram Deus para se colocarem em seu lugar, dizendo-se, como vocês mesmos dizem nas suas observações, seus enviados, seus protegidos, seus próprios filhos. Compreendem que, ao afastarem-se assim de Deus, Deus também se afastou deles.

Entregues, então, às suas próprias apreciações, recusando-se a ouvir os seus guias tanto quanto esses guias recusaram ouvir aqueles que os orientaram antes, ou a escutar as boas inspirações divinas em primeiro lugar, progrediram no seu próprio caminho, dominando os seus irmãos tanto pela astúcia como através dessas mil e uma criações materiais que geraram tantas dependências e novos apetites contra os quais agora protestam.

Quando esses homens retornam, pela primeira vez, ao mundo espiritual para serem guias por sua vez, sofrem como fizeram sofrer os seus guias ao não os escutarem. Não são mais ouvidos pelos homens que aconselham do que ouviram aqueles que os aconselharam. É isso que os redime, ou seja, que abre o seu coração ao arrependimento, recordando-lhes o seu estado original, que é a humildade. Se o homem tivesse permanecido apenas ligado ao cultivo e à confeção das coisas necessárias à sua existência material, em

vez de se tornar um artesão, um criador — o que para nós é o mesmo —, não teria progredido como o fez no que hoje causa o seu sofrimento.

Mas, meu Deus, a agricultura encontra-se hoje no mesmo estado que as chamadas ciências, que nos acorrentam cada vez mais ao pelourinho da miséria; não vemos agricultores que querem, a todo custo, encontrar uma maneira de duplicar as suas colheitas, reduzindo os seus custos? Horticultores que, insatisfeitos com a cor de uma flor que não lhes agrada, querem modificar o que Deus não considerou conveniente fazer? Não os vemos fundir espécies, enxertando tal fruto numa árvore que deveria produzir outro?

Aqueles que agem dessa maneira estão no mesmo nível dos artesãos; o verdadeiro trabalhador, numa boa condição de espírito, é aquele que sabe que não pode fazer mais do que depositar as suas sementes na terra e deixar que esta finalize a obra de produção; por isso, exclama a cada instante: "Há algo acima de nós que dirige tudo isto." Esse homem permanece no verdadeiro estado religioso e humilde, embora as suas demonstrações não sejam mais extensas. O mesmo acontece com o homem que executa uma ideia, movido pela necessidade de ser útil aos seus irmãos, e não pelo desejo de ser admirado por eles: esse homem nunca será orgulhoso da sua obra; ao contrário, será sempre o primeiro a pedir conselhos sobre ela a todos aqueles que considerar capazes de lhe dar orientação. Esse homem está, em relação aos orgulhosos de que lhe falo, como o mineiro que desce às profundezas da terra para buscar os seus minerais e que, a cada instante, admira essas belas produções minerais às quais sabe que nada acrescentou. Não é assim com o ferreiro que, porque dá uma forma qualquer a esse metal, se crê o seu criador e admira apenas a sua própria obra, esquecendo a de Deus.

O que lhe disse nestas palavras: "É o passado que instrui o presente," é exato, mas não quis dizer outra coisa senão que o passado, com todo o bem e todo o mal que contém, oferece ao homem os meios para apreciar e comparar, e, por consequência, para escolher entre a humildade e o orgulho, entre o respeito devido a Deus e o respeito devido ao homem.

O verdadeiro triunfo dos guias ocorre menos na Terra do que nos estados que se seguem a esta existência, pois nesses estados o homem aproxima-se

mais do seu Criador e da admiração devida às obras desse grande Ser. Não podem compreender completamente essas coisas no estado em que se encontram.

CONCLUSÃO

Tínhamos endereçado as mesmas questões a dois bons amigos que temos na província, um residente em Estrasburgo e o outro em Lyon, sabendo que possuem bons videntes aos quais os pedimos que as submetessem. As respostas que nos chegaram não nos incentivaram a apresentá-las a outros videntes do nosso conhecimento, e dispensamo-nos de as trazer à consideração do leitor, pois não nos pareceram livres de qualquer sistema religioso ou filosófico, como gostamos de obter. Não havia, no entanto, nada nessas respostas que estivesse em total contradição com o que foi lido; mas um deles fazia o homem passar primeiro pela escala da espécie animal, e o outro pela escala das reencarnações.

Como essas duas proposições nos levariam a uma refutação fácil, mas que ampliaria ainda mais o já extenso quadro desta obra, decidimos permanecer onde estamos e não procurar respostas melhores do que aquelas que foram lidas, não porque essas respostas nos satisfaçam inteiramente, mas porque nos parecem suficientes para os meios de apreciação de que dispomos. É verdade que as nossas exigências são muito mais amplas do que esses meios; mas como poderia ser de outra forma?

Com uma inteligência tão ativa e complexa quanto aquela com que o Criador nos dotou, se não tivéssemos mais "mas" nem "se" à nossa disposição, de que seria composta a nossa apreciação? Não é o desejo de conhecer a garantia da existência futura? A busca do conhecimento não é a negação do saber completo? Se não tenho mais nada para conhecer nem pesquisar, retorno ao estado de inexistência... Se desejo apenas estar em contacto com professores espirituais que se encontrem num estado de saber perfeito, isso significa que é possível atingir esse estado, e, portanto, chegar à negação da sucessão dos pensamentos, que, por si só, determinam toda a nossa existência.

Devemos, portanto, concluir, no interesse da nossa existência futura, que esta é em tudo semelhante à presente, exceto pelos meios aperfeiçoados de ótica e de raciocínio, que nos permitem percebê-la mais ou menos de acordo com as nossas operações. Devemos ver a existência humana como degraus sobrepostos uns aos outros, que, apesar das diferenças de altura que os separam, não deixam de ser degraus.

Que construamos uma torre tão gigantesca quanto possamos para alcançar aquilo a que chamamos céu material, continuaremos tão distantes de cada ponto que desejarmos atingir quanto a evolução percorrida pelo nosso ponto de apoio nos afastará desse ponto. Se não há um "acima" nem um "abaixo" para o nosso globo, pois este não possui um lugar fixo nos espaços, não há igualmente um ponto de referência para o nosso espírito na imensidão de pontos espirituais que ele aborda e cruza.

A verdade e a mentira estão em tudo. A verdade é aquilo que é atualmente palpável e a mentira é aquilo que, no momento, não é palpável; essas proposições não impedem que se admita que aquilo que é verdade hoje, devido ao seu caráter atual, se torne mentira amanhã, devido à sua não-atualidade. Toda verdade não passa, portanto, de uma medalha com duas faces, um bastão com duas pontas, um círculo com um ponto central, um quadrado com quatro ângulos. Um não é o outro, mas é o complemento do outro, e não pode ser mais tratado como idealidade do que como realidade.

Os guias dos homens da Terra, como vemos, são seres que passaram para a quinta e sexta classe; não passam de uma porta e alguns fragmentos de estudo a mais do que a classe anterior, o que não exclui o erro nem legitima a verdade. Não, o verdadeiro estudo em todas essas questões consiste em anotar em duas colunas separadas os prós e os contras de cada observação, depois somar quando as colunas estiverem cheias e comparar o excesso com a escassez, se houver excesso de um lado ou do outro; em seguida, recorrer ao Grande Reitor infalível para verificar a soma e pronunciar se está correta. Não é, portanto, na sobrecarga da classificação dessa eterna observação que podemos negar ou afirmar seja o que for. Resignemo-nos a essa voz íntima que cada ser ouve dentro de si em todos os embaraços da vida, que lhe diz, com um tom tão inaudível quanto indemonstrável materialmente:

"O amanhã existe como o hoje. Ele é apenas o complemento do hoje, assim como o hoje é o complemento do ontem. Os minutos e as horas que o compõem não passam de fragmentos de um dia que forma o ano e os séculos que presidem às evoluções astrais, e as evoluções astrais não são mais do que locomotores movidos, por sua vez, dentro deste dia eterno, por um único grande corpo que se chama PANTÉIA, NATUREZA, TUDO; um grande corpo cujo coração, o seu núcleo central, cheio de amor e de conservação para consigo mesmo e para com a sua obra, não permite que se perca ou se destrua qualquer partícula da sua criação, pois o aniquilamento não pode existir naquilo que não é.

Se eu suponho o desaparecimento completo do meu ser ou do menor grão de poeira que vejo, estou supondo um absorvente desse meu ser ou desse grão de poeira, ou então nego a existência do meu ser ou do grão de poeira; pois, se eles são aquilo que os declaro ser, só podem ser aniquilados dentro de um absorvente. Quem pode absorver tudo o que vejo, senão algo maior do que aquilo que vejo?

Quem poderá conhecer e responder a tudo, senão aquele que contém tudo?

Se suponho o aniquilamento do que vejo ao fazê-lo entrar em algo maior do que ele próprio, estou a negar a simples proposição da conservação de tudo o que existe, em favor de uma absorção que não posso provar por qualquer demonstração precisa.

Se suponho que uma parte de um todo qualquer pode conhecer o que contém esse todo, estou a fazer uma proposição mais metafísica do que aquela que nego ao dizer que O CONTENENTE ESTÁ DENTRO DO CONTEÚDO.

Se tenho algum direito de concluir com base nos estudos que faço há mais de quinze anos sobre todas essas questões, permito-me adiar a conclusão para amanhã, pois acredito no amanhã, e não posso acreditar no amanhã sem admitir que o verei. O amanhã, portanto, é um dos números necessários à soma que faço; consequentemente, remeto o leitor para ele. Espero que não cessarei esse trabalho eterno e que, mais de uma vez, ainda o cansarei ou instruirei com as minhas publicações.

A primeira delas, creio, será um curso de estudos sobre o magnetismo e as faculdades sonâmbulas; pois, antes de qualquer interpretação das coisas, é necessário conhecer até onde pode ir o conhecimento do intérprete. Esse estudo falta à biblioteca magnética e religiosa. Está pronto; mas a minha bolsa e os homens estarão? Sem entusiasmo, sem sistema: HUMILDADE. Eis as nossas últimas palavras por hoje. Tentemos todos aproveitá-las...

Argenteuil, 11 de setembro de 1856.

(Excerto de 'Lumieres des Morts')

O EXTASE DE MARGUERITE

Acredito dever colocar os dois êxtases que se seguem no final do artigo metafísico de maneira útil, uma vez que tratam desse assunto e poderiam servir para iluminar o leitor sobre as propriedades que cada um de nós tem de conhecer essas questões, sem outro esforço além de um pouco de boa vontade; conforme já disse em outro lugar que julgava ser útil a esse respeito, começo a minha história.

Eu tenho visto e usado muitas das pessoas em êxtase com a ajuda de magnetismo ou de narcóticos, mas eu jamais colocara uma menina de 15 anos, livre de todas as impurezas, ignorante de todas as ciências, de língua pura de todas as mentiras; o que eu não daria para encontrar tal filho da verdade e tentar esta experiência, que prevejo, me proporcionará imensos resultados.

Eu estava assim à procura no meu espírito quando o sujeito se me apresentou à vista, na pessoa da jovem Marguerite, de cabelos de ébano, olhos negros, de testa alva como um lírio, boca tão fresca quanto uma rosa, peito nascido sob o sopro de amor, alma cândida e inocente. Eis o ser que procuro; se tivesse encontrado menos ter-me-ia dado por satisfeito. Ouvi essa jovem dizer uma centena de vezes que gostaria de visitar o céu; cabe a nós proporcionar essa fantasia... aqui está ela de imediato; vamos tratar da questão...

Bem, minha linda filha, faz já algum tempo que a ouço dizer que gostaria de ver o céu; sabe que sou um amiguinho de São Pedro e que ele me concede o favor (quando lho peço) de abrir as portas de tal bendita estadia aos meus amigos e conhecidos; se você o desejar sinceramente, far-lhe-ei um pedido dessa natureza a seu respeito, e acho que ele me atenderá.

-"Ah! Quero sim," disse-me Marguerite muito rapidamente; "Mas," continuou ela, "não acho que mereça tal felicidade."

- Por que não, minha filha? Você não é a criatura do Senhor? É de se esperar que esse bom pai ainda a considere digna de se elevar a ele. Marguerite olhou para mim a coçar a orelha, achando que sou um pouco feiticeiro, e disse-me meio embaraçada: "Quando deverei vir?" Eu respondi-lhe, "no próximo domingo." Ela ficou satisfeita com isso. Chegou esse domingo que tanto almejara como os outros domingos da época, e com ele a minha pequena Marguerite; ela tinha posto o seu lindo vestido branco, uma linda fita azul em volta do pescoço, o cabelo lindamente trançado; provida da sua cândida modéstia, ela é verdadeiramente digna dos anjos até quem deve ir neste dia...

"Não acho que se tenha dado a tanto custo com a toilete, minha querida?" Ela riu, olhando para si própria, e me respondeu com ingenuidade:

- "Pus o meu vestido branco, como no dia da minha primeira comunhão, só isso..."

"Sabe o que está a faltar?"

- "Não."

"Eis duas lindas asas que coloquei no fundo deste cálice. Se quiser esvaziá-lo, logo voará em total liberdade..."

Marguerite mergulhou as suas pérolas brancas no meu licor e disse-me sorrindo:

"Está feito..."

"Faça a gentileza de ficar um instante no quarto do lado quarto com aquelas senhoras," disse eu, "que a chamarei quando chegar a hora."

Mal se passou uma hora quando a minha pequena Marguerite chegou junto de mim, muito leve e alegre, exclamando:

- "Meu Deus, estou feliz... não sei o que tenho, mas parece-me tão bom rir, que eu queria rir para sempre."

"Para sempre seria um pouco demais, minha filha; um pouco, sim; mas ainda assim" (pressionei esta palavra com intenção), "é demais."

"É verdade, continuou ela, para sempre... é a eternidade, e a eternidade é... é... é..."

"Ora bem! o que é a eternidade?"

"Oh! é..., mas a Eternidade é o *presente!*"

"Bem respondido, minha filha!"

"Compreendo-o bem... estou na Eternidade... tudo sucede à minha volta... e tudo existe no presente... por conseguinte tudo está no presente, e a Eternidade não é outra coisa!"

"Como entende tudo isso? Os seus olhos são assim tão grandes?"

"Tão grandes quanto a eternidade; para eles não
há passado nem futuro... tudo está ao meu redor..."

"Eu não entendo a sua resposta."

"Eu entendo-a bem, eu... eu vejo-me como uma garotinha, coisa que eu sou... e que serei... Oh! que engraçado, falo comigo própria... com aquela que foi e que será..."

"No estado em que se encontra pode, mas eu gostaria que você me mirasse da mesma maneira; você pode?"

- "Você ainda não tinha terminado a sua pergunta, e eu o vi em tudo o que você foi e em tudo o que você virá a ser."

"Conte-me essa história, que coisa fui eu?"

"O meu irmão no céu... o meu irmão na terra... o
meu irmão na eternidade."

"Você vê-me em espírito?"

“Vejo.”

“Como?”

“Não me atrevo a dizer.”

“Porquê?”

“Porque... ah! meu Deus... como sinto o coração pesado... o que será de mim, ah! Senhor?... acode-me, meu Deus... acode-me...”

“Quem pode assusta-la assim, minha filha?”

“Oh! não... não diga essa palavra... diga-me, irmã.”

“Quem é que a assusta, minha irmã?”

- “Não diga... quem a... mas quem te assusta, minha irmã... é mais doce.”

- “Quem te assusta, minha irmã?”

“Não sei... mas este nome... não é tão bonito quanto... quanto...”

“O quê, o quê?”

“O... do meu amigo.”

“Por que não é tão bonito?”

“Ele também é lindo em Deus... mas ele não é tão bonito em mim.”

“Eu não te entendo mais, filha.”

Não digas mais essa palavra, ou morro!

Não te compreendo mais, minha amiga?

Sim, sou... sua amiga... aquela que... Diz-me, irmão na Eternidade, sabes que sei grandes coisas?

E o que é que sabes, minha irmã?

Sei que Deus criou os homens aos pares, dois corpos num só... um homem e uma mulher... Todos os homens estavam no céu com uma metade semelhante a eles... nós éramos nós... todos... sim, a terra separou-nos.

Espera, não me engano... não, vejo a Eternidade; ah! reencontro o meu amigo.

Que sentes perto dele?

Antes ou depois da nossa separação?

Antes?

Nada. E depois?

Oh! depois... meu Deus... irmão, põe a tua mão sobre o meu coração... arde!... sopra sobre a minha testa... vai abrir-se... Obrigada, irmão... obrigada...

Marguerite voltou ao seu estado normal, pousou sobre mim os seus grandes olhos negros e começou a rir, dizendo: Onde estou eu então?

Aqui, minha filha.

Fecharam-se logo a seguir, e o êxtase recomeçou.

Então, minha amiga, como te sentes?

Ele disse: Minha amiga... então ele sabe?... oh! como ele é belo em espírito... aquele que... que é a minha metade!...

Explica-te mais claramente, Marguerite! Não te compreendo.

Eu também não compreendo mais... sou feliz ao ver-te, e isso basta...

Então sou eu a tua metade.

Sim. Quem te disse isso?

Eu sei, e depois sinto-o.

Como é que o sentes? Porque quando te olho em espírito, já não sou eu.

E então, o que és?

Sou tu.

Como se dá essa fusão?

Atrais-me... entro em ti... absorves-me... o meu coração já não bate, o teu bate por dois... já não penso, pensas por dois... já não quero, queres por dois... estou em ti... estás em mim. O que significa isso, oh! meu Deus!... não conheço nada semelhante na terra... será isto o que chamam amor?... oh! dizei-me, meu pai, dizei-me... Paz, irmão... paz, amigo... é o amor CELESTE!!!

E de imediato a jovem, com os olhos banhados em lágrimas, tão leve como uma gazela, ajoelha-se exclamando: Obrigada, meu Deus, obrigada!... mas tirai-me a lembrança do que vi, suplico-vos, oh! Senhor, tirai-me esta lembrança!

Marguerite reencontra-se de joelhos, não sabe onde está, nem o que faz... contemplo-a, e clamo por minha vez, no fundo do meu coração: Meu Deus, dignai-vos tirar-me a lembrança do que ouvi!

SEGUNDO PERÍODO

Que belo! que belo!!

O que é que é belo? Tudo o que vejo.

O que é que vês?

Tudo o que quero.

O que queres é fruto da tua imaginação?

Sim. Sabes disso? Só isso existe.

Só a imaginação?

Sim.

Como assim? Tudo o que vês na terra é fruto da imaginação! Não te compreendo mais...

Quero dizer-te que tudo o que é fabricado pela mão dos homens é a imagem dos seus pensamentos... pensaram antes de executar... Pensar é

ver... ver é viver... é tudo o que existe... pois bem! esse pensamento que determinou a ação do homem está sempre presente naquele que o realizou... o objeto que criou materialmente reduziu-se a pó, mas a sua forma primeira continua a existir na memória daqueles que a viram...

É o que chamamos lembrança... é o que chamamos passado... é o que chamo presente... Não se pode mais chamá-lo passado do que futuro, pois está presente diante dos nossos olhos sempre que desejamos vê-lo... O que será futuro dentro de um minuto, será passado dentro de dois... Oh! meu Deus, como os homens são pequenos, e como são grandes as vossas obras. Compreendeste-me, irmão?

Sim, já disse isso aos homens, chamaram-me louco.

Diz-lhes outra vez, e sempre... nem todos te julgarão assim.

Pois bem, minha irmã, já que o Senhor se digna iluminar-te com a sua luz divina, pede-lhe que te conceda a graça de conhecer o que é o aroma das flores, de uma margarida tão branca como tu (por exemplo).

Conheço-o, o aroma não é, como se crê, uma emanação ou uma troca de átomos entre uma flor e o nosso olfato, mas sim um efeito simpático das duas existências sobre a parte que as põe em relação, é a saudação de uma violeta, homem, direi eu à violeta dos campos, é o seu contacto, por meio do agente divino; a parte que em nós corresponde ao aroma sentido alegra-se com essa união, ou queixa-se dela; daí o desejo de possuí-la ou de perdê-la. Esse é o princípio da vida e do movimento... é tudo o que existe.

Obrigada, irmã, obrigada... Pergunta agora o que são as cores... essa bela cor rosa, por exemplo, que serve de auréola às margaridas dos prados, as tuas jovens irmãs entre as flores?

Eu sei... As cores são a luz corporificada... materializada no seu primeiro estado... a luz visível aos nossos olhos e palpável aos nossos sentidos... É O SOPRO DO SENHOR.

Porque é que a violeta não se adorna com a cor do cempé?

Porque a grande lei da simpatia e da antipatia que rege o universo se opõe a essa confusão... Tudo pode parecer confundir-se, aos nossos olhos, numa forma ou numa cor qualquer; mas, segundo as leis de Deus, isso não pode acontecer para os olhos do espírito... Cada um permanece o que é... a individualidade de cada coisa é imortal como ela.

A tua resposta, minha irmã, é digna de ser estudada... Se não temesse abusar do teu estado, pedir-te-ia que perguntasses o que é o som?

Ah! o som, é o movimento individual de cada átomo e nada mais.

O que é que faz com que o som seja mais grave ou mais agudo?

O volume dos corpos que se tocam, o átomo, a molécula, o corpo ou todas as formas que representam superfícies mais ou menos extensas, cujo contacto é mais ou menos apreciável. O som é o contacto de um corpo com outro ou de uma molécula com um átomo.

Isso é quanto à matéria, minha irmã, mas para o espírito, o que é o som?

É a vibração daquele que está sempre em nós, no presente; é um átomo, direi, da ondulação harmónica universal; é o que há de verdadeiro no som; pois, materialmente, só conhecemos o seu eco; percebemo-lo apenas por notas soltas que nos parecem perdidas no espaço. Mas, no meu estado, ele não se perde; é incessantemente um complemento da harmonia.

Para te agradecer pela tua bela definição, desejo que saias do teu estado ouvindo uma música modelo, uma música harmónica.

Já não teria ouvido para isso, irmão; só agora posso escutá-la. Peço-te mesmo que a faças cessar... porque ondulo com ela... fundo-me nela como em tudo o que vejo, e teria medo de deixar de ser eu... Sopra sobre a minha testa, irmão... sopra levemente, porque me quebras... Obrigada.

Marguerite, pela terceira vez, espanta-se com o que é e com o que sente; permanece um momento num estado de aturdimento, remexendo nas suas lembranças e nada encontrando... Sinto que devo direcionar, no seu primeiro êxtase, a sua observação para outra ordem. Marguerite é bela, amável e confiante; entra numa idade em que uma palavra, uma única palavra, pode

envenenar toda a sua existência. Se o que ouvi da sua boca é exato, devo preveni-la contra qualquer perigo de corrupção, o que talvez me seja fácil fazer apresentando à sua bela alma um quadro que me garantirá a sua moralidade.

Não se creia que esse tipo de êxtase não tem o seu lado moral; se a alma, nesse estado, pode desenvolver os conhecimentos que a cercam com mais facilidade do que no estado material, também pode aproveitar as soluções que obtém no interesse do seu saber ou da sua felicidade. Primeiro, tal como no sono magnético, pode-se apresentar ao vidente os quadros que se deseja que veja, o que, no entanto, nem sempre resulta e não destrói a sua liberdade de os rejeitar e de ver outros à sua escolha. Segundo, melhor do que no sonambulismo magnético, pode-se julgar o caráter das paixões ou dos afetos das pessoas que se encontram nesse estado; creio mesmo que se poderia facilmente chegar a conhecer a fundo os indivíduos assim submetidos à nossa influência, desde que se saiba, com habilidade, impor essa influência.

Eis o que ocorreu no período seguinte. Conduzi a minha jovem, pelo pensamento, ao conhecimento do facto que se vai ler e que aconteceu com grande exatidão em Rambouillet, enquanto eu habitava essa cidade, em 1841 ou 42. Fui apenas testemunha auricular, como parte dos habitantes dessa terra. Eis o que aconteceu:

Sentei-me ao meu órgão-melodium e toquei uma melodia suave para Marguerite; mal comecei, ela entrou em êxtase, escutando essa música com grande atenção. Quando terminei, interroguei-a nestes termos:

Quem te cativa assim a atenção, minha irmã?

Não sei o que se passa em mim, irmão... mas sinto que vou sofrer.

Acalmarei a tua dor, mas diz-me o que vês.

Estou no campo, numa aldeia... vejo aí uma jovem muito bonita e graciosa... é uma camponesa...

Vejo também um jovem que não é menos belo do que ela... não a deixa... dir-se-ia que habitam a mesma casa e que ele é seu irmão... Ah! amam-se ternamente... desaparecem... Reencontro a jovem numa cidade que me é desconhecida; está sentada nos degraus de um edifício e chora... O seu irmão está na companhia dos seus amigos; os laços que todos trazem nos chapéus dizem-me que ele acaba de tirar à sorte na conscrição... ele não chora... Pobre rapariga! Choro com ela...

De facto, Marguerite deixou-me ver, através dos seus longos cílios negros, duas pérolas prateadas que rolaram pelas suas faces como duas gotas de orvalho sobre a folha aveludada da rainha das flores.

... Reencontro-os noutra cidade, continuou ela; o irmão dela é soldado... Ah! que belo homem!... Está nos couraceiros... estão juntos num pequeno quarto encantador... A jovem está mais coquete... abandonou as roupas da sua aldeia... Ah! cuida muito bem das suas mãos, que são brancas como cera... A sua boca é bela... como é bonita... Mas tem um ar tão preocupado... sofre!... sim, sinto que sofre... sinto também que o seu irmão é indiferente à sua dor... Vejo que ele se aproxima de outras mulheres... mas são mulheres de má vida, creio... Ah! não quero mais ver isso...

Reencontro essa pobre rapariga... junto de outro soldado que tenta agradar-lhe... mas ela prefere o primeiro... o seu irmão... Vejo-a com uma amiga que não me interessa como ela... Que essa mulher me parece ousada!... Oh! cheira mal; afasta-a, irmão, afasta-a! Ela é maldita!...

Ah! pobre rapariga, continua a chorar; o que terá ela?... como está pálida... como as suas roupas mudam e estão em desordem... estão todas rasgadas... já não a vejo no seu encantador quartinho... que casa tão feia ela habita!... Vão lá muitos soldados... Ah! vêm buscá-la... Deve ser o pai, pois esse homem tem um ar respeitável... leva-a com ele... Espera! essa mulher vil segue-os... para onde vão?... Para o campo... param todos numa casa que fica em frente a um grande quartel...

Oh! que lugares horríveis... que mulheres vis vejo ali dentro... bebe-se... essas mulheres bebem com soldados... mas são mulheres de má vida!... Vejo essa jovem subir a um quarto... oh! irmão, socorre-a; caiu no soalho... está a morrer, a pobre rapariga!... Senhor, tende piedade dela!... Irmão, não quero

mais ver estas coisas... afasta, afasta tudo isso... Ah! respiro... Mas volto a encontrá-la numa farmácia; o que faz ela ali? Está muito triste, compra drogas... regressa à sua casa horrível... senta-se à mesa com soldados; um deles quer beijá-la... como ela fica vermelha; apresenta-lhe o seu copo e brinda com todos eles... bebe... Ah! vela por mim, irmão, não sei o que vai acontecer, mas tremo... tenho medo!...

Ah! ela cai ao chão... os seus belos cabelos negros cobrem o pavimento... debate-se como numa crise nervosa... Como está pálida, oh! meu Deus!... como sofre!... Reza por ela, irmão... rezemos os dois... de joelhos... olha, ali... beija a terra comigo para que o Senhor a socorra... Levantaram-na e amarraram-na a uma mesa... quanta gente a rodeia!... ninguém a socorre... desgraçados!... Oh! crime fraterno! Mulheres riem da sua dor!...

Marguerite ficou imóvel e, por um momento, pensei que estivesse morta; tive muita dificuldade em trazê-la de volta à vida.

Então, minha irmã, o que aconteceu?

Irmão, ela morreu!... o nosso bom Pai, cem vezes mais humano do que nós, acolheu-a no seu seio... Acompanhei-a até aos céus, onde os anjos a conduziram... Ela prostrou-se diante da luz do Senhor e ergueu-se purificada e resplandecente de glória... Irmão, quero lembrar-me toda a minha vida do que vi... coloca a tua mão aqui e deseja-o comigo...

A minha pequena Marguerite voltou pela última vez ao seu estado normal, apertou-me afetuosamente a mão, agradeceu-me e foi para casa. O que viu nesse quadro aconteceu exatamente assim, na casa de prostituição da cidade de Rambouillet. A infeliz que se via cair a esse grau de degradação humana preferiu redimir-se pelo suicídio! Os presentes nessa cena acreditavam que ela estivesse embriagada, e só admitiram o envenenamento quando a morte ocorreu e foi confirmada. Um quadro desse género, bem gravado no coração virtuoso de uma jovem, pode ser de grande auxílio contra a tentação e, repito, independentemente das luzes que se possam obter desse estado, pode-se, em certas ocasiões, utilizá-lo para corrigir os costumes das pessoas que se submetem a ele.

O ÊXTASE DE ALINE (FONTAINE)

Aqui está um segundo êxtase provocado da mesma forma e cujos resultados psicometafísicos foram semelhantes aos do anterior. Se me permiti, no de Marguerite, agrupar os factos de forma mais conveniente e até poetizá-los, direi eu, não procedi da mesma maneira neste; é de uma exatidão notável e foi escrito sob o ditado da própria protagonista, alguns dias depois de ter passado por esse estado, no qual a recordação se torna ainda mais harmoniosa e persuasiva para o extático; uma recordação que jamais se apaga da sua memória.

Aline é uma jovem operária com menos de vinte e cinco anos, de constituição frágil, temperamento nervoso, imaginação ardente e muito livre, possuindo todas as qualidades do típico rapaz de Paris, gostando de provocar, argumentar, para dar vazão a algumas boas tiradas que agradam. Aline não teme nada, não conhece obstáculos quando deseja ver algo que lhe interessa.

Em junho, de triste memória, corria riscos para obter notícias dos seus amigos como quem daria uma vigorosa bofetada a quem insultasse os seus ouvidos com palavras ofensivas. Eu estava curioso para pôr uma natureza como a dela à prova nesses êxtases e avaliar os resultados que obteria. Aline trabalha todo o ano em casa e é conhecida de todos os meus amigos, que apreciam o seu caráter excêntrico.

No domingo, disse-lhe:

O tempo não parece disposto a celebrar a nossa querida constituição, minha filha, vais perder a vista de um belo espetáculo; se quiseres, mostrar-te-ei outro não menos belo, através de duas asas impermeáveis a qualquer chuva, que te transportarão ao mundo dos espíritos, para saberes o que os seus habitantes pensam do nosso. Há muito tempo que te fiz essa promessa, estou pronto a cumpri-la, queres?

Quero, sim, patrão, respondeu Aline, o que é preciso fazer?

Beber esta pequena dose de licor oriental.

É amargo? perguntou ela.

Oh! não, é de uma doçura perfeita.

Mal acabei de responder, Aline esvaziou a taça; nunca precisa de duas tentativas para fazer algo, é pólvora humana. Desaparece como uma sombra para o quarto ao lado, e eu aguardo pacientemente os efeitos do meu narcótico... Mal passou meia hora, Aline aproxima-se de mim e diz:

O que estou a sentir, patrão, é muito estranho, as minhas pernas fraquejam, parecem feitas de algodão... tudo gira à minha volta...

É natural que te faltem as pernas, pois estou a substituí-las por asas... e que tudo gire ao teu redor, pois quero separar-te da terra!...

Aline atira-se para uma poltrona e chora copiosamente...

Porque choras? perguntei-lhe.

Não sei, mas preciso de chorar... faz-me bem, sinto-me feliz a chorar...

Percebo que o êxtase da minha irreverente prepara-se para a melancolia; pouco me dirá, só ouvirei suspiros; vejamos, vou tocar um pouco de música. Enquanto tocava uma melodia condizente com a habitual alegria do seu caráter, ouvi-a exclamar:

Oh! patrão, que beleza!

Essa foi a única frase que obtive dela durante todo o êxtase; o seu corpo tombou sobre um leito preparado, e três horas depois dessa frase eu ainda ignorava se ela não teria ido dançar para a eternidade no mundo dos espíritos!... A minha inquietação era grande e, confesso, já era tempo de ela voltar para junto de nós.

Então, Aline, de onde vens? perguntei-lhe. O que aconteceu? O que viste? Conta-me tudo com calma.

Oh! hoje não posso, disse ela, não sei onde estou, os meus pensamentos não estão organizados, não os consigo juntar.

Então adiamos essa conversa para amanhã.

Por mim, está bem. Hoje vou dormir. Boa noite, patrão.

No dia seguinte, perguntei-lhe: Como te sentes, Aline?

Não muito mal, mas ainda não estou completamente recuperada. De tempos a tempos, ainda viajo.

Como assim?

Ah, sim! Vocês desaparecem todos como marionetas, depois vejo outros lugares, outras pessoas; é muito estranho, garanto-te... espera, acabei de falar? É que não me sinto livre, percebes... querem provar-me que nunca devemos duvidar de nada.

Tu duvidas, então, minha querida, que serias capaz de puxar o diabo pelas orelhas para lhe fazer girar a cabeça, se te apetecesse?

Ah, sim, duvidei muito, é da minha natureza ser desconfiada... Quis argumentar com aqueles para quem me enviaste, como argumento aqui na terra... Questionei até Deus. Digo Deus, mas estou errada, não o vi; refiro-me a uma voz que ouvia constantemente e que acreditei ser a dele, porque essa voz me enchia de felicidade, de sabedoria! O que sei eu? Estava tão feliz por ouvi-la e sentia por ela um respeito tão profundo!... Oh! sim, convenceu-me bem melhor do que qualquer voz humana; castigou-me o suficiente pela minha falta de fé; nunca mais duvidarei, faz como eu.

O que entendes por castigo e dúvidas?

Ainda não te posso contar hoje; esperemos por amanhã, pois quero dizer-te tudo o que vi, da melhor maneira que puder; hoje, seria demasiado confuso.

No dia seguinte, recordei-lhe a sua promessa e disse-lhe:

Então, Aline, podes hoje dar-nos notícias dos lugares e das pessoas que visitaste anteontem?

Oh! agora já consigo situar-me, disse ela, escuta:

Quando as minhas pernas me abandonaram, quando tudo girou à minha volta e me sentei nesta poltrona, deves ter ficado surpreendido ao ver-me chorar. Choro pouco diante de ti, mas às vezes choro sozinha. Chorava porque te via diante de mim tão grande como um gigante, tão luminoso como um sol, tão belo, oh! perdoa-me, patrão, mas mais belo do que te vejo agora... Nunca vi tais figuras na terra; nunca senti o respeito, a admiração que senti lá em cima, junto de ti... Nunca senti ou vi nada semelhante em toda a minha vida...

Era você; mas, repito, um outro você que não o que conheço, etc., etc. Sem dúvida viu-me em espírito depois da minha morte, não havia razão para chorar ao ver-me assim? Não, se não me tivesse visto a mim mesma. Não me via tão grande como você, e o meu orgulho ficou ferido; sentia-me rebaixada, e isso não me agradava, etc., etc., etc.

Quando tocou música, encontrei-me transportada para um lugar imenso, onde apareceu um caminho cheio de gente indo em sentido contrário; todos podiam ouvir a sua música, que me parecia sair do céu, muitos paravam para escutá-la, mas, não a achando do seu gosto, seguiam o seu caminho; outros pareciam felizes ao ouvi-la, prostravam-se no chão para agradecer a Deus como se tivesse vindo dele; outros, ainda, não prestavam qualquer atenção e passavam como se nada ouvissem; foi nesse momento que exclamei: Que beleza, patrão!

Mas disse a mim mesma: Como é possível? O patrão toca música no seu quarto, estou sozinha com ele, ninguém a escuta, e eu vejo tanta gente a ouvi-la?

A voz que me instruía respondeu: Todo esse mundo que vês ouve apenas a música espiritual, é o espírito da música que se faz na terra que estás a ouvir na companhia de todos eles; já não estás na terra, por isso vês de outra forma.

Como assim? Já não estou na terra, talvez esteja a imaginar que vejo de outra forma? Pois bem, replicou a voz, olha e vê se podes imaginar algo semelhante!

No mesmo instante, encontrei-me transportada para um lugar como nunca vi na vida e como é impossível ver na terra, pela simples razão de que a terra não seria suficientemente grande para contê-lo; estendia-se até ao infinito; mil telescópios, colocados uns a seguir aos outros, não conseguiriam alcançar o seu fim. Esse lugar parecia um jardim repleto de pessoas, bosques e flores; havia ali milhões de bilhões de homens e mulheres, aos pares; como eram belos, meu Deus, como eram belos! Como pareciam felizes!... O ar era tão suave, o dia tão luminoso, as flores tão frescas! Não sei se era verdadeiramente o céu, mas já não havia céu acima de mim, a luz vinha de todas as direções.

Então, disse-me a voz, já alguma vez imaginaste algo semelhante? Estás no céu, achas belo?

Respondi que já tinha visto coisas muito bonitas na terra, tanto em quadros como no teatro, mas que nunca vira nada que se comparasse ao que estava a ver naquele instante, e perguntei à voz se ficávamos eternamente assim, uns ao lado dos outros, no céu. Responderam-me que aqueles que desejassem fazer outra coisa ou mudar de estado poderiam fazê-lo; e, no mesmo instante, para me fazer compreender melhor, fui transportada para outro lugar que representava uma cidade imensa; sem ser exatamente idêntica a Paris, estava construída de maneira semelhante, mas com ruas mais largas, mais retas e mais limpas; havia bairros dedicados a todos os tipos de ofícios. Vi ali comerciantes de todas as espécies em lojas como na terra, ferreiros, marceneiros, pintores, que sei eu, tudo o que vemos cá em baixo.

Havia mulheres a conversar às janelas; todo esse mundo parecia muito feliz; mas o que mais me impressionou e surpreendeu foi a luminosidade do lugar; era muito mais bela do que na terra; o calor era suave e quase impercetível. Era como na primavera, e ainda mais ameno. Disse à voz que me guiava: Mas esta é uma cidade terrena para onde me trouxeste e que estou a ver agora.

A voz respondeu-me: Não, é uma cidade espiritual.

Disse-me claramente assim.

Ora bem, repliquei eu, é mais bela do que a terra, é verdade, mas assemelha-se muito a ela.

Duvidas, creio eu, disse o guia? Para te convencer, vou mostrar-te a terra.

E, no mesmo instante, vi sob mim, muito abaixo, uma outra terra coberta de pedras, como se todos os carros do mundo as tivessem descarregado ali.

Olha, disse eu, mas são pedras o que me mostras?

Oh! respondeu a voz, é bem a terra de onde Deus pode fazer nascer os homens com a sua palavra!

Que estranho, respondi.

E, no mesmo instante, todas aquelas pedras se transformaram em homens vivos! Via esse quadro de um lado e a bela cidade espiritual do outro. Disse ao meu guia: Talvez todo esse mundo estivesse escondido sob as pedras e eu não o tivesse visto...

Oh! então, sabes, meu guia exclamou: Tu AINDA DUVIDAS? Pois bem, volta para onde vieste e vais perceber a diferença...

Fui imediatamente precipitada para baixo; oh! que tombo; oh! meu Deus, que queda! Ainda me arrepio só de pensar nisso.

Encontrei-me então deitada na cama, onde sofri as dores mais terríveis que se possam imaginar; ali me crucificaram, ali me torturaram de todas as formas. Viste como os meus membros ficaram rígidos e frios? Fizeram-me passar pela morte, e senti todas as dores que tens suportado há tanto tempo! Sabes porquê? Porque, vês, parecia-me que estavas a exagerar um pouco, e que, se quisesses, podias curar-te. Desculpa, patrão, sou franca; esse era o meu pensamento, e digo-o. Quis certificar-me da verdade e fui castigada por ter duvidado da sua realidade.

Senti as tuas dores como tu, e mais ainda, vi-as. Por exemplo, aquelas do coração, que te queimam tanto, eis como as percebi. Imagina uma nuvem negra que passa diante do sol, pois bem, é uma nuvem semelhante que

aparece como um ponto e, pelo seu atrito e poder, provoca as sensações tão dolorosas que sentes no coração.

Essa nuvem intercepta a circulação de outros fluidos, e daí surgem o desconforto e o sofrimento. Oh! vi tanto, e só Deus sabe o que sofri; por isso, já não duvido de nada, tudo é possível a Deus... Tudo o que fazemos e sofremos na terra é útil, grava bem isso, tudo isso é bom... Deus não permite a todos (nem mesmo no estado em que me colocaste) conhecer o que me dignou ensinar; é porque eu precisava mais do que os outros, sem dúvida... Não te preocupes, vais curar-te, e um dia ficarás muito feliz por ter sofrido tanto, pois tens muito trabalho pela frente... verás como eu vi, sem tomar drogas... Oh! queria tanto estar no teu lugar.

Esquecia-me de dizer-te que, se tudo o que vi me foi mostrado para a minha instrução e para me impedir de duvidar, também me foi mostrado para a tua instrução; pois ainda duvidas por vezes; recomendaram-me, acima de tudo, dizer-te: não duvides mais e tem certeza.

Observarei que o corpo de Aline entrou efetivamente num estado de catalepsia completa e gélida, os seus olhos pareceram-me, por um momento, privados de toda a vida; fiquei assustado e roguei a Deus que a trouxesse de volta ao seu estado normal, o que aconteceu assim que terminei a minha oração; os seus membros recuperaram a sua flexibilidade e calor normais. Essa mudança foi tão rápida que me surpreendeu imensamente. Segurava-lhe uma das mãos e tinha a outra pousada sobre o seu coração, que me parecia sem pulsação alguma. O fluxo sanguíneo, assim como o calor, manifestaram-se de uma forma tão inacreditável que seria difícil explicá-lo pela física. A melhor comparação que posso fazer para descrever essa mudança repentina é o efeito de passar da água gelada para trinta graus de calor.

Aline pede-me que acrescente esta recordação: Eu via, disse ela, tudo o que se passava nos quartos vizinhos, tal como neste, o interior das pessoas e o que pensavam era-me bem conhecido; vi até o interior da sua cadela. Comparava os seus pensamentos aos nossos. Oh! dizem que um cão não pensa; se aqueles que afirmam isso vissem o que eu vi, diriam o contrário. Também sofri muito quando esse animal se aproximou de mim; ele sugava a

minha força, aquilo a que chamam fluido, creio eu, através dos seus pequenos nervos que eu via agitarem-se como centenas de pequenos vermes; deles escapavam-se tantos fios minúsculos que nos uniam um ao outro.

Oh! que coisa estranha! Como me fez mal! Pois veja, patrão, pode-se sofrer muito sem que o corpo esteja doente. O espírito também tem as suas doenças, que lhe são infligidas como as do corpo. Não se quer acreditar nisso; mas eu acredito agora, já não duvido mais, e creio que tudo o que sofre é mais espiritual do que material. Eu vi isso; mas estou muito infeliz por ter esquecido algo que a voz que me guiava me disse para lhe dizer de imediato, sob pena de não mais me recordar; ela não queria que eu soubesse disso ao despertar.

Era algo de muito grande, lembro-me que não lhe disse, mas pareceu-me tão útil para si, que lamento profundamente não o ter feito no momento. Oh! veja, não se deve adiar para depois o que se tem de fazer imediatamente com os espíritos; eu não sou lenta, mas eles, isso já é outra história...

Eis o relato exato, copiado sob o ditado da extática, como já referi. O que aceitar disto? O que pensar? A primeira ideia que vem à mente do incrédulo, ou do homem pouco observador, é apressar-se a responder que tudo isto é fruto da imaginação. Como já fiz notar em diversas circunstâncias, não se responde a nada apenas com uma palavra cuja definição não se dá. Em todas as questões científicas cujas soluções são difíceis, seria fácil responder assim, se o ouvinte se desse por satisfeito; mas, na questão que nos ocupa, não podemos aceitar a solução proposta sem conhecê-la.

A palavra IMAGINAÇÃO representa, para a maioria dos homens, algo que não pode existir. Para alguns, representa a impressão, a imagem, a cópia de algo que realmente existe. Para outros, representa uma criação, um agrupamento voluntário de ações ou de coisas no estado efémero de um simples pensamento. A nossa extática pensou de forma semelhante ou quase, e ela própria o confessa; os seus questionamentos foram repetidos, ela argumentou até obter a convicção! Não nos diz ela que obteve essa

certeza? Não nos convida a acreditar, ela que momentos antes nos convidava a duvidar?

Como pode estar tão segura da existência do que viu, do que apenas entreviu, do que talvez nunca mais volte a ver, em comparação com tudo o que vê diariamente à sua vontade? Oh! se uma mulher como ela está convencida de que o que viu realmente existe, se foi vencida na sua argumentação, se foi derrotada até no seu teimoso orgulho pela simples visão, por um segundo, de uma existência que se recusava a admitir e que lhe custa confessar, então o que viu deve ser algo mais do que o efeito da sua própria criação, da sua própria imaginação; do contrário, não teria podido convencer-se com mais sucesso nesse estado passageiro do que no seu estado normal. Não teria criado, por si mesma, esses quadros que a surpreendem, a extasiam, a confundem e a convertem à sua realidade. Não teria gerado as mil e uma dores que sofreu.

O que a imaginação acaricia quando nela encontra algum encanto, logo foge se nela sente algum tormento. Aline não poderia ter imaginado coisas que apenas se conhecem e se sentem nesse estado; essa concordância geral entre todos os extáticos que mencionei, com o que a religião, a filosofia, a metafísica e a observação admitem, prova a sua realidade. E provando a sua realidade, isso ainda prova apenas o início de algo inexplicável, inaceitável, mas irrefutável. Isso prova o ponto de Leibniz! Isso prova que faríamos melhor em estudar tudo o que vemos, em vez de negar o que não vemos.

Sonambulismo (2.º item)

Isto é mesmo como se fosse uma espécie de transmissão de embriaguez, de visão através dos corpos opacos, e de ações que já aconteceram. O nosso colega, M. Cheruel, de Rouen, partilhou connosco o seguinte caso, que agora damos a conhecer, como prometemos a todos os que querem incluir os seus estudos na nossa *Enciclopédia*. Este caso mostra-nos bem como há uma ligação íntima entre o sonâmbulo vidente e o magnetizador — ligação essa que é menos sentida por este último, por estar em estado normal, mas que, a nosso ver, produz efeitos iguais nos dois lados. Já falámos por alto sobre esta questão, mas as poucas posições que os magnetizadores nos mostraram ao estudar estas ligações misteriosas obrigaram-nos, pelo menos,

a apontar momentos mais oportunos para tentar extrair qualquer coisa destes fenómenos indomáveis — fenómenos esses que eles próprios nem sempre conseguem controlar, sendo muitas vezes os primeiros escravos desta ligação, cujo poder não conhecem por completo.
— *Alpes. Cahagnet.*

Ora bem, em 1849, depois de um jantar onde estive com uma senhora que costumo magnetizar por causa de ataques epiléticos, várias pessoas pediram-me para pôr a Adelaide em estado de sonambulismo. Como é costume nestas ocasiões, o grupo dividia-se entre os crentes e os céticos. Para dizer a verdade, não me esforço muito para convencer os segundos, porque na maioria das vezes falta-lhes precisamente aquilo que me leva a não insistir mais: abertura. Mas é um facto que a atitude hostil deles atrapalha o desenvolvimento da lucidez dos sujeitos.

Mesmo assim, insistentemente pressionado, acabei por ceder ao pedido e pus a Adelaide a dormir. Não falei de coisas triviais, só lhe fiz perguntas às quais ela teve mesmo de responder — até porque ela costumava ter uma boa lucidez. As respostas foram muito convincentes e, ao fim de meia hora, acordei-a. Parte das pessoas foi até ao pomar, e eu fiquei na sala com alguém que estava a assistir, pela primeira vez, a uma sessão de magnetismo. A pessoa estava maravilhada com o que tinha visto e começou logo a fazer-me perguntas, às quais respondi o melhor que pude. Foi então que alguém veio dizer-me que a minha sonâmbula estava a delirar como se estivesse bêbeda. Pedi logo que a fossem buscar, porque não acreditava no que me estavam a dizer.

Quando ela entrou, desatou a rir e andava aos tropeções, como uma bêbeda. E não, não era brincadeira nenhuma. Apressei-me a pô-la novamente em sonambulismo para tentar perceber o que se passava, já que ela só tinha bebido água, como sempre. E foi isso que ela me explicou:

— "Quando me puseste a dormir, entrei em contacto contigo. Tinhas jantado bem e, quando me acordaste, já devias ter tomado bastante vinho, etc. Então, durante o sono, absorvi todo o fluido que a tua cabeça continha — foi só isso. Como sou mulher, e por isso muito mais sensível do que tu (ainda

por cima só bebo água), acabei por ficar neste estado. Agora solta-me — já não vai voltar a acontecer. Só que, às sete horas, vou ter um ataque."

Ora, eram cinco horas, tal como a Adelaide tinha dito, e a crise deu-se mesmo à hora que ela previu.

Deixo aqui este apontamento, como já dizia Deleuze na *História Crítica do Magnetismo*: não é qualquer pessoa que pode meter-se a magnetizador se não tiver as qualidades essenciais. O sonâmbulo, ou a pessoa magnetizada, ao poder absorver as moléculas vivificantes do magnetizador, pode também herdar certas coisas perigosas — sobretudo para senhoras. Tudo depende do grau de sensibilidade do sujeito. Achei que era meu dever deixar esta nota a quem leva o magnetismo a sério.

— *Cheruel (também conhecido por Lambert)*

Sessão de 4 de Junho de 1853
QUESTÕES ABORDADAS POR ADÈLE EM SONO MAGNÉTICO

(Carraça no espírito de Swedenborg, nas mesas redondas de Nantes)

1.º — Pergunta: Estás a par dessas manifestações que se chamam espirituais, que têm acontecido na América e em quase toda a Europa, e que dão origem a pancadas nos móveis, móveis a mudarem de sítio sozinhos, toques nos espectadores e até gente suspensa no ar, entre outras coisas?

Resposta: Sim.

2.º Estas manifestações devem-se ao Francklin, o inventor do para-raios, como se diz na América?

Devemos-lhe os meios.

3.º Mas ele é o autor destas manifestações?

Ele só é o autor dos meios. A ideia veio dos Espíritos, que querem sempre estas comunicações.

4.º É ele o único a produzi-las ou há mais Espíritos envolvidos?

Ele está rodeado por muitos Espíritos com a mesma vontade.

5.º Os toques que se ouvem nas mesas vêm todos da mesma causa?

Sim. Estes fenómenos são só o começo de muitos outros, bem mais surpreendentes, que ainda vão ver com os próprios olhos.

6.º Como se explica esta espécie de linguagem vidente das mesas com os espectadores?

Há um Espírito.

7.º E como é que isso acontece?

Através da sensação provocada pelo fluido da corrente dos Espíritos que participam neste tipo de comunicação.

8.º Qual é o propósito destas comunicações?

Para convencer os homens de que o mundo espiritual existe.

9.º E tu tens alguma coisa a ver com todas essas maravilhas?

Não.

10.º Mas dás o teu assentimento?

Sim, desde que elas sirvam e queiram fazer o bem.

11.º Então achas que também pode sair daí algum mal?

Vai acontecer como em tudo o que é posto ao alcance dos homens: vai haver abusos.

12.º São sempre bons Espíritos que provocam estas manifestações?

Sim; mas são Espíritos que têm essas inclinações e que habitam a esfera da Terra.

13.º Pensávamos que tu participavas nessas manifestações…

Já te disse: participo com o pensamento em tudo o que possa ser bom, mas eu não trabalho com esses Espíritos. Prefiro comunicar de forma instrutiva com pessoas videntes — isso traz menos erros.

14.º Dizem que já nasceu uma doutrina religiosa na América a partir dessas manifestações. Achas que é melhor do que as outras?

Tem coisas boas, sim, mas como já tem líderes — uns grandes, outros pequenos — esses vão acabar por prejudicá-la.

15.º Estas manifestações acontecem por ordem de Deus ou com a Sua permissão?

Deus sempre permitiu tudo o que possa contribuir para a felicidade do homem; não impõe nada diretamente neste caso — deixa os Espíritos livres para agirem segundo os seus sentimentos. É por isso que hoje se vê tanta coisa nova a acontecer. O resultado não pode ser senão… bem… o que cada um fizer disso.

16.º Disseste que o homem ia abusar?

Sim, em particular. Mas as massas — o povo em geral — vão beneficiar com isso. Vai chegar um ponto em que, depois de se terem produzido muitas destas coisas, os homens vão deixar de acreditar em tudo. Mas a fé deles vai renascer graças a factos ainda mais maravilhosos do que os que agora estão a ver — e aí não vão ter outra escolha senão acreditar.

17.º Se são os Espíritos que fazem mexer as mesas e dar respostas, porque é que a corrente muda conforme a forma como é feita, e os resultados também?

Porque cada Espírito tem a sua especialidade e o seu papel dentro de um objetivo comum. É como os soldados: cada um tem ordens diferentes. Os que sentem o fluido duma corrente feita à esquerda não sentem o da direita. Uns fazem mover os objetos para um lado, outros para o outro; uns fazem bater, outros respondem a perguntas… e por aí fora. É essa harmonia de grupo que dá poder e sucesso à comunicação. Nem todos têm as mesmas inclinações, por isso não podem substituir-se uns aos outros.

18.º Então, nessas correntes, por que é que às vezes certas manifestações só acontecem se uma pessoa sair do círculo, e outras aparecem se outra entrar? E por que razão, mesmo quando antes funcionava, pode de repente deixar de dar resultado?

Isso depende da simpatia entre os fluidos e da facilidade com que eles circulam. Uma simples indisposição momentânea pode tornar o fluido duma pessoa demasiado pesado, e isso bloqueia a corrente geral — impede que ela seja sentida pelos Espíritos. O fluido dessa pessoa cria como que uma barreira, como se fosse um pedaço de cera a isolar da eletricidade.

19.º Achas que espíritos maus podem infiltrar-se nestas comunicações para enganar as pessoas?

Sim, por isso mesmo é que eu digo que há perigos. Os homens vaidosos e as más paixões vão querer usar isto para fazer ou saber coisas más. E aí, os Espíritos perturbadores vão ajudá-los. É nesse sentido que estas manifestações podem ter um lado negativo. Por isso, aconselho todos os que participam numa cadeia destas a chamarem sempre um Espírito em quem confiem — pela sua sabedoria e bondade — para presidir à sessão. Assim evitam que Espíritos maus venham perturbar. Mais vale não ter resultados nenhuns do que ter resultados falsos.

Comentários

Deixamos à sagacidade dos nossos leitores a apreciação do que nos foi dito pelo espírito de Swedenborg sobre este tema. Apenas fazemos notar que a resposta à 17.ª pergunta pode parecer um pouco ambígua: se os Espíritos participam mesmo nas manifestações dos factos, como é que só operam "metade"?

Se olharmos bem para tudo o que se faz no dia-a-dia nas nossas profissões e ofícios, vemos que cada um contribui com uma parte para criar algo, sem que ninguém o faça sozinho de início ao fim. Cada pessoa põe ali o seu valor, seja na precisão, seja na parte que lhe cabe dentro da harmonia geral da obra. É como na forja: um sopra, outro vigia o fogo, outros moldam o ferro, outros limam, montam, instalam, e assim se faz o trabalho. A imagem dos soldados, que Swedenborg usou, torna esta ideia ainda mais clara — vê-se bem nos exercícios militares com alas à direita e à esquerda, cada uma com a sua função.

Uma terceira observação reforça esta revelação: é a faculdade que os Espíritos têm de se fundirem com a matéria, de a atravessar, habitá-la e animá-la — sem a danificarem nem desfazerem as suas moléculas. (Vê-se mais sobre isto noutros dos nossos trabalhos.)

Quanto à resposta 18, ela não é fácil de compreender para quem tem poucos conhecimentos de física, e para os magnetizadores em particular é algo difícil de aceitar. Mas, dentro da enorme dualidade que compõe os conjuntos de todos os reinos, há (ou tem de haver) tantos átomos isolantes como ativos. No magnetismo, isto é especialmente notório. É aqui, mais do que noutras manifestações humanas, que dependemos da lei que governa esse poder — e esse poder não se controla à vontade. Quem produziu um fenómeno só pode dizer: "fiz tal coisa acontecer" — mas não pode garantir que vai conseguir fazê-la outra vez. E é essa prudência que convém ter.

Vamos continuar este estudo.

— *A. Cahagnet*